

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE –
MESTRADO E DOUTORADO**

JÓICE DOS SANTOS BERNARDO

**TRAMA DE MARCAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS
NO PROCESSO DE DESTERRITORIZAÇÃO DESEJANTE
DE SUJEITO 'ENTRE MUNDOS'**

Caxias do Sul

2021

JÓICE DOS SANTOS BERNARDO

**TRAMA DE MARCAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS
NO PROCESSO DE DESTERRITORIZAÇÃO DESEJANTE
DE SUJEITO 'ENTRE MUNDOS'**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.

Professor(a) orientador(a): Profa. Dra Maria Luiza Cardinale Baptista

Caxias do Sul

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

B523t Bernardo, Jóice dos Santos

Trama de marcas turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização desejan­te de sujeito 'entre mundos' [recurso eletrônico] / Joice dos Santos Bernardo. – 2021.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2021.

Orientação: Maria Luiza Cardinale Baptista.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Turismo. 2. Relações culturais. I. Baptista, Maria Luiza Cardinale, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.48

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

**TRAMA DE MARCAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS
NO PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO DESEJANTE
DE SUJEITO 'ENTRE MUNDOS'**

JÓICE DOS SANTOS BERNARDO

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.

Caxias do Sul, 17 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Profª Drª Marcia Maria Cappellano dos Santos
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Profª Drª María Teresa Riquelme Quiñonero
Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED)

Prof. Dr. João Luís Jesus Fernandes
Universidade de Coimbra (UC)

Caxias do Sul
2021

AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento primordial é a Deus, por estar sempre junto comigo e por me rodear de familiares e amigos tão especiais. Agradeço aos meus pais, Antônio e Adelita, por me apoiarem em todas as minhas escolhas e, principalmente, pelo amor e confiança que depositam em mim. Ainda possuo um anjo da guarda chamado Júly, minha irmã mais nova. Ela tem o dom de curar os meus desesperos, com as palavras mais simples e doces de uma criança. Minha rede de apoio se torna completa com meu namorado Matheus, que não mede esforços para me apoiar. E, ainda, meus amigos de toda a trajetória acadêmica: Jennifer, Mariana, Josias, Franciele e Maria Eduarda.

Agradeço a todos os professores do PPGTURH, em especial, à Maria Luiza Cardinale Baptista, minha orientadora. Certa vez, ela me comentou que tinha um grupo, o Amorcomtur! e a partir desta data eu percebi que eu não estava sozinha, nessa missão terrena. Tive a certeza que o Amor ainda conseguirá transformar o mundo. Agradeço à Malu, por seus abraços acolhedores, suas orientações amorosas e por ser uma grande amiga na pesquisa e em outras teias da vida.

Por fim, agradeço aos quinze entrevistados desta dissertação, que contribuíram para a pesquisa e para meu desenvolvimento pessoal. Também à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro, durante o percurso do mestrado.

“Viajar nem sempre é bonito. Nem sempre é confortável. Às vezes dói, até quebra seu coração. Mas está tudo bem. A jornada muda você; isso deveria mudar você. Deixa marcas em sua memória, em sua consciência, em seu coração e em seu corpo.”

Anthony Bourdain

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar a trama de marcas turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização desejante de sujeitos 'entre mundos', como são denominados, neste estudo, os intercambistas. Em termos teóricos, trata-se de estudo transdisciplinar, na perspectiva complexa e ecossistêmica, em que se busca relacionar especialmente as áreas de Turismo, Comunicação e estudos de subjetividade. Em coerência com a lógica epistemológico-teórica da pesquisa, a estratégia metodológica é a Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014; 2020), a partir de quatro grandes trilhas investigativas. As trilhas Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa envolvem aproximações e ações investigativas. Em termos operacionais, a pesquisa envolveu: levantamento bibliográfico, diário de pesquisa, conversas preliminares com sujeitos intercambistas; rodas de conversa com pesquisadores do Amorcomtur!. As ações investigativas corresponderam também a quinze 'com-versações' com pautas semiestruturadas, com sujeitos 'entre mundos'. Essas conversações resultaram em relatos e quadros-síntese de marcas turístico-comunicacionais. Com base no referencial teórico e nos dados de campo, a pesquisa demonstra que as marcas turísticas e marcas comunicacionais são vivenciadas no território, durante a desterritorialização, na simulação e na reterritorialização. As marcas percebidas são: desejo de nomadismo, a inconsciente perda do território, processo de estranhamento, esboços de convivência, sentimento de pertencimento ao novo lugar e criação de conexões ecossistêmicas. A trama de marcas comunicacionais, por sua vez, traz como resultado a classificação das conversações no 'entre mundos', sendo que o sujeito vive 'com-versações' internas, com o nicho ecológico e com a trama midiática. Esses três processos comunicacionais se repetem em todo o processo da desterritorialização desejante. Além do mais, o sujeito desenvolve a consciência do 'entre mundos' durante o processo de intercâmbio, justamente por se sentir dividido nas duas vivências. Através dos desafios, potencializa a percepção de si, desenvolve entrelaços de amorosidade, vive relações mediadas pela tecnologia, amplia sua consciência cultural, econômica e ambiental e ainda apresenta potencialidades de reinvenção de si e de autopoiese. A pesquisa teve o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Palavras-chave: Turismo. Comunicação-trama. Marcas. Desterritorialização. Intercambista.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo presentar la red de marcas turístico-comunicacionales en proceso de desterritorialización de sujetos 'entre mundos', como se denomina en este estudio a los estudiantes de intercambio. En términos teóricos, se trata de un estudio transdisciplinar, en una perspectiva compleja y ecosistémica, que busca relacionar especialmente las áreas de Turismo, Comunicación y estudios de subjetividad. De acuerdo con la lógica epistemológico-teórica de la investigación, la estrategia metodológica es la Cartografía del Conocimiento, propuesta por Baptista (2014; 2020), a partir de cuatro grandes caminos investigativos. Los senderos Conocimiento Personal, Conocimiento Teórico, Planta de Producción y Dimensión Intuitiva de la Investigación involucran enfoques y acciones investigativas. En términos operativos, la investigación involucró: levantamiento bibliográfico, diario de investigación, conversaciones preliminares con estudiantes de intercambio; círculos de conversación con investigadores del Amorcomtur!. Las acciones investigativas también correspondieron a quince 'com-versiones' con pautas semiestructuradas, con sujetos 'entre mundos'. Estas conversaciones dieron como resultado informes y tablas de síntesis de marcas turístico-comunicacionales. A partir del marco teórico y datos de campo, la investigación demuestra que las marcas turísticas y las marcas comunicacionales se experimentan en el territorio, durante la desterritorialización, simulación y reterritorialización. Las marcas percibidas son: deseo de nomadismo, pérdida inconsciente de territorio, proceso de extrañamiento, bocetos de convivencia, sentimiento de pertenencia a un nuevo lugar y creación de conexiones ecosistémicas. La red de marcas comunicacionales, a su vez, da como resultado la clasificación de las conversaciones en el 'entre mundos', con el sujeto viviendo 'conversaciones internas', con el nicho ecológico y con la trama mediática. Estos tres procesos comunicacionales se repiten a lo largo del proceso de deseo de desterritorialización. Además, el sujeto desarrolla una conciencia del 'entre mundos' durante el proceso de intercambio, precisamente porque se siente dividido en las dos experiencias. A través de los desafíos, potencia la percepción de sí mismo, desarrolla lazos de amorosidad, vive relaciones mediadas por la tecnología, expande su conciencia cultural, económica y ambiental y también presenta el potencial de reinventarse y de autopoiesis. La investigación contó con el apoyo de la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior (CAPES).

Palabras clave: Turismo. Trama de comunicación. Desterritorialización. Estudiante de intercambio.

Lista de Quadros

Quadro 1 - Busca Banco de Dissertações PPGTURH.....	51
Quadro 2 - Busca Banco de Periódicos Capes	52
Quadro 3 - Referencial Teórico	56
Quadro 4 - Verificação do 'Equilíbrio Fluente' da Narrativa da Pesquisa	71
Quadro 5 - Trama de Trilhas Teóricas	72
Quadro 6 - Trilhas da 'Viagem em Ação'	73
Quadro 7 - Matriz para Roteiro das Entrevistas	118
<i>Quadro 8 - Roteiro das Entrevistas</i>	<i>119</i>
Quadro 9 - Quadro-síntese Klassina	128
Quadro 10 – Quadro-síntese Sophia.....	131
Quadro 11 - Quadro-síntese Knut	136
Quadro 12 - Quadro-síntese Lohan.....	140
Quadro 13 – Quadro-síntese Isabel	145
Quadro 14 – Quadro-síntese Kennedy.....	149
Quadro 15 – Quadro-síntese Alba.....	152
Quadro 16 – Quadro-síntese Scherer	157
Quadro 17 – Quadro-síntese Francisca	161
Quadro 18 – Quadro-síntese Lily	166
Quadro 19 – Quadro-síntese Briana	170
Quadro 20 – Quadro-síntese Ashley	175
Quadro 21 – Quadro-síntese Esther	178
Quadro 22 – Quadro-síntese Sadie.....	183
Quadro 23 – Quadro-síntese Megan.....	187
Quadro 24 – Quadro de cruzamento de marcas turísticas.....	190
Quadro 25 - Quadro de cruzamento de marcas comunicacionais.....	200
Quadro 26 - Quadro de cruzamento de marcas 'entre mundos'.....	211

Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa Espanhol	22
Figura 2 - Alcazar de Segóvia	23
Figura 3 - Acueducto e Catedral de Segovia.....	24
Figura 4 - Lago Alonso Segovia	25
Figura 5 - La Ermita de la Piedad Segóvia.....	26
Figura 6 - Manifestação em Segóvia.....	27
Figura 7 - Montagem Marcas de um intercâmbio	29
Figura 8 - Mapa do Metrô de Londres	34
Figura 9 - Bologna, Itália	36
Figura 10 - Relato Marrocos: Earth Hostel	37
Figura 11 - Relato Marrocos: cidade de Tinghir	38
Figura 12 - Relato Marrocos: apresentação de música típica	39
Figura 13 - Relato Marrocos: a vestimenta.....	40
Figura 14 - Semana do Intercâmbio	64
Figura 15 - organização financeira do intercâmbio.....	65
Figura 16 - Reunião pré-embarque 2019	66
Figura 17 - Composição Mesa 5 X Semintur Jr.....	67
Figura 18 - Interação de sujeitos complexos.....	94
Figura 19 - Esboço Processo de Desterritorialização Desejante 'entre mundos'	106
Figura 19 - Esboço de trocas do sujeito 'entre mundos'.....	114
Figura 20 - Registro.....	155
Figura 21 - Registro de Francisca	161
Figura 22 - Registro Briana	169

Lista de Abreviações e Siglas

AMORCOMTUR!	Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese
BELTA	Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio ¹
OMT	Organização Mundial do Turismo
PPGTURH	Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UNESCO	United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization ²
UNWTO	World Tourism Organization ³

¹ Tradução livre do original: *Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio*

² Tradução livre do original: *Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas*

³ Tradução livre do original: *Organização Mundial do Turismo Internacional*

SUMÁRIO

1 VISLUMBRES 'ENTRE MUNDOS'	13
1.2 TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA ENTRE MUNDOS	19
1.2.1 Aproximações com o 'Mundo Segovia'	21
1.2.2 Aproximações com 'Mundo Europa'	32
1.2.3 Aproximações com o 'Mundo Marrocos'	36
2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	45
2.1 SABERES PESSOAIS	47
2.2 SABERES TEÓRICOS	48
2.2.1 Revisão bibliográfica	50
2.2.2 Escolhas teóricas	55
2.3 USINA DE PRODUÇÃO	62
2.3.1 Aproximações Investigativas	63
2.3.2 Ações Investigativas	68
2.4 DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA	70
2.5 SISTEMATIZAÇÃO: MATRIZES RIZOMÁTICAS	70
3 TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	75
3.1 TURISMO-TRAMA	80
3.1.2 Turismo de Intercâmbio	87
3.2 COMUNICAÇÃO-TRAMA	93
4. MARCAS	99
5. DESTERRITORIALIZAÇÃO DESEJANTE 'ENTRE MUNDOS'	105
5.1 'SUJEITO ENTE MUNDOS'	110
5.2 AUTOPOIESE NO PROCESSO DE RETERRITORIALIZAÇÃO	114
6. AÇÕES INVESTIGATIVAS ENTRE MUNDOS	117

6.1 RELATOS 'ENTRE MUNDOS'	121
6.1.1 Klasina – Relato 'entre mundos': Brasil e Holanda	122
6.1.2 Sophia – Relato 'entre mundos': Brasil e Califórnia	129
6.1.3 Knut – Relato 'entre mundos': Brasil, Irlanda e Dinamarca	132
6.1.4 Lohan – Relato 'entre mundos': Brasil e França	137
6.1.5 Isabel – Relato 'entre mundos': Brasil e Portugal	141
6.1.6 Kennedy – Relato 'entre mundos': Brasil e Irlanda	146
6.1.7 Alba – Relato 'entre mundos': Brasil e Espanha	150
6.1.8 Scherer – Relato 'entre mundos': Brasil e Alemanha	153
6.1.9 Francisca – Relato 'entre mundos': Brasil e Portugal	158
6.1.10 Lily – Relato 'entre mundos': Brasil e Nova Zelândia	162
6.1.11 Briana – Relato 'entre mundos': Brasil e Irlanda	167
6.1.12 Ashley – Relato 'entre mundos': Brasil e Califórnia	171
6.1.13 Esther – Relato 'entre mundos': Brasil e Inglaterra	176
6.1.14 Sadie – Relato 'entre mundos': Brasil e Austrália	179
6.1.15 Megan – Relato 'entre mundos': Brasil e Califórnia	184
7. TRAMA REFLEXIVA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL	189
7.1.1 TRAMA REFLEXIVA 'ENTRE MUNDOS'	210
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	221
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	226

1 VISLUMBRES ‘ENTRE MUNDOS’

Bajo de la estación de autobuses de Segóvia y pronto estoy en mi casa. ¿Mi casa? Cuestióname cuál es mi hogar en el mundo... Pues me encanta el Churrasco en Brasil, pero me enamoré de la Paella. Yo bailé mi vida toda la música gaúcha, pero ahorita mismo escucho el flamenco. Yo pensaba que el verano de Brasil era mi clima favorito en el mundo, pero me gusta demasiado mirar la nieve en España. Quizás yo no tengo solamente un hogar en el mundo, pues puedo ser un ‘sujeto entre mundos’... Ojalá pueda vivir siempre con Brasil y España en mi corazón! (BERNARDO, 2018)

O fragmento acima relata brevemente uma cena da experiência ‘entre mundos’⁴ vivenciada pela pesquisadora. A expressão entre mundos é utilizada, portanto, para designar a experiência de intercâmbio, no sentido de que o viajante intercambista experimenta distintas situações que o conectam, tanto com território para onde migrou, quanto com seu território existencial de origem.

Para iniciar a ‘viagem investigativa’, é importante ressaltar que a presente dissertação tem como proposta apresentar a **trama de marcas turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização desejante de sujeito ‘entre mundos’**. Essa pesquisa é relatada como uma ‘viagem investigativa’ porque a metáfora possibilita associar o sentido de viagem ao processo inerente ao ato de pesquisar, em sua lógica desterritorializante, rizomática e complexa. Refere-se ao fato de compreendermos, no grupo, o processo de investigação como semelhante ao processo de viagem.

Entendemos, portanto, que o pesquisador vive a experiência da pesquisa como uma espécie de viajante. Em um processo de busca de conhecimento, ele concebe a viagem, planeja, faz a viagem, deparando-se com novos desafios, depois produz seus relatos. Na preparação, ele também organiza ‘a bagagem’, busca conteúdos em outro idioma, conversa com outros sujeitos sobre o tema,

⁴ Apresenta-se a expressão ‘entre mundos’, neste primeiro momento, com aspas simples, por se tratar de uma proposição conceitual. Utiliza-se para referir-se metaforicamente à vivência de intercâmbio internacional. A mesma expressão aparece no desenvolvimento do texto, a partir de então, sem aspas, com o intuito de acoplar-se completamente ao corpo do texto e ganha sentido próprio no decorrer da pesquisa.

mas faz essa busca de informações sobre esse destino, com profundidade, partindo dos seus saberes anteriores e dos saberes de outros pesquisadores.

Houve a problematização e realização de um percurso investigativo, associado à dimensão intuitiva da pesquisa, aceitando as alterações do percurso, inerentes a episódios imprevistos, ao caráter vivo da pesquisa. Nesse sentido, parece interessante assumir a expressão, no início deste projeto, porque é também do processo de viagem que ele trata, dos desafios para o que se chama, aqui, sujeito entre mundos.

Assim, a atual problematização chegou ao seguinte objeto de estudo: **Trama de marcas turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização desejante de sujeito 'entre mundos'**. Em decorrência, ficou definido o objetivo geral: apresentar a trama de marcas turístico-comunicacionais e discutir a desterritorialização desejante de sujeito 'entre mundos'. Deste objetivo geral, resulta o seguinte desdobramento de objetivos específicos:

- Relacionar o pressuposto conceitual trama ao Turismo e a Comunicação;
- Discutir a criação de marcas em relação ao Turismo e a Comunicação;
- Caracterizar o processo de intercâmbio de estudantes, como experiência de desterritorialização desejante de sujeitos 'entre mundos';
- Identificar as marcas turístico-comunicacionais, a partir de aproximações e ações investigativas, com grupos de estudantes intercambistas;

Assim, definidos os objetivos, percebe-se que a própria trama midiática e os processos do turismo marcam o sujeito 'entre mundos', o que determina o objeto de estudo aqui proposto. Dessa forma, entende-se que esta viagem investigativa nos direciona, no sentido de 'com-versar lugares e sujeitos'⁵, buscando compreender os sinalizadores que marcam, ou seja, que afetam o intercambista - sujeito 'entre mundos' - em seu percurso de viagem. Além do mais, objetiva-se entender como se dá a sua relação com a Trama Turístico-comunicacional.

⁵ A expressão faz referência, aqui, ao projeto desenvolvido por Baptista (2018), no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, intitulado: 'Com-versar' Amorcomtur - Lugares e Sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processos de desterritorialização – Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia.

Nesse sentido, é importante trazer análises do cenário global, pois como profissional da Comunicação e estudante de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, a pesquisadora percebe a necessidade de mudanças vinculadas às demandas do contemporâneo. Interessa, principalmente, considerar demandas desse cenário, no sentido de direcionamento para o coletivo, em detrimento da lógica individualista, que predominou nos últimos séculos, com ênfase no século XX até os dias atuais.

Portanto, a presente pesquisa tem o viés Ecosistêmico, buscando sinalizadores que marcam os viajantes em seu intercâmbio. A orientação ecossistêmica corresponde ao pressuposto trama e à orientação epistemológica holística e transdisciplinar, a partir de autores contemporâneos, considerando a Ciência também como trama complexa, resultado da religação de saberes, em processos de mutação, tendo como base a noção de religação de saberes, de Morin (2013), a abordagem de Ecologia Profunda, de Arne Naess, defendida por Capra (2013), entre outros autores da Ciência contemporânea.

Em termos mais específicos, em pesquisa aplicada, entre os estudos já realizados no Amorcomtur!, pode-se mencionar Thomazi (2019), que refere a necessidade de ampliação de serviços na área do Turismo, com motivação para o compartilhamento de culturas, na trama complexa de relacionamentos que os sujeitos vivem no turismo. As demandas reconhecimento da dimensão trama, no entanto, estão ampliadas. A urgência é maior neste momento, já que o mundo vive em um cenário crítico ao extremo, agravado desde os primeiros meses de 2020. A partir da Pandemia do Covid-19, foram gerados inúmeros questionamentos, os quais podem ser observados no texto “Por um mundo mais amoroso e autopoietico! Reflexões Amorcomtur! Durante a Pandemia Covid 19”:

A Pandemia COVID-19 significou a emergência brusca de freios a processos capitalísticos, que vinham marcando os ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, nos mais diversos territórios e dimensões, atingindo a escala planetária, o que compreendemos como alertas máximos, no sentido da necessidade de emergência de um mundo mais amoroso e autopoietico, pautado pela responsabilidade ecossistêmica. (BAPTISTA et al. 2020, p.2).

A partir do entendimento dessa “urgência de um mundo mais amoroso e autopoietico” e da lógica ecossistêmica-complexa, a presente pesquisa foi pautada pela estratégia metodológica Cartografia dos Saberes, objetivando valorizar os sujeitos envolvidos na trama da investigação. Além disso, com a Pandemia, percebe-se que os rumos do Turismo, se mostram muito desafiadores em seus saberes e fazeres. As consequências da Pandemia do Covid-19 significaram a paralisação do setor do Turismo, em diferentes ambiências, dimensões, proporções e territórios. Por isso, a presente pesquisa apresenta reflexões, para além do aspecto comercial no Turismo, buscando tramas agenciadoras de amorosidade e sinalizadores que marcam o sujeito ‘entre mundos’.

Ainda se ressalta que a presente pesquisa corresponde a um objeto-paixão-pesquisa. Conforme explica Baptista (2001, p.6), “Para mim ‘objeto paixão-pesquisa’ representa uma convicção. O sujeito só produz, se deseja, se algo o mobiliza. A paixão é plena de dispositivos de mobilização”. Acredita-se que pesquisando assuntos que nos movem no cotidiano, que nos mobilizam afetivamente, haverá uma dedicação maior, por parte de pesquisador, no trabalho com a teoria e com a prática. No caso deste estudo, a experiência de intercâmbio internacional da pesquisadora está totalmente conectada com a escolha do objeto de estudo. Assim, conforme recorte do Diário de pesquisa: “após vivenciar o intercâmbio, percebi que o viajante intercambista se diferencia do Turista em muitos aspectos”. (BERNARDO, 2018).

Na sequência dessa percepção das peculiaridades da experiência de intercâmbio, mestranda e orientadora iniciaram a busca de um termo que pudesse caracterizar o intercambista, a partir da visão ecossistêmica. Assim, chegou-se à expressão que está sendo utilizada nesta pesquisa: sujeito entre mundos. O termo entre mundos, conforme já citado anteriormente, refere-se ao hiato entre um conjunto de territórios, limites e fronteiras cruzadas. Existe o mundo de origem, no início do processo da viagem (nele está a família, amigos, trabalho, universidade, cultura, entre outros), e também o mundo que vai ser desbravado: o mundo desconhecido. No entremeio, no ‘entre mundos’, há o sujeito que vai, ele mesmo,

construindo a própria viagem, a partir das suas marcas, sendo marcado e marcando, ao mesmo tempo.

A seguir, apresenta-se a rota da ‘viagem investigativa’, a qual nos guia em caminhos importantes para a pesquisa, que objetiva estudar a trama de marcas turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização desejante de sujeito ‘entre mundos’. Para tanto, é importante apresentar essas trilhas teóricas, em forma de capítulos, desenvolvidos a partir dos conceitos-chave, que, nesta pesquisa, são considerados como os ‘nós da trama’. A nomenclatura deve-se ao fato de que cada trilha teórica é um nó fundamental para tecer este objeto.

Em termos de estrutura narrativa, o próximo capítulo é a Estratégia Metodológica. Neste capítulo, o leitor é apresentado à estratégia escolhida para a realização desta pesquisa: a Cartografia dos Saberes. Mesmo partindo de uma orientação holística e transdisciplinar, percebe-se o alinhamento desta pesquisa em relação às Ciências Sociais e à perspectiva subjetiva, através da qual se busca alcançar níveis mais profundos do viajante. Em termos operacionais, a Cartografia dos Saberes envolve, em síntese, as seguintes trilhas: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos e Usina de Produção, com definição das aproximações e ações investigativas, associadas à Dimensão Intuitiva da Pesquisa.

O capítulo 3 apresenta a Dimensão Trama, justamente para compreender a visão de mundo e o cenário teórico em que está inserida a presente pesquisa. Neste capítulo, pretende-se explicar a dimensão de Ecossistema, de Redes, Trama, a Hipótese de Gaia, a partir da abordagem da Ciência Contemporânea. Considera-se relevante também observar e identificar a trama turístico-comunicacional; por isso, este capítulo é subdividido em Turismo-trama e Comunicação-trama.

O subitem do Turismo é compreendido através da abordagem amorosa, baseada na Ética da Relação. O objetivo, neste nó tão importante para a pesquisa, é estudar o turismo, para além do aspecto comercial, buscando pontos motivacionais de viagem, que agenciam o desejo do sujeito viajante. O subitem ainda propõe refletir sobre o segmento do Turismo de Intercâmbio. O texto voltado

para a Comunicação também é trabalhado a partir da dimensão Trama e transversalizado por conceitos que trago da graduação em Comunicação Social - habilitação em Relações Públicas. A proposta, aqui, é um resgate de Teorias da Comunicação que permitem compreender a dimensão trama no campo comunicacional, buscando subsídios para ajudar a trabalhar a interface com o Turismo.

Na sequência, são abordadas as Trama de Marcas, apresentando desde a etimologia da palavra marca, sua origem, o percurso da marca conectada com o capital, a abrangência do marketing e, principalmente, a visão subjetiva das marcas. Essa abordagem relaciona-se com a trama turístico-comunicacional, perspectiva a partir da qual foram analisadas as vivências e as mensagens que afetam o sujeito viajante.

O processo de Desterritorialização 'entre mundos' está presente no capítulo cinco, trilha que aborda o processo de saída do território original do sujeito. Comenta-se, neste capítulo, a lógica processual, inerente ao percurso que começa com a preparação do intercambista, antes, passando para 'durante e depois', para poder se adaptar a cada situação que encontra no percurso do intercâmbio. O capítulo também trata de ampliar os conceitos em conexão com a autopoiese, pois a vivência de desterritorialização do sujeito 'entre mundos' se mostra, também, com um potencial de reinvenção de si e dos outros. Além do mais, o conceito 'entre mundos', como vem sendo destacado, é desenvolvido de forma transdisciplinar, produzindo conversações entre áreas como Turismo, Comunicação e Subjetividade.

O capítulo seis apresenta o campo da pesquisa, que são as Ações Investigativas. Ali são apresentadas as entrevistas semiestruturadas, em profundidade, com sujeitos que tiveram a experiência 'entre mundos'. As Ações Investigativas, portanto, representam o momento de encontros que atravessaram a pesquisadora, que relata a vivência das 15 entrevistas com os intercambistas, apontando também as marcas do processo de contato entre entrevistador e entrevistado.

Na sequência o capítulo sete se à trama reflexiva turístico-comunicacional, ou seja, apresenta tanto a análise e a discussão. A partir de quadros sínteses e quadros comparativos, são apresentados os dados qualitativos. Além disso, o capítulo também conta com uma pertinente discussão que conecta as falas dos intercambistas com o diálogo de autores da trama de Saberes Teóricos.

A conclusão do trabalho encontra-se no capítulo 8 que apresenta, portanto, as considerações da autora. Por fim, é relevante citar que a presente dissertação é proposta ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), vinculado à linha 2 - Turismo, Cultura e Educação e ao AMORCOMTUR! – Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS). A pesquisa teve o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Desfrute o caminho, boa viagem!

1.2 TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA ENTRE MUNDOS

Neste trecho da dissertação, apresento a minha caminhada acadêmica, um breve relato do meu intercâmbio internacional e, também, do percurso de pesquisa que resultou na presente pesquisa. Por serem vivências pessoais, utilizo, nestes itens, a escrita em primeira pessoa do singular, que representa sinalizadores de marcas turístico-comunicacionais em meu próprio percurso.

Conforme já mencionado, a proposta da viagem investigativa está conectada às vivências pessoais, como intercambista, em período de estudos na Espanha. Para iniciar o relato, lembro-me que, desde minhas primeiras pesquisas sobre como seria estudar fora do país, em 2013, fui percebendo que este era meu grande sonho e que seriam necessários alguns anos de economia, para ter os recursos necessários. No início, ainda não havia escolhido o país, mas buscava um destino com o idioma espanhol, pois já havia iniciado o curso, em função de utilizar este idioma no local de trabalho.

Após um tempo de pesquisas, percebi que apenas minhas economias não seriam suficientes para morar e estudar fora do país. Assim, comecei a pesquisar bolsas de estudos e, então, me detive no edital da bolsa Ibero Americana Santander⁶. Entre todos os requisitos, era necessário possuir certificado do curso de espanhol, em nível avançado, e ser fluente, para participar da entrevista neste idioma. Dessa forma, me inscrevi e já participei da seleção no ano de 2014. Não passei nesta tentativa. O mesmo se repetiu nos anos de 2015 e 2016.

No ano de 2017, o nervosismo aumentou, pois já tinha 80% das disciplinas do currículo finalizadas e a bolsa só contemplava estudantes com menos de 90% do currículo, ou seja, era a última chance. Por outro lado, foi o ano em que me desdobrei e ampliei minha preparação, estudei com professora particular, mergulhei no Espanhol e me sentia mais preparada. Uma semana após a prova oral, no dia 14 de julho de 2017, recebi a ligação com o resultado positivo.

O segundo semestre de 2017, portanto, foi o momento para organizar a viagem, pesquisar alojamento, universidade, disciplinas e calcular as despesas. Pra mim, meu intercâmbio iniciou após aquela ligação, pois eu já fazia a rota turística do lugar, de forma virtual, pelo *Google Maps*. Além disso, pude iniciar o contato com a central de atendimento, responsável pelos estrangeiros na Espanha, também entrei em contato com o consulado do Brasil, e, por fim, comecei arrumar as malas, pesquisando detalhes, desde como seria o clima em cada mês desta experiência.

Ao sair da Universidade de Caxias do Sul, frequentava o décimo semestre de Relações Públicas, ou seja, já tinha na bagagem um pouco de conhecimento sobre o grande eixo de Comunicação Social. Quando fui acolhida pelo setor internacional da Faculdade de Segóvia, no entanto, fui orientada no sentido de que todas as disciplinas da grade curricular estavam relacionadas às áreas de Comunicação e Turismo, simultaneamente.

⁶ A bolsa Ibero Americana é uma Iniciativa do Banco Santander. Decorre de uma seleção, com o objetivo de promover a mobilidade acadêmica de estudantes de graduação. Os selecionados recebem uma ajuda em dinheiro, para estudar fora do país de origem. Disponível em: <https://www.becas-santander.com/pt>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Quer dizer, eu me deparei, na Espanha, com a interface das grandes áreas Turismo e Comunicação, com a qual já vinha me familiarizando, nas discussões do Amorcomtur. Nesse primeiro momento, assustei-me um pouco com o desafio, pois ainda estava na fase de adaptação com a Língua Espanhola e me preocupava com o pouco de conhecimento que tinha na área do Turismo. Apesar disso, recordei das conversas Amorcomtur! e da sugestão, no sentido de que fizesse um diário de pesquisa da viagem, com registros de vivências, percepções, em relação a aspectos da Comunicação e do Turismo.

Lembro-me que, ao frequentar as primeiras aulas, tive medo. Medo do desconhecido e do risco de decepcionar a todos que se dedicaram para que eu estivesse cursando a graduação em uma universidade da Europa. Logo esse pensamento foi dando espaço ao desejo e determinação, no sentido de “ser melhor” a cada dia, desejo de aprender mais e me superar. Dessa forma, depois de todas as aulas, eu separava um tempo para estudar na biblioteca da faculdade. Aprendi a deixar o orgulho de lado e a pedir ajuda para muitos colegas. Em certo sentido, percebo que vivi a evidência do fato de que, quando estamos no ‘entre mundos’, parece que a vida começa de novo. Em certo sentido, é um renascimento, com tudo o que isso implica.

Logo eu comecei a tirar as dúvidas com os professores e, então, me adaptei às aulas, e o dia a dia se tornou mais fácil. Ia percebendo sinais das marcas em mim. O entrelaçamento com outros sujeitos complexos e a recepção amorosa deles comigo eram fatores que me faziam perceber que o idioma distinto podia ser um problema, mas que a empatia dos colegas e professores era um facilitador sem igual, nesse processo de adaptação.

1.2.1 Aproximações com o ‘Mundo Segovia’

Justamente pelo objeto de estudo ter iniciado a partir das descobertas no intercâmbio de estudos, trago esse item de aproximação com a pequena cidade espanhola chamada Segóvia. Esse povoado me motivou aos primeiros questionamentos com relação às marcas turístico comunicacionais dos viajantes. Para iniciar, ressalta-se que Segovia é um povoado com traços fortemente ligados

ao Turismo. Inclusive é reconhecida por ser um *pueblo* histórico, pois é uma pequena cidade, com apenas 154 mil habitantes e preserva muitas construções antigas. A mesma pertence hoje à região de *Castilla León*, marcada em vermelho no mapa da Espanha, a seguir:

Figura 1 - Mapa Espanhol



Fonte: Site Espanha Destinos⁷

A cidade conta com um site⁸ voltado para orientações turísticas, que possui tradução para oito idiomas, inclusive o Português. A página oferece informações sobre o povoado, sugestões a respeito do que fazer no roteiro turístico, gastronômico e cultural, informando localização dos pontos turísticos e museus. Em 2020, ainda foi incorporada uma nova ‘aba’ de informações intitulada ‘covid-19’, com todas as diretrizes governamentais e orientações específicas ao turista, trabalhadas de forma lúdica.

A respeito dos pontos turísticos, Segovia abriga um dos castelos mais famosos da Europa: Alcázar⁹ de Segovia. Conforme dados do site oficial da

⁷ Disponível em: <https://www.espanhadestinos.com.br/mapa-de-segovia/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

⁸ Site Turismo de Segovia, disponível em: <https://www.turismodesegovia.com/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

⁹ Alcázar quer dizer residência real.

Secretaria do Turismo de Segovia: “o castelo, foi convertido em Alcázar no século XIII, pois foi residência real nesta época”¹⁰ (SEGÓVIA, s/d). A construção é rodeada por uma muralha medieval, que dá ainda mais significado ao castelo.

Figura 2 - Alcazar de Segóvia



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

A figura apresentada mostra uma peculiaridade das minhas visitas ao castelo: preferia me distanciar dele para poder visualizar sua grandeza por completo. Enquanto os turistas faziam fila para entrar no castelo e conhecer seu interior, eu preferia subir no topo de uma colina ou me deslocar até o mirador mais longe do castelo para poder ter essa visão da Figura 02: o castelo, cercado por sua muralha, a mata e ainda a catedral da cidade como plano de fundo.

Ainda apresentando os monumentos históricos de Segovia, pode-se mencionar também o Acueducto e a Catedral, apresentados na Figura 3. O Acueducto de Segovia é considerado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO desde 1985, segundo Huguet (2016). Trata-se de uma antiga construção romana, que era usada para levar água para toda a cidade.

¹⁰ Tradução livre do original: “El castillo, convertido en Alcázar, pues fue la residencia real en el siglo XIII”.

Figura 3 - Acueducto e Catedral de Segovia



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

Além do contato com todo o Patrimônio Histórico, caminhar pelas ruas de Segovia me permitiu também entrar em contato com locais fora da rota turística, que marcaram meu percurso naquela cidade. O que mais me encantava eram os *rincones*¹¹, talvez desconhecidos, que não são divulgados pela Rede Midiática. Eu percebo que, descobrindo novos lugares em Segóvia, ampliava minha conexão com a cidade, muito mais do que o turista tradicional, que, muitas vezes, objetiva conhecer este *pueblo* em apenas um dia. Eu afirmo que isso não é possível, já que a pequena cidade tem muitas riquezas fora do percurso apresentado pela mídia e rotas tradicionais turísticas.

O contato com o ecossistema e com os detalhes da cidade demanda tempo, para conhecer e, literalmente, misturar-se à paisagem. Assim, a condição de sujeito ‘entre mundos’ me permitiu me perder pelos arredores da cidade, de modo que eu descobri muitos locais que me conectaram com a ‘alma’ de Segóvia. Entre esses locais, destaco dois: ‘Lago Alonso’ e ‘La Ermita de la Piedad’.

¹¹ A palavra ‘rincones’, traduzida literalmente para o português seria sinônimo de um ‘canto’. Mas esta palavra é citada em meu diário de pesquisa da forma como eu escutava as pessoas de Segóvia citarem em contextos caracterizavam ‘*un rincón*’ como um lugar pequeno, raramente turístico, pouco movimentado e, na maioria das vezes, não aparece na rota turística das cidades, mas pode possuir grandes significado pessoal para os moradores e/ou visitantes destes locais.

O primeiro, representado na Figura 04, é um parque público, bem arborizado, com trilhas para caminhada (identificadas com a quilometragem do percurso) que abriga também um pequeno lago. Por mais que existissem outros parques mais próximos da minha residência, o Lago Alonso sempre me passou uma energia muito boa e contato com a natureza privilegiado, por sua área arborizada.

Este parque me ‘marcou’ no sentido de tocar meus afetos e foi, justamente por essa conexão com o lugar que eu passei a apresentá-lo para as pessoas que compartilhavam a vida comigo no intercâmbio. Ao levar meus amigos (tanto intercambistas como nativos de Segóvia, inclusive) a esse local, eles sempre relatavam desconhecer a existência do lugar e ficavam encantados. Destaco aqui o fato de que a paisagem é linda em todas as estações no ano, conforme busco representar, através da montagem de fotos na figura a seguir.

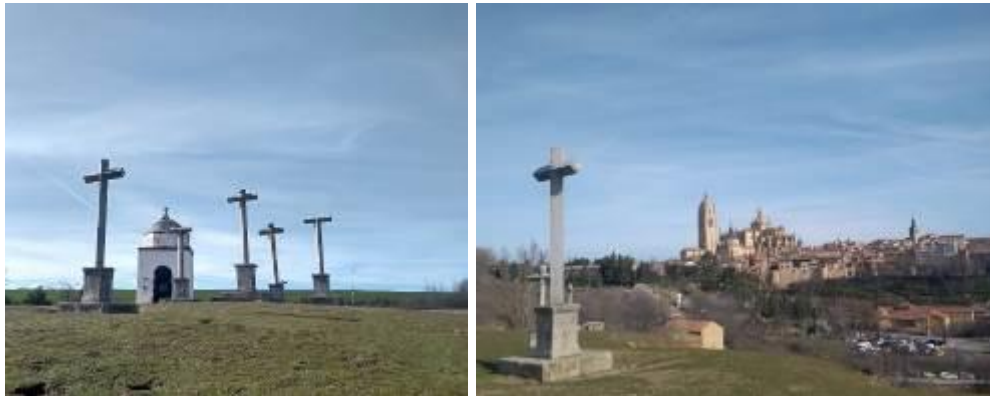
Figura 4 - Lago Alonso Segovia



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018)

O segundo é também um lugar pouco visitado pelos turistas, pois está bem distante do centro da cidade. Trata-se de um monumento: *La Ermita de la Piedad*, representado na Figura 05. Para mim, o mais lindo deste local é sua vista. Como fica no topo de uma colina, ele possibilita ver a rodoviária, a catedral e grande parte da cidade de Segóvia. Além disso, há uma percepção muito particular: este lugar sempre me conectou com minha vida espiritual. Recordo-me que me sentava junto à Ermita, me permitindo ficar por horas meditando comigo mesma. Essa introspecção dava sentido à minha vivência e às minhas descobertas de intercambista. Estive descobrindo o entre mundos: mundo de fora e mundo de dentro, ou seja, o reconhecimento do meu 'eu-interior' foi uma marca importante do processo de desterritorialização.

Figura 5 - La Ermita de la Piedad Segóvia



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018)

Gostava de visitar esses pontos, justamente pela beleza do local, mas também pela tranquilidade que os ambientes proporcionavam, por não serem tão conhecidos. Em inúmeros dias, acabei levando meu diário de pesquisa para escrever ao ar livre. Assim, estar presente em um destes locais descritos me ajudava a refletir, principalmente, sobre as conexões que o sujeito pode criar com o lugar de intercâmbio.

Essas conexões acabei encontrando além do turismo, pois estar em contato com o ecossistema de jovens mulheres universitárias me fez despertar para assuntos do universo feminino. Percebi, nas mulheres com quem convivia,

em Segóvia, uma forte luta pela igualdade, conversações constante sobre os direitos femininos, a busca da ampliação do papel da mulher na sociedade e a presença desses assuntos na maioria das aulas na universidade e nas redes sociais. Quanto à trama midiática, comecei a acompanhar páginas da Espanha e ver que este assunto era abordado vigorosamente. Fui percebendo, então, a força de marcas do ecossistema em entrelaçamento com traços subjetivos e fluxos de interesse singular de grupos de sujeitos.

No dia 08 de março de 2018 percebi que a luta feminista era um tema relevante da cidade como um todo, pois Segóvia transformou sua praça principal, *Plaza del Azoguejo*, em palco para a manifestação do Dia Internacional da Mulher, conforme Figura 06. O que me chamou atenção foi, principalmente, a presença das crianças, ao lado de suas famílias, o que é sinalizador de uma manifestação pacífica, inclusiva e pedagógica, já que tem repercussão transgeracional. A presença dos homens também me chamou atenção. Reflito, no entanto, que não deveria chamar, porque se entende que a luta feminista é de todos, não apenas das mulheres.

Figura 6 - Manifestação em Segóvia



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018)

Contatos com a universidade também me transformaram muito. Quer dizer, as marcas turístico-comunicacionais do intercambista passam por atravessamentos múltiplos, considerando as vivências acadêmicas e de ecossistemas de trabalho, em função das dinâmicas do cotidiano e das características das pessoas que predominam nos seus relacionamentos. Volto-

me, neste momento do texto, para as marcas geradas a partir de experiências acadêmicas. Foi, especificamente, na aula de “*Comunicación, Educación Y Sociedad*”, ministrada pelo prof. Dr Agustín García Matilla, que passei a perceber, cada vez mais, a relação das grandes áreas de Turismo e Comunicação, e ainda, sua transdisciplinaridade no sentido de transitarem suas interfaces.

Sob a coordenação desse professor, um dos momentos que marcou vigorosamente minha experiência acadêmica foi o desafio de produzir um material, de livre escolha, com a seguinte temática: “*huellas de la ciudad*” (marcas da cidade). A proposta do trabalho era mostrar, de forma criativa, como nós alunos marcamos a cidade de Segóvia e, também, a forma subjetiva com que o próprio lugar havia nos marcado.

Eu passei aproximadamente 60 dias debruçada sobre o desafio. Iniciei me questionando qual o tipo de material eu poderia produzir. Após ponderar todas as opções, resolvi que meu trabalho seria um conteúdo audiovisual, com imagens em movimento do da cidade de Segóvia, acompanhadas de uma narração com percepções pessoais de uma intercambista ‘entre mundos’.

A produção ‘marcas de um intercâmbio: cidade de Segóvia’ (BERNARDO, 2018), foi plena por desafios, como por exemplo, a captação das cenas do vídeo com o celular particular, já que eu não tinha câmera profissional na viagem. O segundo desafio surgiu no momento de gravar a narração do vídeo, pois desde a escrita do texto até a pronúncias das palavras revelavam que eu ainda não tinha um ‘espanhol fluente’. Assim regravei por diversas vezes os áudios que narravam o trabalho. Outros desafios surgiram, como a edição e, posteriormente, a apresentação.

O principal aprendizado deste trabalho é sua marca em mim, as marcas da cidade também, mas o trabalho me fez refletir sobre toda a trama turístico-comunicacional que me envolvia no intercâmbio. Assim, em toda a sua produção eu me questionava “o que Segóvia tem para me contar?” Enfim, encontrei as respostas capturando imagens de locais e registrando momentos que me afetaram

de forma turístico-comunicacional-subjetiva. A partir disso, com c'alma¹², parei para prestar atenção na movimentação da cidade: rodoviária, praças, universidade, avenidas, escolas, pontos turísticos e outros. Permiti-me a desterritorialização em cada um desses momentos e, ao captar as imagens, já fui fazendo anotações importantes que, posteriormente, fariam parte do texto de narração do vídeo, assim como se constituíram em substrato para o que viria mais tarde ser um projeto de pesquisa, para ingressar no Mestrado.

Escolhi falar de felicidade para contextualizar as marcas e também para apresentar interpretações subjetivas e poéticas através das cenas da cidade. A seguir apresento um recorte do texto da narração:

A veces, lejos de casa, nos sentimos un poco solos. Pero es ahí que aprendemos a ser felices con las pequeñas cosas. Es encontrar el té que tiene el mismo sabor del que tu madre hacía cuándo tú eras niña. La felicidad a veces puede estar en nuestra ventana: es mirar el sol y tener la seguridad que hay una familia mirando el mismo sol y pensando en ti, quizás al otro lado del mundo rezando por tu felicidad. (BERNARDO, 2018)

Para acompanhar a narração, trago também a montagem de figuras representada a seguir, para exemplificar meu processo de desterritorialização:

Figura 7 - Montagem Marcas de um intercâmbio



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018)

¹² A palavra calma separada por apóstrofe é citada pela Prof. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista, no Amorcomtur!, para dizer que onde depositamos nossa calma e atenção estamos de corpo e alma, ou seja, trata-se de algo “com alma” = c'alma.

Como já explicado no relato, a palavra *huellas* traduzida para o português, significa marca. Portanto, desse termo brotou umas das palavras do título desta pesquisa e encontra-se detalhada no capítulo de número quatro. A ideia está conectada com a natureza emocional da marca (MARTINS, 1999). Isto significa que, neste estudo, o termo não está relacionado com o sentido tradicional da perspectiva do Marketing, em que a marca, em alguns casos, se limita ao que identifica uma empresa ou um produto. “A marca não é uma materialidade reduzida ao palpável, visual, sonoro e etc. Não se limita a energias materializadas, em uma representação visual, mas diz respeito a uma consolidação concentrada de uma experiência compartilhada¹³.”

Em síntese, o lugar Segóvia me marcou de forma turístico-comunicacional enquanto sujeito ‘entre mundos’. Percebo como o Turismo Local (re)significou minha conexão com o lugar e, principalmente, comigo mesma. Isso ocorreu porque as paisagens e os monumentos tocaram meus afetos e também me fizeram repensar sobre sonhos, planos de vida e conexão com minha espiritualidade.

O meu olhar de turista ‘entre mundos’ é intenso e, a partir dele, são geradas minhas marcas. Isso porque minha visão de Segóvia se difere do olhar do turista e também do olhar do morador. O turista que visita o *pueblo* no roteiro de um dia não consegue sentir a alma do lugar e nem mesmo conhecer, mais intensamente, o que a cidade tem para contar. Já o morador, muitas vezes, tem o olhar acostumado com tamanha beleza, história e significados, assim, tudo isso lhe parece banal e rotineiro. Para mim, como sujeito ‘entre mundos’ era sempre uma nova descoberta. Mesmo indo repetidas vezes ao mesmo local, as conexões eram diferentes e eu percebia detalhes, como a mudança das árvores, de um mês para o outro (como pontuei na Figura 04, o Lago Alonso em estações e belezas diferentes, com diferenciadas manifestações da apresentação da ‘mãe natureza’).

¹³ Essa visão ampliada de marca, associada mais à Comunicação, está relacionada aos estudos Amorcomtur e à expressão da pesquisadora Maria Luiza Cardinale Baptista, em declaração pessoal, no grupo.

Em termos de sinalizadores de marcas turísticas do sujeito 'entre mundos', percebo, então, uma interação mais intensa e profunda com a cidade, que extrapola os roteiros conhecidos pela trama midiática. Há também uma relação ampliada com o tempo, que permite maiores conexões com o ecossistema do lugar.

Do ponto de vista da comunicação, as marcas que ficaram em mim também me transformaram, assim como as turísticas. A trama midiática da cidade de Segóvia me colocou em posição de protagonismo das minhas lutas pessoais. Ressalto aqui, como principal marca, a manifestação em prol dos direitos femininos. Além das redes sociais a internet me possibilitou acesso à diversos aplicativos, tanto para entretenimento, quanto para facilitar as pesquisas referente à trama turística. Por exemplo, o Stotify (aplicativo de música) e Youtube (plataforma de vídeos) eram acessados, principalmente, nos dias que a saudade de casa era maior.

Eu colocava em ação um protocolo de 'retorno às origens': ao cozinhar um 'feijão campeiro'¹⁴ conectava no celular uma seleção de 'músicas gaúchas'¹⁵. A mesma seleção era ouvida também em algumas manhãs que eu acordava mais cedo para 'cevar eu chimarrão'¹⁶ e tomar a bebida recordando momentos em família. O Youtube também era acessado para 'matar a saudade', neste caso, do meu grupo de danças. Eu gostava de acessar vídeos antigos para me imaginar dançando de novo. Enquanto eu estava em Segóvia teve um 'Rodeio'¹⁷ que meu grupo participou e havia transmissão ao vivo. Pela diferença de fusos horários eu assisti a apresentação em torno da 01:00 da madrugada e me recordo de chorar do início ao fim da transmissão.

Além de proporcionar conexões com o Brasil (precisamente com o estado do Rio Grande do Sul) as plataformas citadas também me ajudavam a obter informações da própria Espanha. Através do Stotify eu escutava o Podcast

¹⁴ Comida típica da Região Sul do Brasil, chamada de 'culinária gaúcha ou gaudéria'.

¹⁵ Canções típicas da cultura Rio Grandense.

¹⁶ Cevar quer dizer preparar o Chimarrão: bebida quente, típica da região feita com erva mate.

¹⁷ Evento típico desta região, trata-se de uma competição entre os grupos de danças, os quais desenvolvem coreografias típicas dos bailes antigos, presentes em livros que relatam a dança dos imigrantes desta região.

‘Buenos Días Madrid ON’ da emissora de rádio Onda Madrid. Era assim que me informava, através do celular, pois no meu apartamento não tinha aparelho de rádio. Já a televisão nunca me atraiu, ela ficava na sala e este era um cômodo da casa que nenhum dos quatro moradores usava. Eu tinha acesso às notícias de Segóvia de forma impressa também: quando ia em alguma cafeteira ou bar, sempre havia o jornal disponível.

Ainda sobre a comunicação *off-line*, a cidade contava com a divulgação por panfletagem, principalmente referente aos eventos que eram organizados pela igreja. Como o *pueblo* era caracterizado pela forte presença de fiéis católicos, eram realizadas encenações e procissões em datas comemorativas, como por exemplo na Semana Santa. Toda a programação era divulgada nas missas (que eu frequentava semanalmente) e também via panfletos.

Além disso, a comunicação interpessoal com os moradores, principalmente no ecossistema universitário me desafiava e me enriquecia. Me admirava como as pessoas usavam muitas gírias para se comunicar no dia-a-dia e, as vezes, eu tinha vergonha de dizer que não havia entendido, pois parecia tão natural no grupo de conversa aqueles termos e, então, pedir uma explicação/tradução era desconfortável. Refleti que na minha região de origem, Caxias do Sul, também usamos expressões regionais, com marcas do dialeto italiano e também do ‘vocabulário gauchesco’. Então passei a entender que era normal a minha dificuldade em Segóvia e me permiti aprender.

O aprendizado do idioma foi, portanto, uma das maiores marcas comunicacionais. Outro grande sinalizador foi em relação às novas relações de ‘amor-amizade’ que criei, é como se cada pessoa fosse um fio da grande teia trama do meu intercâmbio. Reconheço que, em certo sentido, minhas novas relações foram me tecendo outro sujeito, então, com marcas por ser sujeito entre mundos.

1.2.2 Aproximações com ‘Mundo Europa’

Parte da minha experiência entre mundos se caracterizou também por passeios e viagens fora de Segóvia. Assim, neste item, apresento vivências em

território europeu, no ano de 2018. No decorrer dos seis meses na Europa, realizei treze viagens, envolvendo vinte e oito cidades, em seis países. Cada percurso foi diferente, pois, nos cinco meses em que permaneci estudando, consegui fazer viagens curtas, aproveitando finais de semana e feriados, momentos em que percorri a própria Espanha, visitei Londres (Reino Unido), Paris (França) e ainda conheci algumas cidades do Marrocos (continente Africano). Essas experiências contribuíram ainda mais para o meu objetivo de conhecer novas culturas, pessoas e idiomas.

Posteriormente a essas viagens, fiz também uma rota de Turismo Religioso, conhecendo o caminho de Santiago de Compostela. Já em 30 de junho de 2018, iniciei um Mochilão¹⁸, com pouca bagagem e muita disposição, que foi finalizado em 01 de agosto do mesmo ano. Neste momento da viagem, eu conheci Barcelona (Espanha), Lisboa, Sintra e O Porto (Portugal), *Bologna, Venezia, Assisi, Siena, Peretta, Grosseto, Firenze, Roma, Comacchio, Napoli, Pompei e Pisa* (Itália).

Assim como ocorreu com o turismo que realizei na cidade de Segóvia, quando me desloquei para os outros locais refleti muito sobre 'que turista quero ser?'. Assim, eu planejava meus itinerários de viagem, com uma margem de tempo, para sentir os locais e deixar o próprio destino me contar o que ele queria. Desse modo, mesmo com pouco tempo para visitar cada local, eu me permitia 'me perder', para viver o encontro com os lugares, como uma interação mais plena.

Foi o que aconteceu, especificamente, em Londres. Conhecer a Inglaterra era um sonho, mas o meu nível de inglês, a princípio, me distanciava deste destino de viagem. Foi então, que vi uma promoção de passagem aérea, no trecho Madri-Londres e pensei: "por que não?". E fui. Aterrissei na Inglaterra e arrisquei dizer que havia sido um erro. Demorei aproximadamente um dia inteiro para sair do aeroporto e chegar no *Hostel* que eu havia reservado previamente. Essa demora se deu pelo motivo de que eu não entendia as instruções de qual

¹⁸ Mochilão é o termo utilizado para designar um segmento de viagem de baixo custo. Assim Mochileiro é o turista que opta por viajar privilegiando a experiência no lugar, ao invés do conforto, e que também utiliza meios de transporte e hospedagem alternativos. Literalmente, a expressão recebe esse nome, pois, normalmente, o viajante carrega apenas uma mochila com seus pertences, não levando malas, bem materiais ou itens supérfluos na viagem.

transporte pegar para me deslocar até o centro da cidade. Além disso, a tecnologia me ‘desamparou’, pois eu estava confiante do *GPS* do celular, mas, ao sair da Espanha, acabei ficando sem internet, já que meu plano de dados móveis era nacional apenas. Percebo aqui marcas da trama comunicacional, em que as tecnologias da informação se tornam, mais que nunca, bens de primeira necessidade, quando associadas à trama turística. Viver as desterritorializações está intrínseca e diretamente relacionado ao acesso a dados, às informações, e a condições de estabelecer comunicação.

No metrô, também me perdi entre as linhas disponíveis. Até tive acesso ao ‘mapa do metrô’, mas isso não me ajudou muito. Inclusive, lembro da sensação de que, ao olhar para o impresso, percebia o sistema de metrô com um novelo de lã todo enosado, que você não sabe por onde começar a missão. O encontro com ‘outros mundos’, com outras tramas existenciais cotidianas, às vezes nos coloca em situações desafiadoras. No caso, a minha facilidade com tecnologias não me servia de nada, já que não tinha acesso.

Figura 8 - Mapa do Metrô de Londres



Fonte: Site Mapa de Londres¹⁹

¹⁹ Disponível em: <https://mapadelondres.org/mapa-do-metro-de-londres/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

Consegui entender que os ‘percalços logísticos’ ajudavam a responder que tipo de Turista eu sou: um sujeito viajante que prefere caminhar e/ou peregrinar, ao invés de deixar que máquina motorizada (transporte) me leve até o destino. Percebo que as linhas de metrô me assustavam, talvez exatamente pelo fato de que era um dos primeiros contatos com esse transporte, tendo em vista que em Segóvia não havia essa opção e tampouco em Caxias do Sul (a cidade que resido no Brasil). Assim, minha estada em Londres foi marcada por essas descobertas, no encontro com uma cidade cosmopolita, pelas caminhadas e também por processos de deslocamento acompanhados da chuva.

Trago mais um exemplo de marcas turístico-comunicacionais no processo de deslocamento pela Europa: Bologna, cidade da Itália, na região da Emilia Romagna. Esse percurso foi especial porque a cidade me foi apresentada por um morador, um amigo, não por um guia turístico. Trata-se de um bolonhês, chamado Marco Santi. Ele também vivenciou o seu período de intercâmbio na faculdade de Segóvia e fazia parte da minha rede de amigos na cidade. Assim, planejamos uma viagem em grupo: Eu, Marco, Camila (sua namorada), Lautaro e Enerto.

Um dos grandes objetivos da viagem era estar com a família de Marco, justamente porque ele, sujeito ‘entre mundos, estava longe de casa há mais de um ano. Assim, esse encontro com ‘la mamma’ e a família italiana foi incrivelmente marcante, principalmente pelas semelhanças com minha família - somos descendentes de Italianos. Algumas similaridades chamaram minha atenção: o acolhimento, o tom de voz alto, a comida e a casa.

Ademais, conhecer a cidade foi muito além da ida aos pontos turísticos. Visitávamos os lugares preferidos de Marco na cidade, o que me possibilitava outro tipo de interação turística. Tratava-se de uma interação mediada, por um morador e por seus próprio vínculos e leituras do lugar. Bologna me fazia lembrar de Caxias do Sul, a ‘minha cidade’, que é povoada por imigrantes italianos. Eram nítidas as semelhanças, principalmente nas construções, ruas, comércios e nas “vendas”, que são pequenas lojas que comercializam itens gastronômicos fabricados na localidade. Conforme montagem de fotos a seguir:

Figura 9 - Bologna, Itália



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018)

Por fim, posso dizer que a viagem que mais me marcou de forma turística, comunicacional e até subjetiva, no entanto, foi a ida para o Marrocos. Isso porque foi um mergulho na cultura marroquina, com diversos pontos positivos e, também, situações de enfrentamento. A narrativa desta viagem está presente no próximo item, exemplo de intensa aproximação com o objeto de estudo.

1.2.3 Aproximações com o ‘Mundo Marrocos’

Marrocos foi o maior choque cultural dos meus vinte e cinco anos de vida. Viajamos, eu e mais quatro amigos, sendo eles três argentinos e um italiano. Dou início à presente narração, pelos percalços turístico-comunicacionais: ao chegar no continente africano, me deparei com a problemática do idioma e, portanto, os sinais corporais foram marcas comunicacionais presentes na viagem toda. Alugar um carro foi uma necessidade, os meios de transporte eram precários e a maioria deles não percorria as rotas que eu necessitava, resultando em uma marca turística. Encontrar os alojamentos que eu havia reservado por aplicativos alternativos foi outro desafio. O carro não passava pelas ruelas das hospedagens e, então, precisei pagar estacionamento para o pernoite do veículo.

O primeiro pernoite foi em Marrakech e o Hostel ficava em uma rua muito estreita, um beco. Para chegar até o Earth Hostel, não era possível arrastar a mala de rodinhas, pois a rua era toda de pedras desalinhas. Também havia muito lixo jogado no chão. Encontrei pessoas, inclusive crianças, dormindo pelo

chão. Ao entrar no Hostel, o sentimento de insegurança diminuiu: era uma hospedagem simples, mas aconchegante. Os quartos eram bem pequenos, apenas com cama. Na sala principal, no entanto, havia um espaço para integração: vários tapetes, pufes e cobertas para os hóspedes se acomodarem no chão, conforme foto:

Figura 10 - Relato Marrocos: Earth Hostel



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018) Lembranças que enchem o coração. (2018) café da manhã, farto. Assim, o lugar me marcou, principalmente, pela simplicidade de cada detalhe. Foi inesquecível a forma com que os funcionários nos receberam. Eles queriam ajudar com as malas, nos abraçavam, perguntavam da viagem, da nacionalidade e sempre esboçavam um largo sorriso, ao responderem nossas dúvidas. Realmente senti meu mundo abraçado pela amorosidade, sendo reconhecida como Outro, como brasileira e viajante. Felizes com o pernoite, nós seguimos viagem.

A próxima parada foi em Tinghir, já em direção ao deserto. A pequena cidade possui aproximadamente 39 mil habitantes e novamente fiquei impressionada com a simplicidade das pessoas. Neste local, a nossa hospedagem chamava-se Maison d'Hôtes Retour Au Calme, quer dizer Pousada Retorne à calma (tradução nossa). Novamente tivemos dificuldade para chegar com o carro, mas um funcionário do Hostel nos ajudou e conseguimos estacionar bem próximo. Diferente do Hostel em Marrakech, este tinha quartos maiores e banheiros privativos. O que me chamou atenção positivamente foi a grande área externa que

o local oferecia, permitindo admirar a pequena Tinghir, em uma visão linda e “laranja”:

Figura 11 - Relato Marrocos: cidade de Tinghir



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018)

Recordo que novamente fomos recebidos com muito carinho, encontramos algumas pessoas ali que falavam espanhol. Na saída do Hostel, ganhei um Kaftan, roupa marroquina feminina, fiquei tão feliz e já saí usando. A despedida foi bem difícil, fizemos uma foto com todos os funcionários e planejamos regressar no futuro. Seguimos o *tour*, passando pela famosa “Garganta do Todra” em direção a Fez. Chegando ao destino, extremamente cansados, por dirigir o dia todo, nos deparamos com uma cidade bem turística, muito mais habitada do que Tinghir.

Nesta parada nossa hospedagem foi em um apartamento bem localizado, o qual reservamos por um aplicativo. Saímos na primeira noite e encontramos ruas bem movimentadas, feiras de artigos típicos e bares com muita música nativa. Foi um encontro com a cultura típica marroquina:

Figura 12 - Relato Marrocos: apresentação de música típica



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018)

A noite em Fez foi tumultuada, mas provamos a gastronomia apimentada e planejamos o *tour* pela cidade no dia seguinte. Pela manhã, nos deparamos com uma temperatura de quase 40 graus. Assim me permiti sair de vestido na rua. Péssima ideia! Caminhei poucas quadras e enfrentei uma situação em que um homem marroquino parou na minha frente, cuspiu em meus pés e gritou: “Sahira!”, que significa bruxa. Meus amigos, que estavam presentes na cena, rapidamente me abraçaram e afastaram o homem desconhecido.

Abismada, voltei para o apartamento chorando e troquei minha roupa. Desabafei com meus amigos, contando que só enxerguei raiva, desprezo e violência, no olhar do homem marroquino. Em nenhum momento ele ponderou que eu era turista. Por um instante, no entanto, refleti: “e qual a diferença por ser turista? A condição de turista poderia me absolver se uma pessoa considerou que faltei com respeito à sua cultura?” Ainda ponderando a situação, voltei para a rua, dessa vez, vestindo o Kaftan que ganhei em Tinghir e com o cabelo enrolado em um lenço. Da mesma forma me acompanharam meus quatro amigos:

Figura 13 - Relato Marrocos: a vestimenta



Fonte: arquivo pessoal da autora

Sigo com a reflexão que me marcou turístico-comunicacional e subjetivamente, repensando a cultura brasileira, o meu lugar de turista mulher. Caminhei pelas ruas ainda revivendo as cenas daquela comunicação verbal e também a parte não-verbal que esteve presente na situação. Ainda pensando longe, fui abordada por uma criança marroquina, de aproximadamente oito anos, que falava quase legível o idioma espanhol. Ele perguntou se queríamos ajuda para chegar até a Mesquita de Fez (ponto turístico da cidade). Ficamos felizes com a sugestão, porque o GPS não estava se localizando, nas ruelas da cidade.

Antes de mais nada perguntamos se ele não devia estar na escola, o mesmo respondeu que seria no turno seguinte. O garoto nos deixou em frente à mesquita e pediu dinheiro para auxiliar nos materiais escolares. Pagamos e ficamos felizes em poder ajudar. Ao distanciarmos-nos do nosso novo amigo, vimos dois agentes policiais detendo-o e gritando com o menino. O pequeno se estremecia e chorava. Nós cinco voltamos correndo para prestar ajuda; porém, os guardas se comunicaram em árabe e se afastaram, levando a criança.

Incrédulos resolvemos abandonar o *tour* para descobrir onde era a delegacia para menores. Chegando ao local, a criança já estava em liberdade, abraçada em seu pai, que pagara a sua “fiança”. Nos aproximamos, prestamos solidariedade, mas o pai também se comunicava em árabe; no entanto, estava calmo. A criança traduziu, dizendo que era normal e não devíamos nos preocupar, “isso sempre acontecia”. Concluiu dizendo que estava na hora da aula e se despediu de nós.

Essa situação me marcou como encontro ‘entre mundos’. Chocou-me a dureza da cena em que o menino foi detido, assim como a naturalidade como ele se referiu ao acontecido como normal. Percebi, então, que há encontros com dinâmicas que não conhecemos e sobre as quais não conseguimos tomar decisões cotidianas. O encontro entre mundos, nesse sentido também exige muito cuidado e atenção plena.

Voltamos para a programação turística e a próxima parada foi à noite no deserto do Sahara. Todo calor que passei no turno do dia se transformou em frio durante a noite. Dessa forma, valorizei como nunca na vida o pouco me ofereceram para dormir: um colchão bem duro e um cobertor quentinho e fedido. Ainda com frio, no clarear do dia, resolvi caminhar pela areia infinita. Realmente parecia infinita. Lembro-me de olhar para o céu e rezar: pedi por aquele povo e agradei pelo meu viver. Sentia-me tão pequena naquele momento e, através do deserto, entendi a grandeza deste mundo e o valor da vida.

No dia seguinte, voltamos conduzidos por camelos até a cidade de Ouarzazate e nos direcionamos para a última cidade a ser visitada: Rabat, a capital do país. O local está à margem do oceano Atlântico e, então, nossa programação enfim incluiu praia! Quando estava colocando a roupa de banho, em casa, lembro-me de pensar brevemente na situação em que fui repreendida por minha vestimenta. Conversei com meus companheiros de viagem, que argumentaram “mas agora estamos na praia”. Assim, fomos de carro até a beira de mar, felizes com o tempo ensolarado. Quando nos aproximamos da areia, vimos uma senhora vestindo seu Kaftan (tapada dos pés à cabeça). Havia três homens com traje de banho, próximos a ela.

Para evitar novos problemas, um de meus amigos se dirigiu-se aos homens para questionar se havia “regras” na praia. O mesmo responde que, para o sexo masculino, não havia nenhuma proibição, mas que as mulheres não estão autorizadas a mostrar seu corpo, pois é pecado. Incrédulo, meu amigo retornou ao nosso grupo e compartilhou a informação. Naquele momento, minha única vontade era abraçar as mulheres próximas a mim, de dizer-lhes que o preconceito é crime e que juntas somos mais fortes. Eu não pude fazer isso, continuei com meu Kaftan e fomos embora, pois meus amigos entenderam que não era justo os homens aproveitarem o mar e eu não, por ser mulher.

Chateados, alteramos o passeio e fomos conhecer a cidade. Na pausa para o almoço, experimentamos uma versão deliciosa do prato típico “tagine”. Com o objetivo de trazer um pouco de alegria para as pessoas, outro amigo dirigiu-se à cozinha, para elogiar o prato. Novamente apareceu um homem e explicou que as mulheres não podem conversar com os turistas. Descrente com tamanho preconceito, levantei-me da mesa, comecei a falar com o homem, explicando, portanto, nossa intenção de elogiar a cozinheira. O mesmo, irredutível, levantou a voz para mim, que me calei, evitando uma cena pior. Nada pode ser feito, aliás, somos turistas!

Finalizo meu relato, dizendo que vivi situações de amorosidade, hospitalidade e compaixão, na maior parte do percurso. Trouxe marcas da viagem que mais afetaram meus valores, paixões e lutas. Compartilho o sentimento de impotência como turista, do medo como mulher e da tristeza como ser humano. O relato também mostra uma viajante entre mundos, no sentido da percepção cultural e das dúvidas para distinguir cultura de preconceito. Assim, em 23 de março de 2018, voltei para Espanha, sabendo valorizar cada ponto positivo da minha experiência, mas também atenta e muito marcada. Comecei a perceber, portanto, as brotações do caminho e os efeitos de cada desafio nesta experiência.

Assim, posso dizer que ao longo dos seis meses de intercâmbio, a vivência foi me ajudando a refletir e a (re)pensar o fenômeno Turismo e a área da Comunicação, não como ‘campos’ separados, mas as suas interfaces. Na época

em que residi em Segóvia, inclusive, documentei algumas conversas informais²⁰ sobre a troca de experiência com outros sujeitos: moradores, novos amigos, intercambistas e turistas.

Foi assim que comecei a ‘conversar lugares e sujeitos’, descobrindo nuances significativas de como o Turismo e a Comunicação podem marcar o sujeito viajante. O que mais me chamou a atenção foram as conversas com outros intercambistas, pois percebia na fala do outro algumas situações que se repetiam na minha experiência. Em síntese, eles também estavam aproveitando o tempo do seu intercâmbio para visitar novos lugares, aprender idiomas, melhorar a carreira profissional e, ainda, conhecer novas culturas. O que me marcava nessas conversas era a emoção de poder compartilhar as marcas do processo de desterritorialização: a saudade de casa, estranhamentos, percepções iniciais, desconfortos e, ao mesmo tempo, a alegria por estar realizando um sonho.

Desse modo, marcada pelas experiências acadêmicas, comunicacionais e turísticas, retornei do meu intercâmbio. Trouxe na bagagem muitas experiências para compartilhar, novos amigos para sentir saudade, professores para nunca esquecer, lugares para revisitar, muitas fotos e *souvenirs*, para eternizarem os momentos vividos. Relato, também, que a maior mudança que percebi é que voltei para o Brasil com um olhar mais apurado e sensível aos acontecimentos ao meu redor. Percebo que vivi o processo de reterritorialização, no sentido voltar ao território, não só geográfico, mas fiz isso sendo outra, marcada por lugares e sujeitos que encontrei.

Foi nesse momento (setembro de 2018) que retornei, presencialmente, ao grupo de pesquisas Amorcomtur! Ao mesmo tempo, comecei a me preparar, internamente, para a seleção do Mestrado em Turismo e Hospitalidade da UCS. Nesse primeiro momento, trabalhando temáticas que resultaram no projeto “Educação Midiática, Comunicação-trama e Turismo”. Assim, a temática principal

²⁰ As conversas informais foram registradas, posteriormente, em Diário de Pesquisa, o qual é um procedimento operacional de aproximação e ação investigativa da Usina de Produção, uma das trilhas da Cartografia de Saberes. Permite que o próprio pesquisador registre dados do percurso investigativo, como conversas informais e descobertas vivenciadas.

sempre objetivou trazer a contribuição da área de Comunicação para os processos do Turismo.

Após a aprovação na seleção do Mestrado, iniciei o curso em fevereiro de 2019, pronta para os novos desafios. No decorrer do primeiro semestre, fui alinhando a minha proposta de pesquisa com os *insights* que surgiam nas aulas e nas rodas de conversa do grupo de pesquisa. É importante relatar também que a experiência de intercâmbio internacional foi um dos grandes motivadores no momento da escolha do tema de pesquisa. Foi através dos estremecimentos teóricos da Graduação, do Intercâmbio e do Mestrado de Turismo e Hospitalidade que se definiu então o objeto de pesquisa: **trama de marcas turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização desejante de sujeitos 'entre mundos'**.

2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Conforme já comentado, nas primeiras considerações desta dissertação, o percurso da pesquisadora está conectado com o grupo de estudos Amorcomtur!. Os estudos deste grupo têm sido marcados por essa visão de Ciência Ecológica Complexa, sendo alinhados com vários autores da Ciência Contemporânea. Trata-se de pressupostos científicos que são transversalizados pelos processos de transição que estamos vivendo em âmbito geral e que foram acirrados no contexto da Pandemia do Covid-19. Desse modo, há a direcionalidade para a visão holística, de observação dos fenômenos pelo todo, e para a lógica processual, complexa ecológica.

Por isso, é coerente dizer que se trata de um estudo qualitativo complexo-sistêmico. Em relação à pesquisa qualitativa, vale lembrar que a mesma abrange o nível subjetivo e relacional da realidade social: por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais (MINAYO, 2013).

Para apresentar, propriamente, a estratégia metodológica, é importante entender o cenário em que se produz o presente estudo. Conforme Santos (2002b, p.100), “A <<humanização>> dos cientistas é um dos aspectos da complexidade da ciência. A complexidade produz vibrações que se repercutem em todo o edifício teórico e metodológico da ciência”. A partir da premissa de Santos, entende-se que a ciência contemporânea pressupõe um caminho de aproximação maior entre pesquisador e objeto.

Também é interessante o pensamento de Koche, que vai comparar o pesquisador e sua tarefa com as atividades do artista. Ele diz que “[...] a ciência atual reconhece que não há regras para o contexto da descoberta, assim como não há para a arte. A atividade do cientista se assemelha às do artista” (KOCHE, 2007, p. 73). Nesse sentido, não há um caminho único para produzir uma explicação ou descoberta. Tudo precisa ser considerado, em múltiplas seleções, filtragens e sistematizações.

Nesse sentido, a abordagem qualitativa será realizada a partir da estratégia metodológica **Cartografia de Saberes**, proposta por Baptista (2014), com base em pressupostos da Ciência Contemporânea e no referencial teórico esquizoanalítico. A mesma orienta a maneira de planejar a pesquisa, acionando a produção de trilhas investigativas, o que gera alterações práticas, no modo de escolher e operacionalizar os procedimentos, além de orientar o conjunto de aproximações e ações da viagem investigativa. Segundo Baptista (2014, p.346), “Cartografar é mapear universos de estudos turísticos em transmutação”, ou seja, conforme a paisagem da pesquisa se altera, o pesquisador poderá alterar suas trilhas, investigando seus contornos, especificidades e singularidades.

As quatro grandes trilhas da Cartografia de Saberes são seguidas concomitantemente e se adaptam conforme a alteração da ‘paisagem’ da pesquisa. São elas: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa. As trilhas possuem nomenclatura diferente, para a organização do pesquisador, porque sinalizam diferentes direcionalidades de procedimentos investigativos, com suas peculiaridades, mas elas vão acontecendo de forma simultânea, entrelaçada e processual.

Ressalta-se que estas trilhas cartografadas possibilitam mutações, pois, de acordo com Rolnik (1989, p.65), uma das autoras que inspirou Baptista na proposição desta estratégia metodológica, a cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem. A obra Cartografia Sentimental, de Rolnik, lançada originalmente na década de 1980 e com uma nova edição em 2006, aproxima o método de fazer pesquisa com o afeto: o pesquisador afeta e deixa-se afetar por seu objeto de estudo.

A escolha da Cartografia dos Saberes também se justifica por seu caráter plural e pelo viés do respeito e da ética da relação, bem como pela sensibilidade ampliada e a valorização de aspectos subjetivos da pesquisa. Como exemplo, nesta pesquisa, destaca-se o cuidado com a história de vida dos intercambistas, as marcas do tempo e seus entrelaçamentos com os diversos ecossistemas do mundo da vida. É relevante citar que a abordagem da Cartografia dos Saberes

valoriza não apenas o pesquisador, mas todos os sujeitos envolvidos na investigação e seus múltiplos ecossistemas e universos existenciais.

Desse modo, cartografar é estar mais alerta ao processo de mutações, percebendo as mudanças entre os mapas e as trilhas. Nesse sentido, a Cartografia de Saberes se mostrou indicada especialmente no cenário que vivemos de restrições relativas à Pandemia do Covid-19. Produzir a pesquisa, em momento de Pandemia, não foi fácil. Surgiram perguntas como: “De que forma é possível fazer pesquisa nesta situação? É possível aplicar a estratégia metodológica, operacionalizar a investigação, enquanto a ordem é o distanciamento social? Tem como “ir a campo” em quarentena?”

A continuidade dos estudos Amorcomtur e a efetivação desta pesquisa demonstrou que não só é possível, mas é extremamente necessária a continuidade de pesquisas, produções e interpretações científicas, para o Turismo, em tempos de calamidade mundial. Ressalta-se, portanto, que o caráter flexível da Cartografia dos Saberes tem sido o agenciador fundamental para realizar a investigação, durante o distanciamento social. Ademais, a estratégia metodológica está totalmente conectada com a ciência complexa e processual, o que possibilita ao pesquisador ajustar as estratégias, a partir de intempéries e imprevistos. Como explica a autora, a Cartografia dos Saberes é processual, qualitativa e plurimetodológica.

Assim, as quatro trilhas da presente pesquisa serão apresentadas, a seguir, na seguinte ordem: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa.

2.1 SABERES PESSOAIS

Conforme Baptista (2014), “A primeira trilha que recomendo é a de saberes pessoais. Quer dizer, para começar a pesquisar, o investigador deve procurar refletir sobre o que sabe sobre o assunto”. Nesse sentido, buscou-se resgatar os saberes pessoais, a respeito dos ‘nós’ – as questões nodais, centrais - desta

pesquisa: Dimensão Trama, a Trama de Marcas, o Turismo, Comunicação e a Desterritorialização. Neste caso, o procedimento operacional implica o relato nas rodas de conversa do grupo, nas orientações, bem como a produção de textos em diário de pesquisa. A reflexão e sistematização desses textos passou pela revisão, alterações, novas sistematizações, compartilhamento em seminários e encontros do grupo de pesquisa. A lógica recursiva foi mostrando focos de informações que ajudavam a pensar a composição da pesquisa como um todo, a partir de saberes da pesquisadora, também sujeito 'entre mundos'.

Como exemplo do resgate de saberes pessoais, pode-se citar o item 'trajetória da pesquisadora', que apresenta três relatos de aproximações importantes com o campo da pesquisa. Dessa forma, na Trilha de Saberes Pessoais da presente pesquisa é possível visualizar, através do resgate de memórias, o início da reflexão a respeito das marcas e situações cotidianas, que tocam os afetos do sujeito viajante. Analisando as cenas de situações experienciadas, observadas e relatadas, nas aproximações com cada 'mundo', é possível perceber marcas turísticas, comunicacionais e subjetivas da pesquisadora.

2.2 SABERES TEÓRICOS

A segunda trilha é a dos Saberes Teóricos, momento de leitura, fichamento e revisão bibliográfica, para a construção desta dissertação. Assim, foi estabelecida uma divisão do referencial teórico entre 'revisão bibliográfica' e 'escolhas teóricas de referências', o que corresponde a aproximações e ações investigativas, nesta trilha.

Desenvolveu-se a pesquisa bibliográfica, pois, segundo Gil (2002, p. 45), "A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente". Portanto, as leituras exploratórias são importantes, até porque nem todas as estratégias planejadas são viáveis. Nesse

sentido, o mergulho teórico oportuniza o entendimento e abrangência de conhecimento, a respeito do problema de pesquisa.

No que diz respeito à revisão bibliográfica, as pesquisas foram iniciadas em março de 2019, a partir de conversas com a orientadora e rodas de conversa do Amorcomtur! Posteriormente, a compreensão foi ampliada na disciplina de Epistemologia e Métodos de Pesquisa (ofertada no primeiro semestre de 2019 no PPGTURH), ministrada pela professora Marcia Maria Cappellano dos Santos. Nesses encontros, os alunos foram orientados a concentrar os esforços na revisão de literatura, ou seja, conhecer as pesquisas já realizadas em nosso Programa e todo o conteúdo científico já publicado em bancos de dados.

Já o item separado para apresentar as escolhas teóricas de referência foi esboçado a partir de um cronograma de leituras, com síntese especificada em um quadro, que informa autores que são referência teórica central, para cada temática. Esse repertório de leituras foi aumentando e transformando-se, também, em um mapa, na verdade, uma cartografia teórica, que foi sendo modificada com o progresso das descobertas teóricas.

A participação, semanalmente, nos encontros do grupo de estudo Amorcomtur! também é atividade muito relevante para esse estudo, pois, nas rodas de conversas, tratamos assuntos que são impulsionados pela trama do Turismo e da Comunicação, na perspectiva complexa, amorosa e autopoietica. A fundamentação teórica do grupo de pesquisa é transdisciplinar, em alinhamento com as linhas teóricas contemporâneas, que sinalizam para o cenário de mutação da ciência e do pesquisador. Os encontros se produzem em dinâmicas de conversações orientadas pela ontologia do Conversar, proposta por Humberto Maturana (1988). A informalidade e horizontalidade das discussões nos Encontros Caóticos Amorcomtur! ajudam a compreender a profundidade desses referenciais, bem como a associá-los aos objetos empíricos, até mesmo pelo acompanhamento do processo investigativo dos outros integrantes.

Vale ressaltar, no entanto, que, em uma visão mais ampla, o referencial teórico do presente estudo iniciou-se ainda na caminhada acadêmica do curso de graduação da pesquisadora: Comunicação Social - habilitação em Relações

Públicas. Nesse processo, foram realizadas diversas aproximações, com autores da área de Comunicação Social e Amorosidade, através de teorias transdisciplinares, direcionando o olhar para a complexidade, principalmente aos processos comunicacionais subjetivos.

No processo do Mestrado em Turismo e Hospitalidade, foram sendo descobertas novas palavras-chaves, trabalhadas, principalmente, nas conversas no grupo de pesquisa, discussões em eventos nacionais e internacionais, e aprendizados nas disciplinas e seminários do Mestrado. Em termos teóricos, há o reconhecimento de também estar vivendo uma desterritorialização 'entre mundos', experienciando o encontro com outros universos de referências. Isso decorre do fato de ter saído do território de origem, a Comunicação Social, para viver o desafio do encontro com o território do Turismo e suas transversalidades. Assim como nas vivências abordadas neste estudo, pelos intercambistas, a experiência, como pesquisadora entre mundos, também apresenta desafios e desterritorializações inerentes. A lógica ecossistêmica complexa da visão holística, no entanto, contribuiu para a compreensão de que os mundos de saberes, com suas singularidades, são também transversais.

O referencial teórico, portanto, é transdisciplinar, envolvendo as principais trilhas do presente objeto de estudo: Trama de Marcas Turístico-comunicacionais no processo de Desterritorialização de sujeitos entre mundos. O texto a seguir foi dividido em Revisão bibliográfica e Escolhas teóricas, para organizar os dois momentos da pesquisa.

2.2.1 Revisão bibliográfica

A aproximação investigativa iniciou-se pela revisão bibliográfica em bancos de dados, a fim de fazer um levantamento sobre as produções existentes na área de investigação do presente estudo. Além de identificar o que já existe, buscou-se também os sinalizadores para refletir sobre a forma como os autores apresentam suas pesquisas, os pressupostos conceituais e as bibliografias utilizadas. Assim, algumas obras foram buscadas, no sentido de entender melhor um conceito, ampliar a conversa com os autores principais e enriquecer o estudo.

O primeiro banco de dados onde se realizou a busca foi o reservatório de dissertações do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH). Nesse caso, para localizar as produções que interessam ao presente estudo, utilizou-se como filtro a busca da palavra ‘turismo’ combinada com ‘comunicação’ e as outras palavras-chave (trama, marcas, desterritorialização e intercambistas) foram pesquisadas sozinhas. Optou-se por pesquisar ‘intercambistas’ ao invés de sujeitos ‘entre mundos’, já que a expressão é uma criação particular deste estudo. Nesta busca, ainda foi adotado o critério de as palavras aparecerem no título ou nas palavras-chave da dissertação. A seguir, apresentam-se os resultados no quadro, que considera cores distintas para cada palavra das trilhas teóricas:

Quadro 1 - Busca Banco de Dissertações PPGTURH

Palavras	Título da dissertação	Ano	Autor
Turismo e Comunicação	Hostel: território de hospedagem marcado pela trama turístico-comunicacional	2019	Mara Regina Thomazi
	“Turismo e comunicação: a festa da colônia em Gramado-RS sob o olhar da imprensa”,	2012	Lirian Maria Meneghel
Trama	Turismo em cemitério: o cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerando a trama morte e vida nas necrópoles	2016	Charlene Brum Del Puerto
Marcas	Jammo in cantina? C que sabe! A italianidade na gastronomia paulistana Marcas de hospitalidade e amorosidade	2017	Carlos Leoni
Desterritorialização	Caminhada noturna no turismo: tramas subjetivas e comunicacionais	2018	Camila Carvalho

	no processo de desterritorialização ".		de Melo
Intercambistas	A dinâmica da relação de acolhimento entre intercambistas acadêmicos estrangeiros e acolhedores institucionais	2019	Fabiola Carla Sartori

Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Na sequência, a busca bibliográfica foi através dos Periódicos Capes, onde a estratégia de filtros prosseguiu com a combinação de Turismo e Comunicação, seguida de Trama, Marcas, Desterritorialização e Intercambistas. Para complementar a pesquisa, adicionou-se também a expressão '*Exchange student*', Turismo de Intercâmbio e *Grand Tour*. Novamente buscou-se a presença dessas temáticas nos títulos ou no assunto, considerando publicações em qualquer idioma, no recorte de tempo dos últimos cinco anos (2015-2020). No quadro a seguir, encontra-se o resultado de número de trabalhos localizados:

Quadro 2 - Busca Banco de Periódicos Capes

Palavras-chave	Número de publicações
Turismo e Comunicação	619
Trama	221
Marcas	679
Desterritorialização	23
Intercambista	1
<i>Exchange student</i>	491
Turismo de Intercâmbio	14
<i>Grand Tour</i>	298

Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Analisando a amostragem do trabalho de aproximação bibliográfica, percebe-se que a área de estudo foi pouco abordada em publicações acadêmicas, nos últimos 5 anos. Dessa forma, ainda na plataforma de Periódicos Capes

seguiu-se o refinamento, com um filtro dos últimos dez anos (2010-2020), para localizar exemplos de resumos com pesquisas que se aproximam do assunto desta dissertação. Assim, os cinco títulos abordados a seguir, são exemplos de trabalhos que trouxeram novas interpretações ou corroboraram para a transdisciplinaridade do presente estudo.

O artigo “Turismo de intercâmbio: perfis dos intercambistas, motivações e contribuições da experiência internacional”, publicado por Tomazzoni e Oliveira (2013) auxiliou na reflexão sobre o sujeito intercambista. Sinalizar o perfil do sujeito ‘entre mundos’ não é o objetivo desta dissertação, mas, ainda assim, torna-se relevante conhecer suas características e motivações para contextualizar suas marcas. Além do mais, os autores descrevem que o intercambista possui autonomia, é explorador de novas culturas e de novos lugares e ainda “deve ter postura flexível e estar disposto a enfrentar desafios” (TOMAZZONI; OLIVEIRA, 2013, p.18).

Outro exemplo de resumo que se aproximou na temática de estudo atual foi o artigo “Turismo e intercâmbio: contribuições para a formação discente nos cursos de graduação das instituições de ensino superior de São Luís, Maranhão” (SANTOS et al., 2014). A análise foi enriquecedora porque os autores abordam o Turismo de Experiência em paralelo com o Turismo de Intercâmbio, trazendo a ‘trocas de culturas, idiomas e identidades’ como os pontos relevantes da experiência.

Já o artigo intitulado “Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura” de Salgueiro (2002), não possui o termo “intercâmbio” em seu título, mas foi importante para entender o Grand Tour, na linha do tempo da história do Turismo de Intercâmbio. Nesta abordagem, a autora observou rotas e destinos, meios de transporte, guias e acomodações na trama turística, o que já corrobora para a análise da presente pesquisa.

Na sequência, utilizou-se, nos filtros, o termo ‘intercâmbio’ em inglês (*exchange*), que então gerou resultados mais amplos: 64.337 publicações. Alguns títulos desta busca eram referentes a outras áreas de estudo. Em uma varredura preliminar, percebeu-se que a palavra ‘*exchange*’ é utilizada no mundo dos

negócios, como sinônimo de câmbio (no sentido de regimes cambiais e troca de moedas). Por isso, utilizou-se, no filtro de busca avançada, a opção “é (exato)”, localizando as duas palavras juntas *exchange tourism*, apenas no título das publicações e novamente voltando ao filtro dos últimos 5 anos (2015-2020).

Os resultados em inglês foram pertinentes, principalmente para compreender os resultados de estudo do Turismo de Intercâmbio em uma amplitude maior. Dentre as leituras, foram separados dois artigos, os quais são exemplos de aproximação com o tema ou as análises aproximadas. O caso do artigo “*The influence of host cultures on the role of personality in the acculturation of exchange students*”²¹ (JANG; KIM, 2010) trouxe um alerta sobre a influência das culturas anfitriãs na personalidade dos intercambistas. É possível conectar essa análise com as marcas do intercâmbio, no sentido da autopoiese pós experiência, e ainda fica a ressalva para analisar a influência das mudanças de pensamento do viajante.

Na sequência, a leitura do artigo “*Altruism in tourism: Social Exchange Theory vs Altruistic Surplus Phenomenon in host volunteering*”²², de Paraskevaïdis e Konstantinos (2017), não possui Turismo de Intercâmbio em seu título, mas ajuda a pensar a relação da experiência de voluntariado e intercâmbio cultural concomitantemente. Além do mais, a pesquisa apresentada sobre o conceito ‘altruísmo’ está totalmente conectada com a ‘ética da relação’ e a ‘amorosidade’, que são abordadas nesta pesquisa.

A partir do exame de qualificação, mais três textos foram trazidos para complementar a presente revisão bibliográfica. A primeira obra intitula-se “Por uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento: itinerários pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si” (AVENA, 2008). Esta tese possui várias conexões com o estudo do sujeito ‘entre mundos’, já que aborda a metamorfose dos viajantes e, na verdade, pode ser estudada em paralelo com outro termo discutido nesta pesquisa: a autopoiese e as marcas do viajante.

21 Tradução livre: A influência das culturas anfitriãs no papel da personalidade na aculturação de estudantes de intercâmbio.

22 Tradução livre: Altruísmo no turismo: teoria das trocas sociais versus fenômeno altruísta do excedente no voluntariado.

Outro texto a ser destacado, como contribuição após a qualificação, foi a produção “O acolhimento – ou hospitalidade turística – como interface possível entre o universal” (PERAZZOLO et al., 2013). O mesmo refere a experiência turística, abordando fortes conexões com o acolhimento, que pode alterar o processo da viagem, rompendo fronteiras territoriais entre acolhedor e acolhido e o local, no contexto da mundialização.

Essa busca de produções acadêmicas foi realizada no intuito de aproximar-se do “estado da arte” do objeto de pesquisa escolhido, no sentido de entender o que se tem de produção em relação às palavras-chave deste estudo. Foram apresentados, neste item, alguns exemplos de textos, para ilustrar contribuições que a Revisão Bibliográfica trouxe ao presente estudo. As obras trazidas para o diálogo textual dão conta de reforçar sinalizadores de tendências das produções atuais e, também, direcionam para novos olhares na pesquisa da trama de marcas turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização de sujeitos ‘entre mundos’.

2.2.2 Escolhas teóricas

Neste subitem, apresenta-se o segundo momento da Trilha de Saberes Teóricos: as ações investigativas. Anteriormente, no item 2.2.1, foi trazido para o diálogo teórico alguns exemplos de obras que constituíram o caminho de aproximações investigativas. Assim sendo, foi um resgate das primeiras leituras e uma varredura inicial da área de estudo, com apresentação de textos sinalizadores.

Já nas ações investigativas nesta trilha, amplia-se o olhar para as escolhas teóricas, que são referência para cada área de estudo desta pesquisa. Neste estudo, portanto, apresentam-se os seguintes temas de investigação: Dimensão Trama, Trama de Marcas, Turismo (abordado a partir de Ecossistema Turístico, Turismo-trama e Turismo de intercâmbio), Comunicação-trama, Desterritorialização e o sujeito ‘entre mundos’. Assim, sendo a viagem investigativa pode ser resumida no seguinte quadro de referencial teórico:

Quadro 3 - Referencial Teórico

Temas de pesquisa	Autores
Dimensão Trama	Frijof Capra Maria Luiza Cardinale Baptista James Lovelock Boaventura de Souza Santos
Trama de Marcas	José Martins Maria Luiza Cardinale Baptista Philip Kotler Kevin Roberts
Ecosistema Turístico, Turismo e Turismo-Trama	Marutschka Martini Moesch Mário Carlos Beni Susana de Araújo Gastal Alexandre Panosso Netto Margarita Barretto Maria Luiza Cardinale Baptista
Comunicação e Comunicação-Trama	Ciro Marcondes Filho Muniz Sodré Desirée Cipriano Rabelo Maria Luiza Cardinale Baptista
Desterritorialização	Felix Guattari e Suely Rolnik Rogerio Haesbaert Maria Luiza Cardinale Baptista
Sujeito 'entre mundos'	Susana de Araújo Gastal Andréa Sebben Adriana Tavares
Autopoiese	Humberto Maturana e Francisco Varela Biagio Mauricio Avena

Fonte: produzido pela autora (2020)

Para pensar a **Dimensão Trama**, aborda-se também a dimensão ecossistêmica da Ciência, dialogando com textos de Frijof Capra como “O Ponto de Mutação” (2007), publicado originalmente em 1982, e a “Teia da Vida” (2004) sendo primeira edição 1997. Para falar da mutação paradigmática, no sentido de revalorização do humano, ecossistêmico e da ciência em sua dimensão trama, dialoga-se com os textos de Baptista (1996, 1999, 2000, 2014, 2016, 2018). A dimensão trama está alinhada, por fim, com a “Teoria de Gaia”, abordada em textos de Lovelock (1987,1991). Os textos de Boaventura de Sousa Santos (2002, 2002b) também são comentados neste capítulo, justamente pela ligação dos estudos do autor com os movimentos sociais, a repercussão da globalização e ideias de democracia participativa com as quais essa pesquisa está conectada.

Para apresentar a segunda trilha, **Trama de Marcas**, um texto importante é “A Natureza Emocional da Marca”, obra de José Martins (1999) que amplia o conceito, a epistemologia e o sentido subjetivo da palavra ‘marca’. O autor ainda aborda a associação que a mente faz relacionando marcas e com as emoções do próprio sujeito. Desse modo, o pensamento de Martins (1999) dialoga com pesquisas de Maria Luiza Cardinale Baptista (2019), especialmente, em sua produção “Afetivações, Amorosidade e Autopoiese: Sinalizadores para narrativas sensíveis de destinos turísticos, em perspectiva ecossistêmica”.

Para ampliar a análise do Marketing, os estudos de Philip Kotler (1999, 2015, 2010, 2017) trouxeram um importante direcionamento para esta pesquisa, corroborando com a quebra do paradigma do capitalismo por espoliação. Suas obras abordam estudos e apresentam conceitos voltados para o mundo dos negócios: estratégias comerciais, fidelização do cliente e crescimento corporativo em geral. Assim, Kotler é referência teórica para discutir as marcas, pois apresenta estudos da construção do Marketing desde 1967. O importante para atual pesquisa é que, no início do século XXI, o autor iniciou publicações voltadas para a responsabilidade social no mercado econômico e alertou empresas do mundo todo sobre a necessidade de relações responsáveis e sustentáveis com o meio e consumidores.

Ainda tratando de estudos sobre as Marcas, Kevin Roberts (2005), em sua obra “Lovemarks: o futuro além das marcas”, traz uma percepção das companhias mais ‘amadas’ pelos consumidores. O autor referencia as emoções também, dialogando com textos sobre afetos.

Na sequência, partindo para a trilha teórica de **Ecossistema Turístico, Turismo e Turismo-trama**, buscou-se, primeiramente, o aprofundamento da área do Turismo. O fenômeno é abordado, portanto, em sua dimensão trama e ecossistêmica. Tem como base os estudos de Baptista (2018), em alinhamento com autores contemporâneos da área, como Moesch (2004), Gastal (2004, e 2005) e Beni (2008). Os autores alertam para a reflexão da prática turística, como um fenômeno social, cultural, econômico e complexo.

Marutschka Martini Moesch (2004), em sua obra “Epistemologia Social do Turismo”, traz um aprofundamento ao fenômeno turístico como uma troca intercultural, no sentido de o turismo ser baseado em relações complexas, tanto de produtos e serviços, como de relações sociais. Posteriormente, na publicação “A Teoria da Complexidade e o Ecossistema do Turismo” (BENI; MOESCH, 2017) está ressaltada a crescente produção da subjetividade social no ecossistema do Turismo, abordando agenciamentos possíveis de ressignificação junto à realidade de todos os organismos vivos que compõem os entrelaçamentos turísticos.

Baptista (2018; 2020) também apresenta pesquisas, considerando essa complexidade do cenário contemporâneo, entendendo os processos do turismo, em uma abordagem ecossistêmica e autopoietica. A autora traz a perspectiva do ‘avesso do Turismo’ (2021), apresentando sinalizadores para a possibilidade deste fenômeno estar alinhado com os objetivos de desenvolvimento sustentável, abordando ainda o envolvimento e a valorização de todos os sujeitos-trama envolvidos na trama, pensado na coexistência pacífica e respeitosa através da responsabilidade ecossistêmica.

Após a análise teórica do Turismo-trama, inicia-se a aproximação do Turismo de Intercâmbio, assim, buscou-se a obra de Alexandre Panosso (2009), intitulada “Segmentação do mercado turístico: Estudos, produtos e perspectivas”. O livro traz uma perspectiva histórica da segmentação e a forma como o Turismo

pode ser dividido, também ajudando a enxergar, tanto as mudanças e os problemas atuais, quanto os desafios da área do Turismo no Brasil.

Margarida Barretto (2000), autora do “Manual de iniciação ao estudo do turismo”, também mostra diversas definições do Turismo. Este material é relevante, no sentido de refletir a área, não só por entender o Turismo como fenômeno, mas por enxergá-lo como “fenômeno social complexo e diversificado” ou “fenômeno socioantropológico”, percebendo a complexidade e diversidade presentes no turismo. Além disso, também há o diálogo com a obra “Olhares contemporâneos do Turismo”, de Barretto (2001), abordando a esfera do Turismo que ultrapassa as ‘meras relações da balança comercial’.

Mário Carlos Beni (2008), em “Análise Estrutural do Turismo”, aborda aspectos do turismo, da economia e da globalização. O autor relata que os profissionais e estudantes de Turismo precisam entender os processos desse período de mudança em que vivemos, com “novas realidades” e problemáticas contemporâneas, junto com o aumento das incertezas. Beni (2008) fala da análise do viajante também, ressaltando motivações e marcas das viagens turísticas, comentando que os turistas buscam subjetividade dos conteúdos, sonhos e desejos.

Para o aprofundamento em aspectos da trilha de **Comunicação**, destaco as abordagens de Ciro Marcondes Filho (2016, 2019), obras que tive contato desde a graduação de Relações Públicas. Em especial, o livro “Das coisas que nos fazem pensar, que nos forçam a pensar: o debate sobre a nova teoria da comunicação”, publicado em 2019, traz importantes reflexões sobre a comunicação e a ‘incomunicação’, uma importante reflexão com estudos da psicanálise e mídia de massa.

Na sequência, Muniz Sodré (2001), em “Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos”, traz uma abordagem ampla, da comunicação com o objetivo de tornar uma mensagem comum a todos os cidadãos. Além disso, reconhece como comunicação, não apenas a rede midiática que nos cerca, mas também as expressões simbólicas de origem popular, considerando as diversas transformações que ocorrem.

Os estudos de Maria Luiza Cardinale Baptista estão conectados com esta pesquisa. Isso porque existe o diálogo da comunicação associado com outros pressupostos teóricos, como a amorosidade e autopoiese. A obra “Comunicação trama de desejos e espelhos: os metalúrgicos, televisão e a comunicação” (BAPTISTA, 1996) foi meu primeiro contato de leitura com a dimensão trama e me deu o aporte inicial, para pensar a comunicação entre sujeitos complexos. Outras publicações também foram importantes para refletir a presente pesquisa, títulos como: “Psicomunicação e a Trama de Subjetividades” (BAPTISTA, 1999), “Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação” (BAPTISTA, 2001), “Caosmose, desterritorialização e amorosidade na comunicação” (BAPTISTA, 2014) e também sua tese (BAPTISTA, 2000) “O sujeito da escrita e a trama comunicacional, um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea”.

Outros textos de Baptista me ajudaram relacionar as grandes áreas Comunicação e Turismo, como o texto “Caosmose e Afetiv(ações) Desterritorializantes Rumo à Amorosidade na Comunicação e no Turismo” (BAPTISTA, 2014b) e também seus projetos de pesquisa intitulados “Desterritorialização Desejante em Turismo e Comunicação: Narrativas Especulares e de Autopoiese Inscricional” (BAPTISTA, 2016) e o mais recente “Ecosistemas turístico-comunicacionais-subjetivos: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica” (BAPTISTA, 2018) e o mais recente, “‘Com-versar’ Amorcomtur - Lugares e Sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processos de desterritorialização – Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia”. (BAPTISTA, 2020).

Na abordagem da **Desterritorialização**, meu primeiro contato foi através de Felix Guattari e Suely Rolnik (2000), a partir da obra “Micropolítica: cartografias do desejo”. Os autores, que publicaram a primeira edição da obra em 1986, falam que nós humanos estamos mergulhados num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem

ininterruptamente. Seus aportes ainda são importantes para entender o conceito de território. A territorialidade, também pode ser estudada através da obra de Haesbaert (2014): “O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade”. Meu primeiro contato com o autor foi nas aulas de Turismo e Desenvolvimento Regional, trabalhando geograficamente o conceito de território.

Os textos de Maria Luiza Cardinale Baptista também ajudam na compreensão do termo desterritorialização, principalmente conectado à trama turístico-comunicacional. O projeto “Desterritorialização Desejante em Turismo e Comunicação: Narrativas Especulares e de Autopoiese Inscricional” (2016), citado também na trilha de comunicação, é muito importante para a pesquisa, por envolver as três grandes áreas em contexto: Desterritorialização conectada com o Turismo e Comunicação.

Seguindo, a próxima linha do quadro aborda os autores que ajudam pensar o **sujeito ‘entre mundos’** foram citados tanto no item intitulado Turismo de Intercâmbio como também no capítulo da Desterritorialização ‘entre mundos’. A autora Susana de Araújo Gastal é uma das referências teóricas para falar de Turismo, com produções relacionadas ao imaginário do turista, ainda levando em consideração suas expectativas, emoções e sentimentos. A autora também tem produções ligadas ao intercambista, como “Os Novos Nomadismos e a Identidade “Jovem”: A experiência dos intercâmbios culturais” (2004) “Intercâmbio: um Segmento Turístico Cultural, Educacional, Profissional e Humano” (2012).

Há outras publicações também importantes para estudar o intercambista. Andréa Sebben (2011), em seu livro “Intercâmbio Cultural – para entender e se apaixonar”, traz uma visão complexa do intercambista, citando que ele é cidadão do mundo e que isso é uma experiência complexa, com muito mais impacto do que uma curta viagem de turismo. Da mesma forma, Adriana Tavares (2007) contribui com sua obra “Mercado de Intercâmbio”, tratando do termo de forma geral, pois intercâmbio também pode ser considerado a existência de relações comerciais, culturais ou então educacionais.

Na última linha do quadro de Escolhas Teóricas, encontra-se a trilha da **Autopoiese**, que está conectada à autoprodução de si mesmo e neste estudo

está ainda é possível pensar como um sujeito pode alterar seus pensares e fazeres após uma experiência de desterritorialização. Por isso, dialoga-se este pressuposto teórico principalmente a partir da obra “De máquinas e seres vivos: autopoiese, a organização do vivo” (MATURANA; GARCÍA, 1997).

Como se trata de um estudo transdisciplinar, a autopoiese também se conecta com as outras trilhas da presente pesquisa, transversalizando-as, assim como o conceito ‘trama’. Maturana é um biólogo chileno e seus estudos são referência para o grupo Amorcomtur!, pela proposição-chave de constituição do grupo. Tive contato com seus textos, ainda na graduação, e sempre recorro a seus aportes, para me aproximar da ciência contemporânea.

Ainda para contextualizar a autopoiese, dialoga-se essa trilha com o conceito de “(trans)formação de si”, (AVENA, 2008) que reflete alguns sinalizadores das marcas dos viajantes, envolvendo seus aspectos psicossociais, históricos, econômicos e culturais. Identifica-se, na sua abordagem, que o sujeito viajante se transforma também pelas experiências marcadas em si, no processo da viagem, conectando-se, deste modo, com o presente estudo.

Cita-se aqui, também, a obra “Emoções e linguagem na educação e na política” (MATURANA, 1998) com destaque para a abordagem da Amorosidade, que não é um capítulo da dissertação, mas é uma premissa que guia a pesquisa de forma inerente. Assim, ressalta-se que se fala do Amor, não como aceitação plena e concordância, mas como “[...] emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência” (MATURANA, 1998, p. 22). A amorosidade é retomada em outros textos desta pesquisa e foi base para o desenvolvimento de todas as trilhas teóricas e práticas do campo de investigação.

2.3 USINA DE PRODUÇÃO

A Usina de Produção é outra trilha da Cartografia de Saberes. Nesta trilha da pesquisa, a orientação é a produção de aproximações e ações investigativas, considerando as materialidades e imaterialidades do campo da pesquisa. As

aproximações proporcionam subsídios e pistas, que sinalizam por qual caminho o pesquisador deve seguir pesquisando. O que diferencia as aproximações das ações investigativas é o planejamento. As aproximações geram sinalizadores e pistas de investigação, e as ações são planejadas, a partir da reflexão decorrente das aproximações (BAPTISTA, 2014).

Entende-se que, desenvolvendo uma série de aproximações, e ações investigativas, é possível ter maior facilidade para compreender a trama de marcas turístico-comunicacionais que envolvem o processo de desterritorialização de 'sujeitos 'entre mundos''. Baptista (2014, p. 344) comenta que "[...] é a vivência no campo da pesquisa, que eu chamo de 'chão de fábrica', no sentido de usina de produção de saberes". Assim, este item está direcionado para refletir e planejar a operacionalização da pesquisa; por isso, as duas sub trilhas de procedimentos, serão apresentadas nos itens a seguir.

2.3.1 Aproximações Investigativas

Nas aproximações investigativas, o pesquisador vai desenvolvendo algumas atividades iniciais, que possibilitam aproximar-se do campo da pesquisa, sentir e participar de momentos que o conectem com o objetivo do estudo. Entre essas atividades de aproximação da presente pesquisa, pode-se citar: observação participante, conversas informais e produção de diário de pesquisa. Assim, inicia-se por uma aproximação mais ampla, para um levantamento geral da trama de marcas.

Como é característica da Cartografia, a pluralidade de dispositivos, as aproximações também foram realizadas através de diversos procedimentos, como: busca de relato de experiência na internet, em blogs, sites, redes sociais, conversas informais com intercambistas, entrevistas com profissionais ligados ao setor de intercâmbio da universidade, participação de atividades vinculadas aos intercambistas da universidade, diário de pesquisa, com o resgate de experiências pessoais e sistematização de diário de campo já produzido.

Essas conexões com o ecossistema foram realizadas porque “Na perspectiva de um objeto paixão pesquisa, não é possível decidir se essa paixão é válida, se faz sentido, se vai dar certo, se não houver uma vivência compartilhada”. (BAPTISTA, 2014, p.351). Então, para compartilhar saberes iniciais da pesquisa, iniciou-se um processo de aproximações com o cenário de ‘sujeito ‘entre mundos’. Apresentam-se neste item alguns pontos de partida da investigação, sendo encontros, eventos ou situações que geraram importante ‘bagagem’ para ajudar a definir as direções do processo investigativo. A partir deste ponto, o texto é escrito em primeira pessoa, justificando o relato de vivências pessoais da pesquisadora.

Inicia-se a linha do tempo de Aproximações Investigativas o dia 10 de outubro de 2019. Eu participei da Semana do Intercâmbio, promovida pelo Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul. O evento recebeu o nome de “Intercultural Week”. A conversa que eu conduzi foi divulgada pelas redes sociais do Diretório Acadêmico, do curso promotor deste evento, conforme figura 6:

Figura 14 - Semana do Intercâmbio

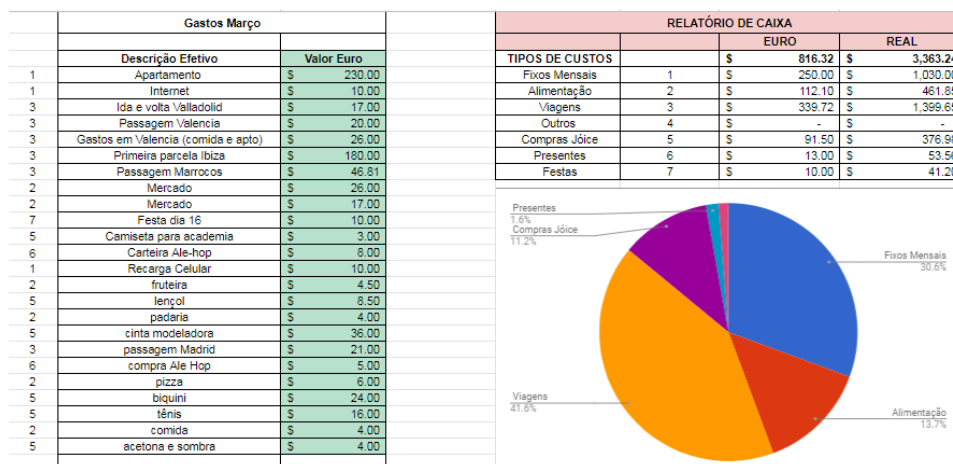


Fonte: Página do Instagram do DA de Comércio Internacional da UCS ²³

O objetivo principal deste momento foi falar da Bolsa Ibero-americana que recebi do Banco Santander, em parceria com a UCS. Também foi o primeiro momento em que dialoguei com o público sobre a proposição intitulada “Intercambista: sujeito entre mundos”. Trata-se de uma apresentação de slides onde eu reuni fotos, vídeos e relatos pessoais do meu intercâmbio de seis meses na Espanha. Os participantes da Semana do Intercâmbio eram pessoas com interesse e dúvidas sobre a experiência do intercâmbio. Podiam se inscrever tanto alunos da UCS quanto pessoas de fora da universidade, interessadas no tema.

Alguns integrantes já haviam iniciado seu planejamento e me fizeram perguntas mais pontuais relacionadas à escolha da moradia, disciplinas para cursar na faculdade, aproveitamento de horas cursadas pela UCS, entre outras dúvidas. No caso das pessoas que ainda estavam decidindo se era uma boa escolha fazer o intercâmbio, as perguntas eram direcionadas, principalmente, para a questão financeira. Dessa forma, mostrei para o grupo de pessoas a minha planilha de organização econômica, que desenvolvi em meu período de intercâmbio, figura 16. Essa organização financeira foi muito importante, já que eu viajei com ajuda de custos e era necessário economizar.

Figura 15 - organização financeira do intercâmbio



Fonte: Produzido pela autora (2018)

²³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3Vq3VMAEwA/>. Acesso em: 22 fev. 2020

Dessa forma, minha participação na Semana do Intercâmbio me proporcionou troca de experiências e, também, a oportunidade para discutir minha pesquisa. Através da minha fala, senti que alunos da graduação também se interessaram pelo ingresso no mestrado de Turismo e Hospitalidade da UCS, percebendo a transdisciplinaridade da área e dos estudos.

Na sequência, No 25 de Outubro de 2019, participei da reunião 'pré-embarque' de intercambistas de 2019. O evento promovido pelo setor de Relações Internacionais da Universidade de Caxias do Sul tinha o objetivo de orientar os alunos de Mobilidade Acadêmica em relação à burocracias antes da viagem, documentação e organização em geral. Eu fui uma das convidadas para contar minha experiência de deslocamento e vivência na Espanha.

Os participantes eram apenas alunos da UCS. Todos já haviam escolhido seu destino de intercâmbio e já estavam aguardando a carta de aceite da universidade de destino. Fizemos um momento de apresentação, onde cada um informou qual o país escolhido (todos eram no continente europeu) e a qual curso acadêmico pertenciam (várias graduações distintas). Dessa forma, apresentei novamente a proposta "Intercambista: sujeito entre mundos", figura 15, para o público e a conversa foi pautada por perguntas em relação à emigração, à universidade, hospedagem, vida financeira e viagens pela Europa.

Figura 16 - Reunião pré-embarque 2019



Fonte: arquivo pessoal da autora (2019)

Além disso, participei ativamente da décima edição do Encontro Semintur Jr., que aconteceu no dia 08 de novembro de 2019. O evento foi promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul. Conforme o site do evento²⁴, o mesmo disponibiliza “espaços para socialização, apresentação e discussão da produção científica desenvolvida no ensino superior em Turismo, Hospitalidade e áreas afins.” Minha participação antes do evento foi na avaliação dos seguintes trabalhos: “Café com Turismo: novos processos de ensino-aprendizagem a partir de projetos de ensino” e “Fatores impeditivos à realização da Mobilidade Acadêmica Internacional em um Curso de Bacharelado em Turismo: O caso da Universidade de Caxias do Sul”.

Além da experiência de avaliação dos trabalhos, participei no dia do evento, na comissão de Hospitalidade, dando o suporte necessário para os participantes que vieram de fora da cidade. Também tive a oportunidade de ser mediadora da Mesa de Trabalhos 5, composta pelos seguintes trabalhos:

Figura 17 - Composição Mesa 5 X Semintur Jr.

Coordenadora: Maria Luiza Cardinale Baptista
 Debatedora: Ângela Teberga
 Mediadora: Joice dos Santos

Intercâmbio de Voluntariado: a percepção de intercambistas brasileiros em relação às suas viagens	Eliana Franciele Buhs Karoline Natália Monteiro Orientadora: Roslaine K. de Oliveira Garcia Orientadora: Mary Sandra Guerra Ashton	15:30
Fatores impeditivos à realização da Mobilidade Acadêmica Internacional em um Curso de Bacharelado em Turismo: O caso da Universidade de Caxias do Sul	Patrícia Carvalheiro Pereira Orientador: Michel Bregolin	15:45
A imagem do Brasil no exterior: atração ou repulsão para os intercambistas?	Karoline Natália Monteiro Eliana Franciele Buhs Orientadora: Roslaine K. de Oliveira Garcia Orientadora: Mary Sandra Guerra Ashton	16:00

Fonte: Produzido pela Comissão Organizadora - 10º SeminTur Jr. (2019)

Conforme a figura 9 demonstra, a mesa em que participei como mediadora tinha como tema central assuntos pertinentes ao Turismo de Intercâmbio. Dessa forma, a conversa gerada, a partir da apresentação dos trabalhos, trouxe temas pertinentes para a discussão da área de estudo: o papel das agências de

²⁴ Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/xseminturjr/>. Acesso em: 29 fev. 2020.

intercâmbio, a indústria financeira por trás dos projetos voluntários, os fatores impeditivos do intercâmbio, a hospitalidade de alunos estrangeiro por parte de alunos caxienses, o caso da Universidade de Caxias do Sul, entre outras análises.

2.3.2 Ações Investigativas

As ações investigativas referem-se ao que foi planejado após os sinalizadores das aproximações com o campo da pesquisa. Essas ações foram alinhadas na banca de qualificação desta dissertação, no dia 13 de maio de 2020. Assim, foi dada a continuidade ao trabalho com o referencial bibliográfico, envolvendo buscas bibliográficas, leituras, fichamento, discussão nas rodas de conversas e seminários com a orientadora. Ainda foram elaborados relatos de experiências pessoais, a partir da coleta de memórias no Diário de Viagem e, assim, apresentados no item ‘trajetória da pesquisadora’;

Como sequência, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, em profundidade, com sujeitos que tiveram a experiência ‘entre mundos’, buscando trabalhar sinalizadores da trama de marcas turístico-comunicacionais, geradas a partir da experiência de desterritorialização no intercâmbio. Essas ações investigativas foram inseridas, na íntegra, no capítulo seis: ‘Ações Investigativas – o campo’.

Ao total, 15 entrevistas em profundidade foram realizadas entre setembro e dezembro de 2020. Todas as entrevistas ocorreram de forma virtual, em função da ordem de distanciamento social, no período da Pandemia do Covid-19, que foi cenário da construção desta dissertação. Como as entrevistas apontam experiências pessoais (detalhando enfrentamentos vividos pelo sujeito), optou-se por não revelar os nomes dos entrevistados e, sim, utilizar o nome do lugar correspondente à a experiência de intercâmbio. Primeiramente, realizou-se uma pesquisa para descobrir os nomes mais populares em cada país. Assim, foi estipulado um nome para cada sujeito ‘entre mundos’, de acordo com o país em que o mesmo vivenciou a sua experiência particular de intercambio. Por outro lado, mantiveram-se os nomes de países de origem e destino, bem como as

nacionalidades dos sujeitos e o tipo de intercâmbio realizado, para que o leitor entenda o contexto apresentado.

Como critério de tratamento dos dados, primeiro foi realizada a releitura do campo, no sentido de retomar com atenção todas as entrevistas. Assim, a abordagem está próxima ao que sinaliza a Análise de Conteúdo. Conforme explica Bardin (2000), análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos extremamente diversificados. O método compreende fazer uma pré-análise do material, codificá-lo, categorizá-lo, analisá-lo para, posteriormente, seguir ao tratamento dos dados.

A estratégia abordada, Cartografia de Saberes, indica que não é necessário seguir rigorosamente os critérios propostos pela Análise de Conteúdo, em si, mas que pode ser feita uma adaptação inspirada em procedimentos preexistentes. Foi realizada a análise, portanto, tendo o método como referência, como orientação, mas houve adaptações. As mudanças foram realizadas, conforme as especificidades da pesquisa e, também, em relação à dificuldade do momento em que se produziu a presente pesquisa: Pandemia do Covid-19.

Assim, a primeira medida para trabalhar com o conteúdo da conversa foi fazer uma transcrição literal do momento. A transcrição foi feita na íntegra, com todas as verbalizações e todas em Português, mesmo quando a entrevista foi realizada em outra língua. O material das entrevistas foi discutido e revisado juntamente com a orientadora, e após a mestranda iniciou um processo de síntese.

Para a transcrição, utilizou-se a digitação manual para todas as entrevistas. Explica-se que o motivo por não escolher um software para esse trabalho de transcrição é realmente a necessidade da pesquisadora em manusear e reviver o momento das entrevistas novamente. Isso porque, nos encontros virtuais com pesquisadores 'entre mundos', a entrevistadora embarcou de 'corpo de alma' no processo, dialogando e contribuindo também com seus entendimentos de sujeito viajante. Assim, suas marcas particulares foram compartilhadas com os entrevistados. Por fim, ressalta-se que o momento da transcrição foi ideal para

analisar minuciosamente cada fala, observando e relembrando detalhes de expressividade, como tom de voz, por exemplo.

2.4 DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA

Para finalizar, a quarta trilha, chamada 'dimensão intuitiva da pesquisa' é proposta por Baptista (2014), para o pesquisador considerar, também, a trilha dos "pensamentos picados". São os sinalizadores que emergem no processo, intuitivamente, sem que tenha, aparentemente, conexão com a materialidade dos dados coletados. Nesta trilha, o pesquisador volta a atenção para todos os detalhes pertinentes no caminho já percorrido.

Assim, é tarefa de um cartógrafo estar mergulhado intensamente, no universo do fenômeno investigado, de modo atento aos elementos possíveis, para a composição de pesquisa. Sendo assim, as fontes podem variar, não sendo apenas teóricas, mas envolvendo uma ampla gama de materialidades e de percepções em relação a imaterialidades. Além de aberturas para a exploração do campo investigado, a dimensão intuitiva ocorre também em rodas de conversas, na informalidade do cotidiano, em leitura e consideração de uma reportagem exibida, em uma reflexão interior, entre outros recursos.

Por fim, pode-se dizer que a Cartografia de Saberes foi de extrema importância para a realização dessa pesquisa, principalmente por ser flexível conforme a alteração do cenário, que, no caso desta dissertação, foi uma pandemia.

2.5 A SISTEMATIZAÇÃO: MATRIZES RIZOMÁTICAS

Em termos de sistematização e organização geral da narrativa da pesquisa, a dissertação segue as orientações da estratégia Matrizes Rizomáticas. Portanto, a partir deste ponto, a proposição da dissertação avança para a organização lógica de verificação do equilíbrio fluente da pesquisa. As Matrizes Rizomáticas,

estratégia proposta por Baptista (2017; 2020), ajudam a verificar o alinhamento entre as trilhas teóricas e as aproximações e ações investigativas e, depois, a correspondência com os capítulos. Assim, é possível a sistematização dos dados coletados, que possibilita vislumbrar a coerência e o alinhamento entre os itens da pesquisa. Dessa forma, as Matrizes são como instrumento para auxiliar no fluxo da pesquisa e realizar recorrentes checagens. Assim, a autora explica:

[...] a pesquisa tem seus rumos, suas inflexões e precisa ser pensada nesse sentido, só que isso ocorre de modo fluente, como processo líquido dos rios amazônicos. O direcionamento não pode ser contido ou fixado, apenas presumido, a partir de sinalizadores, e lido, na sua 'dança da vida', na emergência sequenciada de acontecimentos, que se engendram no processo, no caminho. (BAPTISTA, 2020, p. 46).

A autora refere-se aos rios amazônicos e ainda apresenta a figura aérea dos percursos dos afluentes do rio, para comparar ao curso dos caminhos e descaminhos da pesquisa, afirmando que, na investigação, existem “os riscos de se perder e, ao mesmo tempo, a potencialidade de descoberta de novos mundos do conhecimento.” (BAPTISTA, 2020, p.52).

Seguindo as Matrizes, portanto, organizou-se o Quadro 04, para verificar o equilíbrio Fluente das Ações Investigativas. Como pode ser observado a seguir, em termos operacionais, as Matrizes estão apresentadas em um quadro-síntese, ainda que a autora ensine que todo o alinhamento é fluido, processual e dinâmico.

Quadro 4 - Verificação do 'Equilíbrio Fluente' da Narrativa da Pesquisa

Título	Objeto de estudo	Objetivo geral	Objetivos específicos	Questão-problema?
Trama de Marcas Turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização de 'sujeito 'entre mundos'	Trama de Marcas Turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização de 'sujeito 'entre mundos'	Apresentar a trama de marcas turístico-comunicacionais e discutir a desterritorialização de 'sujeito 'entre mundos'	* Relacionar o pressuposto conceitual trama ao Turismo e à Comunicação; *Discutir a criação de marcas em relação ao Turismo e à Comunicação; *Caracterizar o processo de intercâmbio de estudantes, como experiência de desterritorialização de 'sujeito 'entre mundos'; *Identificar as marcas turístico-comunicacionais,	Qual a composição da Trama de Marcas Turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização de 'sujeito 'entre mundos'?

			a partir de aproximações e ações investigativas, com grupos de estudantes intercambistas.	
--	--	--	---	--

Fonte: elaborado a partir de Baptista (2020)

Após essa verificação, o próximo quadro apresenta a verificação do equilíbrio fluente das teorias da pesquisa. Quer dizer, apresenta o objetivo geral e objetivos específicos, assim como no quadro anterior, mas agora relacionando-os com as trilhas teóricas. Ainda há o cuidado de pontuar os autores abordados em cada temática e informar em qual capítulo da dissertação as trilhas teóricas vão ‘desembocar’, no sentido metafórico dos rios amazônicos que envolvem a proposição da autora.

Quadro 5 - Trama de Trilhas Teóricas

Objetivo geral	Objetivos específicos	Trilhas Teóricas	Autores para cada trilha	Capítulos da Dissertação
Apresentar a trama de marcas turístico-comunicacionais e discutir a desterritorialização de ‘sujeito ‘entre mundos’	* Relacionar o pressuposto conceitual trama ao Turismo e à Comunicação;	* Dimensão Trama	*Frijof Capra *Maria L. C. Baptista *James Lovelock *Boaventura de S. Santos	3. A trama
		*Ecosistema Turístico, Turismo e Turismo-Trama	*Marutschka M. Moesch *Mário Carlos Beni *Susana de Araújo Gastal *Alexandre Panosso Netto *Margarita Barretto *Maria L. C. Baptista	3.1 turismo-trama
		*Comunicação e Comunicação-Trama	*Ciro Marcondes Filho *Muniz Sodré *Desirée Cipriano Rabelo *Maria L. C. Baptista	3.2 comunicação-trama
	Discutir a criação de marcas em relação ao Turismo e à Comunicação;	*Trama de Marcas	*José Martins *Maria L. C. Baptista *Philip Kotler *Kevin Roberts	4. Marcas
	*Caracterizar o processo de intercâmbio de estudantes, como experiência de desterritorialização de ‘sujeito ‘entre mundos’;	*Desterritorialização	*Felix Guattari *Suely Rolnik *Rogerio Haesbaert *Maria L. C. Baptista	1.2 Trajetória da pesquisadora 5. Desterritorialização ‘entre mundos’
*Sujeito ‘entre mundos’ e a autopoiese	*Susana de Araújo Gastal *Andréa Sebben *Adriana Tavares			

			*Humberto Maturana *Francisco Varela *Biagio M. Avena	
	*Identificar as marcas turístico-comunicacionais, a partir de aproximações e ações investigativas, com grupos de estudantes intercambistas;			6. Ações investigativas e análise do campo

Fonte: elaborado a partir de Baptista (2020)

Após essa verificação das trilhas da pesquisa, no Quadro 6, por sua vez, observa-se a análise do equilíbrio fluente das ações investigativas, ainda relacionando com objetivos e capítulos da dissertação:

Quadro 6 - Trilhas da 'Viagem em Ação'

Objetivo geral	Objetivos específicos	Aproximações e ações investigativas	Capítulos da Dissertação
Apresentar a trama de marcas turístico-comunicacionais e discutir a desterritorialização de 'sujeito 'entre mundos'	* Relacionar o pressuposto conceitual trama ao Turismo e à Comunicação;	Revisão Bibliográfica; Leitura e fichamento de textos da área do Turismo e Comunicação; Discussão em rodas de conversa e seminários do grupo de pesquisa e com a orientadora;	3. A trama 3.1 turismo-trama 3.2 comunicação-trama
	*Discutir a criação de marcas em relação ao Turismo e à Comunicação;	Revisão Bibliográfica; Leitura e fichamento de textos sobre Marcas e Marketing.	4. Marcas
	*Caracterizar o processo de intercâmbio de estudantes, como experiência de desterritorialização de 'sujeito 'entre mundos';	Revisão Bibliográfica; Leitura e fichamento de textos sobre o Turismo de Intercâmbio; Produção de relatos pessoais sobre a vivência 'entre mundos'.	1.2 Trajetória da pesquisadora 5. Desterritorialização 'entre mundos'
	*Identificar as marcas turístico-comunicacionais, a partir de aproximações e ações investigativas, com grupos de	Entrevistas semiestruturadas com intercambistas.	6. Ações investigativas e análise do campo

	estudantes intercambistas.		
--	----------------------------	--	--

Fonte: elaborado a partir de Baptista (2020)

Por fim, verifica-se que há o equilíbrio na proposta da dissertação e, ainda, que todas as trilhas vão seguindo desdobramentos, a partir do que o campo da pesquisa apresentar no percurso de investigação. Considera-se que a análise dos três quadros deste item é uma forma de sistematizar o conhecimento que é plural, transdisciplinar e rizomático. Assim, a intenção da exibição em quadros não é apresentar os limites da pesquisa, mas, sim, garantir legibilidade e um melhor entendimento do que está sendo proposto em termos de pesquisa.

Nos próximos capítulos, é possível acompanhar o desenrolar teórico pautado pela explicação das trilhas que dão corpo à presente Dissertação. Assim, com a leitura a seguir, o leitor é convidado a vivenciar uma viagem investigativa que garante um mergulho na Trama de Marcas Turístico-Comunicacionais no Processo de Desterritorialização Desejante de sujeito 'entre mundos'.

3 TRAMA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL

Este capítulo envolve a discussão da dimensão trama, relacionada ao Turismo e à Comunicação, buscando sinalizadores da interface e, ainda, relacionando-os às grandes áreas de saberes com a complexidade. O capítulo ainda apresenta a discussão a respeito da dimensão trama em si, associada à apresentação de pressupostos dos conceitos turismo-trama e comunicação-trama.

É importante retomar o fato de que a Trama é a primeira palavra do título da pesquisa e, assim, sintetiza a visão transdisciplinar, na perspectiva da complexidade ecossistêmica. A Dimensão Trama está pautada na visão holística da Ciência, aspecto conceitual que se vincula diretamente ao projeto “TRAMA AMORCOMTUR! Complexos processos comunicacionais e subjetivos, que potencializam o turismo, considerados sobre o viés da amorosidade e autopoiese”, coordenado por Baptista (2014). Fundamenta-se, portanto, nos pressupostos da Ciência Contemporânea, não-linear e não-excludente.

Com uma abordagem transdisciplinar, o conceito de Trama relaciona-se com a perspectiva de que tudo está conectado. Assim, vincula-se, diretamente, com a visão contemporânea, na perspectiva ecossistêmica complexa, como vem sendo salientado, evoluindo de uma ciência mecânico-reducionista-cartesiana, para uma ciência com pressupostos teóricos caosmóticos – de caos, osmose no cosmo - da realidade (BAPTISTA, 1999).

A Trama também está relacionada com a emergência de demandas contemporâneas; por isso, também está alinhada com a urgência de mudanças, que se apresenta aos seres humanos atualmente. Neste momento, recordo da inquietação dos cientistas e pesquisadores do documentário “*CROSSROADS: Labor Pains of a New Worldview*” (OHAYON, 2012), que pode ser traduzido para “ENCRUZILHADAS: dores de parto de uma nova visão de mundo”. Esse conteúdo chama a atenção para refletir o presente. O título explica metaforicamente a emergência de mudanças, para reverter problemas que se acentuam no decorrer deste século.

O documentário ressalta parte da experiência humana no século XX e XXI, em um conjunto de ponderações históricas, que induzem os telespectadores a repensarem seus atos, desafiando as próprias suposições, sobre quem realmente somos e porque fazemos o que fazemos. A análise do documentário deixa uma ressalva, no sentido de que os seres humanos precisam implementar mudanças em sua convivência, cooperar e agir em prol do outro, porque estamos sempre conectados e, também, porque estamos em uma encruzilhada de busca de sobrevivência para o planeta. No documentário, inclusive, há a sinalização de risco de uma crise sanitária, que poderia vir gerar graves problemas ao planeta. Infelizmente, o vislumbre sinalizado no documentário acabou se confirmando com a Pandemia do Covid-19.

Também com vislumbres de riscos para o planeta, pode-se mencionar a visão de Fritjof Capra (2007), em seu livro *A Teia da Vida*, o qual foi lançado em 1996 e apresenta uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Capra (2007), sinalizando para a mudança, comenta que o ser humano, muitas vezes, não percebe a mutação do mundo, do meio ambiente e das coisas ao seu redor. Estamos tão atarefados com a correria diária, que nem paramos para observar os fenômenos que nos cercam ou, então, se os enxergamos, estamos muito assustados com o que se mostra diferente do habitual, que preferimos não pensar neles, ou seja, fingimos que não ocorrem.

Fica o alerta, no entanto, no sentido de que as destruições, catástrofes e problemas sociais que vêm se desencadeando ao redor do mundo precisam ser motivo de preocupação da Ciência também. Ressalta-se, por exemplo, a grandiosidade de questionamentos inerentes às vivências em meio à Pandemia do Covid-19, em que pensadores como Fritjof Capra (2004, 2007) e Ailton Krenak chamam a atenção para o fato de que a natureza e o cosmo estão fazendo um chamado mundial aos seres humanos. Assim, retoma-se Capra (2007), percebendo que o mundo não pode ser comparado com uma coleção de objetos isolados, mas precisa ser entendido como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados.

Nesta perspectiva, todos os seres fazem parte de um grande ecossistema que se altera, constantemente, para continuar existindo. Dizer isso nos leva ao entendimento que tudo é vivo ao nosso redor. Baptista (2016) fala sobre a sua concepção de 'Ecossistema':

É um sistema de vida, em sentido complexo, de trama de existências, de feixes de entrelaçamentos, considerando dimensões concretas e abstratas, sempre em processo, sempre em mutação. Trata-se, para mim, do sistema em que a vida 'floresce, brota', em processos múltiplos e decorrentes de interações, conexões e rupturas. (BAPTISTA, 2016, p.4)

Neste estudo, trata-se o ecossistema como sendo o lar de todos os acontecimentos. Tanto a comunicação, o turismo, a subjetividade e qualquer deslocamento do sujeito envolve processos que ocorrem no grande ecossistema, que vai se recriando, conforme a movimentação. Entende-se que somos seres, integrantes de um sistema muito maior, e que estamos todos interconectados de alguma maneira.

Essas conexões nos transformam de tal forma que tudo que é vivo está entrelaçado, e isso se refere muito além das relações humanas: estamos conectados com animais, plantas, clima e até partículas da atmosfera. Assim, seguimos para a Teoria de Gaia, compreendendo que o planeta é um imenso organismo vivo e tudo está conectado. O autor da teoria, James Lovelock (1987; 1991), inicia sua obra 'As Eras de Gaia', comentando que sua formação é na área da Biologia e Medicina, mas foi convidado pela NASA para fazer parte da primeira missão lunar instrumentada. Assim, tornou-se cada vez mais curioso com as experiências para detectar a vida em outros planetas. Para a chegar à Teoria de Gaia, o autor comenta que ele e seus companheiros de expedição olharam para a Terra com imaginação e, portanto, com olhos diferentes, e assim encontraram muitas coisas novas. Em seu livro Gaia: um novo olhar sobre a vida na terra, Lovelock (1987) afirma que o Planeta Terra é um imenso organismo vivo em que tudo está conectado.

É interessante a análise de que Gaia é tão viva que é capaz de obter energia para seu próprio funcionamento: regular seu clima, eliminar seus detritos e

combater suas próprias doenças. Isso implica dizer que, assim como os outros seres vivos, a Terra é um organismo capaz de se autorregular. A Ecologia Profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. Corroborando com a temática, a conexão de todos os seres tem sido retratada também por Baptista (2000, 2018), como tramas ecossistêmicas, ou seja, como “[...] uma espécie de teia complexa de sistema da vida” (BAPTISTA, 2018).

Exatamente por vivermos nessa espécie de Teia-Trama é que se tornam tão preocupantes os problemas naturais que atingem a terra, devido à poluição causada pelos humanos. Com base em Capra (2004 e 2007), Lovelock (1987) e Baptista (2018), compreende-se que é necessário pensar soluções para o Planeta, lembrando que os seres humanos são apenas uma dentre milhares de espécies, que integram a natureza e dependem da permanência de seus bens para sobreviver. E esse alerta se multiplica na Pandemia do Covid-19, conforme Peneluc (2020, p.6): “As cidades, sob o capitalismo, não foram planejadas com base no critério da proteção à saúde pública. No campo, o agronegócio devasta florestas e expõe trabalhadores a animais selvagens que são verdadeiros reservatórios de patógenos”.

Dessa forma, a presente pesquisa está alinhada à Hipótese de Gaia, no sentido de problematizar as relações existentes entre os seres vivos e o meio ambiente. Destaca-se, principalmente, a importância da responsabilidade do turista, referindo-se aqui à ética da relação e amorosidade, conceitos abordados por Maturana (1998), entre outros autores. O autor comenta que essa ética representa o cuidado com nossas ações, repensando quais são consequências que elas têm para o outro, no sentido de outros seres. Desse modo, este estudo também se alinha aos objetivos da agenda 2030²⁵, que se propõem abrangentes, no sentido de englobar as grandes demandas e exigências contemporâneas.

A partir desse primeiro entendimento, chega-se, então, mais especificamente, no conceito de trama, abordado por Baptista (1996, 200) como

²⁵ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 16 jun. 2020

uma espécie de rede em que tudo se conecta. Assim Thomazi (2019) também corrobora:

[...] a referência vale tanto para a dimensão trama do universo, dos próprios seres vivos, como das teorias, sendo elas econômicas, sociais, relacionais, etc. A trama é, portanto, multifacetada, rizomática e processual, o que se alinha aos pressupostos da visão sistêmica. (THOAZI, 2019, p. 55)

Conforme vem sendo ressaltado, Fritjof Capra (2004) é um dos autores que também dá sustentação para a perspectiva trama, principalmente quando o autor afirma que o universo deixou de ser visto como uma máquina e agora é considerado “uma rede interligada de relações” (CAPRA, 2004, p. 82). A integração dos fenômenos, proposta pelo autor, também é evidenciada nesta pesquisa, que entrelaça os estudos da Comunicação, Subjetividade e os processos do Turismo.

O contexto de multidisciplinaridade²⁶ evidencia uma mudança da organização da sociedade, que, segundo Capra (2004), passa das hierarquias às redes, onde o compartilhamento do conhecimento é mais valorizado do que a sua posse. O ato de compartilhar corrobora com a comunicação-trama, no sentido que trata Baptista (2014b), em que o propósito do ato de comunicar é “[...] tocar o sujeito receptor, não como quem dispara um raio informativo, em busca de um efeito, mas como quem se propõe para o encontro.” (Baptista, 2014b, p.2). Percebe-se, assim, que o encontro possibilita a troca de saberes entre os universos subjetivos, Capra (2004) sinaliza para a compreensão de que essa trama comunicacional é também um ecossistema vivo:

Todos os sistemas vivos são redes de componentes menores, e a teia da vida como um todo é uma estrutura em muitas camadas de sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos – redes dentro de redes. Organismos são agregados de células autônomas, porém estreitamente acopladas; populações são redes de organismos autônomos pertencentes a uma única espécie; e ecossistemas são teias de organismos, tanto de uma só célula quanto multicelulares, pertencentes a muitas espécies diferentes (CAPRA, 2004, p. 170).

²⁶ Os pressupostos gerais deste estudo são transdisciplinares, mas, neste trecho, fiz referência à coexistência e abordagem entre Turismo, Comunicação e Estudos de Subjetividade.

Partindo do entendimento de que os sujeitos se comunicam em uma grande teia de organismos, fica evidente, também, que a multiplicidade de cada ser implica no processo de relação interpessoal. Por esse motivo, os processos de comunicação e sinalizadores turísticos estão totalmente conectados com premissa da trama, marcando cada sujeito de forma diferente. Assim, a próxima trilha neste capítulo é o Turismo-Trama que detalha a perspectiva do Turismo enquanto fenômeno complexo

3.1 TURISMO-TRAMA

O Sujeito viajante, em seu processo de desterritorialização, passa a ser o sujeito do Turismo. Para compreendê-lo, acredita-se ser importante pesquisar e entender o que fica marcado das suas experiências de deslocamento e relações com os lugares e outros seres. Desse modo, chega-se ao Turismo-Trama, fenômeno também compreendido através da abordagem ecossistêmica, complexa e amorosa, baseada na Ética da Relação.

A transversalização das áreas de Turismo e Comunicação caracteriza um estudo transdisciplinar, buscando associar pressupostos gerais da Ciência, no viés epistemológico-teórico sinalizado.

Assim, com o intuito de gerar produção diversa do conhecimento no turismo, aborda-se essa temática, salientando a conexão entre múltiplos saberes, relacionando os processos do Turismo também com a proposição de turismo amoroso²⁷. A dissertação, portanto, está baseada em estudos que dialogam com a Ética da Relação, proposta por Humberto Maturana (1998).

A aproximação da trilha teórica do Turismo é feita com respeito e a ressalva de que venho de outro território de conhecimento: Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas. Assim, entendo que é importante uma

²⁷ Vale ressaltar que Turismo Amoroso é citado, neste estudo, no sentido proposto por Baptista (2017), de turismo ecoamoroso e socioamoroso, voltado para a ética da relação entre os sujeitos envolvidos. Não representa uma segmentação da área, mas está vinculado aos estudos de Humberto Maturana (1998), de proposição do amor como ética da relação e do cuidado, como deixar aparecer, bem como os estudos do Amorcomtur! em que a amorosidade está relacionada aos processos do turismo.

declaração de humildade, ao mesmo tempo em que reconheço o valor das aproximações e conversações complexas.

Para dar início ao diálogo teórico sobre o Turismo, primeiro é importante se questionar de que Turismo estamos falando. Ressalta-se que a presente pesquisa busca refletir acerca do turismo ecossistêmico, buscando sinalizadores do avesso do turismo, pressuposto apresentado por Maria Luiza Cardinale Baptista, no Seminário ANPTUR de 2020 e publicado na Revista Cenário (BAPTISTA, 2021). Propomos, no Amorcomtur!, o outro lado, o lado do avesso, em que sujeitos-trama moradores, visitantes, turistas, operadores do turismo, agentes ligados à gestão pública, entre outros, compõem uma trama a ser vista na sua completude, não apenas na lógica do Turismo de Fachada, que vem caracterizando o turismo ao longo dos séculos.

Seguindo neste diálogo textual que almeja ultrapassar a barreira do turismo comercial-capitalístico, apresentam-se, aqui, autores como Moesch (2004), que traz uma reflexão sobre a epistemologia do universo turístico:

O turismo é uma prática social, ou melhor um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento dos sujeitos, em tempos e espaços, produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer. (MOESCH, 2004, p. 465).

Nessa perspectiva, é possível compreender o Turismo aliado à Comunicação-trama, Subjetividade e Amorosidade, conforme tem sido abordado pelos estudos do Amorcomtur! Nesse sentido, a análise favorece a construção coletiva e solidária de conhecimentos, a serviço da análise crítica dos processos do Turismo. Na obra Olhares Contemporâneos sobre o Turismo, Margarita Barretto (2001) comenta que o turismo é movimento de pessoas, com a intenção de ser um direito de todo cidadão: “[...] é um fenômeno que envolve, antes de mais nada, gente. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esfera das meras relações da balança comercial”. (BARRETTO, 2001, p.17).

Ainda agenciadores de viagem que apontam para a subjetividade, o que resulta no Turismo enquanto fenômeno complexo. Desde a ‘trajetória da pesquisadora’ apresentada na introdução desta dissertação já percebe-se sinalizadores que estão conectados com o querer mais profundo do sujeito viajante. Esse querer profundo corresponde à análise subjetiva, presente na trama de marcas turístico-comunicacionais que só pode ser investigada a partir da Ciência complexa.

A conversa sobre o Turismo-trama ainda busca a contextualização oficial do fenômeno. A Organização Mundial do Turismo²⁸, defende que o Turismo é a atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual, por período inferior a um ano, e com propósito principal diferente do exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado (OMT, 2010). No item de “conceitos e definições”, a ONU cita:

O turismo é um fenômeno social, cultural e econômico que carrega consigo o movimento de pessoas. A relação do turismo com uma ampla variedade de atividades econômicas incentivou o interesse em medir sua contribuição econômica, principalmente nos locais visitados, e em avaliar sua interdependência com outras atividades sociais e econômicas. ²⁹ (OMT, 2010, p. 16).

A partir da citação da ONU, fica claro que o Turismo se tornou uma área de grande interesse mundial, inclusive de interesses do sistema econômico. Ainda complementando essa análise das publicações de órgãos oficiais que regem o turismo, apresenta-se a seguir, um recorte de texto do site oficial da UNWTO, que explica a conexão do fenômeno com o progresso socioeconômico:

Ao longo das décadas, o turismo experimentou um crescimento contínuo e uma diversificação aprofundada para se tornar um dos setores econômicos que mais crescem no mundo. O turismo moderno está

²⁸ A OMT é a Organização Mundial do Turismo, a qual, consiste em uma agência especializada das Nações Unidas que possui o objetivo de promover e desenvolver o Turismo no mundo todo. Trata-se de um fórum global para questões de políticas turísticas visando a sustentabilidade e o desenvolvimento consciente da área. Disponível em: <http://ois.sebrae.com.br/comunidades/omt-organizacao-mundial-do-turismo/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

²⁹ Tradução livre do original: “*El turismo es un fenómeno social, cultural y económico que lleva consigo el movimiento de personas. La relación del turismo con una gran variedad de actividades económicas ha fomentado el interés en medir su contribución económica, principalmente en los lugares visitados, y en evaluar su interdependencia con otras actividades sociales y económicas*”.

intimamente ligado ao desenvolvimento e abrange um número crescente de novos destinos. Essa dinâmica transformou o turismo em um fator-chave para o progresso socioeconômico³⁰. (UNWTO, 2019)

Após essa reflexão, entende-se que o Turismo está interligado a uma espécie de rede do capital. Assim corrobora Baptista (2018), que menciona o turismo conectado a uma complexa trama ecossistêmica midiática e subjetiva, que é agenciada pelo capital, mas que também vem se reinventando e buscando modos de se autopoietizar³¹. Na argumentação da autora, encontram-se possibilidades para pensar o turismo além da teia-trama comercial-capitalística.

Considera-se, portanto, que o Turismo é importante para a economia mundial, campo gerador de empregos, produtos, organizações, ONGs, entre outros benefícios que movimentam o setor financeiro. Ressalta-se, porém, que o Turismo ultrapassa as esferas das relações comerciais-capitalísticas. Youell (2002) cita que o mesmo é um fenômeno social, econômico e cultural que envolve pessoas. Da mesma forma, corrobora Moesch:

Não nego a contingência material do Turismo em sua expressão econômica, mas ela ocorre historicamente, em espaços e tempos diferenciados, cultural e tecnologicamente construídos, a serem irrigados com o desejo de um sujeito biológico: sujeito objetivado, fundamental para a compreensão do fenômeno turístico como prática social, e subjetivado em ideologias, imaginários e necessidade de diversão, na busca do elo perdido entre prosa e poesia. (MOESCH, 2004, p. 387)

A questão que se coloca no início deste item precisa ser respondida: de que turismo estamos falando? Do Turismo-trama. Aborda-se uma discussão do fenômeno para além do viés econômico. Sendo assim, considera-se que o Turismo como fenômeno complexo, “[...] em uma lógica processual de desterritorialização de sujeitos, envolvendo múltiplos fluxos e feixes de serviços e processos de produção, em que estão em jogo materialidades e imaterialidades,

³⁰ Tradução livre do original: “*Over the decades, tourism has experienced continued growth and deepening diversification to become one of the fastest growing economic sectors in the world. Modern tourism is closely linked to development and encompasses a growing number of new destinations. These dynamics have turned tourism into a key driver for socio-economic progress*”.

³¹ Autopoietizar é citado nesta dissertação no sentido de autocriar-se. Autopoiiese é um termo criado pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana (1997), para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios.

dimensões racionais e emocionais, simultaneamente” (BAPTISTA, 2021, declaração pessoal em orientação).

Assim, mesmo que esses processos envolvam o acionamento do capital, precisam ser considerados na trama constituinte de sua configuração, de modo, inclusive, que acolha os sujeitos em sua totalidade, e não somente sujeitos humanos. Dessa forma, propõe-se a associação à amorosidade, que é a condição de amor, como ética da relação e do cuidado, entendendo o outro como legítimo outro na convivência, conforme Maturana (1998). O biólogo também comenta que o amor é fator determinante para a existência da relação social e, conforme vem sendo destacado, essa visão se conecta diretamente com a proposição da Responsabilidade Ecosistêmica, muito importante não só para o Turismo, mas para as relações de modo geral, de trocas, comerciais, de afeto, em busca de sobrevivência do Planeta.

A proposta da pesquisa, quando alinhada à Amorosidade, é que os sujeitos dos Turismo - tanto turistas, como os prestadores de serviço e moradores dos destinos turísticos - convivam orientados pela ética da relação, em busca da harmonia da coexistência, capaz de gerar bem-estar e de potencializar a relação e a existência de lugares e sujeitos. Dessa forma, ocorre a facilitação dos processos, pois a energia do amor é uma forma plena de relacionar-se. Entende-se, assim, que toda relação turístico-comunicacional envolve uma troca de saberes, de experiências, de informações, de intensidades, nas múltiplas situações compartilhadas nos processos de desterritorialização.

Portanto, a relação acontece no encontro, tendo acionadas as condições de languagear, de ‘com-versar’ lugares e sujeitos está alinhada à capacidade de emocionar e amar. Ressalta-se, aqui, que para Maturana, a emoção envolve disposições corporais dinâmicas, que existem a partir dos sentires íntimos e das coerências operacionais recorrentes da condição de existir. Não se trata, portanto, de oposição à racionalidade, mas de algo que é inerente e subjacente à qualquer ação.

Também por esse motivo, surge a necessidade de relacionar o pressuposto conceitual do amor (amorosidade) com a área do Turismo. Percebe-se esta

conexão nas reflexões do grupo de pesquisa Amorcomtur: em uma roda de conversas, falávamos sobre a proposição de Baptista (1996), no sentido de que o Outro é tudo aquilo que é 'não eu' e, por isso, não se trata apenas de seres humanos. Essa proposição ajuda a fazer reflexões em sintonia com autores contemporâneos que nos ajudam a compreender entrelaçamentos com diversas áreas do conhecimento, como é o caso de Lovelock, já mencionado, por exemplo.

Dessa forma, assumindo a Hipótese de Gaia nesta pesquisa, é possível se dar conta que, como humanos, atentos à convivência plena, também precisamos ser turistas conectados e solidários ao planeta. Assim o Turismo pertence à trama da Responsabilidade Ecológica. Conforme Baptista (2018), trata-se da ética do cuidado entre seres e ambiente. Mais ainda, avançando na lógica ecológica da ecologia profunda, trata-se da compreensão de que a sobrevivência e a autopoiese só acontecem na trama de entrelaçamentos, na produção conjunta pautada pela ética do cuidado e da relação.

Assim, percebem-se conexões amplas no universo, com destaque para as que se produzem entre todos os seres vivos, compreendendo que tudo está entrelaçado. Por isso, as relações - não apenas humanas - precisam ser pautadas pela ética do cuidado, já que tudo está conectado - tanto animais, plantas, clima e até partículas da atmosfera – pequenos descuidos podem ter reflexos amplos, para o ecossistema todo. Em certo sentido, somos o resultado de intercâmbio o tempo todo, de encontros 'entre mundos'.

Considera-se, portanto, a abordagem da amorosidade, como atitude social, conforme cita Maturana (1998, p.23-24): "amorosidade é a aceitação do outro como legítimo outro na convivência". Ou seja, a preocupação amorosa com o próximo é designada por ações guiadas pela empatia, compartilhamento, cooperação, tolerância e, principalmente, pelo acolhimento do outro, como sujeito complexo e diferente de nós mesmos.

Reconhece-se, no entanto, que essa abordagem da amorosidade às vezes é vista, por alguns, como sonhadora e utópica. Isso decorre do fato de que, no cenário global planetário, as relações foram baseadas, por séculos, no poder e na ganância, gerando um caos violento, em que predominava a agressividade e o

ódio. O que vem sendo pautado é a lógica da sobrevivência, pela luta de sobreposição, orientada pela competição e a tentativa de, seguindo as orientações de Darwin, se tornar o 'mais apto'. Os acontecimentos recentes, desde o início da Pandemia do Covid-19, no início do ano de 2020, questionam profundamente a orientação da humanidade desses tempos vividos até então, pautados pela individualidade e pela ênfase no acúmulo do capital. Já em 1986, Berman (1986) escreveu sobre a metamorfose dos valores, afirmando que tudo que é sólido desmancha no ar. O autor cita:

As velhas formas de honra e dignidade não morrem; são, antes, incorporadas ao mercado, ganham etiquetas de preço, ganham nova vida, enfim, como mercadorias. Com isso, qualquer espécie de conduta humana se torna permissível no instante em que se mostre economicamente viável, tornando-se "valiosa"; tudo o que pagar bem terá livre curso. (BERMAN, 1986, p. 108).

Essa visão diluidora da burguesia, apresentada por Berman (1986), refere-se ao capitalismo em excesso e aos males que esse sistema acarretou até então. A partir dessa análise, o autor relacionou nosso valor humano ao nosso preço de mercado. Portanto, compreende-se que as relações humanas foram baseadas no poder e na ganância. Dessa forma, segundo o autor, entende-se que os tempos modernos, com sua rigidez e ênfase racionalista acabaram deixando uma herança de fluidez das relações e dos sentimentos.

Por esse motivo, o cenário contemporâneo evidencia a urgência de transformações radicais de pensamentos e atitudes, no sentido de que a forma com a qual se produziu bens, serviços e relações até o momento, já não é mais efetiva. Isso porque o mundo clama por empatia e cooperação. Já é possível perceber que a sociedade reconhece as práticas profissionais que geram valor para a humanidade.

Essa urgência de mudanças constitui os desafios contemporâneos, que consistem em buscar formas mais efetivas de produção, deslocamentos, relações econômicas, comerciais, envolvendo também a redescoberta da comunicação e de ação de toda a trama midiática que nos envolve. Assim sendo, entende-se que a perspectiva de amorosidade e responsabilidade ecossistêmica, do Amorcomtur,

significa uma contribuição para pensar o Turismo. Quando o ser humano é guiado por bases amorosas e empáticas, a tendência é ampliar a aceitação do outro na convivência e transformar o processo comunicacional e turístico em jornadas que deixam marcas potentes e potencializadoras no sujeito. Nesse sentido, ser acolhido com amorosidade, por pessoas e lugares hospitaleiros, é algo que faz do intercâmbio um período de reflexões interiores e mudanças de atitude para com o próximo.

Assim, partindo do olhar de pesquisadora, mestranda e sujeito que experienciou o processo de intercâmbio internacional, entendo que a amorosidade, presente nas relações do turismo, pode ser um grande sinalizador de desenvolvimento sustentável, de vislumbres potencializadores de lugares e sujeitos, a partir da relação ética e cuidadosa. Desse modo, também pode gerar inflexão, no sentido de melhoria da avaliação de determinados destinos turísticos. Essa mesma abordagem aparece também no turismo de Intercâmbio, que envolve viagens direcionadas para a busca de novos conhecimentos, experiências e relacionamento com culturas diferentes.

3.1.2 Turismo de Intercâmbio

Para avançar o conhecimento nesta pesquisa, vale lembrar que a experiência do sujeito 'entre mundos', tem uma história que vem sendo associada ao que se convencionou chamar de Turismo de Intercâmbios. Assim, é importante abordar alguns aspectos da história do Turismo de Intercâmbio, o qual, conforme o Ministério do Turismo do Brasil (2010), é um segmento da grande área do Turismo, intitulado "Turismo de Estudos e Intercâmbio" (BRASIL, 2010, p 10). A segmentação é distinguida a partir da demanda, ou seja, com base na identificação de grupos de consumidores com características distintas. Conforme Panosso:

Existe, na atualidade, um processo contínuo de segmentação da demanda turística que determina a aparição de grupos (nichos) de usuários de serviços turísticos, reunidos de acordo com suas características, preferências, nacionalidades, nível cultural, gosto e na

experiência pelo viajar- adquirindo a chamada cultura de viagem.
(PANOSSO, 2009, p.20)

A segmentação tem sido a opção estratégica, em termos operacionais, para objetivar a construção de uma infraestrutura da oferta dos destinos turísticos. Não se trata de uma contradição, no sentido de negar o caráter ecossistêmico, que orienta este trabalho. Apenas se reconhece a deriva histórica e a indicação do segmento, com implicações na operacionalidade da ocorrência do intercâmbio. Nesse sentido, portanto, há o segmento de Turismo de Estudo e Intercâmbio. Sua grande importância referida encontra-se na troca cultural que o intercâmbio permite ao viajante: a promoção da cultura de paz e a promoção do país no exterior, já que os turistas desse segmento em geral disseminam as experiências vivenciadas em seu país de origem. (BRASIL, 2010, p. 13).

A palavra intercâmbio, desde a sua etimologia, remete à noção de “troca”, segundo Dicionário Michaelis³². Conforme Tavares (2007), o termo engloba a troca de produtos, a permuta, a troca de experiências, troca cultural ou, mesmo, comercial. Intercâmbio também pode ser considerada a existência de relações comerciais, culturais e educacionais.

Os primeiros estudos, relacionados à mobilização de jovens em busca de conhecimento, ocorreram no século XVIII, quando os filhos de nobres e comerciantes europeus, eram direcionados a experienciar o *Grand Tour*. Conforme Barretto (2000), essas viagens dos jovens da classe nobre eram acompanhadas por seu tutor particular. O objetivo principal era proporcionar experiências internacionais aos jovens, para se prepararem para exercer as suas funções profissionais e sociais, com uma maior autonomia, na volta ao seu local de origem.

Para Salgueiro (2002), o objetivo do Grand Tour estava totalmente conectado com a História. Justamente por esse motivo, a principal rota contemplava Paris e cidades italianas como Roma, Veneza, Florença e Nápoles. Conforme o autor, a partir dessas expedições, era possível visualizar a teoria na

³² Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/intercambiar/>. Acesso em: 12 dez. 2020

prática: “[...] verificar in loco os monumentos que se conhecia até então apenas de ouvir falar, de ler nos diários de viagem dos outros, ou de ver em livros de estampas que iam surgindo nos principais pólos culturais europeus.” (SALGUEIRO, 2002, p.300).

Conforme Gastal e Kroeff (2004, p.6), “os intercâmbios culturais iniciaram após I Guerra Mundial, com objetivo de fomentar o entendimento e a reconciliação dos países e culturas recém saídos do conflito”. Importante percepção também alinhada aos interesses históricos das nações. Posteriormente, com a consolidação da Revolução Industrial, o turismo de estudos tornou-se global. Através da disseminação das agências de viagens e a evolução dos meios de transporte, em meados do século XX, o Turismo de Estudos e Intercâmbio foi se popularizando e se tornando uma prática de aprendizagem e qualificação mais acessível a outras camadas sociais.

Dessa forma, mais recentemente, o Ministério do Turismo delimitou o conceito do Turismo de Estudos e Intercâmbio, com base na motivação por atividades e programas de aprendizagem, que podem promover o desenvolvimento pessoal e profissional por meio das vivências interculturais: “Turismo de Estudos e Intercâmbio constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional” (BRASIL, 2006, p. 19).

Apesar de ser uma prática muito antiga, o turismo de intercâmbio tem se tornado cada vez mais dinâmico. Conforme Di Doné e Gastal (2012, p. 2), “o intercâmbio cultural é a experiência que leva sair de seu país de origem, para, em outro lugar, aprender sobre sua cultura, hábitos e idioma, dentre tantas outras possibilidades de conhecimentos”. Percebe-se, assim, que a busca por essas viagens, na atualidade, normalmente tem como objetivo a troca entre as culturas de origem e destino. Para Sebben (2011, p.34), “a ideia central dos intercâmbios não poderia ser puramente de estudos, mas, mais do que isso, de mudança de si mesmo”. Daí também a relação com a desterritorialização, que será abordada posteriormente.

Partindo para a análise de números, confirma-se que o segmento tem crescido e potencializado a economia mundial. Segundo a UNESCO, em 2003, já existiam mais de 100 milhões de estudantes de ensino superior no mundo. Destes, 2,7 milhões estavam matriculados fora de seus países, e a previsão para o ano de 2025 era de aproximadamente 8 milhões de estudantes em mobilidade no exterior.

O número de estudantes que buscam qualificação em outro país é visivelmente crescente. Para Belta (2019), “a quantia total movimentada pelo setor de intercâmbio no ano de 2018 foi de 1,2 Bilhão de dólares, ainda que isso ocorreu mesmo em um ano de crise econômica e de instabilidade política.” A associação ainda afirma que os números de 2019 chegaram a 1,3 bilhão de dólares, o que representa um crescimento de 5,86% em comparação a 2018.

Ocorre que, assim como outros setores, com a chegada da Pandemia do Coronavírus, o setor de intercâmbios teve uma drástica queda, a partir de março de 2020. Belta (2020) informa que cerca de 90% dos estudantes aguardam a liberação de entrada no país de destino para investir num intercâmbio pós-covid. Aqui abordam-se, principalmente, os casos de pessoas que ainda pesquisavam opções de intercâmbio e acabaram por adiar seus planos, em virtude da situação de calamidade mundial.

As primeiras doses da CoronaVac, vacina contra a covid-19, chegaram ao Brasil em novembro de 2020. Foi um momento de esperança; ainda em novembro 120 mil doses de ‘esperança’ foram aplicadas em brasileiros. A problemática, no entanto, foi a resistência por parte de uma parcela da população brasileira que se negou a vacinar-se. Essa ação provocou (e ainda provoca) um grande atraso na superação da Pandemia no Brasil. Visualizando esse fato, Maura Leão, presidente da Belta, comenta que “[...] embora os estudantes continuem otimistas é importante estarmos atentos ao número de casos de Covid-19 X vacinados no Brasil, no momento, as fronteiras estão fechadas para nós, mesmo em países que já estão abertos.” (BELTA, 2020).

Conforme apresentação dos dados fornecidos pela Associação de Agências de Intercâmbio (BELTA) percebe-se que o setor de intercâmbios movimenta uma

significativa porcentagem do capital do Turismo. Há, no entanto, múltiplos fatores a serem considerados, além da abordagem do fenômeno em relação ao setor econômico. Essa multiplicidade de fatores é percebida, já que a visão do Turismo, neste estudo, está alinhada com a Complexidade. Conforme já referido, compreende-se o Turismo como movimento de pessoas, na sua Dimensão Trama, ou seja, entende-se que essas pessoas são Sujeitos Complexos, em processos de transversalizações existenciais.

Na presente pesquisa admite-se que o Turismo de Intercâmbios é agenciado pelo capital, mas, também vem se reinventando e buscando modos de se autopoietizar. Neste sentido, percebe-se que as próprias relações econômicas e de poder estão se alterando, para não serem substituídas. Muitos pesquisadores criticam o sistema capitalista, observando as consequências sociais, ambientais, políticas, climáticas, financeiras, entre outras. Vale ressaltar aqui, que o que se questiona não são as relações econômicas em si, já que elas também constituem naturalmente a grande trama da vida, na sua razão intrínseca, de preservação de recursos. Questiona-se, no entanto, a super valorização do capital, em detrimento de outros valores, fundamentais para a vida e a sobrevivência do planeta. Além disso, os recursos precisam ser preservados considerando o ecossistema todo e a convivência multiespécie.

Desse modo, fica claro que a discussão da área do Turismo envolve muito mais questões do que as implicações econômicas, ainda que elas sejam importantes. Percebe-se, também, essa evidência no Turismo de Estudos e Intercâmbio. Conforme a UNESCO (2003, p. 180), em sua publicação sobre a internacionalização na Educação Superior: “o intercâmbio recíproco de estudantes e o desenvolvimento de currículos conjuntos, assim como os programas de graduação dupla, possibilitam também integrar princípios de cooperação entre universidades e estudantes”.

Outro dado é que todo o processo de intercâmbio, cooperação e conexões ‘entre mundos’ ocorre com a presença de dispositivos tecnológicos, como aplicativos que auxiliam o viajante que busca experiências cooperativas. É o caso, por exemplo, das possibilidades existentes para muitos turistas, que buscam

experiências alternativas de hospedagens, como o *Airbnb*³³, que oferece quartos, cômodos ou, até mesmo, uma casa inteira para alugar na temporada desejada. Também o *couchsurfing*³⁴, a partir do qual os moradores oferecem gratuitamente seus sofás ou espaço para pernoite, aos viajantes.

O *Hostelworld*³⁵ também ganhou espaço nesse processo de cooperação. Trata-se de um aplicativo que oferece 36 mil opções de hospedagens em hostels (ou outras acomodações de baixo custo), em mais de 6 mil destinos. Hostelworld é apenas um de muitos aplicativos para reservas de Hostels, hospedagem alternativa e mais econômica, que ganhou a atenção dos viajantes. Sobre a temática, Thomazi (2019, p. 14) comenta: “O hostel, além de ser uma acomodação de baixo custo, é um local que promove uma experiência diferenciada de hospedagem, com ambientes compartilhados, onde é possível conhecer diferentes sujeitos.”

Além dos aplicativos que auxiliam os viajantes, vale destacar o papel das redes sociais, que fazem parte da trama turístico-comunicacional. Exemplo disso são perfis no Instagram, com um número expressivo de seguidores: @viagemeturismo, com 734.6 mil seguidores, @vamosparaonde com 440 mil seguidores, e exemplos internacionais, como perfil @TravelandLeisure, que possui mais de 3.5 milhões de seguidores. Além da conta no Instagram, possuem um site, com dicas e curiosidades sobre lugares ao redor do mundo.

Os responsáveis por esses perfis de viagens também gravam vídeos, com muitas dicas para mochileiros ou pessoas que pretendem viajar sozinhos. Eles compartilham as dificuldades pelas quais passam e as soluções encontradas, mostrando, aos seus seguidores, muitos contratemplos, mas também os cenários que encontram em suas viagens. Também se destacam contas no Youtube, com aulas de idiomas gratuitas, que são uma ótima opção para preparar-se com o idioma do destino de viagem. É, de certa forma, uma mudança de paradigmas,

³³ Airbnb é um aplicativo para pessoas anunciarem e/ou reservarem acomodações ao redor do mundo. Disponível em: <https://www.airbnb.com.br/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

³⁴ O *couchsurfing* faz parte das novas tendências de Turismo Alternativo e seu slogan é “Hospede-se com Moradores Locais e Conheça Viajantes”. Disponível em: <https://www.couchsurfing.com/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

³⁵ *Hostelworld* disponibiliza reservas em “Hostels, albergues ou pousadas baratas”. Disponível em: <https://www.brazilian.hostelworld.com/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

com base em sinalizadores de cooperação e a expressividade do turismo alternativo.

3.2 COMUNICAÇÃO TRAMA

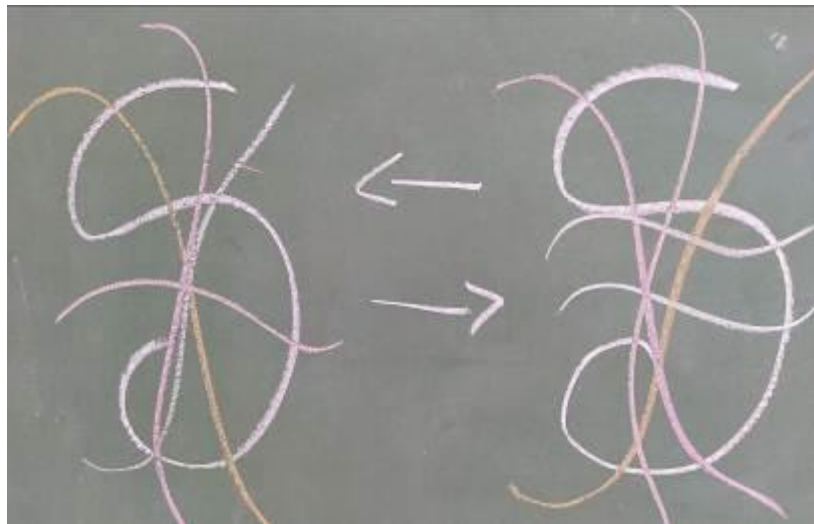
A comunicação, a partir da Dimensão Trama, é exatamente entendida como um emaranhado de significantes e significados, produzidos na interação de sujeitos. Neste processo, a interação dos sujeitos é tão complexa que é composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, sendo uma espécie de trama de saberes compartilhados. Dessa forma, aborda-se a comunicação como um acontecimento, uma teia ecossistêmica, sendo “uma espécie de teia complexa de sistema da vida” (BAPTISTA, 2018).

A abordagem, nessa perspectiva, é desafiadora, porque ultrapassa os esquemas simplificadores de comunicação. Destaca-se que o primeiro contato, com esse modo de pensar, ocorreu durante a graduação. Em diário de pesquisa, há anotações da disciplina de Teorias da Comunicação, durante o Curso de Relações Públicas, na Universidade de Caxias do Sul:

Objetivando facilitar a aprendizagem dos alunos, a professora Maria Luiza desenhou a interação de sujeitos complexos no quadro negro. Lembro-me muito bem deste esboço: a letra S desenhada duas vezes (representando os dois sujeitos, eram eles: emissor e receptor) em cima deles alguns riscos foram feitos, significavam seus saberes pessoais, ilustração presente na figura 2. Posteriormente uma espécie de teia unia eles: era a troca de informação, eles estavam sendo atravessados por complexas “teias comunicacionais”. Assim localizei um apontamento no rodapé do caderno de aula (quando me autorizei escrever pela primeira vez sobre a ideia de trama): “somos baratas tontas”. Anotei essa frase baseada na explicação daquela noite, pois falamos de como o meio comunicacional é caótico. Sendo assim, fica muito difícil armazenar

as múltiplas informações recebidas durante o dia e mais complexo ainda salvar todas elas em nosso arquivo informacional.

Figura 18 - Interação de sujeitos complexos



Fonte: arquivo pessoal da autora (2016)

O relato enriquece a conversa proposta nesta pesquisa. Ajuda a pensar, especialmente a partir da visualidade, pois se entende que os sujeitos complexos são cheios de incertezas. A trama de suas subjetividades interage em um fluxo de informação, muitas vezes contínuo. Nesse processo, recebemos e emitimos informações, que atravessam nossa condição de sujeito e nos modificam. Isso ocorre de tal forma, que saímos do ato comunicacional diferentes ou, no mínimo, com pensamentos e dúvidas distintos daqueles que tínhamos antes do encontro. Resume-se da seguinte forma, o entendimento de comunicação-trama:

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. (BAPTISTA, 2000, p.33-34)

Considerando essa complexidade, neste estudo, enfatiza-se a importância de se estabelecer responsabilidade no ato comunicacional. Trata-se de esforçar-

se para entender o próximo, colocar em prática a empatia e entender que o “outro é tudo aquilo que é não-eu”, assim como trata Baptista (2018). A ética pode ser entendida a partir de Freire (2015), que alerta: “é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro” (FREIRE, 2015, p. 7). Dessa forma, é nesta ética que queremos basear o presente estudo.

A análise que se pretende realizar, com as ações investigativas, envolve a comunicação direta, interpessoal, entre os sujeitos viajantes, e também a comunicação agenciada pela rede midiática, que abrange os meios de comunicação e tecnologias, que permeiam os destinos turísticos. Importante evidenciar que, em todo esse percurso da comunicação-trama, também foi valorizada a abrangência da comunicação e o cuidado com o outro. Assim, comenta Rabelo (2002, p.7): “Mais que o uso diferenciado e criativo de mídias, é importante a revalorização de antigas práticas esquecidas que devem somar-se às novas ferramentas da sociedade da informação.

O termo Comunicação-Trama, portanto, conversa diretamente com esta pesquisa, possibilitando entender como esse processo ocorre, antes, durante e depois do Intercâmbio. Esse processo tem caráter ecossistêmico e complexo; por isso, está pautado pela grande trama deste estudo.

Presente na grande teia, encontra-se a Comunicação, que envolve o fluxo e a partilha de mensagens, existente na própria ‘enxurrada de informações’ que recebemos em nosso cotidiano. Na etimologia da palavra, conforme Dicionário Michaelis³⁶, comunicação é ação de tornar comum, ato de partilhar. Sodré (2001, p.11) também caracteriza comunicação como “[...] ação de pôr em comum tudo aquilo que, social, política ou existencialmente, não deve permanecer isolado”. Assim, como pesquisadora também da área de Comunicação Social, entendo o viés de complexidade e de constante transformação, neste caso, considerando o grande avanço dos meios de comunicação, da tecnologia e, conseqüentemente, das formas de relação interpessoal.

³⁶ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunica%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 09 set. 2020

É preciso compreender, no entanto, que, para cada inovação tecnológica que aderimos, ocorrem alterações significativas no modo como nos relacionamos com o outro. É exatamente pela preocupação com a forma que a comunicação é utilizada que percebe-se os atravessamentos midiáticos como um aspecto importante deste estudo. Inclusive porque a comunicação está sendo considerada em um estudo com intercambistas, o qual trata-se de um viajante que vivencia as experiências com as emoções afloradas. Isso porque ele vive o processo de desterritorialização, o que, muitas vezes, faz com que esse sujeito esteja ainda mais sensível à fala do outro.

Assim, na perspectiva de estudar a Trama de Marcas Turístico-Comunicacionais no Processo de Desterritorialização Desejante de sujeitos 'entre mundos', busca-se interpretar a trama da Comunicação e do Turismo, através da dimensão ecossistêmica, entendendo que o Marketing, as ações de Relações Públicas e de Publicidade, relacionados aos destinos turísticos, fazem parte da viagem e do processo de desterritorialização do viajante. São campos de produção de fazeres, que contribuem para a produção de marcas, diferenciando-os e gerando novos processos, a partir dessas cristalizações inerentes às vivências.

Por esse motivo, considero a comunicação como um fenômeno delicado e intenso, ao mesmo tempo, que requer atenção e cuidado dos sujeitos/organizações envolvidos. *Ciro Marcondes Filho (2016)* defende a comunicação como uma relação, uma ocorrência, um acontecimento. Para ele, a comunicação só faz sentido, se provocar uma mudança no outro que recebe. (MARCONDES FILHO, 2016).

Seguindo a ideia de acontecimento, entende-se, portanto, que a comunicação é um evento, que vai além do mero fluxo de informações. Essa compreensão é possível, porque a comunicação é considerada como trama ecossistêmica. Vale lembrar, aqui, que, conforme *Baptista (2000)*, a comunicação é Trama, porque é composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis e que consiste em um campo de força de encontro de energias. A dimensão trama decorre também do fato de que ocorre entre sujeitos complexos, cada um com seu

universo particular de referências, singularidades e vivências. Nesse processo, para que o processo comunicacional se efetive é preciso que ocorram efetivações, acionamento dos afetos, como fluxos ativos do campo das emoções, que, segundo Maturana (1998) são mobilizações corporais dinâmicas de acionamento dos sujeitos, até mesmo para ações aparentemente mais racionais.

Na visão de Pereira (2011), para existir a comunicação, do ponto de vista dos ecossistemas comunicacionais, é preciso entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; na verdade, é envolvida por um espaço, sendo este, composto por uma rede de diferentes sistemas. A autora ainda comenta que, mesmo que esses sistemas sejam diferentes, eles dependem um do outro para existir (PEREIRA, 2011).

Assim, percebe-se que tudo está interligado na comunicação, ela não é um fenômeno isolado, mas resultante de uma teia-trama complexa, em que estão transversalizados sujeitos, lugares, tecnologias e afetos, como ensina Baptista (2000). Além disso, o que trago de experiência, na graduação e a atuação profissional na área de Comunicação Social, é a necessidade da sensibilidade e da empatia para com o outro, ou seja, também aqui deve prevalecer a amorosidade, como ética da relação, conceito abordado por Maturana (1998). O autor comenta que essa ética representa o cuidado com nossas ações, repensando quais consequências elas têm sobre o outro. Sobre do cuidado com o outro, Baptista (2014) afirma:

Afirmo, nesse sentido, que o amor, a condição amorosa, aumenta a potência do acontecimento comunicacional. Nas condições de reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência, tende-se a construir cumplicidades nos processos de significação que, na sua lógica de acolhimento mútuo – não necessariamente aceitação ou concordância –, possibilitam maior entendimento e realmente afetivação mútua e transformação dos sujeitos envolvidos. (BAPTISTA, 2014, p.104)

Tem-se, assim, o conceito de comunicação-trama, uma abordagem complexa, baseada no acolhimento e que compreende uma série de fatores, que interferem, conduzem e transversalizam todas os processos comunicacionais. Como foi destacado anteriormente, para existir comunicação-trama, portanto, os

elementos integrantes da trama-teia têm que, necessariamente, afetar mutuamente os sujeitos envolvidos, sendo que afetar significa tocar os afetos, mobilizar, transformar, produzir diferença (BAPTISTA, 1999, p. 24). Exatamente por afetar que a comunicação pode causar marcas. No caso deste trabalho, a proposta é apresentar a trama de marcas turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização desejante de sujeito 'entre mundos'.

As marcas comunicacionais questionadas nas ações investigativas são resultantes da troca de mensagem que acontece de sujeito para sujeito, durante todo o processo de desterritorialização do intercambista, ou seja, podem decorrer da interação direta entre sujeitos. Também se considerou relevante, para este estudo, a rede midiática da comunicação, associada aos destinos de viagem, envolvendo meios de comunicação, tecnologias informacionais e a maneira como o sujeito viajante se relaciona com esses meios.

É a partir trama turístico-comunicacional que a pesquisa segue para a trilha da desterritorialização, processo inerente ao turismo, à experiência do sujeito 'entre mundos'. Assim, se faz necessário abordar o processo de desterritorialização do sujeito intercambista, o que será apresentado na próxima trilha.

4 MARCAS

Neste momento a viagem investigativa faz uma conexão na trilha conceitual das marcas. Por isso, o capítulo apresenta uma reflexão sobre as marcas subjetivas, ou seja, aquilo que toca os afetos do sujeito 'entre mundos'. Para tanto, inicia-se pela etimologia da palavra, na sequência, a origem das marcas, sua abrangência na área do marketing e, principalmente, a visão subjetiva das marcas.

A palavra marca deriva do norueguês antigo "*brandr*" que significa "para queimar". No Dicionário Michaelis³⁷, marca é a ação ou efeito de marcar, é um sinal que serve para que se reconheça uma coisa, para distingui-la de outra, para identificar uma função. Também é traço que deixa no corpo uma contusão ou cicatriz.

Na Antiguidade, a marca era algo feito pelo ferro quente, para queimar o gado. Tomiya (2010) cita que o termo *brand* tem origem do *brandr*, que, traduzindo para o Português, significa queimar. "Marcas eram (e ainda são) a maneira de os donos de rebanho identificarem seus animais para demonstrar posse" (TOMIYA, 2010, p.25). Posteriormente, as marcas entraram nos processos comerciais, estando presentes desde os primeiros modelos de produção. Da mesma forma como o ferro quente que queimava o gado, no comércio, a marca estava inserida para diferenciar os produtos. Nesse sentido, torna-se importante o resgate do conceito de marca e seu percurso no sistema capitalista, para, posteriormente relacionar com a especificidade de significação inerente a este estudo.

A respeito do sistema capitalista, Kotler (2015) afirma que o mesmo surgiu com a ruptura do sistema Feudal, o qual era baseado na servidão entre senhores e servos. Desde então, o capitalismo promoveu uma riqueza custeada pela exploração da mão de obra e a formação de grandes monopólios industriais. Entende-se que produziu abundância e ostentação, para grandes empresários e, concomitantemente, trouxe escassez e miséria para a maioria da população. Assim, conforme Philip Kotler, em seu livro *Capitalismo em Confronto*: "No melhor

³⁷ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/marca/>. Acesso em: 11 nov. 2020

dos casos, o capitalismo é acionado por individualismo, ambição, espírito competitivo e bons sistemas de gestão” (KOTLER, 2015, p. 18).

Corroborando com essa questão, Peneluc (2020, p.2) comenta que “Sob o capitalismo, todavia, a relação ser humano/natureza encontra-se distorcida”. O autor ainda complementa que, nesse modo de produção, a sociedade se organiza a partir de um sistema de propriedade primordialmente excludente, o que resulta em uma relação social de dominação e de exploração.

Recorda-se, neste momento da pesquisa, apontamentos de Tavares (1988), pois a autora faz uma crítica ao sistema capitalista, referindo alguns dos fatores resultantes desse período: “a acumulação da riqueza, o desperdício, o consumo conspícuo, as desigualdades e os desequilíbrios são as marcas registradas da história do capitalismo.”. (TAVARES, 1988, p. 10). O consumo exacerbado levou a sociedade ao capitalismo exacerbado, acompanhado da comunicação de massa, a qual foi utilizada para alienar cada vez os consumidores, tratando-os como um alvo. Estratégias comunicacionais capitalísticas que colocaram – e ainda colocam – o capital como orientação maior.

Quanto à alienação do receptor da Comunicação Social, algumas abordagens mais recentes, como os textos de Marcondes Filho (2016), por exemplo, auxiliam no sentido de perceber a complexidade do processo, já que a mensagem comunicacional se relaciona com cada sujeito de forma particular. Isso porque cada sujeito é composto de sua própria trama, conforme comenta Baptista (2014b). Assim, é necessário estar atento à subjetividade existente no processo comunicacional, já que esse processo ocorre entre sujeitos complexos:

[...] cada sujeito é uma 'mistura' singular de informações, vivências, características em geral, sensações, ainda que, no caso de sujeitos do mesmo grupo, por exemplo, haja a coincidência destas influências. E é esse sujeito, mutante, em constante autoprodução que se considera como tendo qualidades ou praticado ações, que se relaciona a partir dos fluxos comunicacionais (BAPTISTA, 1999, p. 23).

Dessa forma, este estudo parte do reconhecimento de que qualquer mensagem que entra em contato com o sujeito conecta-se com uma trama existencial, constituída por múltiplos universos significacionais de referência

sobrepostos. É nesta trama que a mensagem adquire significado ou não. Portanto, nesse processo, há a possibilidade de ocorrer a marca, seja ela positiva ou negativa, ou mesmo resultado de uma ambivalência recursiva entre estes pólos. Sendo assim, percebe-se que o sujeito não é meramente submisso ao que lhe é exposto. O julgamento de valor acontece a todo momento, mesmo que ele não se dê conta disso, mesmo que não seja produzido de modo consciente.

A trama existencial dos sujeitos 'consumidores' segue sendo preocupação de Departamentos de Marketing e em todo o processo de criação, consolidação de manutenção do posicionamento de Marcas. A partir das mudanças da contemporaneidade, as organizações percebem que as empresas que cresceram nos séculos passados, baseadas somente em seus próprios interesses, atualmente perdem espaço no mercado. A proposição de gerar influência em públicos-alvo chegou a um limite, porque a trama social atingiu alto grau de complexidade, com a ampliação do jogo de oferta e procura, em função da globalização e dissolução de fronteiras comerciais.

Assim, inicia-se a percepção de que, para efetivamente comunicar-se com o consumidor, a publicidade precisa alinhar-se com as emoções do sujeito. Só assim é possível afetar e afetivar, no sentido de tocar os afetos. A evolução das marcas encontra-se “[...] no sentido de que as organizações podem ampliar suas estratégias de relacionamento com a sociedade. Sair da zona de conforto, significa também, buscar novas estratégias: Uma nova missão, que ultrapassa muito a ideia de apenas lucrar” (BERNARDO; BAPTISTA, 2019, p.110).

Com pequenos avanços, atravessando uma imensidão de teorias que visavam apenas o lucro, surgem autores repensando a forma comercial. É o que se verifica também nos estudos de Philip Kotler, pois o autor direcionou todos os seus estudos para entender e conquistar o público comprador. Suas obras mais recentes, no entanto, se aproximam muito de uma relação baseada no acolhimento do consumidor:

Em um mundo confuso, eles buscam empresas que abordem suas mais profundas necessidades de justiça social, econômica e ambiental em sua missão, visão e valores. Buscam não apenas satisfação funcional e

emocional, mas também satisfação espiritual, nos produtos e serviços que escolhem. (KOTLER; KARTAJAYA; SETIAWAN; 2010, p. 16).

Já Roberts (2005), no livro “Lovemarks: o futuro além das marcas”, associa emoção e paixão à marca: “As marcas foram desenvolvidas para criar diferenças entre os produtos que corriam o risco de não serem vistos, como certas pedras no meio do cascalho” (ROBERTS, 2005, p.30). Para se diferenciarem, as marcas objetivam tocar o sujeito. Reforça-se, aqui, então, como de suma importância, as mensagens que produzem afetividade, ou seja, acionam os afetos.

Afetividade, portanto, é essencial nesta dissertação, por marcar o sujeito. Para Baptista (2019), as ações que afetam, são ‘afetiv(ações)’, ou seja, tocam os afetos. São ações transversalizadas de intensidades e geradoras de energia. Também podem ser consideradas como “[...] agenciamento de forças e fluxos, que proporcionam intensidade, renovando a potência dos territórios existenciais e, ao mesmo tempo, dos universos de referência incorporais, das linhas de fuga, dos fluxos de renovação da vida”. (BAPTISTA, 2019, p.64). Assim também corrobora Luis Carlos Restrepo (1998), em relação à caracterização dos laços e afetos: “O que nos caracteriza e diferencia da inteligência artificial é a capacidade de emocionar-nos, de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos que nos impactam.” (RESTREPO, 1998, p.18).

A partir da visão desta pesquisa, percebe-se que as afetiv(ações) são imprescindíveis, no que diz respeito à trama de marcas turístico-comunicacionais. O sujeito pode ser acionado por uma publicidade, um produto, uma experiência, uma viagem, ou qualquer situação; no entanto, só ficarão marcadas as situações que tocarem seus afetos e emoções, que produzam inscrições não só na sua mente, mas como no seu coração, na sua dimensão de sujeito trama-complexo.

Martins (1999), em seu livro “a natureza emocional da marca”, aborda as associações que o sujeito faz, em sua mente, relacionando uma marca com suas emoções. Em termos de conceito: “a marca é um símbolo de distinção, algo que se torna relevante para nós de alguma maneira. Muito mais do que um nome memorizado.” (MARTINS, 1999, p. 69). O autor ainda cita que, cada vez mais, a ciência aprofunda-se no lado emocional das decisões do sujeito. A mercadoria

ainda pode ser considerada algo frio e racional; no entanto, a marca é algo capaz de se sobrepor a isso tudo.

Percebe-se que, para acontecer essa distinção das marcas, elas precisam levar valor para o consumidor, o qual poderá se identificar com a sua proposição. Conforme Kotler (1999, p.233):

Uma marca é um nome, termo, sinal, símbolo ou desenho, ou uma combinação dos mesmos, que pretende identificar os bens e serviços de um vendedor ou grupo de vendedores e diferenciá-los dos concorrentes. Um nome de marca é aquela parte da marca que pode ser pronunciada ou pronunciável.

Os autores abordam a questão da concorrência e a necessidade da marca, para uma empresa se sobressair, mas, além da competição de mercado, é relevante entender o próprio consumidor. Philip Kotler (2017) apresenta tendências do marketing 4.0, compreendendo a visão do sujeito complexo. Assim, afirma: “observamos consumidores transformando-se em seres humanos plenos, com mente, coração e espírito” (KOTLER, 2017, p.13). Na prática, consumidores sempre foram assim. Considerando os estudos de Kotler, no entanto, a afirmação do autor sinaliza para a percepção do marketing contemporâneo, no sentido da dimensão humana e complexa do consumidor, e não só a visão do sujeito a ser alvejado por ser público-alvo do capital.

Nesse sentido, emerge o conceito de Sujeito-trama, proposto por Baptista (2000), numa visão holística, com ênfase na abordagem da Esquizoanálise. O Sujeito-trama é composto de atravessamentos e agenciamentos, constituindo-se de muitas marcas em uma trama complexa existencial. Essas marcas são subjetivas e múltiplas. Nesse estudo, são abordadas as marcas do Turismo e da Comunicação, que correspondem às próximas trilhas de problematização. Entre os estudos que fundamentam esta investigação está a proposta “com-versar lugares e sujeitos” (BAPTISTA, 2020). Então, os processos do turismo podem deixar marcas no sujeito, no sentido de conexões com o próprio lugar e também em cada episódio da viagem. Do mesmo modo, o sujeito deixa marcas no lugar e o transforma sempre, ainda que essa transformação muitas vezes seja

aparentemente sutil. O certo é que cada presença, cada visitante, cada turista altera o ecossistema e inscreve, ali, marca de sua passagem.

Já em relação à Comunicação, percebe-se que as inscrições e as marcas também são múltiplas, envolvendo desde o contato interpessoal, sejam outros turistas ou também moradores locais, até o contato com a trama de mensagens midiáticas. É o que se pretende abordar nas próximas trilhas, a ampliação da proposição de marcas turístico-comunicacionais.

5 DESTERRITORIALIZAÇÃO DESEJANTE ‘ENTRE MUNDOS’

A proposta do presente capítulo é abordar a desterritorialização desejante ‘entre mundos’, envolvendo, assim, o processo de transversalização desejante de movimentações entre territórios, por parte do intercambista. Comenta-se a respeito da lógica processual, inerente ao percurso de deslocamento e adaptação/acoplamento na experiência de intercâmbio internacional. O capítulo também trata de ampliar os conceitos em conexão com a noção de autopoiese, pois a vivência de desterritorialização do sujeito se mostra, também, com um potencial de reinvenção de si e dos outros.

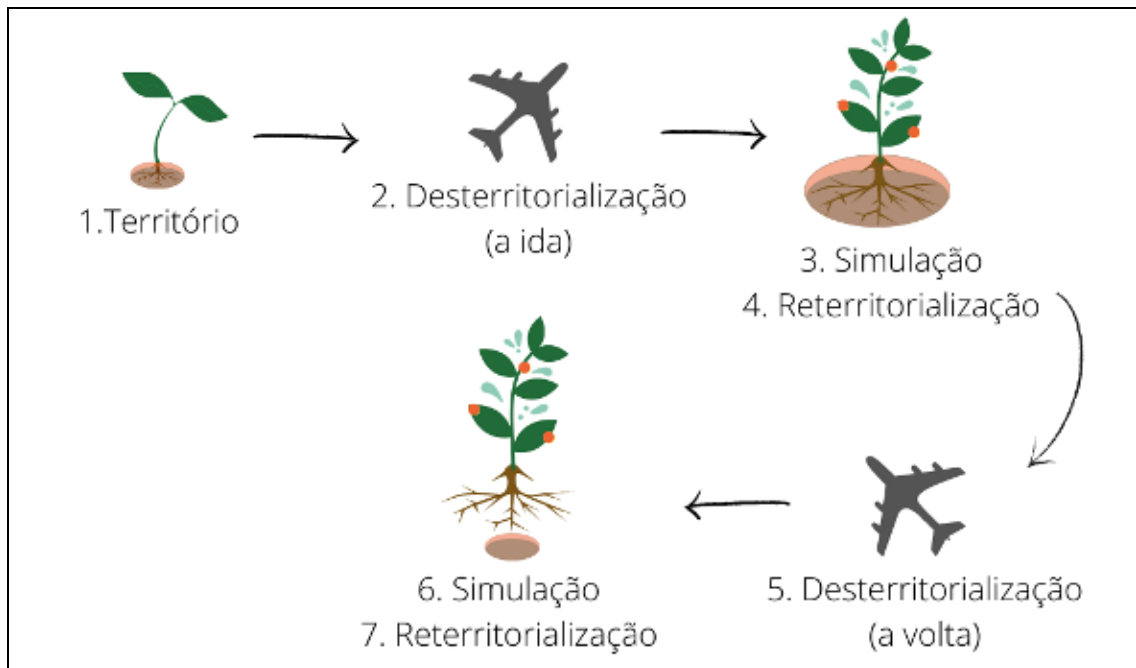
A desterritorialização, portanto, é vivida pelo sujeito ‘entre mundos’ como um processo contínuo de desdobramentos do desejo e da condição espontânea de sua condição humana. Para iniciar, é importante entender que, ao viajar, o sujeito exercita a desterritorialização por desconectar-se de seus territórios existenciais e “aterrissar em território estranho”. Nesse sentido, ele precisa exercitar o olhar, reconectar-se consigo próprio e preparar o próprio ‘território interno’ para o que está por vir.

O embasamento para este assunto vem de Deleuze e Guattari (1997) e Baptista (2014, 2016). Entende-se o processo de desterritorialização, portanto, com base na Esquizoanálise, como processo complexo de acionamento do movimento desejante e de transformação dos sujeitos. Na lógica dos movimentos do desejo, o percurso envolve uma tríade de múltiplos níveis de complexidade. Trata-se da Desterritorialização – Simulação – Reterritorialização.

Estes três movimentos do processo de desejo e as suas dobras, corresponde ao chamamento no sentido de entender que esses processos podem ocorrer no plano físico, material, geográfico, mas na lógica esquizoanalítica, devem ser lidos com lente expandida, para as dimensões do afeto, das emoções e diversas implicações da produção da subjetividade. Assim, a produção de uma visualidade tem apenas a intenção de representar, sinteticamente, algo que, na vivência, tem múltiplos níveis de complexidade. Trata-se de um esforço para

facilitar a compreensão, de um processo complexo que se desenvolve segundo a lógica caosmótica, rizomática e dissipativa.

Figura 19 - Esboço Processo de Desterritorialização Desejante 'entre mundos'



Fonte: produzido pela autora (2021)

Na figura apresentada a planta representa o viajante, o qual realiza um processo composto por seis momentos-platôs (planos de intensidades contínua). O objetivo deste esboço, na verdade, é tentar tornar mais visual o processo de Desterritorialização Desejante caracterizado na Esquizoanálise. Assim, explica-se: o sujeito inicia o processo no território de origem, o número 1, portanto, refere-se a tudo que antecede a viagem. Já na sequência, vem a desterritorialização em si, no momento 2, que se trata do deslocamento, em si, em que o sujeito 'perde o chão de si mesmo', soltando-se do território original. Vale ressaltar, contudo, que o processo não se resume apenas em sair do território. A desterritorialização desejante ainda compreende um terceiro momento-platô, que é a simulação, quando o sujeito chega ao lugar de destino e começa a ensaiar a adaptação, a esboçar os primeiros acoplamentos. Este processo, por sua vez, representa 'os

primeiros tempos', ou seja, depois da chegada, há os estranhamentos, a convivência e as primeiras percepções do lugar e da cultura.

O tempo vai passando e a vivência do sujeito aponta então para a reterritorialização (ilustrada no momento 5) que corresponde ao processo de se sentir em casa, de se enraizar. Há uma sensação de pertença e identificação com o lugar, onde o intercambista consegue fazer comparações e estreita sua relação com a cidade.

Logo inicia a 'dobra' deste processo de desterritorialização. Isso porque o local de destino já se tornou território e quando o sujeito se dá conta já chegou o momento de retornar. Assim, o processo se inicia novamente. Na figura 19 os esboços 5, 6 e 7 representam o retorno e a tentativa de se adaptar novamente ao local de origem. Inerente ao processo de desterritorialização há marcas da trama subjetiva da experiência 'entre mundos': as raízes. Ilustradas na figura anterior, as raízes da planta são as brotações do sujeito viajante.

Entende-se, portanto, que há diversos processos de transformação do sujeito em uma viagem. Conforme Baptista (2020, p.49): "Com o turismo, tudo se movimenta e se transforma, ao mesmo tempo que o movimento de desterritorialização, em si, autopoietiza (reinventa) sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas". Então também há uma continuidade no processo de autopoiese e transformação do sujeito.

Percebe-se, então, que a vivência de desterritorialização tira o sujeito da sua condição natural de ser acoplado com seu nicho ecológico e o coloca na dimensão 'em movimento'. Essa ação desejante, por sua vez, acontece no deslocamento físico e psíquico que o processo provoca, em um fluxo complexo e subjetivo de transformações de si mesmo. Ressalta-se, ainda, que desterritorializar é o processo de saída do território de origem do sujeito, lembrando que se entende o território a partir da Esquizoanálise, ou seja, não restrito a uma lógica geográfica marcada espacialidade.

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de

investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 232)

. Refletindo a partir da palavra desterritorialização, pode-se lembrar que, na Língua Portuguesa, o prefixo “des” conota “separação, ação contrária”. Assim o ‘des’ expressa aqui desconectar-se do território, perda do território, em certo sentido. Isso ocorre, porque, ao se tratar de processo subjetivo, há um soltar-se do apego ao território, no movimento, no deslocamento, sem que esse território existencial deixe de aparecer no sujeito e constituí-lo, por onde quer que vá. Trata-se de um mundo que permanece coexistindo com outros mundos que vão ser encontrados.

Baptista (2016) comenta que o termo território representa algo maior que uma delimitação geográfica física. Território pode se referir, assim, ao território subjetivo ou a uma concepção mais ampla, no Turismo, de universo existencial, que se diferencia de espaço. Segundo a autora: “Território é a configuração de limites, mas também de confluências, de mundos que se aproximam e, no esforço do mundo da vida, vão tentando se desenhar um e outro, tentando saber o que é de um o que é de outro”. (BAPTISTA, 2016, p.14)

A desterritorialização, neste caso, pode resultar a criação de outro território, inclusive no pensamento do sujeito, envolvendo uma mudança de hábitos particulares ou de ações específicas. Félix Guattari e Suely Rolnik (2000) ainda nos alertam para o fato de que o sujeito pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. “A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente” (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 323).

Identifica-se a dissolução parcial de territórios originais, ao menos de seus acoplamentos estruturais, a cada mutação que o sujeito enfrenta em sua vida, seja ela na viagem específica ou simplesmente no decorrer das trocas de saberes. Portanto, a desterritorialização de que tratamos nesta pesquisa é processo de representa o desapego totalizante a territórios existenciais criados nas sociedades, numa lógica processual, que pode gerar sua reterritorialização.

Para Haesbaert (2014), a desterritorialização se dá, em um primeiro sentido, como diminuição ou enfraquecimento das fronteiras, com aumento da fluidez e mobilidade de pessoas, bens, capitais e informações. A discussão proposta por esse autor nos remete a noção de multiterritorialidade, que talvez possa nos ajudar a compreender a condição do sujeito entre mundos. Assim, a desterritorialização é marcante porque aciona um processo que vai marcar o sujeito 'para sempre', que o direciona para a condição 'entre – mundos', em termos subjetivos, em constante multiterritorialidade processual, ainda que com diferenciações nos diferentes movimentos do desejo – desterritorialização, simulação e reterritorialização.

É comum a associação da desterritorialização com o migrante. Neste caso, pode ocorrer uma desterritorialização relativa, pois a mobilidade do migrante é controlada e direcionada. Além disso, a desterritorialização também agrega o sentido de des-vinculação e reterritorialização, devido à presença ou ausência de “base física minimamente estável para sobrevivência do grupo, acesso a direitos fundamentais de cidadania no território nacional, identidade sociocultural com espaços específicos e referenciais simbólicos” (HAESBAERT, 2014).

Assim, lembrando a trilha da comunicação-trama, percebe-se que o sujeito-trama, complexo e ecossistêmico, de que falamos, é também sujeito 'entre mundos', denominação utilizada neste estudo, para fazer referência ao turista intercambista. Trata-se de um turista em processo de desterritorialização de seu mundo de origem e reterritorialização em outro lugar, com outra cultura, outras pessoas e outro idioma. A abordagem de desterritorialização é uma trilha investigativa que possui o objetivo de compreender o processo de deslocamento, em sua trama complexa subjetiva ecossistêmica, envolvendo os desejos deste turista, em conexão com a pluralidade de elementos que o transversalizam e assim o marcam.

Além disso, todos os atravessamentos que envolvem o viajante são mesclados com as novas experiências e desafios que ele enfrenta no processo de intercâmbio. Silva (2004, p.35) cita que “viajar é uma operação complicada. A maioria dos viajantes só consegue admirar um lugar visitado depois que voltou

para a casa". Também por isso é importante estudar os processos de desterritorialização, simulação e reterritorialização.

Assim, desterritorializar quer dizer perder-se de si mesmo, ter acionado agenciamentos no sentido de interiorizar e perceber o que é necessário abandonar, que movimentos produzir. Conforme Baptista (2016), trata-se do processo de desacomodar-se, a ação de saída do território de si mesmo, em busca da potência do desejo rumo ao prazer, no caso, decorrente da busca de 'outros mundos'. Então, o intercambista sai da zona de conforto e do território existencial para viver o risco, o incerto que também lhe traz vantagens. Assim Baptista (2016, p.14): "desterritorializar também é uma promessa, uma potência de conquista de outras condições, que, diga-se de passagem, são produzidas pelo próprio sujeito, pelo modo como lida com o movimento da viagem entre um território e outro".

Particularmente, meu processo de desterritorialização ocorreu durante o intercâmbio e foi resgatado no decorrer da sistematização dos saberes pessoais, uma das trilhas percorridas para a realização desta produção. Até mesmo antes de iniciar essa viagem investigativa, houve um esforço, nesse sentido, com a produção do diário de bordo.

O processo de desterritorialização não se trata apenas de viver um intercâmbio ou viagem, não se restringe ao 'durante'. Pode ser percebido desde os primeiros planos: desde aquela busca incansável na internet, imaginando-se na imagem do destino turístico. Há antecipações imaginárias que nos remetem às condições climáticas, à cultura e à vivência que já espera experienciar no local de viagem.

5.1 'SUJEITO ENTE MUNDOS'

Compreende-se o sujeito 'entre mundos' em sua trama existencial. Sendo sujeito complexo, possui também diversas incertezas, ao aventurar-se por um destino turístico desconhecido, formado também de uma trama de subjetividades

e de um fluxo de informação contínuo. Assim corrobora Marutschka Martini Moesch:

O sujeito turístico emerge ao mesmo tempo em que o sistema turístico. Emerge desde o ponto de partida sistêmico, onde há traços próprios dos seres humanos (comunicação, diversão, imaginário ente outros) são incluídos no objeto máquina. Emerge, assim, a partir da auto-organização, quanto autonomia, individualidade, complexidade, incertezas, ambiguidades, as características próprias do objeto turístico, quando o termo “auto” leva em si a raiz da subjetividade. (MOESCH, 2004, p. 472).

Considera-se que o intercambista é agenciado, principalmente, por desejos subjetivos, que podem ser vários, conforme Beni (2008) esclarece: “Bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos, sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios”. (BENI, 2008, p.37)

O intercambista é um ser em constante mutação, em decorrência do processo de desterritorialização desejante. Ele conhece novas culturas e vive uma troca de saberes constantes. Os desafios encontram-se por todo o caminho: no momento em que se vê perdido (seja literal ou subjetivamente), no relacionamento interpessoal, nas aulas, nos atravessamentos midiáticos e na percepção de que tudo está conectado. Assim Thomazi (2019) cita: “um ser depende do outro, para a sobrevivência, como um todo.” Entende-se, assim, que as relações de sujeitos em movimento, em viagem, também devem ser vistas como fenômeno sistêmico e complexo.

As incertezas e ambiguidades, portanto, fazem parte do percurso do intercambista e revelam o quanto ele - enquanto sujeito ‘entre mundos’ - vive um processo de mutação e que, por muitas vezes, fica à deriva, perdido e solitário, por não ser acolhido em seu destino de viagem. Portanto, para entender como ocorrem as ‘com-versações’ com o lugar, é interessante pensar as marcas do processo de deslocamento.

Assim, entende-se que ‘entre mundos’ é um termo que remete a pensar a ultrapassagem de territórios, limites e fronteiras cruzadas. Existem todas as

conexões existenciais do 'mundo' de origem (família, amigos, universidade, cultura, entre outros) e também o mundo que vai ser desbravado: o desconhecido. Outra reflexão pertinente e que se vincula ao termo, é "que mundo é esse que almejamos encontrar"? Dessa forma, o processo da viagem ocorre para o sujeito se conhecer melhor, inclusive no momento em que o intercambista busca conhecer o mundo, muitas vezes descobre muito sobre seu mundo interno. 'Entre mundos', portanto, é um desafio para desvendar os próprios segredos, medos e verdades do sujeito.

A cada descoberta, o sujeito compreende um pouco melhor quem é e porque está entre mundos. Dessa forma, percebe que os processos turísticos 'entre mundos' são experiências singulares, especiais, que merecem aprofundamento e reflexão. Assim, o sujeito é aquele que desembarca em um novo mundo, que vive o processo de saída do seu território existencial e de deslocamento para outro, distante da sua realidade.

O importante, neste processo, é a trajetória do sujeito e as marcas do percurso. Trata-se de um turista com os sentidos e emoções aflorados, justamente pela vivência dividida entre a realidade do país de origem e tudo que ele conhece do novo lugar: culturas, pessoas, idiomas, lugares, construções e experiências. Também porque essa experiência não é fugaz, nem tem o caráter mais imediato, como ocorre com a experiência do turista que viaja e volta em ato contínuo. Não. O sujeito 'entre mundos' vai e permanece um tempo, sentindo o encontro com esse outro território existencial.

Este período que o sujeito 'entre mundos' vive, nesta pesquisa, designa-se como Intercâmbio Internacional, o qual promove a ampliação do conhecimento e proporciona a troca de experiências entre sujeitos viajantes. Também existem intercâmbios nacionais, que possibilitam estudar em outra região do próprio país; porém, o interesse deste estudo encontra-se particularmente voltado ao intercâmbio internacional, pois este tipo de deslocamento permite experienciar nitidamente a troca cultura e idioma, ressaltando a intensidade da desterritorialização desejante.

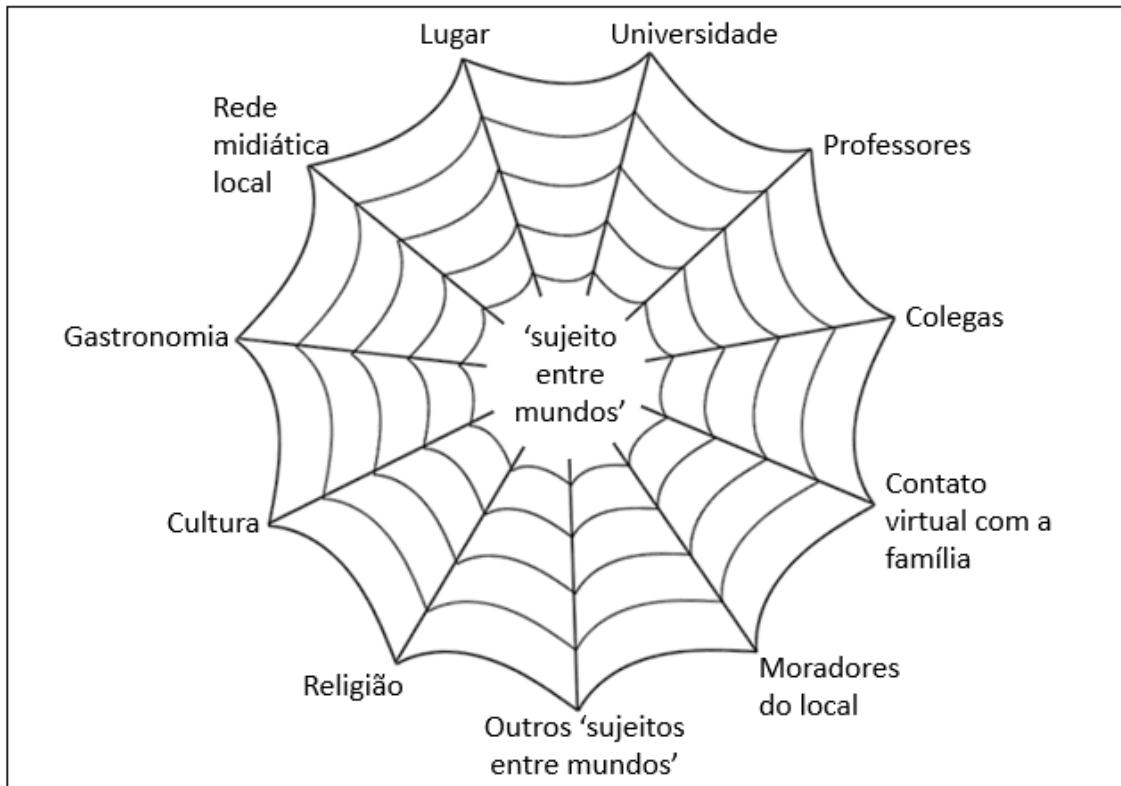
Retomando a abordagem de Turismo de Intercâmbio, recorda-se que este é um segmento muito antigo e pode envolver várias modalidades turísticas. Percebe-se que um dos fatores motivadores do Turismo de Estudos e de Intercâmbio é a troca cultural que este segmento permite. Assim, é que a própria palavra nos conta: conforme Dicionário Michaelis³⁸, o Intercâmbio origina do Latim: *inter* que quer dizer “entre”, somado com *cambiare* que é “trocar”.

Entende-se, assim, que o sentido da troca ocorre entre o viajante que saiu de sua residência e se relaciona com moradores do novo lugar, que trocam também com outros intercambistas, trocam com o próprio lugar enquanto território e também sua cultura, sem perder a própria origem.

Desse modo, o sujeito ‘entre mundos’ mantém inúmeras interações, envolvendo, desde trocas de informações, lembranças, dados e materialidades, como presentes, até mesmo troca de energias, em função de entrar em contato com a complexidade de vivências, experiências e afetos dos outros universos existenciais, dos outros mundos. Assim sendo, as aproximações ‘entre mundos’ podem ser esboçadas através de uma teia (conforme figura 1), justamente por demonstrar que tudo está conectado e que esta experiência é ecossistêmica.

³⁸ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/inter%C3%A2mbio/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Figura 20 - Esboço de trocas do sujeito 'entre mundos'



Fonte: autoria da pesquisadora (2019)

A partir da análise da teia, na figura apresentada, percebe-se que o processo de intercâmbio possibilita uma experiência de novas conexões, ou seja, o sujeito vive aproximações com o lugar, os pontos turísticos, as pessoas, o cotidiano e, assim, se 'mistura à paisagem'. Por outro lado, mantém extremamente viva a conexão com o território de origem: suas raízes, sua família, amigos, cultura, culinária, universidade, trabalho e etc. Traz sua experiência, portanto, para compartilhar sua vivência com outros sujeitos, realizando uma troca de saberes.

5.2 AUTOPOIESE NO PROCESSO DE RETERRITORIZAÇÃO

A experiência de desterritorialização 'entre mundos' remete-se ao próprio sentimento e à visão de mundo, com potencial de rupturas de 'pré-conceitos'. Inclusive isso será investigado profundamente na possibilidade de mudanças de

pensamento durante a viagem de intercâmbio de alguns sujeitos. Sobre a mudanças que se apresentam no interior do sujeito intercambista, é possível estudá-las através da autopoiese, pensada como autoprodução ou reinvenção de si.

A autopoiese é um conceito proposto por Humberto Maturana e Francisco Varela (1997) que atualmente se evidencia nos processos de auto inscrição dos seres vivos, em suas relações e processos produtivos. “Um sistema vivo morre quando sua autopoiese para de ser conservada, através de suas mudanças estruturais”. (MATURANA, 2001, p. 175). Baptista também corrobora com essa ideia:

[...] tem-se a sinalização para o agenciamento da potência de subjetivação, do que põe o sujeito em movimento de inscrição (inscrição-criação e ação) e autopoiese (autoprodução), ou seja, movimento no sentido de produzir sua marca, em ações que o inscrevem, reinventando-o como ‘sujeito que pode’, que tem a potência de realizar algo. (BAPTISTA, 2014b, p.7)

Compreender o fenômeno da autopoiese é importante porque ele nos ensina sobre o caráter intrínseco de acoplamento entre o sujeito e seu nicho ecológico e, também, claro de mutações simultâneas e resultantes desse acoplamento, entre o sujeito e seu ‘mundo’. Desse modo, entende-se a singularidade do sujeito ‘entre mundos’, que tem sua autopoiese marcada pelo processo de desterritorialização, pelas simulações – as tentativas iniciais de adaptação – e a reterritoriação, na sua lógica também processual.

Nesse sentido, se reconhecemos que existe a necessidade de se adaptar ao ambiente, no sentido de ‘viver em coerência’ com o ambiente e que o mundo está em constante mudança, o que nos proporciona grandes transformações, entende-se que todo o ecossistema vivo precisa se autocriar, no sentido de rever suas significações.

Isso significa, simultaneamente, que a trama de marcas turístico-comunicacionais possui uma grande potencialidade para auxiliar na inscrição dos sujeitos ‘entre mundos’, assim como na reinvenção dos mundos envolvidos nos processos de desterritorialização desejante desses sujeitos. Dessa forma, a

respeito do processo de deslocamento, Avena (2008) comenta que a viagem proporciona uma metamorfose no sujeito. O autor ainda evidencia que o viajante é a testemunha: “aquele que viveu lá, aquele que viu o impensável e não pode ser mais aquele que era antes” (AVENA, 2008, p. 78).

Ocorre que o sujeito ‘entre mundos’ se autopoietiza, no processo de desterritorialização: aprende mais sobre si mesmo, se reinventa e cria novas potências através do autoconhecimento. Para tanto, busca referência em elementos da trama comunicacional-subjetiva interna e externa, marcada pela trama midiática e redes de imaginário. O destaque é que o sujeito só existe com seu nicho ecológico, em ocorrências simultâneas decorrentes de operações recorrentes de condutas consensuais.

A autopoiese ocorre no sujeito em acoplamento com o nicho ecológico em uma dinâmica processual em um presente contínuo. Assim, ao mesmo tempo que se o sujeito autopoietiza ocorrem também transformações em seus mundos entrelaçados, a partir de sua experiência de desterritorialização desejante. Por fim, entende-se que este ideal de desterritorialização, para além do sentido geográfico, está entrelaçado com a auto inscrição do sujeito e a saída da sua zona de conforto. Assim, o ‘entre mundos’ trata de viagens não só no contexto visível e, sim, no subjetivo.

6 AÇÕES INVESTIGATIVAS ENTRE MUNDOS

Este capítulo envolve a questão empírica, propriamente dita, desta pesquisa, apresentando as entrevistas realizadas com sujeito 'entre mundos'. Entende-se que, no 'chão de fábrica'³⁹, também ocorrem brotações teóricas que vão compondo a pesquisa, dando conta dos pequenos detalhes que interligam a prática e a teoria. No fluxo do processo de fazer a pesquisa, vão surgindo sinalizações e indicadores interessantes que orientam a sequência de acontecimentos.

Originalmente, no projeto apresentado, estava planejada a realização de 10 a 20 entrevistas com sujeitos entre mundos. Conforma a Cartografia de Saberes foi sendo desenvolvida e guiando a pesquisadora, chegou-se ao número de 15 entrevistas. Optou-se por apresentar, neste item, a preparação da escolha das perguntas, que resultou um quadro de orientações, para o momento de cada entrevista com sujeito 'entre mundos'.

Assim, primeiramente, foram resgatadas orientações do Exame de Qualificação da presente dissertação, retomando os temas importantes a serem questionados no processo de produção do campo. Considerou-se importante dialogar com os sujeitos-entre mundos a respeito dos seguintes temas:

- Caracterização de elementos da história de vida;
- Descrição do momento atual do sujeito;
- Motivações que o levaram fazer o intercâmbio;
- Preparação e expectativas no período anterior à viagem;
- Percepções no processo do intercâmbio, no sentido do que chamou a atenção do ponto de vista da comunicação e do turismo;
- Sentimentos gerados na volta para casa.

³⁹ Expressão utilizada pela orientadora Maria Luiza Cardinale Baptista, para se referir, metaforicamente, ao campo da pesquisa, no intuito de dizer que é o momento de colocar o planejamento em execução. Ela refere que se trata de uma fábrica como usina de produção, na lógica de interações intensas e de acionamento de devires. Fábrica, não no sentido mecânico, mas no sentido de produção autopoietica.

Além deste percurso de seis trilhas, depois da banca de qualificação, optou-se por acrescentar uma trilha: a pandemia do Covid-19. Assim, houve uma adaptação da pesquisa para este cenário de pandemia que acabou afetando os planos e a experiência de intercâmbio de muitos sujeitos. Desse modo, após a listagem dos itens necessários na entrevista, seguiu-se para a construção do roteiro-base de perguntas, que foi sendo lapidado em seminários e reuniões com a orientadora.

Para construir o roteiro de perguntas, primeiro retomamos as ‘Matrizes Rizomáticas’, que foram apresentadas anteriormente. A partir da verificação do equilíbrio fluente da pesquisa, entendeu-se importante a construção de uma matriz específica para validação das perguntas e preparação das entrevistas com intercambistas. Buscando compreender o alinhamento temático das perguntas, com os objetivos específicos, apresenta-se o quadro 7 a seguir.

Quadro 7 - Matriz para Roteiro das Entrevistas

<u>Objetivo geral:</u> Identificar a trama de marcas turístico-comunicacionais e discutir a desterritorialização de sujeitos ‘entre mundos’		
Objetivos específicos	Capítulos da dissertação	Roteiro de perguntas para entrevistas semiestruturadas
Relacionar o pressuposto conceitual trama ao Turismo e à Comunicação;	Capítulo Trama: dividido em Turismo e Comunicação	
Discutir teoricamente a criação de marcas em relação ao Turismo e à Comunicação	Capítulo Marcas	
Caracterizar o processo de intercâmbio de estudantes como experiência de desterritorialização desejante de sujeito ‘entre mundos’.	Capítulo Desterritorialização ‘entre mundos’	1. Localização do sujeito. 2. Narrativa do Intercâmbio. 4. Processo de Desterritorialização. 6. Caracterização do sujeito ‘entre mundos’. 7. Processo de reterritorialização e a Autopoiese do sujeito
Identificar as marcas turístico-comunicacionais a partir de aproximações e ações investigativas com intercambistas	Capítulo Ações Investigativas entre Mundos	3. Trama turístico-comunicacional 5. Pandemia do covid-19

Fonte: produzido pela própria autora (2020)

A partir dessa construção que objetiva responder aos objetivos do trabalho, passou-se para a reorganização das perguntas, de forma que a entrevista fluísse em um ciclo de apresentações e troca de saberes. Dividiu-se o roteiro em sete blocos de perguntas: localização do sujeito, narrativa do intercâmbio, Trama turístico-comunicacional, processo de desterritorialização, pandemia do Covid-19, caracterização como sujeito 'entre mundos' e, por fim, perguntas referentes ao processo de reterritorialização e à Autopoiese do sujeito. Assim, a autora elaborou o seguinte quadro:

Quadro 8 - Roteiro das Entrevistas

1. Localização do sujeito
Nacionalidade
Onde reside atualmente
2. Narrativa do Intercâmbio
Data/período de realização
País de destino
Tipo de Intercâmbio (visto)
De onde surgiu essa ideia?
Como foi o período anterior à viagem?
3. Trama turístico-comunicacional
O que te chamou a atenção do ponto de vista da comunicação?
Como você se informava?
Como foi a sua interação turística?
Cite uma cena que marcou seu intercâmbio.
4. Processo de desterritorialização
Você enfrentou dificuldades no processo de saída do território de origem, deslocamento e chegada no país de destino?
Como foram as primeiras semanas no 'novo mundo'?
5. Pandemia do Covid-19
Você enfrentou dificuldades no processo de saída do território de origem, deslocamento e chegada no país de destino?

A pandemia afetou de alguma forma o seu intercâmbio?
--

6. Caracterização como sujeito 'entre mundos'
--

- Como foi esse processo da separação física da família, ciclos de amizades, emprego, faculdade e o lugar de origem?
--

- Você considera que está vivendo 'entre mundos'?

7. Processo de reterritorialização e a Autopoiese do sujeito

- E o "depois": como é voltar? Quais as dificuldades?

- Você percebe mudanças no seu 'eu interior'?

Fonte: produzido pela própria autora (2020)

Vale ressaltar, ainda, que este é um roteiro-base. Dessa forma, não se trata de um questionário rígido e, por isso, pôde ser alterado no momento de cada entrevista realizada. O roteiro apresentado foi aplicado em entrevistas virtuais, individuais e semiestruturadas. Segundo Thiollent (1987), esse tipo de entrevista é uma estratégia para aproximar o pesquisador do entrevistado. Assim, justifica-se a utilização do roteiro, apenas para direcionar o pesquisador, mas tanto o entrevistado como o entrevistador ficaram livres para acrescentar outros temas, expandir a conversação ou, mesmo, não responder a alguma questão.

Após apresentar a preparação da escolha das perguntas e o quadro de orientações para as entrevistas, o texto a seguir se dedica à apresentação de relatos pessoais da pesquisadora, a partir das falas dos sujeitos que aceitaram 'versar junto' sobre o tema 'entre mundos'. Ressalta-se que 'Com-versar', assim como o termo está escrito, é proposição de Baptista (2018), tendo com inspiração as conversações de Gilles Deleuze, da Esquizoanálise, e as práticas de Conversar, propostas por Humberto Maturana e Ximena Dávila, da Biologia Cultural. Conforme proposto, então, o objetivo das 'com-versações' é identificar os sinalizadores subjetivos de marcas turístico-comunicacionais nas falas, a respeito do processo de desterritorialização dos sujeitos entrevistados.

Dessa forma, a análise de dados foi dividida em dois momentos: primeiro, a construção de 'Relatos de interação entre mundos', que se trata de um texto

corrido de cada entrevista, com as percepções pessoais da entrevistadora. Posteriormente, a separação das principais falas em quadros-síntese, acompanhados da reflexão a respeito das marcas turístico-comunicacionais e vivências 'entre mundos'.

A seguir, são apresentados os 'Relatos de interação entre mundos'. Seguindo a indicação da Cartografia dos Saberes, valoriza-se a interação entrevistado e entrevistador, assim ressaltando que o contato entre pesquisador e o entrevistado nunca é um contato 'extrativista', referindo-se ao conceito de Boaventura de Sousa Santos (2002). Portanto todos os encontros de entrevistados e entrevistador foram pautados pela amorosidade, também no sentido de ir ao encontro, baseada na lógica do acolhimento e da conversação enquanto 'ação de versar junto'.

6.1 RELATOS 'ENTRE MUNDOS'

Este item apresenta os relatos das entrevistas, produzidos pela pesquisadora, em decorrência de cada uma das 15 conexões 'entre mundos'. Após cada entrevista, a mestrandia anotou suas percepções e deixou a escrita fluir, no processo de 'dar vida' ao texto. A presente escrita é redigida em primeira pessoa do singular, em coerência com a subjetividade inerente a esta pesquisa. Reconheço que se trata de encontro entre mundos, também nas entrevistas, mundo da pesquisadora e mundo dos entrevistados. Como forma de identificar os recortes de fala dos entrevistados, eles são trazidos para o corpo do texto em fonte diferente: itálico e fonte 10.

Na sequência de cada relato, é apresentado um quadro-síntese, buscando retomar as marcas do intercâmbio de cada um. Essa análise é realizada desde o ponto de vista turístico, comunicacional, de vivência 'entre mundos' e processo de autopoiese do sujeito.

Vale lembrar que a pesquisadora mestrandia é também 'sujeito entre mundo', pois também foi intercambista. Justamente por esse motivo, as interações com os pesquisados foram marcadas também por diálogos informais, que

permitissem a troca de saberes entre a entrevistadora e os entrevistados. Os relatos evidenciam também a coerência com uma das orientações da estratégia metodológica, Cartografia dos Saberes, que é a valorização do pesquisador no decorrer do processo de produção.

6.1.1 Klasina: Brasil e Holanda

Esta foi a primeira entrevista virtual. A entrevistada reside atualmente na Bélgica, mas conta, principalmente, sobre sua experiência 'entre mundos' na Holanda. Por esse motivo, o codinome escolhido foi 'Klasina', um nome feminino Holandês.

Conheci Klasina em 2014, na cidade de Caxias do Sul. Trabalhamos juntas e apoiamos uma a outra em nossos sonhos. Ela se demonstrou sempre uma mulher determinada, que não mede esforços para conquistar o que quer. Recordo de tê-la visto com as mãos machucadas e calejadas, por trabalhar com peças quentes, na produção da empresa, e ainda fazendo horas extras, sempre que possível. Neste dia, questionei o porquê ela estava trabalhando demais, quando ela me respondeu que eram necessários esses esforços, para, posteriormente, realizar um sonho.

Recordo-me que Klasina já tinha vontade de viajar, desde que a conheci. Inclusive esse foi um dos motivos que a levou a iniciar a graduação de Relações Internacionais.

“Eu sempre tive esse sonho, mas ele veio com mais intensidade quando estava em uma aula da graduação do curso de Relações Internacionais, na UCS, e recebemos a visita do UCS internacional, apresentando as diversas opções de intercâmbio”.

Ao mesmo tempo em que Klasina realizava pesquisa de viagens, comecei a participar dos programas de bolsa para estudar na Espanha. Anos depois, fui a primeira, de nós duas, a realizar esse sonho, em 2018. Habitualmente, enviava minhas fotos da viagem para Klasina e a incentivava a nunca desistir. Assim, no ano seguinte, 2019, ela embarcou para sua experiência na Holanda.

Nossa entrevista 'entre mundos' foi dia 26 de setembro de 2020 e foi minha entrevista-piloto, a primeira! Lembro-me de estar muito nervosa, por depender da

tecnologia para estar em contato com os entrevistados. Neste dia, senti um misto de preocupações, mas também alegria, pois foi o momento em que percebi que havia iniciado, efetivamente, o campo da pesquisa, não apenas com aproximações investigativas, mas já com uma ação planejada.

Seguindo o planejamento, testei o aplicativo da chamada de vídeo por diversas vezes, também organizei a gravação da chamada, o cenário e iluminação com antecedência. Houve preparação detalhada; no entanto, no momento exato que eu deveria iniciar a ligação, o aplicativo não estabelecia conexão para gravar a chamada.

Fui sincera com Klasina, expliquei que ela era a primeira entrevista e que ainda estava me adaptando com o recurso eletrônico. Ela, por sua vez, por foi extremamente compreensiva e comentou que diversos ‘acontecimentos inesperados’ surgiam no momento em que ela realizava chamada de vídeo com sua família também. Assim, iniciamos a conversa, refletindo sobre a importância da tecnologia na vivência ‘entre mundos’ e a contraditória sensação característica da situação de ver as pessoas que você ama através de uma tela. Constatamos que isso resulta um misto de felicidade (por saber que estão bem), acompanhada de um aumento da saudade (proporcionada pela constatação da distância que nos separa).

Ainda nesta reflexão da distância, começamos a interpretar nossa chamada de vídeo, também como um momento ‘entre mundos’, pois Klasina estava na Bélgica, sua vestimenta era uma roupa de inverno e o quarto estava todo fechado para aquecer. O cenário dela demonstrava que já era turno da noite na Bélgica. Concomitantemente, eu estava no Brasil, usava um vestido de verão. Era um horário próximo ao meio-dia, pra mim, e em função disso havia sol no meu quarto, aparecendo no enquadramento da chamada de vídeo. Dessa forma, estávamos ‘entre mundos’, ‘entre estações’ e ‘entre tempos’.

Assim, posso dizer que a entrevista iniciou muito antes das primeiras perguntas do questionário que preparei. Assim é o campo: você pode planejar, mas é necessário prestar atenção no que ele tem para dizer, ou seja, o conteúdo que brota, sem ser questionado. Foi o caso dessa chamada, pois começamos a

falar da tecnologia e, nos primeiros momentos da conversa, já estávamos concluindo o que é uma vivência ‘entre mundos’. Quando iniciei as perguntas do quadro de aproximação, Klasina começou manifestando alegria por compartilhar sua experiência, nesta pesquisa de mestrado.

Para ‘iniciar’, perguntei sobre a ‘pré-viagem’, para que ela me falasse o que foi necessário planejar no momento que antecedeu a sua viagem. Com empolgação, voz acelerada e certa indignação, ela contou que pesquisou por muito tempo. Foram mais de 10 meses, comparando os preços entre diversas agências e tentando encaixar o grande sonho em seu orçamento. Durante essas pesquisas, descobriu o intercâmbio *Au Pair*⁴⁰, o qual é uma das modalidades mais econômicas de intercâmbio.

Foi assim que, em 2019, Klasina começou a reunir toda a documentação necessária e a fazer entrevistas com as *Host Family*⁴¹, pois a família precisa ter uma conexão com a babá que vai cuidar dos seus filhos. Por isso, conversam virtualmente, para se conhecerem.

Sai do Brasil em Agosto de 2019 e iniciei intercâmbio Au Pair na Holanda. Ali permaneci por 11 meses, cuidando de duas crianças e morando na casa da minha Host Family. Finalizado meu visto na Holanda, eu percebi que ainda não era o meu momento de retornar para o Brasil e comecei a buscar um novo país, para dar continuidade ao intercâmbio Au Pair. Foi assim que descobri a Bélgica e estou aqui desde maio de 2020.

Mesmo estando na Bélgica, no momento da entrevista, Klasina acabou respondendo muitas perguntas referenciando a Holanda, justamente por ter sido o primeiro intercâmbio e, assim, o maior impacto como sujeito ‘entre mundos’. Ainda sobre as expectativas pré-viagem, a entrevistada respondeu que acabou imaginando que o país era exatamente como as fotos de Amsterdã, justamente pelas imagens veiculadas na rede midiática e principalmente na internet. Todo o

⁴⁰ O programa *Au Pair* consiste em trabalhar na casa de uma família, cuidando dos filhos do casal. A economia se dá no fato de não precisar gastar com hospedagem e alimentação, que já reduz muito os custos do intercâmbio. A família ainda paga um salário por horas trabalhadas e, além disso, esse tipo de intercâmbio conta com o incentivo ao estudo, que permite ao sujeito estudar o idioma do país, quando não está em sua jornada de trabalho.

⁴¹ Traduzindo para a Língua Portuguesa, *Host Family* significa ‘família que hospeda’; neste caso, quem recebe o intercambista.

arsenal de dados a que teve acesso reforçou seu imaginário, levando-a a sonhar com os famosos córregos de Amsterdã, por exemplo.

Bom, eu amo a Holanda! Mas assim como já falei, eu acabei criando expectativas relacionadas a Amsterdã e, no fim das contas, eu acabei morando em Driebergen, que era uma vila muito pequena, lá no interior, onde só havia sítios e ovelhas (risos).

Questionei sobre a comunicação e Klasina relatou que todas as entrevistas com sua *Host Family* foram em inglês. Então ficou tranquila e imaginou que poderia 'se virar' apenas com esse idioma. Chegando no 'outro mundo', porém, após uma viagem exaustiva, foi recepcionada por sua 'nova família' de forma muito carinhosa, mas percebeu que as crianças da família se comunicavam apenas no idioma do país: Holandês. Contou que, naquele primeiro momento, foi um choque e que, nos primeiros dias, conseguia se comunicar apenas com mímicas. Ao passar do tempo, ela percebeu que precisava estudar e, assim, iniciou o curso de Holandês, ao mesmo tempo que se dedicava a aperfeiçoar seu Inglês.

Sobre o choque 'entre mundos', Klasina disse que existe, sim, uma grande diferença cultural entre Brasil e Holanda, mas ressaltou que isso não faz um povo melhor ou pior que o outro. Segundo ela, são apenas diferentes.

[...] outra questão é que as pessoas são muito frias, mesmo sendo hospitaleiros, não é a mesma coisa que no Brasil. Tem uma cena engraçada: eu havia perdido minha pasta de documentos e uma mulher encontrou dentro do trem, conseguiu me contatar pelo Facebook e marcou para entregar. Eu fiquei muito feliz, encantada com essa reação dela! Pensei 'é um anjo, só pode!' e quando eu fui ao encontro dela, guria (risos), eu corri para abraçá-la. E adivinha? Ela fugiu do abraço e dos meus agradecimentos, simplesmente entregou a pasta e saiu. Eu fiquei ali, completamente grata, querendo expressar minha admiração por ela e ter um contato físico (risos).

Quanto a sua interação turística, conta que a vila era longe da cidade; por isso, usava o carro para levar as crianças na escola e passear. O carro também era usado para que ela pudesse desfrutar suas horas de folga, em algum *pub* no centro da cidade. Assim, podia fazer novas amizades e encontrar suas amigas, que conheceu nas redes sociais. Ainda sobre os meios de transporte, Klasina contou sobre sua viagem para Amsterdã, onde seu deslocamento preferido foi de

bicicleta. Foi nessa viagem que realmente teve o encontro com os cenários das fotos que via na internet, enfim, aquela Holanda famosa e divulgada para o mundo, a partir das imagens dos córregos de sua capital.

Ao falarmos do 'entre mundos', Klasina contou da saudade da família e dos amigos:

Às vezes visito um lugar novo e incrível, mas tudo que penso é: "como seria bom se minha família estivesse aqui vivendo isso comigo!"

Conta também que foi muito difícil explicar para as crianças da sua família, no Brasil, que iria demorar para voltar, principalmente para sua afilhada, que, na época da entrevista, tinha apenas cinco anos. A pequena sempre questionava Klasina, indagando se ela poderia retornar para o Brasil 'no próximo final de semana'. Quanto às chamadas de vídeo, ela diz que, às vezes, machucam mais ainda, principalmente quando se trata do pai dela. Há momentos que ela preferia não ligar para não visualizar essa distância que os separava.

Eu posso dizer que 'o coração está em um lugar e o corpo em outro'.

Essa frase, para a presente pesquisa, diz muito. Klasina se sente vivendo 'entre mundos'. É uma felicidade que consome o sujeito, por realizar um grande sonho; porém, uma vontade de viver tudo isso, ao lado de quem ama. Os sentimentos ainda são potencializados, por viver essa experiência em meio à pandemia do Covid-19.

Klasina não falou muito sobre a Pandemia, em seu país de intercâmbio. Comentou apenas que as condições econômicas na Europa permitiam que eles continuassem vivendo com uma boa qualidade de vida e, além disso, seu emprego não foi prejudicado. Ela desabafou, dizendo que sua maior preocupação eram os pais no Brasil. Senti que seu coração não estava em paz, pois, vivendo no "primeiro mundo", ela percebia ainda mais a desigualdade social entre os países.

É difícil sim, ver o mundo todo nessa situação e perceber que o 'novo normal' é diferente para cada situação econômica. Digo isso porque minhas duas host family não passaram necessidade, mas eu percebia que no Brasil o cenário era diferente.

Klasina comentou que, quando falava com seus familiares no Brasil, orientava no sentido de que se cuidassem, mas ficava preocupada com todos. Neste caso, aumentava sua saudade, solidão e preocupação, por estar vivenciando o intercâmbio em tempos de Pandemia. Percebia que os seus pais (que se enquadram no grupo de risco) continuavam trabalhando e mantendo contato com muitas pessoas. Isso a preocupava, tendo em vista que, na Europa, o grupo de risco ficava totalmente isolado em suas residências, e as pessoas mais próximas levavam os suprimentos e alimentação necessária. Com o tempo, contudo, foi percebendo que seus pais simplesmente estavam tentando se adaptar à realidade da pandemia no Brasil.

Mesmo em meio à Pandemia, Klasina contou que o intercâmbio mudou sua vida, que teve tempo para se interiorizar e conhecer a si mesma. As perguntas finais, onde abordei temas mais reflexivos, como, por exemplo, “o que mudou em você?” fizeram Klasina mudar sua voz, que antes era alegre e espontânea, para um voz mais firme, mostrando-se segura das palavras. A expressão facial também mudou e ela começou relatar de forma mais confiante.

Com certeza eu descobri que sou mais forte do que pensava. Coisas que antes eu pensava, isso não é pra mim, não tenho coragem, agora eu paro para pensar que tenho coragem e força. Sentir saudades faz parte né? A gente precisava aprender conviver com a falta.

Klasina ainda falou sobre as coisas que aprendeu a realizar sozinha, mesmo que com medo, mas viajar sozinha para um país diferente fez com que ela acelerasse ainda mais seu processo de autoconhecimento, que já estava em andamento durante o processo de intercâmbio.

Amei viajar sozinha! São tantos aprendizados, sabe, eu nem sabia que gostava tanto de museu e me descobri uma fã das obras de artes. Foi assim que descobri que uma das coisas mais importantes é amar a minha própria companhia.

Quando eu informei que essa havia sido a última pergunta e que agora Klasina podia complementar o que quisesse, ela apenas agradeceu: pela entrevista e por tantos conselhos que lhe dei, em outros tempos, sobre não desistir do sonho de viajar. E assim nos despedimos, ela com a emoção nos olhos e eu com meu coração quente de quem compartilhou saberes e vivências tão importantes na minha vida, recordações que me fazem sentir, cada dia mais, apaixonada pela experiência do intercâmbio.

Quadro 9 - Quadro-síntese Klassina

Marcas	Klassina – Brasil para Holanda
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre tive esse sonho de viajar”. - “Pesquisei muito para encontrar uma opção de intercâmbio mais econômica”. - “Me deslocava para cidade de carro, gostava de frequentar pubs antes da Pandemia”. - Descobriu que é fã de obras de arte depois de sua viagem sozinha, onde frequentou pela primeira vez os museus. - “Amei ‘turistar’ de bicicleta”
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - Conta que o idioma holandês foi a maior dificuldade no início. - “Criei expectativas, antes de viajar, a partir do que via na mídia” - A partir do Facebook uma moradora conseguiu localizar Klassina para devolver a sua pasta de documentos. - “As pessoas na Holanda são mais frias do que no Brasil, isso dificultava a aproximação e fazer novas amizades”.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “Como seria bom se minha família pudesse estar aqui comigo”. - “O coração está em um lugar e o corpo em outro”. - “A gente precisa aprender a conviver com a falta”. - Conta que a tecnologia aproxima e distancia ao mesmo tempo. - “Parece que as chamadas de vídeo machucam mais ainda”. - Conta que em função da Pandemia do Covid-19, a preocupação, saudade e solidão aumentam. - O difícil para ela foi ver o mundo todo nessa situação e perceber que o ‘novo normal’ é diferente para cada situação econômica. - “Agora paro para pensar que tenho coragem e força”. - Ela teve tempo para se interiorizar e conhecer a si mesma.

	<ul style="list-style-type: none"> - Viajar sozinha para um país diferente fez com que ela acelerasse ainda mais seu processo de autoconhecimento - Diz que amar a própria companhia foi uma das questões mais importantes.
--	---

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.2 Sophia: Brasil e Califórnia

Na segunda entrevista, eu já estava um pouco mais tranquila, como entrevistadora; porém, havia, ainda, certa ansiedade. Dia 28 de Setembro de 2020, conversei com Sophia (codinome escolhido por ser um nome popular nos Estados Unidos). Novamente, a entrevista foi ‘entre mundos’ em países diferentes, estação e fuso horário. Eu em Caxias do Sul e Sophia em San Francisco, Califórnia. Para mim, eram 22 horas, e para ela, ainda, 18 horas.

Conheci a entrevistada muito antes de seu intercâmbio, pois estudávamos na mesma escola no ano de 2012. Desde lá, Sophia comentava sobre seu desejo de viajar. Foi o que relatou na entrevista também.

Eu sonho em fazer um intercâmbio há muito tempo, inclusive queria ter feito High School no Ensino Médio, mas minha família não tinha essa verba disponível.

Ela ainda conta que passou anos pesquisando uma modalidade de intercâmbio mais econômica e que esse sonho se intensificou quando seu namorado recebeu uma oportunidade em Portugal e viajou para morar, durante um ano, naquele país. Assim, após muitas pesquisas, Sophia decidiu que queria viajar para Califórnia e encontrou uma família para realizar o intercâmbio de *Au Pair*.

A preparação foi rápida, de certa forma. Eu achei que ia ser difícil encontrar uma Host Family, mas, na segunda entrevista, já consegui uma grande conexão e gostei muito da família. Eles demoraram um pouco para me dar o retorno, mas no fim foi positivo. Eu fiquei extremamente feliz, por eles também terem gostado de mim.

Sophia ainda ressaltou que a conexão com a família foi forte, desde esse momento da entrevista virtual. Relatou que o casal manifestou que ambos

estavam ansiosos por sua chegada e sabiam que seria uma experiência muito positiva. A família é composta pelo pai e mãe, um casal jovem e o bebê de 9 meses, do qual Sophia cuidou durante todo o intercâmbio.

Por passar os dias inteiros com o bebê, sem conversar com moradores locais, Sophia comentou que foi difícil e demorado o aperfeiçoamento da língua nativa: o Inglês. Essa situação também acarretou alguns problemas de comunicação.

O idioma com certeza foi minha maior dificuldade. No início, eu falava por mímicas (risos). Isso, que eu já tinha uma base do inglês, mas, chegando lá, foi tudo diferente. E demorei muito para melhorar na conversação e, por isso, tinha dificuldades de me comunicar, até quando ia no mercado ou algum comércio.

Por esse motivo, Sophia buscou o Curso de Inglês, o que possibilitou acelerar seu aprendizado no idioma. Além disso, fez amigas intercambistas, com as quais praticava o idioma, sendo que elas foram suas companhias nos momentos de lazer. Ela contou que os momentos de trabalho também eram divertidos, pois, com frequência, saía passear com o bebê no carrinho e passava um bom tempo do dia ao ar livre.

Eu adoro ir para os parques e fazer passeios ao ar livre. Posso dizer que isso me conecta com a cidade.

Por mais que Sophia tenha demonstrado estar muito feliz, em sua experiência de intercâmbio, fez um comentário que me fez refletir, sobre as suas marcas turísticas e, também, sobre a conexão da Rede Midiática com o imaginário dos intercambistas:

Eu tive uma certa decepção com a cidade, no sentido de que não parece ser a mesma San Francisco exibida pela mídia, pois, na verdade, a cidade é suja, desatenciosa com a população mais pobre e, portanto, tem muitos moradores de rua. Na verdade, eu esperava a imagem no primeiro mundo, mas via muitas pessoas drogadas. A maconha é legalizada na Califórnia e as vezes encontrava pessoas 'fora de si' nos parques que eu visitava com o bebê. Então ficava com medo e isso atrapalhava a minha interação com a cidade, com certeza.

Ainda assim, Sophia mantém uma conexão muito grande com a cidade. Contou que gostaria muito que sua família e namorado pudessem vivenciar a experiência internacional com ela. Justamente por esse motivo, já estavam planejando a ida da família para Califórnia, em abril de 2020, mas, com a chegada da Pandemia, a viagem foi cancelada.

Abril foi um mês muito difícil pra mim, pois minha família ia me visitar na Califórnia, e os aeroportos foram fechados. Além disso, eu e minha Host Family ficamos bem doentes. Como foi bem no início, ainda não havia os testes aqui. Então não tenho certeza se era o Covid-19, mas nos isolamos e nos recuperamos trancados em casa. Isolados de verdade, vinham amigos entregar sacolas de comida na nossa garagem e não saímos para nada. Todos griparam e eu fiquei bastante tempo doente e psicologicamente afetada também. Então todos ficamos com medo.

Por fim, Sophia afirmou ter planos de voltar para o Brasil, no sentido de visitar, matar a saudade, reencontrar os amigos, mas referiu que pensa em residir em outro país, ainda que isso não seja uma decisão já consolidada. No momento da entrevista, ela estava vivendo os últimos meses de seu intercâmbio, que, mesmo em Pandemia, segundo ela, estava sendo a melhor experiência de sua vida. Contou, também, que se sentia cada vez mais apegada ao bebê da família, do qual ela cuidava e quem via crescer diariamente. E assim, nos despedimos, desejando que a Pandemia seja contida o quanto antes e que possamos viajar muito por esse mundo.

Quadro 10 – Quadro-síntese Sophia

Marcas	Sophia – Brasil para Estados Unidos
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sonho em fazer intercâmbio há muito tempo [...] mas minha família não tinha essa verba disponível.” - Passou anos buscando uma modalidade de intercâmbio mais econômica. - “Adoro ir para os parques e fazer passeios ao livre”. - Caminhando ela se conecta com a cidade. - “Aqui é lindo, mas também tem pontos negativos, se comparado ao Brasil: San Francisco é suja e me parece desatenciosa com a população mais pobre

	(muitos mendigos e pessoas drogadas pela cidade)”. - “No início, tive muita dificuldade de me comunicar em Inglês [...] eu falava por mímicas”. - “Eu tive certa decepção, pois não é a mesma San Francisco exibida pela mídia”.
Comunicacionais	
Entre Mundos	- “Queria que minha família e meu namorado estivessem aqui, para viver essa experiência comigo”. - “Minha Host Family é incrível, mas sinto falta de tudo que deixei no Brasil”. - Quando a família se organizou para visitá-la, os aeroportos ficaram fechados, em virtude da Pandemia. - “Eu fiquei bastante tempo doente e psicologicamente afetada também. Então, todos ficamos com medo”. - “Eu percebo que cresci muito. Foi uma experiência muito intensa” - Declara que o intercâmbio foi a melhor experiência da sua vida.

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.3 Knut: Brasil, Irlanda e Dinamarca

No dia 03 de Outubro, realizei a entrevista ‘entre mundos’ com Knut, codinome escolhido por se tratar de um nome popular Dinamarquês. Nossa chamada foi virtual também, em respeito ao distanciamento social, seguido em todos os encontros desta pesquisa, mas o entrevistado reside, atualmente, na mesma cidade que eu: Caxias do Sul, Brasil.

Mesmo residindo na mesma cidade, eu não conhecia Knut. Havia comentado com uma amiga, sobre o fato de que havia iniciado o campo da pesquisa. Falei sobre o tema de estudo, ela disse que conhecia um sujeito ‘entre mundos’ e nos colocou em contato.

A chamada iniciou no horário marcado: às 14 horas de um sábado ensolarado. Fiquei pensando que era a primeira entrevista em que o horário e a cidade coincidiam, ainda que a abordagem fosse sobre a experiência ‘entre mundos’. Começamos pelas apresentações, conduzi a introdução já explicando o porquê eu me considerava sujeito ‘entre mundos’ e resumi brevemente minha experiência, antes de passar a palavra para ele. Knut se apresentou, já com um

brilho no olhar, e percebi em sua voz certa ansiedade de quem tinha muita coisa para compartilhar comigo.

Iniciou contando que possui duas experiências de intercâmbio: a primeira foi em 2016, para a Irlanda e, depois, em 2018, para Dinamarca. Antes mesmo de eu dar sequência à entrevista, Knut já quis me falar seu objetivo principal, nas suas duas experiências de viagem internacional:

Eu sempre quis conhecer novas culturas! Na Dinamarca, morei em um complexo internacional, onde tinham estudantes de todos os países do mundo e, então, eu tive contato com muitos intercambistas.

Ainda falando sobre a motivação da viagem, perguntei desde quando surgiu essa vontade de realizar um intercâmbio e Knut comentou que ela esteve ali 'desde sempre'.

Eu sempre tive esse sonho, na verdade, sempre teve algo que me chamava para o mundo. Às vezes minha mãe brinca e diz: "não sei como criei um filho com tanta vontade de viajar!"

Comentei que eu também tive dificuldade em definir quando despertou meu interesse por viver em outro país e que compartilho da ideia de que o desejo de movimento sempre esteve dentro de mim. Conversamos também sobre o planejamento da viagem, e ele respondeu que existiu um momento de pesquisa e de reflexão sobre as expectativas. Ele imaginava muitas possibilidades, no momento da organização das malas. E assim, Knut refletiu sobre o processo de preparação que antecede a viagem:

Mas pra mim, a preparação já é a viagem em si. É bom faz fazer as malas, tudo isso já faz parte da experiência.

Quando falamos da trama turística-comunicacional, Knut comentou que foi um choque total, nas duas experiências. Na Irlanda, ainda mais, já que foi seu primeiro choque de realidade e, por isso, ficou marcado com mais intensidade.

Já senti isso no momento em que saí do aeroporto e fui entrar no transfer⁴²: entrei no carro pelo lado errado. Ali eu percebi que seria tudo diferente do que eu conhecia até então.

Por mais que a experiência na Irlanda tenho sido mais impactante, no sentido de perceber que não estava em casa, na Dinamarca ele também sentiu dificuldades. Assim, me contou que foi muito difícil se aproximar dos moradores, justamente por eles falarem Dinamarquês, que, em um primeiro momento, é um idioma “difícil e rude” segundo Knut.

Quando falamos do Turismo, Knut comentou que seu transporte preferido era o trem. Lembrou que ficava intrigado a respeito do fato de que tudo funciona bem, por exemplo, achava o sistema de transportes muito evoluído. Isso lhe fazia recordar do Brasil e, também, comparar mentalmente as duas realidades. Já sobre suas preferências de contato com a cidade, ele disse:

Gostava muito de caminhar pela cidade... Sair da rota turística. Eu avistava as pequenas ruelas e entrava nelas para descobrir como é a vida de verdade. Dos nativos mesmo, sabe? Sem comércios ou atrativos turísticos, só a vida.

Percebo que, no momento dessa fala, Knut se sentia nostálgico, relembando seus passos pelas ruas da Dinamarca. Envolvi-me no clima de lembranças e comentei que eu também gostava muito de caminhar pelas ruas de Segovia. A próxima pauta da entrevista foi sobre reterritorializar; porém, essa palavra não foi utilizada no diálogo. Falamos do ‘momento de voltar para casa’. Quando pedi que me contasse um pouco dos seus sentimentos do regresso, ele demorou um pouco para responder e, depois, comentou que a viagem lhe deixou muito reflexivo.

Na volta eu fiquei triste com algumas coisas. Posso dizer que até intolerante, porque as outras pessoas não viam ou não se incomodavam com as coisas erradas da cidade. Eu até me sentia mal por isso. Mas passei a perceber que o intercâmbio expande nosso olhar.

⁴² Veículo contratado para buscar o passageiro, normalmente turista, para realizar o deslocamento

Senti, em sua voz, certo desconforto. Então, entramos na pauta do 'privilégio', no sentido de refletir sobre as comparações entre Brasil e Europa. Percebe-se, assim, um forte sinalizador de ampliação da consciência a respeito de contrastes e diferenças, entre o território de origem e os territórios visitados.

Assim, ao continuamos falando dessas marcas pós intercâmbio, ele relatou sobre uma necessidade inusitada de se colocar em movimento, de buscar melhorias no seu cotidiano:

Tanto é que hoje estudo Moda e tento me inspirar nas referências internacionais que buscam a preservação do planeta, como, por exemplo, a sustentabilidade na moda. Entre outros objetivos que eu tenho, procuro fazer a minha parte e inspirar as pessoas ao me redor, para que busquem dar o seu melhor também.

Percebe-se, então, que a ampliação de consciência vem acompanhada de uma maior potência de agir, no sentido de buscar fazer a diferença. No caso de Knut, sua fala demonstra, não apenas ampliação da consciência cultural, mas também da econômica e ambiental. Seguimos a entrevista, direcionando-a para a autopoiese do sujeito, que foi abordada através de perguntas como 'você sente que mudou alguma coisa dentro de você?' e 'sua visão de mundo ainda é a mesma?'. Ele respondeu da seguinte forma:

O meu crescimento pessoal é inexplicável. Eu acho que é preciso experiência do intercâmbio para entender isso, mas nada é igual dentro de mim. Sou uma pessoa diferente. Eu realmente não sabia que toda essa coragem morava em mim, "eu não era ninguém" ou achava que não era. Tudo isso fez eu ver o meu valor e saber da minha capacidade.

A autopoiese, no sentido da autocriação do sujeito, também veio acompanhada do aumento da sua autoestima, justamente por se conhecer melhor. Knut contou sobre essa coragem que ele desconhecia. Afirmou que talvez isso tenha ocorrido por nunca ter percebido a sua necessidade antes, mas reconheceu que a coragem sempre esteve ali. Contou que o medo lhe acompanhou em algumas transformações, mas buscou sempre ser a sua melhor versão, em cada momento.

Retomei o início da nossa conversa e perguntei se ele se sentia ‘entre mundos’, justamente por ter uma vivência compartilhada entre Brasil, Inglaterra e Dinamarca, e ele me respondeu que “com certeza!”. Ele complementou, ainda, com algumas dificuldades, no momento de intercâmbio:

Eu senti solidão mesmo. Ficava a saudades do calor das pessoas, pois a tecnologia possibilita uma comunicação muito superficial que às vezes é até dolorida, sabe? Ver a pessoa e não poder tocar, acho que isso não mata a saudade dos abraços e, principalmente, da comida (risos).

Para finalizar, compartilhei também minhas dificuldades. Comentamos que isso nos tornou mais fortes e marcou nossos afetos para toda a vida.

Quadro 11 - Quadro-síntese Knut

Marcas	Knut – Brasil para Inglaterra e Dinamarca
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre tive esse sonho”. - “A preparação é a viagem em si. [...] fazer as malas é parte da experiência”. - “Meu transporte preferido era o trem” - “Gostava de caminhar pela cidade e sair da rota turística”. - Na Inglaterra, quando entrou pelo lado errado do carro, percebeu que estava em outro mundo. - Percepção de que, na Dinamarca e Inglaterra, as coisas funcionam melhor que no Brasil, até o sistema de transporte.
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu morava em um complexo educacional, tinha contato com pessoas do mundo inteiro”. - “Foi difícil me aproximar dos moradores”. - O idioma dinamarquês foi uma das suas complicações.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sentia solidão mesmo”. - “A tecnologia possibilita uma comunicação muito superficial que às vezes é até dolorida” - Tinha saudade dos abraços, do calor das pessoas e da comida. - O Intercâmbio expande o nosso olhar. - O meu crescimento pessoal é inexplicável. - Há uma coragem que eu desconhecia. - Nada é igual dentro de mim.

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.4 Lohan: Brasil e França

Lohan, nome popular francês, representa um entrevistado que eu também desconhecia, antes desta pesquisa. O contato dele foi enviado por uma colega de aula e, assim, marcamos nosso encontro virtual, no dia 12 de outubro de 2020. Escolhemos em conjunto esse dia, por ser um feriado e assim termos mais tempo livre nas agendas, para dialogar sem pressa. E foi exatamente dessa forma, pois, na hora marcada, Lohan conectou-se na chamada tomando seu chimarrão e dizendo que estava honrado em participar da pesquisa.

Iniciamos a apresentação e ele contou que viajou em 2018 para França, ficando seis meses em Lille, depois mais seis meses em Paris e agora vive no Brasil, em Caxias do Sul. Complementou dizendo que foi um sonho realizado, pois sempre quis ter uma experiência internacional.

Desde que estava no Ensino Médio, eu já sonhava em viajar. Então, eu comecei pesquisar opções de bolsas e me inscrevi na Brafitec. Quando eu recebi o retorno positivo, foi a maior realização da vida!

Lohan contou ainda que, no período anterior à viagem, envolveu-se muito com o planejamento, mas já considerava que ‘tudo deu certo’, por ter conquistado a bolsa tão sonhada. Já no percurso da viagem, o que chamou sua atenção, primeiramente, foi a forma como a Universidade recebeu os intercambistas.

Teve até um programa inicial para apresentar a cultura francesa e todas as informações principais.

Então, considerava que, dentro da faculdade, teve facilidade de adaptação e comunicação. Relatou, no entanto, que o problema eram os diálogos do cotidiano: em Francês. Assim, refletiu que o idioma foi um limitador para se aproximar dos moradores, e isso o marcou muito no intercâmbio.

Já quanto as suas marcas turísticas, contou que sua interação principal com a cidade ocorria nas caminhadas.

Eu gostava muito de caminhar, caminhava até 15km por dia, mas tudo com planejamento. Eu gostava de pesquisar no aplicativo 'Atlas Food', onde eu via as comidas típicas de cada região e assim me programava para visitar. Dessa forma, me sentia imerso na cultura.

Falamos sobre essa imersão na cultura e o quanto ela é enriquecedora, no processo da relação com a cidade. Os intercambistas moram vários meses no mesmo local, criam um determinado tipo de “raízes” porque desenvolvem um cotidiano, semelhante ao dos moradores. Ao mesmo tempo, porém, sempre há algo novo para conhecer, vivem plenamente o processo de descoberta e a admiração por detalhes de diferenças. Tudo isso faz parte do dia a dia do sujeito ‘entre mundos’.

Tudo é aprendido, até mesmo as situações de ‘enfrentamento’ com as próprias limitações. Assim, Lohan fez um relato de quando seus pais foram lhe visitar na França:

Como já disse, o Francês foi um limitante na comunicação, mas como já vinha estudando, queria conversar em Francês, justamente para treinar. Aconteceu que, quando meus pais foram me visitar em Paris, reservamos um hotel. Chegando lá, eu fui fazer o check-in, falando em Francês, mas obviamente falando com um pouco de insegurança. Percebendo isso, os atendentes logo se irritaram e não queriam me ‘ensinar’ o idioma. Então, me repreenderam e aconselharam que eu falasse em Inglês ou em outro idioma para o atendimento ser mais rápido. Eu me senti mal, pois queria mostrar para os meus pais meu desenvolvimento, e foi muito frustrante isso.

Compartilho com Lohan que eu também tive meus momentos de enfrentamento, então eu entendo a sua sensação de fracasso pessoal. Logo chegamos juntos à conclusão de que as marcas do intercâmbio são um misto de vivências, que não podem ser definidas entre positivas e negativas. É sempre uma soma de sentimentos, e isso gera um grande aprendizado.

Quando falamos da saudade, ele comentou que foi muito boa a visita dos seus pais na França; apenas chamadas de vídeos não eram suficientes para matar a saudade. Além disso, tudo que ele mais queria era esse momento de mostrar, aos pais, a França que ele foi descobrindo aos poucos, não apenas os

roteiros exibidos pela mídia. Ainda sobre a família, ele compartilhou comigo que a saudade gera também reflexão sobre a relação com os pais e pessoas mais próximas:

A relação com meus pais melhorou. Já no intercâmbio comecei a valorizar muito mais eles, justamente pela falta que eles faziam no meu dia a dia.

Eu considero, particularmente, que o sinalizador da maior valorização da família está acompanhado também da valorização geral de elementos do cotidiano do território de origem. Isso porque a distância e a falta fazem o sujeito refletir sobre o valor⁴³ que atribui a cada esfera do seu dia a dia.

Ainda refletindo sobre a saudade, Lohan conta que havia certa dificuldade para fazer chamadas de vídeo com todos seus amigos no Brasil, principalmente em função do fuso horário, e comenta:

Eu sentia muita falta dos meus amigos. Inclusive, no início, eu achava que nunca ia fazer amizades na França.

Ainda falando de saudade, Lohan já começou a incluir o processo de retorno ao Brasil, referindo-se que, quando estava na França, tinha saudade do Brasil, mas, quando retornou do intercâmbio, a saudade era inversa.

Voltar para o Brasil foi bem ruim, acho que foi a clássica ‘depressão pós intercâmbio’.

Quando ele comentou sobre esta depressão/desânimo, ao reterritorializar, comecei instigar, na entrevista, quais seriam os fatores que geram esse sentimento no intercambista. Ele respondeu:

No meu intercâmbio, eu tinha um ritmo intenso. Sempre estava conhecendo coisas novas, não só os lugares, mas o idioma (a cada dia era uma descoberta de palavra nova), Gastronomia e, também, pessoas. Então, o retorno para casa acabou se resumindo em ‘rotina’. É por isso que penso em viajar de novo, quero estar sempre conhecendo coisas novas em minha vida.

⁴³ A palavra ‘valor’ é empregada, neste texto, distanciando-se da lógica do capital. Fala-se da valorização enquanto estima e relevância de um elemento subjetivo.

Assim, concluímos que, após ‘matar a saudade’ do que sentia falta, a adrenalina do intercambista é substituída pela sensação de monotonia, que acompanha o retorno ao cotidiano. Desse modo, damos-nos conta que voltar para o mercado de trabalho, aos projetos antigos ou, até mesmo, para a universidade pode trazer um sentimento de que estamos estagnados no tempo. Parece que isso ocorre, ainda mais, porque o sujeito vive intensamente e sente, de diversas maneiras, o processo de desterritorialização. Esse processo aciona potência autopoiética. Assim, Lohan comentou:

Olha, mudou tudo dentro de mim. Eu não sabia da minha capacidade. O intercâmbio me fez enxergar novamente meu valor, eu vi que posso fazer tudo que eu quiser (se me dedicar), porque eu sou capaz sim.

Finalizamos a chamada, com ele contando sobre os planos de novas viagens, e eu comentando que também tenho esse desejo inerente de desterritorializar em todos os sentidos e momentos da vida. Considero que o ser humano não deve mesmo se acostumar à monotonia, já que, desde sua origem, é um ser nômade e livre. Percebo que essa é a busca do sujeito ‘entre mundos’ também.

Quadro 12 - Quadro-síntese Lohan

Marcas	Lohan – Brasil para França
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre quis ter uma experiência internacional” [...] Desde o Ensino Médio que eu queria ter feito intercâmbio. - “Consegui uma bolsa de estudos para poder viajar. E essa foi a maior realização da minha vida”. - Ele gostava muito de caminhar pela cidade. - Usava o aplicativo Atlas Food para planejar roteiros gastronômicos próprios. - Na visita dos seus pais, quis apresentar a França que ele mesmo foi conhecendo e dando significado aos lugares.
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - Na universidade, tinha um programa inicial para apresentar a cultura francesa, e isso lhe ajudou muito.

	<ul style="list-style-type: none"> - O idioma foi um limitador para se aproximar dos moradores. - Frustração na rede turística de Paris. - Dificuldade em fazer amigos franceses.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “Os intercambistas se admiram com as pequenas coisas”. - As chamadas de vídeo eram dificultadas em função do fuso horário. - Retornar para o Brasil foi sinônimo de rotina. - “Eu penso em viajar de novo, quero estar sempre conhecendo coisas novas em minha vida” - “Comecei a valorizar mais os meus pais” - “Eu não sabia da minha capacidade”. - “O intercâmbio me fez enxergar novamente meu valor”.

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.5 Isabel: Brasil e Portugal

O nome Isabel representa a entrevistada do dia 09 de outubro de 2020. Novamente, foi uma indicação de uma amiga, que sabia que eu estava buscando intercambistas para ‘com-versações’. Falamos-nos virtualmente, mesmo estando as duas em Caxias do Sul. Iniciamos nossa conversa com uma troca de experiências. Eu falei para ela sobre minha viagem, e Isabel relatou que viajou em 2017 para Coimbra, Portugal, onde permaneceu no intercâmbio por seis meses. Ainda relatou que foi pela Mobilidade Acadêmica da UCS e esteve acompanhada de uma colega da graduação.

Iniciamos falando das motivações. Então, Isabel contou que, em 2016, esse sonho começou a se fortalecer dentro dela.

Eu era muito apegada com a família (e ainda sou), por isso naquela época pensei ‘isso não é pra mim’ [...] mas eu fui com aquele pensamento ‘se não der certo eu vou voltar’ e, realmente, achei que eu não ia aguentar nem o primeiro mês.

Isabel contou que esse apego com a família fazia com que ela ‘sofresse por antecedência’, no sentido de imaginar que, quando estivesse no intercâmbio, ia querer voltar para casa sem completar o tempo planejado da viagem. Essa

insegurança era acompanhada do desejo pulsante em seu coração, que alimentava o sonho de realizar essa experiência e, por isso, ela resolveu tentar.

Ao chegar em Portugal, nos primeiros dias, se sentiu absolutamente cansada. Tanto fisicamente, em função de voo e fuso horário, mas também mentalmente cansada, tentando assimilar como ia ser a vida naqueles próximos meses. Sobre a comunicação, contou que não teve dificuldade com o idioma, mas sabemos que a trama comunicacional vai muito além da expressão verbal:

A cultura é muito diferente, e eu percebia certo preconceito com os brasileiros, por parte dos portugueses.

Falamos um pouco mais sobre o preconceito, tentando interpretar também a visão do morador. Destacamos que há um estereótipo a respeito do povo brasileiro: aqueles que não cumprem as regras dos estabelecimentos e que agem como 'baderneiro', no sentido de criar desordem ou confusão. Comentei com ela que, na Espanha, não percebi tanto esse 'pré-conceito', mas também viajei para Portugal (O Porto, Sintra e Coimbra) e, nestes locais, percebi mesmo certa insegurança e preconceito, por parte dos atendentes do setor turístico e dos moradores também. Chegamos à conclusão de que ficou uma missão para nós sujeito 'entre mundos', mudarmos a visão de que o brasileiro vai para o intercâmbio para 'baderna' e festas.

Após nossa longa pauta sobre a marca de enfrentamento social, mudamos o assunto para as marcas turísticas do intercâmbio de Isabel. Ela contou que fez muitas conexões com a cidade, caminhando.

Em Coimbra tem muitos morros, que eles chamam de ladeira. Então, às vezes era cansativo, mas eu me sentia bem. Lá era seguro caminhar até de noite pelas ruas, e isso era incrível!

A partir dessa fala, além de refletir sobre fazer turismo a pé, também demos continuidade ao assunto da segurança, que Portugal lhe proporcionou. Para Isabel, caminhar do turno da noite, pelas ruas de Caxias do Sul, pode ser uma missão perigosa. Não foi isso que ela sentiu, enquanto caminhava por Coimbra.

Isabel completou, dizendo que isso é qualidade de vida. Ainda sobre a trama turística, completou:

Eu gostava de conhecer as coisas que não estavam divulgadas na internet, ou seja, que não eram os pontos turísticos. Eu me apeguei na cidade. Me senti parte daquele lugar.

Quando perguntei se ela tinha alguma cena para contar, que pudesse ter marcado seu intercâmbio, disse que ia me contar uma história triste, que agora parecia engraçada:

Eu havia viajado para outra cidade, na casa de uma amiga. Quando fui embora, ela me levou na estação de trem, mas quando ela foi embora eu percebi que estava sem meu celular e carteira (havia esquecido na casa dela). Me desesperei porque a casa dela era muito longe da estação, aprox. 6km e eu só sabia a direção mas o endereço correto eu não fazia ideia. Fui chorando, caminhando e não tinha como dizer “pai, vem me buscar”. Nesse caminho, encontrei um taxista. Pense em um senhor iluminado, que se compadeceu com meu choro e me ofereceu uma carona (mesmo eu informando que estava sem dinheiro). Ali eu senti a verdadeira hospitalidade, ele me ajudou por ajudar. Sem receber pagamento em troca.

Isabel relatou sua vivência, descrevendo uma cena cômica, rindo e brincando na entrevista. Eu sabia, porém, que, no momento em que vivenciou essa experiência, não havia sido nada fácil. Por isso também tive o cuidado de me solidarizar e dizer que conseguia imaginar a situação. São cenas assim que nos marcam e fazem parte da memória da experiência.

Quando falamos de saudade, Isabel disse que podia estar rodeada de muitas pessoas, mas sempre se sentia sozinha, porque não tinha ali as pessoas que ela amava.

Falava com eles por whats sempre, eu me sentia conectada sempre, mas meu medo era que eles me esquecessem (risos). Quando os amigos de Caxias postavam foto, por exemplo, eu já pensava “queria estar junto”. Mas aos poucos fui aprendendo a lidar com a distância e aproveitar mais o intercâmbio.

Continuamos o diálogo que Isabel iniciou sobre esse medo de ser esquecido. No Instagram, normalmente os usuários postam fotos de momentos alegres. Realmente, ver os familiares e amigos felizes, nas redes sociais, gera um sentimento de que você não está fazendo falta. E este é um dos problemas que a tecnologia traz: te permite se imaginar vivendo no cotidiano do local de origem e, conseqüentemente, não desfrutar plenamente do intercâmbio.

Com o passar dos meses, Isabel foi aprendendo a conviver com a distância e a se dedicar mais às descobertas do intercâmbio do que viver conectada com o cotidiano das pessoas que estavam no Brasil. Quando conseguiu se adaptar e desfrutar, já estava finalizando seus seis meses de experiência internacional. E então, chegou o momento do retorno:

Foi difícil, tudo é diferente. Até se readaptar com a realidade “estagnada”, eu sofri muito, porque Caxias, pra mim, é sinônimo de rotina.

Isabel também contou que se sentiu deprimida na volta, porque as realidades dos ‘mundos’ vivenciados são muito diferentes:

Sentia que minha vida não tinha emoção. Lá eram sempre coisas novas, muitas descobertas. A gente viveu uma vida utópica e agora tem que voltar e se adaptar, é cruel!

Ela comentou também que, com a experiência, passou a gostar mais da própria companhia:

Eu viajei sozinha para a Itália, e isso foi muito especial, pois eu aprendi a conviver comigo mesma. Morar sozinha (longe dos pais) também é um grande ‘perrengue’, cheio de aprendizados.

Ainda complementou, dizendo que aprendeu a ver as situações da vida de uma forma diferente, depois do intercâmbio, e que ela mudou completamente. Também compartilhei que mudei minha visão de mundo, após a experiência. Quando estávamos finalizando a chamada, fui surpreendida pelo agradecimento de Isabel, dizendo que se sentia honrada pelo convite e, mais ainda, pelo espaço de fala:

É muito bom esse espaço que você está dando para as pessoas falarem de suas experiências.

Eu me senti grata também pela partilha de saberes e, assim, finalizamos nosso encontro virtual.

Quadro 13 – Quadro-síntese Isabel

Marcas	Isabel – Brasil para Portugal
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Sempre tive vontade, mas o sonho de fazer intercâmbio começou a se fortalecer em mim em 2016”. - Fez muitas conexões com a cidade caminhando. - “Lá era seguro caminhar até de noite pelas ruas, e isso era incrível!” - Gostava de conhecer as coisas que não estavam divulgadas na internet, ou seja, que não eram os pontos turísticos. - Apegou-se à cidade. Sentia-se parte daquele lugar. - Sentiu a verdadeira hospitalidade: “ele me ajudou por ajudar. Sem receber pagamento em troca”.
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - “A cultura é muito diferente” - Sentia um preconceito por ser brasileira. - “Quando os amigos de Caxias postavam foto, por exemplo, eu já pensava queria estar junto”. - “Sabe, ver os familiares e amigos felizes nas redes sociais gera um sentimento de que você não está fazendo falta”.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu era muito apegada com a família (e ainda sou)”. - Sentia-se sempre conectada com o Brasil. - “Realmente achei que eu não ia aguentar nem o primeiro mês”. - Fui chorando, caminhando e não tinha como dizer “pai, vem me buscar”. - “Até me readaptar com a realidade estagnada, eu sofri muito”. - “No intercâmbio, eram sempre coisas novas, muitas descobertas”. - “A gente viveu uma vida utópica e agora tem que voltar e se adaptar, é cruel!” - Eu aprendi a conviver comigo mesma e a gostar da minha própria companhia.

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.6 Kennedy: Brasil e Irlanda

No dia 11 de outubro, a chamada foi novamente 'entre mundos': eu em Caxias do Sul e Kennedy em Dublin, Irlanda. Eu já o conhecia, nos aproximamos em 2017, um pouco antes da minha ida para Espanha. Sempre conversamos muito sobre nossa motivação, em comum, de conhecer o mundo. Começamos a entrevista já lembrando esse período de conversas antigas e, também, o período em que eu estive na Espanha, em 2018, em que ele me fazia alguns questionamentos sobre custo de vida/organização do intercâmbio para a Europa, já iniciando seu planejamento. Na sequência, pedi para que ele tentasse recordar de onde surgiu essa vontade de viajar:

Sempre tive essa vontade e fui adiando, por conta do trabalho, relacionamento e a graduação. Assim, o sonho sempre foi ficando por último.

Quando decidiu, por fim, dar voz ao seu sonho, havia se planejado para um período de oito meses na Irlanda. O objetivo era um intercâmbio que possibilitasse estudar Inglês e ainda trabalhar na outra metade do tempo. A realidade é que Kennedy estendeu os oito meses para um tempo indeterminado. No dia da chamada de vídeo, já fazia dois anos e um mês de vivência em Dublin, sem perspectiva de retorno.

Sobre a chegada no 'outro mundo', Kennedy contou que o choque foi já no primeiro dia:

Deitei na cama e pensei "cara, o que estou fazendo?". Foram quase 24 horas de viagem, ou seja, eu estou muito longe de casa.

Depois do primeiro 'surto', contou que os desafios foram importantes e ajudaram no seu crescimento pessoal. Disse que trabalhou e estudou muito, principalmente nos primeiros meses em que ainda estava se adaptando com a Língua Inglesa no dia a dia.

No início, a principal dificuldade foi o idioma, mas as pessoas sempre tinham muita paciência comigo. Entendem que o Inglês não é minha língua nativa. O pessoal da Irlanda sempre foi aberto e caloroso.

Conversamos sobre a comunicação não ser apenas verbal e Kennedy disse que usava muito os gestos para se entender com as pessoas. Complementou dizendo que há uma comunidade muito grande de brasileiros em Dublin, e outras nacionalidades também. Essa característica torna a capital em um lugar ‘multicultural’:

Você caminha nas ruas do centro e escuta todos os idiomas. Há muitos estrangeiros aqui e eu me sinto em casa.

Ao final dos primeiros oito meses, Kennedy resolveu renovar seu visto e normalmente este processo é feito com o acompanhamento de agências especializadas, mas ele resolveu desafiar-se e deu tudo certo:

Na minha primeira renovação de visto, depois de 8 meses, consegui resolver essa questão burocrática sozinho! Eu pensei “sei o que eu tenho que fazer”, e então acreditei em mim, nem pensei no medo de falar em Inglês e tive coragem, mesmo em um assunto tão burocrático.

Sobre a interação turística, comentou que, nos primeiros meses, tudo era muito novo, tantas descobertas e tudo era encantador. Gostava de aproveitar as coisas mais simples da cidade: sentar-se no parque, jogar pão para os pombos, conversar com as crianças e etc. Depois dos primeiros meses, a sensação mudou um pouco:

Eu não perdi o encantamento, mas assumi um pertencimento do lugar. Pensava “este local é o meu bairro, esta é a rua do meu trabalho e este é o meu lugar”.

Comentou ainda que a cidade é muito arborizada, há muitos parques. Kennedy gosta de acompanhar a mudança da arborização, conforme a estação do ano, pois, segundo ele, a mesma rua fica muito diferente, dependendo da época do ano. E essa interação com a natureza fez com que ele encarasse a chuva de uma forma diferente também:

Me locomovo de bicicleta para todos os lados: aula, trabalho e etc. E eu adoro! Até com chuva ou com frio, não me importo. Da minha bike, consigo interagir com a cidade.

Na sequência, falamos da conexão com as pessoas em Caxias do Sul, sua cidade de origem. Kennedy comentou, então, que a relação com os pais e irmãos melhorou muito, pois há uma valorização maior por parte dele. Nos primeiros meses, ele ficou tão emocionado com tudo ao seu redor na Irlanda que não sentia tanta saudade e conseguia manter contato diário com a família.

Quando a velocidade diminuiu na minha rotina da Irlanda, eu comecei a sentir muitas saudades. Certas coisas só na casa da gente. E eu pensava “como seria estar lá agora”.

Complementou dizendo que, depois de um ano e meio de experiência internacional, voltou para visitar seus familiares no Brasil e, na hora de retornar para Irlanda, ficou na dúvida se realmente fez a coisa certa. Voltou. E este segundo momento de chegada na Irlanda ocorreu no início da Pandemia do Covid-19.

A vontade era retornar de novo, ir ver como meus pais estavam, mas os aeroportos estavam fechados. Os primeiros dias de Pandemia foram assustadores porque os casos aumentaram muito rápido, e eu só pensava “como que isso vai ser se chegar nesse nível no Brasil que não tem estrutura”.

Ele complementou, dizendo que, em Dublin, o *lockdown* foi extremamente respeitado. Diz que isso era assustador porque todas as ruas estavam desertas e os comércios fechados. A preocupação maior de Kennedy era sempre seus pais, pela idade, e também pela situação do Brasil. Contou que ele teve muito apoio do governo:

Aqui em Dublin deram apoio financeiro e o governou ordenou que ficassem em casa. Eu sou brasileiro e estou sendo ajudado, pra ficar em casa.

Ainda falando sobre os desafios, pedi que ele contasse sobre sua mudança interior. Já havíamos falado do assunto, anteriormente, em conversas informais, mas neste momento retomamos o tema:

É engraçado porque eu sinto que eu mudei muito, mas é uma mudança natural. Diante dos desafios, gira-se uma chave que não dá tempo para reclamar/chorar. Só muda para o lado positivo e você vê o retorno muito rápido. Os desafios mudam você. As pequenas conquistas também: ir no caixa do supermercado e manter um pequeno diálogo, cozinhar. Enfim, coisas simples que trazem felicidade e fazem você acreditar mais em si mesmo.

Conta que algo impressionante para ele foi conhecer pessoas de todas as idades, realizando o sonho do intercâmbio:

Conheci pessoas de todas as idades no intercâmbio, realizando um sonho! Um tapa na cara de pensar que não existe idade para realizar os sonhos!

Ainda complementou que há ‘perrengues’ no trabalho e muitas responsabilidades, mas a recompensa é certa. Para ele, a experiência toda é muito marcante. Conta que o ‘segredo’ do intercâmbio é tentar estar sempre presente e viver o momento.

Quadro 14 – Quadro-síntese Kennedy

Marcas	Kennedy – Brasil para Irlanda
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Sempre tive essa vontade, mas fui adiando”. - “Me locomovo de bicicleta para todos os lados, assim consigo interagir com a cidade”. - “Assumi um pertencimento do lugar. Pensava: ‘este local é o meu bairro, esta é a rua do meu trabalho e este é o meu lugar”.
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - No início, sua principal dificuldade foi o idioma. - Usava muito os gestos para se entender com as pessoas.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “Comecei a sentir muitas saudades. Certas coisas só na casa da gente. E eu pensava: Como seria estar lá agora?”. - A relação com os pais e irmãos melhorou muito. - “No início da Pandemia, a vontade era retornar de novo, ir ver como meus pais estavam, mas os aeroportos estavam fechados”.

	<ul style="list-style-type: none"> - Na Pandemia, a preocupação maior era com os pais. - “Então acreditei em mim, nem pensei no medo de falar em Inglês e tive coragem”. - “Eu sinto que eu mudei muito, mas é uma mudança natural”. - “Os desafios mudam você”. - “Coisas simples trazem felicidade e fazem você acreditar mais em si mesmo”.
--	---

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.7 Alba: Brasil e Espanha

Com Alba, novamente a entrevista foi ‘entre mundos’, fusos horários e estações: eu em Caxias do Sul e ela em Jaen, Espanha. Nos conhecemos desde 2010, mas, por não sermos tão próximas, nunca dialogamos sobre esse sonho em comum de fazer intercâmbio. Em 2018, no entanto, quando eu estava na Espanha, Alba me chamou para pedir algumas informações da Bolsa Santander e então iniciamos uma troca de experiências muito rica. Desde aquela época, ela já comentou que era um grande sonho, e reforçou no momento da entrevista:

Eu sempre quis fazer intercâmbio, mas a condição econômica não permitia. Por isso, comecei a me inscrever para todas as bolsas possíveis que eu tinha acesso.

Assim, eu sabia que ainda no ano de 2018 ela havia se inscrito online na bolsa da Universidad de Jaen e também na bolsa Ibero Americana do Santander.

Em Junho de 2019, eu recebi o retorno positivo da bolsa do Santander para cursar um semestre em Portugal, fiquei feliz e já fui comprando passagem e planejando tudo. No entanto, um mês depois eu recebi o retorno, também positivo, da Universidad de Jaén, e fiquei ainda mais feliz! Toda a graduação na Espanha e com bolsa! Então decidi ir para Espanha e mudei todos os planos já realizados até então.

Quando lhe perguntei sobre sua interação com Jaén, ela contou que a cidade é pequena mas que o Turismo é intenso. Lembrou que Jaén é considerada patrimônio do azeite de oliva.

Da minha interação com a cidade, eu faço tudo caminhando, é bom porque todos os veículos respeitam o pedestre e a faixa.

Conta, ainda, que quando chegou na universidade, teve palestras sobre a adaptação e um dos temas era a Segurança. Foi bem orientada no sentido de usar faixas de pedestre e estar atenta às sinalizações.

Eu acho incrível como aqui é diferente do Brasil, por exemplo, os bancos não possuem porta giratória e nem guardas, ainda assim me sinto em segurança.

Conta que chegou na Espanha em setembro de 2019 e que, naquele primeiro momento, falava todos os dias com sua família. Por ser filha única, percebia que os pais se preocupavam demais e queriam sempre estar em contato, para saber se ela estava bem.

Meus pais se preocupavam muito. Então foi muito difícil “cortar o cordão umbilical”, mas acho que agora a saudade nos fez mais fortes, ou estamos nos acostumando com a distância.

Há um desejo muito grande em Alba de poder viajar pela Espanha com seus pais, para disfrutar um pouco desse sonho com a família: “Eles batalham tanto para eu estar aqui, sabe?” E aí comentei com ela que entendo bem esse sentimento. Eu adoraria ter recebido minha família em Segóvia, principalmente quando vi a primeira nevasca, que me encantei! E recordei que minha irmã mais nova ainda não conhecia neve; então, queria muito que ela estivesse lá comigo.

Alba contou que esse sonho quase se concretizou para ela, pois sua família tinha planos de visitá-la em junho de 2020, mas, com a chegada da Pandemia, esse planejamento foi totalmente cancelado. Contou, inclusive, que as fronteiras na Espanha foram fechadas em março de 2020, quando ela estava retornando da França e quase que não conseguiu voltar. Chegou e ficou confinada imediatamente.

Na quarentena, aqui na Espanha, não podia sair na rua, se não, recebia multa. Então eu fiquei em segurança, dentro de casa. Claro que meus pais se preocupavam vendo as notícias, mas eu tinha mais medo por eles do que por mim, pois, no Brasil, a quarentena não era levada muito a sério, conforme depoimento deles.

Então a preocupação era grande, mas Alba não precisou deixar de estudar, pois a Universidade lhe dava todo o suporte: “Eu tenho aulas virtuais e eles se preocuparam com tudo, até emprestaram computador para os alunos”. Quanto a este quesito, compartilho com ela que, no Brasil, foi um pouco mais demorado esse processo de adaptação, ou seja, aqui não foi tão fácil achar soluções tecnológicas que fossem viáveis economicamente para todas as regiões.

Mesmo que Alba ainda esteja na metade do seu intercâmbio, perguntei se ela já percebe alguma mudança em si mesma:

Nossa, eu aprendi muito! Me autoconheci e evolui muito neste período. Foram tantas experiências que me fortaleceram. Até mesmo o medo, inclusive com a Pandemia, é um sentimento que me fez crescer muito.

Perguntei sobre o retorno ao Brasil e ela comentou de novo sobre o medo, neste caso, sobre voltar para o Brasil e não ser valorizada profissionalmente. Comentamos sobre isso, há um esforço do intercambista por ‘melhorar seu currículo’, mas ao retornar ao país de origem, muitas vezes, esse esforço não é reconhecido acadêmica ou profissionalmente. Por fim, tentei trazer uma fala esperançosa, no sentido de que o sujeito que está ‘em movimento’ sempre busca as trilhas que podem acolher seus valores e propósitos de vida. Assim encerramos nossa chamada e eu fiquei de visitá-la em Jaén e depois fazermos juntas uma rota por Segovia e outras cidades da Espanha. Cheia de planos, finalizei mais uma entrevista ‘entre mundos’.

Quadro 15 – Quadro-síntese Alba

Marcas	Alba – Brasil para Espanha
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre quis fazer intercâmbio, a condição econômica não permitia”. - “Eu faço tudo caminhando, é bom porque todos os veículos respeitam o pedestre e a faixa”. - “Eu acho incrível como aqui é diferente do Brasil, por exemplo, os bancos não possuem porta giratória e nem guardas, ainda assim me sinto em segurança”.
Comunicacionais	- Quando chegou na Espanha, falava todos os dias com sua família através

	<p>das redes sociais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Na universidade, teve palestras para sua adaptação inicial e, depois, na Pandemia, teve assessoria para continuar as aulas virtuais.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “Meus pais se preocupavam muito. Então, foi muito difícil cortar o cordão umbilical [...] a saudade nos fez mais fortes.” - Gostaria que os pais vivenciassem a experiência junto: “eles batalham tanto para eu estar aqui, sabe?” - “aprendizado, autoconhecimento e evolução”. - “Foram tantas experiências que me fortaleceram. Até mesmo o medo, inclusive com a Pandemia, é um sentimento que me fez crescer muito”.

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.8 Scherer: Brasil e Alemanha

No dia 17 de outubro de 2020, a chamada foi entre Brasil e Alemanha: para mim, eram 15 horas em Caixas do Sul, e para Scherer, 20 horas em *Frankfurt*. Eu já conhecia a entrevistada por residirmos na mesma cidade e termos frequentado o mesmo grupo de jovens católicos, no ano de 2012. Com o passar do tempo, no entanto, acabamos seguindo caminhos distintos e perdemos o contato. Em 2020, quando eu soube que Scherer estava a caminho da Alemanha, enviei-lhe mensagens de apoio. Sempre faço isso com os intercambistas da minha rede de contatos, pois sei o quanto faz a diferença nessas horas (em que às vezes duvidamos se fizemos a escolha certa). Então, a partir do dia de seu embarque (06 de fevereiro de 2020), retomamos contato via rede social.

Assim, em nossa chamada no mês de outubro, Scherer iniciou contando que já tinha vivenciado quatro meses em Munique e estava completando três meses em Frankfurt, ambas experiências como intercâmbio *Aurpair*. Chamou-me atenção o fato de ter passado apenas quatro meses na primeira cidade, mas, como estávamos no início da chamada, preferi não questionar. Assim, iniciei com a primeira pergunta sobre ‘quais as razões que a levaram fazer o intercâmbio?’, e a resposta foi:

Eu sempre quis, desde o Ensino Médio eu estudava Inglês, e isso gerou uma vontade enorme de conhecer o mundo e presenciar novas culturas.

Neste momento, contei um pouco sobre minha experiência e ela compartilhou em seguida que fazia muito tempo que vinha planejando o intercâmbio. “Era para ser uma viagem de casal”, diz Scherer, relatando que fazia mais de dois anos que ela e seu namorado estavam planejando e sonhando com o fato de morarem juntos na Alemanha. Assim relata:

Eu sempre quis fazer intercâmbio, mas não sabia para qual local. Como o meu namorado é fluente em alemão e tem fortes conexões com a cultura, nós começamos a pesquisar e planejar tudo para este destino. Mas aí, no meio do percurso, ele teve imprevistos e apenas eu consegui viajar. Sabe, eu não ia desistir de tudo, depois que já estava tudo certo e organizado para meu embarque, mas foi e está sendo muito difícil.

Percebi a sua voz trêmula e tentei me colocar no lugar de Scherer e oferecer palavras de conforto. Recordo-me que o propósito da ‘com-versa’ surge da amorosidade, então o outro não é apenas a fonte da pesquisa, mas, sim, um sujeito-trama com marcas e feridas abrindo sua caixa de memórias para compartilhar suas vivências nesta pesquisa. Assim, para dar sequência na entrevista, contei também sobre minhas dificuldades na Espanha. Em poucos minutos, já estávamos rindo das nossas experiências frustradas. Ainda sobre o assunto, ela relatou uma cena em que foi ajudada por outra brasileira:

Eu precisava enviar uma procuração muito importante para o Brasil e, por não saber falar alemão, eu não conseguia me comunicar com a atendente. Por fim, uma brasileira estava na fila, tinha ouvido meu problema e se prontificou para me ajudar. Me emprestou até o cartão dela e tudo. Ajudou por ajudar, sabe? Eu não sei explicar o quanto sou grata a essas pessoas que cruzaram meu caminho.

Depois que a chamada ficou mais ‘leve’, Scherer voltou a falar do que a incomodava na cidade onde permaneceu só quatro meses:

Eu sofri muito com a comunicação em Munique. Os moradores locais, em geral, são bem fechados e parecem não gostar de estrangeiros. Essa foi a pior parte, por vezes sofri xenofobia. Quando eu mais precisava de ajuda, as pessoas só falavam em alemão e, pior ainda, usavam um dialeto próprio da região de Munique que ninguém entendia. Inclusive, eu acho que precisamos parar de romantiza só porque é Europa. Aqui também tem problemas e, inclusive, muito preconceito.

Assim, relatou que esse foi um dos motivos que originou um novo planejamento em seu intercâmbio: trocar de cidade. Antes de se mudar de Munique, entretanto, ela tentou apenas trocar de *Host Family*, já que a burocracia era menor, e isso não adiantou, tornando a experiência ainda mais difícil.

Eu também tive um problema de instabilidade emocional, por estar realizando um sonho, mas acabar sofrendo muito neste período. Mudei três vezes de família e, no início, me sentia muito sozinha.

Contou, ainda, que tomou essa decisão difícil de mudar de cidade e, novamente, de *Host Family*. Disse que não foi fácil e que acabou ficando com um trauma de Munique. No dia que saiu da segunda família, em Munique, para viajar para *Frankfurt*, ela registrou uma foto a seguir e contou, durante nossa entrevista, sobre o significado deste momento para ela:

Figura 21 – Registro



Fonte: arquivo pessoal de Scherer (2020), enviado por whatsapp.

Neste dia, eu me senti tão sozinha tão orgulhosa ao mesmo tempo, porque minha vida toda estava naquelas malas e nesse trem que me levaria para uma vida nova. E foi preciso muita coragem pra chegar nesse dia. E acho que isso representa muito a vida de um intercambista, como nós e nossas malas, que, no simbólico, elas guardam aquilo que nos pertence né, aquilo que somos.

Achei interessante a analogia que Scherer fez entre suas malas e a bagagem subjetiva da sua vida. Fiquei ali, refletindo. Depois disso, perguntei como estava sendo esse período em Munique e ela relatou que muito melhor, se sentia mais em ‘casa’ ali. E assim contou sobre a sua interação com a trama turística:

Aqui a qualidade de vida é surpreendente, tem até idosos andando de bike pelas ruas. Uma coisa que eu gosto é andar na rua e ver as pessoas felizes e eu quero ir em busca dessa qualidade de vida.

Ainda sobre a interação com a cidade, disse que Munique é muito segura e que raramente há notícia de furtos ou qualquer perigo do gênero. “Para você ter uma ideia, eu perdi minha manta e conseguiram me encontrar, só para devolver minha manta”. Isso foi surpreendente para ela.

Na sequência, Scherer falou que sempre foi muito apegada com a sua família, “então a saudade é cruel”.

A internet ajuda, por um lado, mas de uma certa forma parece que aumenta a dor, pois você vê a pessoa, mas não pode tocar, abraçar e matar a saudade em si. Minha mãe sempre dizia quando eu comentava das dificuldades: seja firme e forte. Mas meu pai é muito emotivo, quando me vê na chamada de vídeo, já começa a chorar.

Ela complementou que a saudade aumentava mais ainda, em função da quarentena que estávamos vivendo no ano de 2020, com a Pandemia.

Todo mundo estava em casa, mas eu morava com uma família que não era a minha.

Por fim, Scherer conta que, em oito meses de intercâmbio, já mudou muito. Falamos então sobre essa mudança que, ao mesmo tempo, é interna e também se trata de alterações em relação à forma como vemos o mundo e tudo ao nosso redor.

Eu tive um processo de autoconhecimento gigante: descobri que sou resiliente e que suporto muitas coisas. Acima de tudo, sempre me questionava: “o que me aproxima do que eu quero pra mim?” E, realmente, decidir o futuro dói. Mas também aprendi a respeitar o que eu sinto, com carinho comigo mesma. E eu tenho gostado mais da minha própria companhia.

Ainda refletimos sobre o fato de que sempre escutamos muito os amigos, as pessoas que querem desabafar, mas às vezes esquecemos de ouvir a nós mesmos, a voz de dentro. E, assim, nossa chamada finalizou quase às 22h da Alemanha, Scherer se despediu com um boa noite e relatou sua felicidade em ter participado da entrevista, ainda me convidou para tomar uma cerveja na Alemanha, quando não estivermos mais em Pandemia.

Quadro 16 – Quadro-síntese Scherer

Marcas	Scherer – Brasil para Alemanha
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre quis, desde o Ensino Médio eu estudava Inglês, e isso gerou uma vontade enorme de conhecer o mundo e presenciar novas culturas”. - Conta que a qualidade de vida é surpreendente e que Monique é muito segura. - “[...] tem até idosos andando de bike pelas ruas” - “Uma coisa que eu gosto é andar na rua e ver as pessoas felizes e eu quero ir em busca dessa qualidade de vida”. - “[...] nesse trem que me levaria para uma vida nova”.
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] por não saber falar alemão, eu não conseguia me comunicar com a atendente”. - Dificuldade com o dialeto em Munique. - “Essa foi a pior parte, por vezes sofri xenofobia”. - “[...] precisamos parar de romantizar só porque é Europa. Aqui também tem problemas e, inclusive, muito preconceito”. - Aproximação com outros brasileiros que lhe ajudaram a encarar problemas.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] eu não ia desistir de tudo, depois que já estava tudo certo e organizado para meu embarque, mas foi e está sendo muito difícil.” - Ao mudar de Host Family, se sentia sempre muito sozinha. - Sobre sua família no Brasil, conta que “a saudade é cruel”. - “A internet ajuda, por um lado, mas, de uma certa forma, parece que aumenta a dor, pois você vê a pessoa, mas não pode tocar, abraçar e matar a

	<p>saudade em si”.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sobre a Pandemia: “Todo mundo estava em casa, mas eu morava com uma família que não era a minha”. - “Eu também tive um problema de instabilidade emocional, por estar realizando um sonho, mas acabar sofrendo muito neste período”. - “Neste dia, eu me senti tão sozinha tão orgulhosa ao mesmo tempo. [...] E foi preciso muita coragem pra chegar nesse dia”. - “[...] somos nós e nossas malas, que no simbólico elas guardam aquilo que nos pertence né, aquilo que somos”. - Em oito meses de intercâmbio, senti que mudou muito. - “Eu tive um processo de autoconhecimento gigante: descobri que sou resiliente e que suporto muitas coisas”. - “[...] aprendi a respeitar o que eu sinto, com carinho comigo mesma. E eu tenho gostado mais da minha própria companhia”.
--	---

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.9 Francisca: Brasil e Portugal

No dia 23 de outubro, conheci Francisca virtualmente em uma chamada ‘entre mundos’: 9h em Caxias do Sul e 13h em O Porto. Digo que a conheci neste momento porque Francisca foi uma das pessoas que o destino me fez entrar em contato. Eu falava tanto da dissertação, no ambiente de trabalho, que uma colega me disse: “já que você precisa entrevistar intercambistas eu vou te colocar em contato com Francisca, porque tenho certeza que ela vai aceitar”. E foi exatamente assim que ocorreu.

Dessa forma, iniciamos a chamada nos apresentando. Como de costume, contei sobre meu intercâmbio e minha grande motivação em pesquisar as áreas de Comunicação e Turismo. Francisca se apresentou também, comentou que sua viagem foi em 12 de Março de 2020, um pouco antes das fronteiras serem fechadas em virtude da Pandemia do coronavírus.

Comecei perguntando sobre qual sua motivação para fazer o intercâmbio, e ela disse que sempre teve vontade de viajar. Foi na Graduação, porém, que sua vontade se intensificou. Conta que estava insatisfeita:

A vontade de viajar se manifestou mais forte em mim não para ir conhecer novas culturas, mas para ir em busca de um aprendizado mais coerente com o que eu acredito e almejo a respeito da Educação. Assim, consegui entrar em contato com a 'Escola da Ponte' e me matriculei em um curso, com o objetivo de aprender metodologias não convencionais e voltar a me apaixonar pela área da Educação.

Francisca conta ainda que pesquisou muito sobre a Escola da Ponte e que almejou estudar aí porque as pesquisas dessa universidade apresentam o docente como apoiador aos sujeitos, que compartilha e aprende junto. Complementa: “Busco a metodologia alternativa para ajudar as pessoas a se descobrirem e, nesta caminhada, motivem-se para o próprio desejo de aprendizagem”. Não pude deixar de falar da Cartografia dos Saberes, do PPGTURH e da forma como lidamos com a aprendizagem transversalizada no Programa. E, assim, saímos da trilha das perguntas da entrevista, mas adentramos em uma conversa muito importante também para essa dissertação: as metodologias de ensino.

Após nosso momento de interação epistemológica, voltamos para a sua experiência em Portugal. Ela contou que havia planejado muitas coisas, mas, ao chegar no destino, deparou-se com a Pandemia.

Nos primeiros meses, a minha interação turística foi quase inexistente. Em Portugal, os pontos turísticos estavam todos fechados e as fronteiras também.

Por mais que Francisca estivesse feliz pela realização de um sonho, o cenário de Pandemia lhe trouxe adversidades para o intercâmbio.

A maior decepção foi a minha visita na Escola da Ponte ter sido cancelada, justamente porque foi o motivo maior pelo qual viajei, meu grande sonho. Mas eu não sinto que “perdi a viagem”, pelo contrário, já aprendi muito.

Ao falar em aprendizado, é possível perceber que às vezes criamos expectativas, a partir do nosso planejamento de viagem, mas o intercâmbio pode revelar objetivos maiores em relação àqueles que havíamos pensado.

Comecei a conhecer pessoas incríveis e uma delas me apresentou um grupo de danças em Portugal. Quando conheci o pessoal da dança, foi um encontro de universos, incrível! Acho que esse era o grande motivo para minha viagem e eu nem sabia.

Uma das marcas no seu intercâmbio foi o fato de nem ter planejado ir para Portugal para se dedicar à dança e acabar sendo surpreendida pela oportunidade que surgiu. Assim, ainda questiono Francisca sobre sua percepção entre Brasil e Portugal.

Eu acho que aqui as pessoas se preocupam mais com as outras. Claro que há pobreza também, mas os moradores de rua são amparados, inclusive recebem comida quentinha. Acredito que é um órgão público que faz isso. Estava caminhando na rua e vi um carro que parava e ia distribuindo comida para quem tinha fome.

Francisca complementou, dizendo que O Porto lhe parece um lugar muito seguro e com maior qualidade de vida. Por outro lado, citou que, mesmo estando no 'primeiro mundo', sentia muita falta do Brasil e de casa. Falou ainda sobre a gastronomia brasileira que, segundo ela, é superior. Ainda refletiu que, estando fora do Brasil, percebeu que começou a se identificar mais com o país e ter orgulho de dizer que é brasileira. Explicou que isso ocorre também porque, mesmo em intercâmbio, procurou não perder a conexão com seu território de origem, tanto que, em seu aniversário, a família e os amigos brasileiros deram um jeito de comemorar junto com ela:

Figura 22 - Registro de Francisca



Fonte: arquivo pessoal de Francisca (2020), enviado por whatsapp.

Referiu que a saudade é grande, que a Pandemia agravou essa sensação:

Minha família ficou desesperada, pedindo para eu voltar, mas eu não queria (e nem podia porque os aeroportos estavam fechados).

Por fim, falou que sua visão de mundo foi ampliada com a experiência do intercâmbio. Quando deu a entrevista, ela ainda aguardava a visita à Escola da Ponte, mas já tinha feito um curso virtual sobre as metodologias. Complementou que se sentia motivada a voltar para o Brasil e tentar fazer a diferença através da Educação. E assim, antes de encerrar a chamada, ainda convidei Francisca para que, em algum momento, pudesse presenciar um encontro do grupo de pesquisas Amorcomtur! Despedimo-nos assim e finalizamos a entrevista.

Quadro 17 – Quadro-síntese Francisca

Marcas	Francisca – Brasil para Portugal
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - Sempre teve vontade de viajar. - “Nos primeiros meses, a minha interação turística foi quase inexistente. Em Portugal, os pontos turísticos estavam todos fechados e as fronteiras também”. - “Eu acho que aqui as pessoas se preocupam mais com as outras”. - “Claro que há pobreza também, mas os moradores de rua são amparados”.

Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - “Quando conheci o pessoal da dança, foi um encontro de universos, incrível! Acho que esse era o grande motivo para minha viagem e eu nem sabia”. - As redes sociais permitiram que ela estivesse em contato com o cotidiano e a as pessoas do território de origem.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “a saudade é grande” - a pandemia intensificou a falta que ela sentia de casa, da família e dos amigos. - “Minha família ficou desesperada pedindo para eu voltar, mas eu não queria (e nem podia porque os aeroportos estavam fechados)”. - “[...] Mas eu não sinto que “perdi a viagem”, pelo contrário, já aprendi muito”. - sua visão de mundo foi ampliada com a experiência do intercâmbio. - sente-se motivada a voltar para o Brasil e tentar fazer a diferença através da Educação

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.10 Lily: Brasil e Nova Zelândia

No dia 12 de novembro de 2020, às 19h30min de Caxias do Sul iniciei a chamada com Lily, que já estava no dia 24 de outubro, as 10h30min. Essa chamada foi muito significativa, estar ‘entre tempos’, em dias diferentes, me fez perceber o quanto o campo desta pesquisa me permite ser sujeito ‘entre mundos’, mesmo em Caxias do Sul, mesmo em Pandemia.

Lily é uma grande amiga, não pensou duas vezes, quando a contatei e fiz o convite para esse encontro virtual. Nós duas estudamos juntas na Universidade de Caxias do Sul e conversávamos muito sobre viagens. Assim, dispensadas as apresentações, comecei a nossa chamada já perguntando desde quando ela descobriu sua vontade por fazer o intercâmbio:

Eu sempre tive vontade. Quando estava decidindo qual graduação cursar, eu cogitei estudar História, pois gostava muito de ler sobre tudo o que já tinha acontecido no mundo e amava estudar outras culturas também. Mas acho que a ideia do intercâmbio foi crescendo dentro de mim, quando comecei a trabalhar em uma escola de Inglês e os meus colegas de trabalho contavam sobre as suas experiências internacionais e isso me brilhava os olhos. Mesmo assim, esse foi um daqueles sonhos/projetos que ficam na gaveta por um tempo.

Falamos, então, sobre os motivos que fazem a gente deixar um sonho na gaveta. Às vezes, a questão econômica nos faz adiar, mas, em alguns casos, isso ocorre pela sensação de que não temos coragem. Lily contou que seu intercâmbio teve muito planejamento. Viajaram ela e seu namorado, no final de 2018, e no momento da entrevista, já estavam completando um ano e meio na Nova Zelândia. Contou que o motivo das suas pesquisas pré-viagem era a necessidade de economizar, porque não tinha muita verba disponível. Explicou que eles fizeram uma lista dos melhores países para morar e com menor custo de vida, com base em pesquisa com outros intercambistas e também em websites/blogs com informações de viagem. Tendo decidido por Nova Zelândia, Lily contou que nunca se arrependeu, mas que foi bem marcante a chegada:

Foi um choque quando eu cheguei. Caminhar no aeroporto e ver todas as comunicações em Inglês e todos os atendentes falando neste idioma já foi um baque de 'boas-vindas' (risos).

Neste momento, achamos muita graça, porque é óbvio que toda a comunicação seria no idioma do país, mas é este sinalizador que faz perceber que realmente você já está em outro 'mundo' e que tudo é diferente do que era acostumado. Após o choque no aeroporto, Lily e seu namorado seguiram para sua hospedagem temporária.

Ao chegarmos aqui em Auckland ficamos primeiro em um Airbnb de uma família chilena. Essa é uma das marcas mais importantes pra mim: eles também eram estrangeiros, então, nos entendiam em todos os sentidos. Fomos muito bem recebidos, inclusive nos ajudaram com a moradia, nos indicaram os comércios mais econômicos e nos deram muitas dicas de como viver na Nova Zelândia.

Já com as dicas da família chilena, eles se instalaram em um apartamento no centro da cidade e começaram a construir sua história aí. Quando eu questionei sobre a interação com a cidade, Lily respondeu que adora estar ao ar livre.

Viver na Nova Zelândia é muito bom, foi a minha melhor escolha! Aqui sempre tem um lugar para "escapar". Estou sempre perto da praia e, se viajar alguns quilômetros, estarei perto das montanhas. Eu moro no centro, então tudo é "perto". Faço tudo caminhando e estou sempre

conectada com a natureza também. Sinto que, no Brasil, eu era engolida pelos acontecimentos do dia a dia, não conseguia nem parar para respirar. Aqui é diferente! No caminho para o trabalho, eu escolho visitar alguns parques (meu preferido é o Albert Park).

Parei, então, para refletir, enquanto ela me respondia. Pensei: ‘acho que eu sou engolida pela minha rotina’. E assim, concordei com ela e prosseguimos esse diálogo sobre o que é qualidade de vida para nós. Lily complementou, dizendo que percebe essa mudança em seu modo de viver, também por influências dos moradores locais da Nova Zelândia: Conta que eles amam o ar livre, possuem um estilo de vida saudável e são completamente *Outdoors* (aqueles que amam estar fora de casa). Além disso, falou sobre as conexões multiculturais:

As conexões que eu fiz é o que mais me marcou com certeza, pois este é um país com uma grande diversidade cultural. Isso é incrível porque eu vou conhecendo o mundo através das conexões que eu faço. Tenho amizade de diferentes etnias! Às vezes paro na esquina da rua mais movimentada só para ouvir as pessoas falando em seus telefones ou entre elas. E assim escuto, ao mesmo tempo, muitos idiomas distintos.

Na sequência, Lily falou que, por mais que estivesse muito feliz, não se sentia completa, pois a saudade machucava.

Eu demorei muito para me acostumar com a distância, realmente eu chorava muito. Inclusive tinha uma frustração gigante por não conseguir fazer chamadas de vídeo com a minha mãe, porque ela começava chorar e eu também. Isso foi duro. Mas nos comunicamos sempre por whats, até porque a diferença do fuso horário é enorme, e isso atrapalha na comunicação.

Retomei a fala de Lily sobre as chamadas de vídeo e perguntei sobre a sensação: “parece que fica mais nítida a nossa distância”. Ela disse, ainda, que, com a chegada da Pandemia, essa saudade aumentou, que teve muito medo:

Aquele sentimento de querer estar perto da família e saber que não é possível.

Por conta de as fronteiras ainda estarem fechadas, ela não vislumbrava, no momento da entrevista, um encontro ‘tão cedo’. Sua preocupação manifesta era muito mais por seus pais do que por ela mesma. Disse se sentir segura em sua cidade; porém, não sentia o mesmo por sua família, que inclusive já são do grupo

de risco. Ela afirmou que vinha acompanhado as notícias do Brasil, tanto pelas redes sociais, visualizando as publicações dos amigos, como também por acessar jornais virtuais de Caxias do Sul. E refletiu que, na Nova Zelândia, as regras são claras e seguidas pela população. Também compartilhou que o povo foi muito bem liderado e informado durante a quarentena. Disse que tiveram auxílio do governo, mesmo sendo intercambista.

Após falarmos da diferença dos dois países no período de Pandemia, Lily parou para pensar e compartilhou comigo que esteve muito tempo do intercâmbio pensando no que havia deixado no seu território de origem.

Como comentei, eu sofri muito, principalmente quando cheguei, até o corpo entender e a cabeça aceitar foi difícil. Quase diariamente me questionava, pensando que não tinha feito a escolha certa, pois abri mão de muita coisa no Brasil para viver na Nova Zelândia. Então, eu passei muito tempo me questionando e não me entregava 100% para o intercâmbio. Quando eu percebi isso, ergui a cabeça e comecei a viver intensamente essa oportunidade, aproveitando muito mais o que estava acontecendo ao meu redor. Lembro que o pensamento que prevaleceu foi “eu não vou desistir do meu sonho”.

Há sinalizadores muito fortes de autopoiese em seu relato, então, aproveitei o momento para conversar a respeito da potência de autopoiese. Refletimos que nunca é fácil se ‘autocriar’ e que este processo traz grandes aprendizados para o sujeito.

Tudo que eu passei é uma bagagem muito grande. Aprendi a dar valor para minha própria companhia e a me ouvir mais. É uma relação mais intensa comigo mesma: relembrar sempre meus objetivos e o que eu quero para minha vida.

Assim, a conversa se encaminhou para o final. Já era meia noite passada para mim, ou seja, finalizamos a ligação estando no mesmo dia: 24 de outubro. Eu me sentia alegre com os sinalizadores ‘entre mundos’. Assim, agradei Lily e ela compartilhou que foi muito bom dividir sua trajetória comigo.

Quadro 18 – Quadro-síntese Lily

Marcas	Lily – Brasil para Nova Zelândia
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - Sempre teve vontade de fazer Intercâmbio. - Gostava muito de ler sobre tudo o que já tinha acontecido no mundo e estudar outras culturas também. - “[...] a ideia do intercâmbio foi crescendo dentro de mim quando comecei a trabalhar em uma escola de inglês e os meus colegas de trabalho contavam sobre as suas experiências internacionais e isso me brilhava os olhos”. - Fizeram uma lista dos melhores países para morar e com menor custo de vida, com base em pesquisa com outros intercambistas e também em websites/blogs com informações de viagem. - adora estar ao ar livre. - “eu faço tudo caminhando e estou sempre conectada com a natureza também”. - “Sinto que, no Brasil, eu era engolida pelos acontecimentos do dia a dia, não conseguia nem parar para respirar”.
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - Não tinha muita verba disponível para a viagem; por isso pesquisou muito com intercambistas e também em websites/blogs com informações de viagem. - Acessava rede social e jornais da cidade de Caxias do Sul, para se informar do status da quarentena na cidade. - Foi um choque para ela, quando avistou as sinalizações do aeroporto em Inglês e percebeu os atendentes e comunicando neste idioma. - Os chilenos entendiam as necessidades deles, inclusive indicaram os comércios mais econômicos e nos deram muitas dicas de como viver na Nova Zelândia. - Conheceu muitos estrangeiros: “Isso é incrível porque eu vou conhecendo o mundo através das conexões que eu faço”.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu demorei muito para me acostumar com a distância, realmente eu chorava muito” - Na Pandemia, preocupação com os pais e “aquele sentimento de querer estar perto da família e saber que não é possível”. Fronteiras fechadas. - “tinha uma frustração gigante por não conseguir fazer chamadas de vídeo com a minha mãe, porque ela começava chorar e eu também. Isso foi duro”. - “Na chamada de vídeo, parece que fica mais nítida a distância”.

	<ul style="list-style-type: none"> - O fuso horário enorme atrapalha na comunicação com o Brasil. - “[...] comecei a viver intensamente essa oportunidade, aproveitando muito mais o que estava acontecendo ao meu redor. Lembro que o pensamento que prevaleceu foi “eu não vou desistir do meu sonho”. - Tudo que eu passei é uma bagagem muito grande, aprendi a dar valor para minha própria companhia e a me ouvir mais. - “relembrar sempre meus objetivos e o que eu quero para minha vida”.
--	---

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.11 Briana: Brasil e Irlanda

Briana foi uma indicação de uma querida amiga do grupo de pesquisa. Conversamos no dia 27 de outubro de 2020, virtualmente, mesmo estando na mesma cidade: Caxias do Sul. Começamos nos apresentando e o curioso é que nossos intercâmbios foram aproximadamente na mesma data. Briana permaneceu sete meses em Dublin (de julho de 2017 a março de 2018) e viajou mais 27 dias em um intercâmbio “Mochilão”. Após nossa conversa inicial, ela começou me contando como era sua rotina em Dublin:

Eu morava no centro, então fazia tudo caminhando. Eu trabalhava muito, mas costumava pegar ruas diferentes para ir conhecendo os lugares no meu trajeto. Nestes deslocamentos, eu podia conhecer vários parques e praças.

Quando Briana comentou que trabalhava muito, eu perguntei como foi essa experiência. Ela me contou que Dublin tem um custo de vida caro e afirmou que, por isso, sempre teve o objetivo de trabalhar, mesmo antes de viajar. Chegando lá, porém, já teve dificuldade para encontrar um local para residir e, mais tarde, foi difícil também conseguir um emprego.

Mas sempre tive a ajuda de brasileiros, eles me entendiam e me acolhiam sempre! Eu passei por muitas dificuldades, cheguei a ter três empregos para dar conta das minhas dívidas e ainda quebrei meu pé, para piorar a situação!

Briana contou a última situação rindo (que quebrou o pé), mas eu fiquei apavorada com o relato. Ela disse: “claro, no momento não foi nada engraçado”. Comentamos que normalmente se paga o seguro viagem, para não precisar utilizá-lo. Eu, por exemplo, nem sabia onde era o hospital de Segóvia. E ela disse que foi bem complicado, mas que o sistema de saúde de Dublin deu todo o suporte que ela precisava, até mesmo os medicamentos.

Ainda sobre sua fala anterior, sobre os brasileiros, questionei Briana sobre suas amizades no intercâmbio, e ela contou que, quando chegou lá, percebeu que havia muitas pessoas do Brasil residindo em Dublin. Justamente por isso, teve certo ‘preconceito’ em fazer amizade com brasileiros porque queria mesmo era conhecer os moradores locais e treinar o idioma Inglês. Com o passar do tempo, foi encontrando nos outros estrangeiros o ‘abrigo’ que precisava, já que não foi fácil se acostumar longe de casa.

No início, eu sofri bastante com a distância de casa e tudo era um perrengue. Se eu não tivesse gastado tanto para estar ali, juro que pegava a minha mochila e voltava para casa.

Ela afirmou, também, que uma estratégia encontrada para ter a família mais perto de si era manter uma foto de todos juntos, na cabeceira de sua cama (figura 25). Disse que, assim, sempre que acordava, sabia que eles estavam ali torcendo por ela.

Figura 23 - Registro Briana



Fonte: arquivo pessoal de Briana (2017), enviado via whatsapp

Complementou que o fato de sentir muita saudade fazia com que ela chorasse em todas as chamadas de vídeo que fazia com sua mãe. Conta que queria ser forte, até para sua família não ficar preocupada, mas nem sempre conseguia. Além disso, sempre acompanhava as redes sociais de seus conhecidos no Brasil, e isso, nem sempre, era uma boa ideia:

Também começou alguns questionamentos de tamanha mudança na minha vida, porque eu via fotos do pessoal no Brasil, fazendo churrasco no Domingo, e eu aqui trabalhando dias e noites.

Com o passar do tempo, porém, Briana percebeu que não ia aproveitar seu intercâmbio, se continuasse vivendo apenas a realidade do seu território de origem. Começou a frequentar a vida noturna de Dublin, quando não estava trabalhando. Contou que isso foi um impulso, para ela conseguir viver com maior plenitude sua experiência.

O que me chamava atenção nas ofertas de lazer noturno era a segurança nos Pubs e baladas, pois isso era muito rígido e eficaz.

Além da trama turística, perguntei também o que lhe chamava atenção na trama comunicacional e como ela se informava das notícias de sua nova cidade:

O professor de Inglês nos indicou escutar rádio, até para acostumar o ouvido com o idioma. Dessa forma, eu escutava as notícias pelo rádio, mas às vezes também lia pelas páginas do Facebook. Na minha residência, a TV era paga, não tinham “canais abertos”, então eu não assistia nada.

Para finalizar, contou que se sentia muito ‘entre mundos’ até o momento da entrevista, porque, estando fora do país, ficava pensando na sua família e na rotina que tinha no Brasil. Ao retornar, porém, passou a sentir muita falta de tudo que conquistou no intercâmbio:

Na volta, não teve um dia que eu não pensasse no intercâmbio. Eu costumo dizer que fui uma pessoa antes do intercâmbio e agora sou outra, totalmente diferente. Eu não sabia que era tão persistente, porque eu passei por muita coisa difícil e superei.

Compartilhei com Briana que eu também me sinto uma pessoa diferente, depois que retornei da minha experiência ‘entre mundos’ e que, para mim, também não foi fácil a distância da família. Assim, despedimo-nos ela agradeceu por termos nos conhecido e, também, por poder compartilhar vivências tão marcantes que as vezes ficam só na caixinha de memórias.

Quadro 19 – Quadro-síntese Briana

Marcas	Briana – Brasil para Irlanda
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu fazia tudo caminhando. [...] costumava pegar ruas diferentes, para ir conhecendo os lugares no meu trajeto. Nestes deslocamentos, eu podia conhecer vários parques e praças.” - Dificuldade para encontrar um local para residir e, também, para conseguir um emprego. - “Dublin tem um custo de vida caro”. - Quando quebrou o pé, o sistema de saúde de Dublin deu todo o suporte que ela precisava, até mesmo os medicamentos. - “O que me chamava atenção nas ofertas de lazer noturno era a segurança nos Pubs e baladas, pois isso era muito rígido e eficaz”.
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - “Tive a ajuda de brasileiros, eles me entendiam e me acolhiam sempre!” - “Eu escutava as notícias pelo rádio, mas às vezes também lia pelas páginas do <i>Facebook</i>. Na minha residência, a TV era paga, não tinham “canais abertos”, então eu não assistia nada.

	- Acompanhava as redes sociais de seus conhecidos no Brasil.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “No início, eu sofri bastante com a distância de casa, e tudo era um perrengue. Se eu não tivesse gastado tanto para estar ali, juro que pegava a minha mochila e voltava para casa”. - Ela foi encontrando nos outros estrangeiros o ‘abrigo’ que precisava, já que não foi fácil se acostumar longe de casa. - Uma estratégia encontrada para ter a família mais perto de si era manter uma foto de todos juntos na cabeceira de sua cama. - Chorava em todas as chamadas de vídeo que fazia com sua mãe. - “Na volta, não teve um dia que eu não pensasse no intercâmbio”. - “Também começou alguns questionamentos de tamanha mudança na minha vida, porque eu via fotos do pessoal no Brasil fazendo churrasco no Domingo e eu aqui trabalhando dias e noites.” - Percebeu que não ia aproveitar seu intercâmbio, se continuasse vivendo apenas a realidade do seu território de origem. - “Eu costumo dizer que fui uma pessoa antes do intercâmbio e agora sou outra, totalmente diferente. Eu não sabia que era tão persistente, porque eu passei por muita coisa difícil e superei’.

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.12 Ashley: Brasil e Califórnia

No dia 14 de novembro, entrevistei Ashley, que estava também em Caxias do Sul. O interessante é que eu acompanhei, virtualmente, a sua experiência de intercâmbio, mesmo antes de ela me conhecer. Isso porque fui trabalhar em um escritório de eventos, na vaga que abriu com a saída de Ashley. Assim, já comecei a acompanhar sua trajetória, mesmo de longe e sem nos conhecermos. Sentia que, de certa forma, nós já estávamos conectadas. Mais tarde, quando ela retornou da Califórnia, acabou sendo minha professora de Inglês e sempre compartilhávamos o sonho de viajar o mundo.

Iniciamos a chamada, então, com Ashley contando que ficou um ano e meio trabalhando como Au Pair na Califórnia. E eu a questioneei sobre desde quando iniciou a sua vontade em ser intercambista.

Eu fazia Inglês desde os oito anos. Sempre assistia séries e filmes americanos e comecei a criar o desejo de viajar para a Califórnia, porém, minha realidade econômica não permitia.

Foi por esse motivo que ela começou a pesquisar por opções de intercâmbio com baixo custo, até porque não queria e nem podia contar com o dinheiro da sua família.

Foi aí que fiquei sabendo dessa oportunidade de trabalhar cuidando de crianças e foi ótimo, pois eu amo crianças! A partir daí, foram meses assistindo todos os vídeos do Youtube sobre pessoas que tiveram a experiência Au Pair.

Contou, então, que, ao chegar no país, sentiu que não sabia me expressar, por mais que soubesse falar no idioma local. Assim, comentou sobre a comunicação:

Era um desafio, havia gírias que eu não conhecia também.

Era um desafio também, porque se sentia intimidada, às vezes, pelo fato de as pessoas locais serem muito mais ‘frias’ e reservadas do que no Brasil, além de não se abrirem muito para novas amizades estrangeiras.

O pessoal jovem tinha ciclo de amigos fechados. Então era difícil fazer amizade com os locais, mas conheci muitas pessoas de nacionalidades diferentes.

Ela contou que, no dia a dia, o maior estranhamento era o fato de que o horário do jantar era muito cedo. Além disso, comiam pouca carne vermelha. Além da alimentação, muitos costumes na casa eram diferentes daqueles que ela vivenciava com sua família do Brasil.

Eu não me sentia tão da família. Você percebe que está em uma casa que não é sua.

Perguntei, então, sobre as expectativas que ela criou, através das séries e filmes. Para minha surpresa, ela respondeu que “todas as expectativas foram superadas”:

Quando percebi que estava na Califórnia, foi incrível! Eu morava a 15 minutos de Malibu. Participava até do grupo de vôlei da praia e gostava de estar com minhas amigas ao ar livre.

Conheci os parques temáticos, como Disney, University, Caping e também montanhas de neve. A Califórnia me possibilitou experiências muito distintas: esportes, natureza e praia.

Comentei que, realmente, acompanhando suas redes sociais, as cenas pareciam cenários de filme mesmo. Ela respondeu, então, que também teve alguns problemas, uma das suas marcas de ‘enfrentamento’ foi quando ela precisou pegar o carro:

Na maioria das vezes, eu visitava os lugares caminhando. Mas um dia eu precisei pegar o carro e foi horrível: me perdi! Acabei entrando em uma via de alta velocidades e me desesperei. Na hora, acabei ligando para meu pai no Brasil, que me acalmou, mesmo estando longe.

Como ela me contou a situação rindo, brinquei dizendo que a última coisa que se deve fazer é ligar para os pais, porque eles ficam preocupados. Seu relato, no entanto, informou que mesmo de longe, ter o apoio da família foi o que lhe fortaleceu e ajudou superar o medo do momento. Assim ela complementou sobre a falta que sentia dos pais:

Eu tinha muita saudade. Fui me acostumando com o tempo, pois eu não queria estar tão ligada a Caxias, queria viver a Califórnia em si, mas era difícil enfrentar os perrengues longe da família. A minha avó faleceu enquanto eu estava no intercâmbio, e isso foi muito difícil. Queria estar ao lado da minha mãe.

Comentei com Ashley que este é um dos desafios do ‘entre mundos’: não estar tão conectado com a rotina do território de origem, para dedicar atenção plena nas experiências do intercâmbio. Ao mesmo tempo, porém, há um desejo de regressar ‘para casa’ ao se deparar com as adversidades vivenciadas, onde a saída existente é estar ‘próximo’ através das tecnologias apenas. São essas adversidades que trazem um potencial crescimento e são sinalizadores para autopoiese.

O intercâmbio me ajudou muito. Aprendi a ficar sozinha e a saber me entender. Eu percebi que é possível fazer tudo que a gente sonha, é só se esforçar e não desistir!

Ao falarmos desses aprendizados, Ashley complementou que percebe o quanto desenvolveu o seu autoconhecimento: reservou momentos da sua rotina para se interiorizar e aprendeu a se escutar mais. São incontáveis os momentos de aprendizagem e crescimento, mas chega o momento do retorno para o território de origem, que, para Ashley, foi acompanhado de um enfrentamento interno:

Na volta, foi um sentimento de que eu mudei muito e Caxias continuava igual. Sabe aquela placa que estava torta, antes de viajar? Tu volta, e ela continua torta. Eu não era mais a mesma e tentei me realocar em lugares que eu já não me encaixava, e isso foi triste.

Compartilhei com Ashley que também tive dificuldade no processo de reterritorialização. Ela ainda complementou sobre o fato de sua aparência física também ter se tornado um dificultador no regresso para casa:

Tem um outro trauma também porque, na Califórnia, engordei oito quilos, mas lá ninguém me tratava diferente pela minha aparência, meu peso ou a roupa que eu usava. Mas Caxias é diferente, as pessoas julgam. Eu cheguei aqui e fiquei com a autoestima muito baixa e isso não foi nada bom para a saúde mental que já estava abalada.

Ashley continua comentando sobre a dificuldade deste retorno, mesmo que já tenham se passado aproximadamente três anos, desde que voltou da Califórnia. Houve um 'bote salva-vidas' que foi o contato com outros intercambistas em uma escola de idiomas:

O que me ajudou, para não entrar em depressão, foi ingressar na English Labs, escola de idiomas que comecei a trabalhar. Muitos professores ali já haviam sido intercambistas e então nós trocamos muitas experiências. Eles me ajudaram a ver as novas possibilidades da vida.

Comentei com ela, por fim, que eu também estou na fase de 'ver novas possibilidades' para me sentir feliz, mesmo que em Caxias. Referi, especialmente, a experiência do Mestrado em Turismo e Hospitalidade, onde as leituras e estudos me permitem 'viajar', mesmo que sem sair do lugar. É o que aconteceu, por exemplo, com a oportunidade de entrevistar tantos intercambistas e trocar experiências.

Assim, ela compartilhou também que seus estudos e sua ligação com a Língua Inglesa lhe fazem estar em contato com a Califórnia indiretamente e que isso lhe faz bem. Após trocarmos essas pistas sobre como superar o ‘regresso’, nos despedimos e finalizamos a chamada de vídeo, já marcando nossa próxima aula de Inglês. Nestes encontros, também falamos de viagem, aeroportos e turismo, assim, nos mantivemos em contato com o diálogo de viagem e alimentar o sonho de voltar a viajar o mundo, assim que possível.

Quadro 20 – Quadro-síntese Ashley

Marcas	Ashley – Brasil para Califórnia
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisou intercâmbios de baixo custo. - “Participava até do grupo de vôlei da praia e gostava de estar com minhas amigas ao ar livre. [...] A Califórnia me possibilitou experiências muito distintas: esportes, natureza e praia”. - “Na maioria das vezes, eu visitava os lugares caminhando”. - Quando pegou o carro, se perdeu em uma via de alta velocidade.
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - “Sempre assistia séries e filmes americanos e comecei a criar o desejo de viajar para a Califórnia” - “Foram meses assistindo todos os vídeos do Youtube sobre pessoas que tiveram a experiência Air Pair”. - Sentiu que não sabia se expressar, a comunicação era “um desafio, havia gírias que eu não conhecia também”. - “O pessoal jovem tinha ciclo de amigos fechados. Então, era difícil fazer amizade com os locais, mas conheci muitas pessoas de nacionalidades diferentes” - “As pessoas na Califórnia são mais frias e reservadas do que no Brasil”.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu não me sentia tão da família. Você percebe que está em uma casa que não é sua” - “Quando percebi que estava na Califórnia, foi incrível!” - No momento do desespero, ligou para o seu pai no Brasil, que lhe acalmou, mesmo estando longe. - “Eu tinha muita saudade. Fui me acostumando com o tempo, pois eu não queria estar tão ligada a Caxias, queria viver a Califórnia em si, mas era difícil enfrentar os perrengues longe da família”. - “O intercâmbio me ajudou muito, aprendi a ficar sozinha e saber me

	<p>entender. Eu percebi que é possível fazer tudo que a gente sonha, é só se esforçar e não desistir!"</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolveu o seu autoconhecimento: reservou momentos da sua rotina para se interiorizar e aprendeu a se escutar mais. - Em função do seu peso, se sentia julgada: "eu cheguei aqui e fiquei com a autoestima muito baixa, e isso não é foi nada bom para a saúde mental que já estava abalada". - "O que me ajudou para não entrar em depressão foi ingressar na English Labs, escola de idiomas que comecei a trabalhar. Muitos professores ali já haviam sido intercambistas, e então nós trocamos muitas experiências. Eles me ajudaram a ver as novas possibilidades da vida".
--	--

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.13 Esther: Brasil e Inglaterra

Esther já era minha conhecida, antes mesmo do meu ingresso no Mestrado, mas nunca tínhamos falado muito sobre viagens no passado. Quando ela decidiu viajar, em 2018, eu soube pelas redes sociais e já entrei em contato para me colocar à disposição para qualquer ajuda que fosse necessário. Assim, dia 05 de dezembro de 2020 falamos por vídeo, ambas estávamos em Caxias do Sul, e ela me contou sobre seu intercâmbio para Londres e o mochilão pela Europa, que totalizaram cinco meses fora de casa.

Nossa conversa, mesmo que virtual, foi muito forte e potente. Iniciei com a pergunta de aproximação, perguntando sobre quais eram as motivações que a levaram a fazer o intercâmbio e a sua primeira resposta já me emocionou:

Meu pai faleceu em fevereiro de 2018, e esse era um sonho que estávamos planejando juntos. Eu acabei adiando o sonho e entrei em depressão, até que, em 2019, me planejei para viajar e foi minha melhor escolha!

No momento da entrevista, eu parei. Simplesmente fiquei ali tentando me colocar no lugar da entrevistada e fiquei pensando o peso dessa viagem para sua vida e na superação da sua dor. Foi um pouco difícil voltar para as perguntas do roteiro, então eu deixei a palavra com Esther, para que continuasse falando e logo ela direcionou o relato para o momento da sua viagem:

Sabe, meu voo de ida tinha muitas conexões, e o processo de estranhamento do idioma já iniciou na primeira escala. Fiz escala em Bogotá e demorei muito tempo para entender os avisos em Espanhol, tanto, que quase perdi meu voo, por não entender o idioma do país. Depois, em Londres, também tive problemas, ameaçaram até me deportar porque eu já tinha passagem comprada para visitar França e Itália e não conseguia explicar que fazia parte do meu plano de 'mochilão', ao final do intercâmbio. Eu percebi que não somos ninguém, sem saber nos comunicar.

Neste momento, a chamada ficou um pouco mais leve e rimos juntas, quando ela tentou replicar algumas palavras em espanhol que tinha lido em Bogotá. E aí conversamos sobre esse 'choque' que temos nos aeroportos, porque há uma pressão de tempo, você sabe quantas horas/minutos faltam para o seu voo decolar, mas há uma missão: achar o portão de embarque. O que Esther comenta é que isso foi diminuindo, depois que já estava em Londres. Para voar para os outros países, já foi mais tranquilo, e ela complementou:

Eu adorava viajar sozinha e sempre escolhia os Hostel com quarto misto. Adorava conhecer novas pessoas!

Por mais que goste de viajar sozinha, logo Esther já fala da saudade de casa e, então, entramos na temática do 'entre mundos'. Conforme ela disse, um dos grandes problemas era o fuso horário e, por isso, nem sempre conseguíamos fazer chamada de vídeo.

E eu morria de saudades da minha mãe, já perdi meu pai, então isso me fez criar um vínculo de dependência afetiva ainda maior com minha mãe e por isso foi tão difícil.

Continuamos falando dessa necessidade que querer estar 'perto' de quem amamos, mesmo estando do outro lado do oceano. Mesmo que Esther tenha sofrido com a distância, contou que amadureceu muito em todo o processo.

A experiência me transformou! Eu passei tanto perrengue: desde me virar sozinha com as tarefas do cotidiano até ser assaltada e precisar refazer todos meus documentos. Antes tinha medo de tudo e agora eu sei que sempre vou encontrar uma solução. Eu acho que agora tenho uma mentalidade diferente.

Contei para Esther algumas das minhas marcas de aprendizados e também como foi (e está sendo) minha reterritorialização de volta ao Brasil. Assim, ela complementou, dizendo que, ao retornar, ficou muito mal no início.

É muito diferente um lugar do outro. Em Londres, eu me sentia muito segura. E não tinha preconceito (pelo menos eu nunca presenciei). Parece que, aqui em Caxias, eu nem me encaixo mais. Lá eu podia ser quem eu quisesse, sem os julgamentos.

Antes de seguir nossa chamada, busquei contextualizar sua fala sobre os julgamentos. Convidei Esther a refletir, no sentido de que ainda podemos lutar para sermos ‘quem a gente quiser ser’ independentemente do lugar que estamos. Há uma luta amorosa já iniciada, homens e mulheres que vêm mostrando ao mundo que o preconceito precisa dar lugar para o respeito às diferenças. Para finalizar, ainda falei para Esther sobre o amor enquanto ética da relação, citando Humberto Maturana e tendo a certeza que podemos ser esperançosos também. Ao final da nossa entrevista, percebi que esse era um dos meus objetivos (enquanto ‘sujeito entre mundos’): que a nossa ‘conversa-ação’ também fosse um momento para reflexão, afetivações e acolhimento.

Quadro 21 – Quadro-síntese Esther

Marcas	Esther – Brasil para Inglaterra
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - Após o falecimento do seu pai entrou em depressão. “[...] até que, em 2019, eu me planejei para viajar e foi minha melhor escolha!” - “Eu adorava viajar sozinha e sempre escolhia os Hostel com quarto misto, adorava conhecer novas pessoas!” - “Em Londres, eu me sentia muito segura”.
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - Processo de estranhamento do idioma nos aeroportos de conexão e de chegada em Londres. - “Quase perdi meu voo por não entender o idioma do país. [...] Eu percebi que não somos ninguém sem saber nos comunicar”. - Em Londres, nunca sofreu e nem presenciou preconceito.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “Meu pai faleceu em fevereiro de 2018, e esse era um sonho que estávamos planejando juntos.” - Por conta do fuso horário, nem sempre conseguiam fazer chamadas de

	<p>vídeo.</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Eu morria de saudades da minha mãe, já perdi meu pai, então isso me fez criar um vínculo de dependência afetiva ainda maior com minha mãe e por isso foi tão difícil.” - Ela conta que o intercâmbio lhe transformou. - “Antes tinha medo de tudo e agora eu sei que sempre vou encontrar uma solução. Eu acho que agora tenho uma mentalidade diferente” - Ao retornar de viagem ficou muito mal no início. - “Parece que aqui em Caxias eu nem me encaixo mais, lá eu podia ser quem eu quisesse sem os julgamentos”.
--	--

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.14 Sadie: Brasil e Austrália

Assim como outros entrevistados, Sadie também era minha conhecida, mas, pela falta de diálogo, nunca fiquei sabendo antes que ela tinha o sonho de viajar. Novamente, quando ela postou, em 2020, que estava indo para Austrália, eu entrei em contato para apoiá-la e, desde então, seguimos contato. Dia 07 de dezembro nos conectamos virtualmente. Para Sadie, em Gold Coast Queensland, eram 22h30min, portanto, já turno da noite, e em Caxias do Sul, 9h30min, ou seja, ainda de manhã.

Sadie iniciou contando que viajou antes da Pandemia, em fevereiro de 2020, então, não imaginava o que estava por vir. Até porque o planejamento iniciou muito antes de 2020:

Eu sempre sonhei com o intercâmbio, mas acho que isso se intensificou a partir dos meus 15 anos, e passei esses 10 anos pensando quando chegaria esse momento de realizar meu sonho.

Contou que viu muitos vídeos na internet e, dessa forma, foi se preparando e anotando dicas, para quando pudesse viver na Austrália. Ainda complementou, dizendo que houve um processo de ‘convencimento dos pais’ para ela ir viajar:

Me formei em Arquitetura e decidi que queria morar fora. Eu lembro que quando falei pra minha família teve um certo preconceito. Meu pai falou que o “certo” seria atuar como arquiteta. E na

verdade não penso isso. Inclusive já sabia que aqui na Austrália eu ia trabalhar em empregos mais informais.

Perguntei, então, sobre sua chegada lá e ela disse que o primeiro enfrentamento já foi no próprio aeroporto:

Quando cheguei no aeroporto de Sidney, eu percebi que estava em outro mundo. Na verdade, estava perdida e fui até o guichê de informações. A mulher me explicou para onde eram os voos nacionais e, sinceramente, eu não entendi. E nisso pensei: “como pode? Eu fiz Inglês e não estou entendendo ela.” Então passei muito perrengue para descobrir onde era minha conexão e infelizmente perdi o voo.

Ainda sobre seus desafios da chegada no aeroporto, Sadie contou que, como havia perdido o voo, precisou buscar um novo portão de embarque e, por isso, precisava entrar em um ônibus que transportava para outro local.

Estava atrasada, com medo de perder outro voo e, então, passei por baixo da catraca do ônibus. Nisso o motorista viu minha atitude e brigou muito comigo. Pedi desculpas, e a partir dali, eu percebi que eles levam muito a sério todas as regras.

Já no caminho para sua nova moradia, ela chamou um táxi e o motorista era brasileiro. Assim, ela desabafou, contando todos os enfrentamentos já vivenciados no primeiro dia. Ele conversou e acalmou Sadie, que estava muito nervosa, achando que tudo ia dar errado no intercâmbio. Após essa primeira conexão conturbada, Sadie contou que ao chegar em Gold Coast, teve a certeza que escolheu o lugar certo. Assim, perguntei um pouco mais sobre a sua interação com a cidade:

O transporte público é ótimo e, a partir da janela do ônibus, eu fico admirando a minha cidade e querendo conhecer cada pedacinho dela. Mas o que eu mais gosto é das possibilidades ao ar livre. Eu faço muito exercício e amo andar de bike aqui. A cidade é toda estruturada para os ciclistas, bem segura, sabe?

Respondi que é realmente necessária uma estrutura na cidade para possibilitar o turismo de bicicleta ou o ciclismo, porque, se não, o esporte se torna perigoso. Contei que Segóvia também me chamava atenção quanto à segurança,

até mesmo quando se tratava dos pedestres, porque os carros sempre paravam na faixa de pedestre, independentemente se o semáforo estava aberto ou não.

Após falarmos da interação com a cidade, perguntei a Sadie sobre a trama comunicacional e ela me contou como tinha acesso à informação:

Eu acabo me informando mais pelo grupo de intercambistas no Whats. Lá a gente se envia as notícias importantes. E eu sigo as páginas dos jornais daqui no Instagram, mas vou te dizer que a TV foi boa no início, até para treinar o ouvido com o idioma, mas agora não tenho muito tempo de assistir TV, estou trabalhando em lugares e ainda estudando.

Perguntei sobre as suas conexões e Sadie contou que, no início, não foi muito fácil fazer amizades. Inclusive residiu com três japonesas e tinha muita dificuldade para se comunicar com elas. Ela lembrou, no entanto, que, depois de um tempo, foi encontrando amigos de várias nacionalidades. As novas amizades, porém, segundo ela, não substituem a família e os amigos caxienses.

Lembro que, nas noites mais difíceis, eu ligava para minha mãe e falávamos da saudade gigante que já sentíamos desde os primeiros dias do intercâmbio. Tem dias que a saudade bate mais forte, é uma montanha russa de sentimentos, um misto de “eu quero ficar para sempre aqui e já podia voltar pra casa amanhã”.

Comentamos, então, sobre este misto de sentimentos: estar extremamente agradecido pela realização do sonho e, ao mesmo tempo, se sentindo incompleto. Sadie comentou que esse sentimento de querer estar com a família foi extremamente potencializado na quarentena:

Com a Pandemia, eu me desesperei, até porque não sabia se eu voltava para o Brasil ou se ficava aqui. Não tive muita escolha, porque os aeroportos estavam fechados. E, no início da quarentena, eu estava dividindo apartamento com dois brasileiros, mas não éramos muito próximos. Na verdade, era um monte de estranhos dividindo a mesma casa.

Complementou, ainda, que parte da dificuldade se dava por ela não ter tantos amigos e, principalmente, por estar sem emprego e sem dinheiro. Comentou: “acho que, se as fronteiras estivessem abertas, eu teria voltado”.

Aqui na Austrália a quarentena foi bem rigorosa. No meu estado, era possível sair ao ar livre para ir ao mercado e fazer exercícios físicos, mas fora isso as pessoas eram multadas. Já no Brasil eu via pelas notícias e relatos dos conhecidos que não era bem assim. Ficava extremamente preocupada com minha família, porque eu via que não levavam a quarentena a sério e então eu sempre mandava eles se cuidarem.

Sadie também contou que seu intercâmbio não estava sendo “normal”, porque, naquele momento (o da entrevista), ela não podia visitar os lugares que desejava nem experienciar totalmente a cultura local. Apesar disso, porém, ela vinha tentando se (re)inventar, para continuar se desafiando.

Eu trabalhava com faxinas, mas resolvi fazer um curso de barista. As pessoas me diziam “é muito difícil conseguir emprego em bares ou cafés”. Mas eu acreditei, dei a cara a tapa e, se eu não tentasse, ninguém faria por mim, até que consegui trabalho no café que estou atualmente e estou muito feliz!

Antes de prosseguir a conversa, aproveitei o momento para parabenizá-la, porque imagino que não foi fácil. Ela complementou, dizendo que seu trabalho lhe permitia maior interação com as pessoas e conseguia vivenciar a cultura local, que era um de seus desejos na quarentena. Assim, perguntei-lhe o que mudou em sua vida, após a decisão de realizar o intercâmbio:

Nossa, eu me transformei muito! Sou outra pessoa. Eu aprendi a acreditar em mim mesma, tenho a sensação que “eu posso tudo”, óbvio, se me esforçar pra isso. Mas percebo que parei de duvidar tanto da minha capacidade, sei que me supero todos os dias. No Brasil, seria tão insignificante conseguir um emprego informal, e aqui é uma conquista gigante.

Concordei que, às vezes, na rotina da vida, acabamos perdendo essa capacidade de comemorar as pequenas conquistas. Estando no intercâmbio e, principalmente, em processo de autopoiese, o sujeito passa a dar mais importância para seus valores e reconhecer o que faz sentido para seu ‘eu interno’. Assim, percebo, nesta conversa, um convite no sentido da valorização da beleza nas pequenas coisas e nos singelos momentos, assim, como é possível aos olhos de intercambista. Ao fim, despedimo-nos e combinamos já uma próxima chamada para que Sadie me atualize das suas novidades.

Quadro 22 – Quadro-síntese Sadie

Marcas	Sadie – Brasil para Austrália
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre sonhei com o intercâmbio, mas acho que isso se intensificou a partir dos meus 15 anos e passei esses 10 anos pensando quando chegaria esse momento de realizar meu sonho”. - “Quando cheguei no aeroporto de Sidney eu percebi que estava do outro lado do mundo”. - O motorista do taxi era brasileiro e acalmou Sadie, que estava nervosa após muitos imprevistos no aeroporto. - “O transporte público é ótimo e a partir da janela do ônibus eu fico admirando a minha cidade e querendo conhecer cada pedacinho dela. Mas o que eu mais gosto é das possibilidades ao ar livre, eu faço muito exercício e amo andar de bike aqui, a cidade é toda estruturada para os ciclistas, bem segura sabe?”
Comunicacionais	<ul style="list-style-type: none"> - Antes de viajar viu muitos vídeos na internet de dicas sobre viver na Austrália. - “Eu percebi que eles levam muito a sério todas as regras”. - Se informa através de Grupos de Whatsapp, Instagram dos jornais locais. - “A TV foi boa no início, até para treinar o ouvido com o idioma, mas agora não tenho muito tempo de assistir”. - Depois de um tempo ela foi encontrando amigos de várias nacionalidades. - Via as notícias na Rede Social e percebia que a quarentena no Brasil não era tão respeitada quanto na Austrália.
Entre Mundos	<ul style="list-style-type: none"> - “Lembro que nas noites mais difícil eu ligava para minha mãe e falávamos da saudade gigante que já sentíamos desde os primeiros dias do intercâmbio. Tem dias que a saudade bate mais forte, é uma montanha russa de sentimentos, um misto de “eu quero ficar para sempre aqui e já podia voltar pra casa amanhã”. - “Com a Pandemia eu me desesperei, até porque não sabia se eu voltava para o Brasil ou se ficava aqui. Não tive muita escolha, porque os aeroportos estavam fechados”. - “Ficava extremamente preocupada com minha família, porque eu via que não levavam a quarentena a sério e então eu sempre mandava eles se cuidarem” - “Eu trabalhava com faxinas, mas resolvi fazer um curso de barista. [...] No

	<p>Brasil seria tão insignificante conseguir um emprego informal, e aqui é uma conquista gigante”</p> <p>- “Sou outra pessoa. Eu aprendi a acreditar em mim mesma, tenho a sensação que “eu posso tudo”, óbvio, se me esforçar pra isso. Mas percebo que parei de duvidar tanto da minha capacidade, sei que me supere todos os dias”.</p>
--	--

Fonte: produzido pela autora (2021)

6.1.15 Megan: Brasil e Califórnia

A chamada do dia 06 de dezembro foi entre Caxias do Sul e *Lee's Summit*, no estado de Missouri, nos Estados Unidos. Megan foi uma indicação de uma colega de Mestrado, porque, em uma aula, antes de iniciar o campo de pesquisa eu verbalizei que estava difícil achar viajantes que tivessem viajado em plena pandemia. Eu queria muito conversar com alguém que tivesse conseguido realizar seu sonho do intercâmbio, mesmo depois de março de 2020.

E foi assim que cheguei até Megan. Natural de São Marcos, aqui no Rio Grande do Sul, a brasileira já estava nos Estados Unidos havia sete meses, realizando intercâmbio de *Air Pair*, onde seu trabalho era cuidar de três crianças. Assim, ela contou:

Viajei 15 de maio de 2020, em meio à pandemia, acompanhada de muitas incertezas.

Por mais que tenha viajado cheia de incertezas, Megan afirmou que se sentiu “em casa”, desde o primeiro momento que chegou na residência da *Host Family*. Comentei que nem sempre é assim, que a maioria dos intercambistas vive um processo de estranhamento, e que percebia diferenças na fala dela. Questionei-a, então, sobre a origem da ideia de viajar e fazer intercâmbio.

Minha experiência está sendo única. Eu sempre quis fazer intercâmbio. Não sei te dizer quando iniciou esse querer, mas ficou mais intenso perto da formatura, quando eu pensava o que queria para minha vida.

Comentou, então, que um dos impeditivos da viagem era a questão econômica. Em função disso, procurou um intercâmbio de melhor custo-benefício

e encontrou na modalidade *Au Pair* essa possibilidade. Ao falar dessa questão, compartilhei a informação de que eu também tinha pouco dinheiro para realizar intercâmbio e que, por isso, recorri às bolsas de estudo. Assim, falamos sobre como economizar e como é possível aproveitar e descobrir coisas novas, mesmo com pouco recurso. Após essa conversa, perguntei sobre a interação com a cidade, e ela comentou que já tinha se adaptado bem e que gostava de experimentar a cultura local:

Eu me identifiquei muito com o bairro em que estou vivendo, É incrível que a vizinhança se conhece e tem muita interação entre eles. Aqui eu jogo Golf e frequento os pubs, mas o programa que eu mais gosto é assistir futebol americano. Pra mim, é mergulhar na questão cultural e também me recorda os momentos de futebol que eu assistia com meu pai no Brasil.

Contei sobre minha interação com Segóvia e conversamos, então, sobre a sensação de ‘se sentir parte do lugar’. Megan comentou que a Califórnia é bem turística, referindo perceber muita movimentação de estrangeiros nos museus e parques. Ela, no entanto, morava em um lugar que é apenas residencial. Assim, seu maior contato era com moradores locais. Durante nossa conversa, ela comentou também o quanto já estava apegada à família que a acolheu:

Acho que o que mais me marcou até agora foi o dia em que minha Host Family disse que eu sou muito importante aqui. Falaram: “Megan, tu faz toda a diferença aqui. Está ensinando nossos filhos serem mais carinhosos e educados”. E a pequeninha disse: “ela é parte da minha família”, e naquilo eu já me emocionei.

Obviamente, eu também me emocionei com o seu relato, já que as conexões que fazemos no intercâmbio são muito potentes. Percebo que essa intensidade nas relações é ampliada, justamente pela certeza que se tem de que aqueles momentos vividos juntos têm um prazo para acabar. Na verdade, todos os momentos têm prazo, mas geralmente não nos damos conta. Na condição do sujeito ‘entre mundos’, essa condição é um pressuposto básico, é um dado a priori. Sabendo que haverá uma separação, em breve, o sujeito passa a desfrutar dos momentos juntos com a intensidade de uma separação presumida.

Comentei com Megan o que é o 'entre mundos' e perguntei se ela ainda se sente conectada com a realidade de São Marcos, ao mesmo tempo em que faz descobertas na Califórnia.

Sabe, no início eu me sentia mais dividida, mas eu queria ser mais independente. E isso é libertador, tenho um mundo de possibilidades novas e quero vivenciar por completo.

Percebi que Megan estava lidando naturalmente com isso, no tempo dela. Então, procurei não ampliar muito meu testemunho (de sofrimento), justamente para não gerar agenciamentos nesse sentido, na nossa conversa. Assim, ela prosseguiu com sua fala, comentando, então, sobre a família:

De qualquer forma, eu sinto muita falta da minha família. Falo com eles por chamada de vídeo. Eles sabem que eu estou feliz, e acho que isso torna a saudade suportável. Tenho saudades da comida do Brasil também (risos).

Fiquei ali por alguns instantes, só pensando e aprendendo a partir dessa fala, que apresenta a felicidade e a saudade, na mesma oração. Comentei com Megan que eu nunca tinha pensado dessa forma, mas que faz todo sentido. Para seguirmos a conversação, perguntei como ela percebia a comunicação na Califórnia e como se informava.

Aqui eu assisto a televisão porque a família assiste, principalmente de manhã, mas acabo me informando mais pelas redes sociais, principalmente pelo Twitter e Apple News.

Contou que as redes sociais são um apoio, na hora de se comunicar com a família e amigos e, também, para se informar. Megan relatou também que, a partir das redes sociais, se informava dos casos de covid-19 na Califórnia e também no Brasil.

Com certeza, a Pandemia afetou muito o meu intercâmbio. Era para eu ter embarcado em abril, mas aí fecharam as fronteiras. Fiquei quase dois meses na incerteza. E quando eu embarquei, fui a única Aur Pair liberada naquele período, acredito que foi em função do meu visto. Passei 38 horas no percurso. Mas a pior coisa pra mim foi sair do Brasil sem me despedir dos meus amigos. Não dei um abraço de tchau, respeitando o distanciamento social. E ainda fiquei com muito medo

de descer na Conexão em São Paulo, pois, naquele momento, era o estado com maior número de infectados.

A pandemia trouxe as incertezas, mas não foi por isso que Megan deixou de aproveitar seu tempo de intercâmbio. Ela disse que aprendeu e ainda estava aprendendo muito, inclusive descobrindo a si mesma.

Eu amo estar sozinha, celebrar comigo mesma essa escolha incrível. Eu mudei muito, percebo que sou mais paciente com os outros. Me conheço melhor, sinto que não preciso fazer o que eu não quero e que não preciso agradar os outros. Eu acho que saí de uma bolha, porque agora vivo melhor. Até a relação com a minha família melhorou, e eu selecionei melhor meus amigos.

Para finalizar, falamos então sobre autoconhecimento, que se relaciona à autopoiese. Nesse momento, expliquei resumidamente o conceito para falar sobre se autocriar. Assim, Megan concluiu que está se autocriando o tempo todo e que está muito feliz, vivenciando sua experiência de intercâmbio, mesmo na Pandemia. Despedimo-nos, mas trocamos contatos nas redes sociais e, a partir de então, passei a acompanhar suas postagens da Califórnia através do *Instagram*, o que possibilitou ampliar algumas percepções sobre a sua experiência.

Quadro 23 – Quadro-síntese Megan

Marcas	Megan – Brasil para Califórnia
Turísticas	<ul style="list-style-type: none"> - Viajou em plena Pandemia, acompanhada de muitas incertezas. - Afirmou sentir-se “em casa” na Califórnia. - “Minha experiência está sendo única. Eu sempre quis fazer intercâmbio. Não sei te dizer quando iniciou esse querer, mas ficou mais intenso perto da formatura, quando eu pensava o que queria para minha vida” - Procurou um intercâmbio de baixo custo. - Referiu gostar de experimentar a cultura local. - “Aqui eu jogo Golf e frequento os pubs, mas o programa que eu mais gosto é assistir futebol americano. Pra mim, é mergulhar na questão cultural e também me recorda os momentos de futebol que eu assistia com meu pai no Brasil”. - Percebia muita movimentação de estrangeiros nos museus e parques, mas

	<p>morava em um lugar que é apenas residencial. Assim, seu maior contato era com moradores locais.</p> <p>- “Passei 38 horas no percurso”.</p>
Comunicacionais	<p>- “Aqui eu assisto à televisão porque a família assiste, principalmente de manhã, mas acabo me informando mais pelas redes sociais, principalmente pelo Twitter e Apple News”.</p> <p>- As redes sociais eram um apoio na hora de se comunicar com a família e amigos e, também, para se informar.</p> <p>- Pesquisadora e entrevistada passaram a se seguir no Instagram, pós entrevista.</p> <p>- “Mas a pior coisa pra mim foi sair do Brasil sem me despedir dos meus amigos. Não dei um abraço de tchau, respeitando o distanciamento social.”</p>
Entre Mundos	<p>- “Falaram: “Megan tu faz toda a diferença aqui. Está ensinando nossos filhos serem mais carinhosos e educados”. E a pequeninha disse: “ela é parte da minha família”, e naquilo eu já me emocionei.”</p> <p>- “[...] eu sinto muita falta da minha família, falo com eles por chamada de vídeo. Eles sabem que eu estou feliz, e acho que isso torna a saudade suportável. Tenho saudades da comida do Brasil também (risos)”.</p> <p>- “Sabe, no início, eu me sentia mais dividida, mas eu queria ser mais independente. E isso é libertador, tenho um mundo de possibilidades novas e quero vivenciar por completo”</p> <p>- “Eu amo estar sozinha, celebrar comigo mesma essa escolha incrível. [...] Eu acho que saí de uma bolha, porque agora vivo melhor, até a relação com a minha família melhorou e eu selecionei melhor meus amigos”.</p>

Fonte: produzido pela autora (2021)

7 TRAMA REFLEXIVA TURÍSTICO-COMUNICACIONAL

Neste capítulo, são retomadas as ações investigativas, com a proposta de analisar e discutir os dados coletados e apresentados nos 15 relatos 'entre mundos'. Desse modo, neste texto, são trazidos os principais sinalizadores da Trama de Marcas Turístico-Comunicacionais no Processo de Desterritorialização Desejante de sujeitos 'entre mundos'.

Para este momento do texto, considerou-se importante retomar o item 6.1, o qual apresentou a coleta de dados, tratamento e sistematização, ou seja, a separação, classificação e organização das falas dos entrevistados. Ainda revisou-se a produção dos relatos, no processo que foi subdividido em texto dissertativo (relato da pesquisadora sobre cada entrevista) e quadro-síntese de cada entrevistado.

Assim, no item atual, desenvolveu-se uma nova sistematização e produção de quadros, com o cruzamento das informações coletadas e apresentadas nos quadros de cada entrevistado. Essa nova sistematização segue parâmetros que estão vinculados aos objetivos da pesquisa; por isso, os quadros estão associados com texto dissertativo com comentários reflexivos, envolvendo, também, um processo de retomada do conteúdo teórico do trabalho, em processo de discussão.

Para iniciar a trama reflexiva das marcas turísticas-comunicacionais, foram retomadas as falas das entrevistas. Em termos de estratégia, para essa 'dobra' do processo de síntese, foram produzidos, então, quadros de cruzamento de falas. Ressalta-se que o objetivo é refletir as marcas do turismo e da comunicação concomitantemente; no entanto, para facilitar a visualidade e compreensão da discussão, inicia-se pela trama turística, neste momento. Na sequência, o texto levará até o encontro com a comunicação. A seguir, encontra-se o quadro de cruzamento, com recortes de falas acerca da rede turística:

Quadro 24 – Quadro de cruzamento de marcas turísticas

Entrevistado	Recortes de falas
Klassina	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre tive esse sonho de viajar”. - “Pesquisei muito para encontrar uma opção de intercâmbio mais econômica”. - “Me deslocava para cidade de carro, gostava de frequentar pubs antes da Pandemia”. “Amei ‘turistar’ de bicicleta” - Ela descobriu que é fã de obras de arte, depois de sua viagem sozinha, onde frequentou, pela primeira vez, os museus.
Sophia	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sonho em fazer intercâmbio há muito tempo [...] mas minha família não tinha essa verba disponível.” - Ela passou anos buscando uma modalidade de intercâmbio mais econômica. - “Adoro ir para os parques e fazer passeios ao livre”. - Caminhando ela se conectava com a cidade. - “Aqui é lindo, mas também tem pontos negativos, se comparado ao Brasil: San Francisco é suja e me parece desatenciosa com a população mais pobre (muitos mendigos e pessoas drogadas pela cidade)”.
Knut	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre tive esse sonho”. - “A preparação é a viagem em si. [...] fazer as malas é parte da experiência”. - “Meu transporte preferido era o trem” - Ele gostava de caminhar pela cidade e sair da rota turística. - Na Inglaterra, quando entrou pelo lado errado do carro, percebeu que estava em outro mundo. - Percepção de que, na Dinamarca e Inglaterra, as coisas funcionam melhor que no Brasil, até o sistema de transporte.
Lohan	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre quis ter uma experiência internacional [...] Desde o Ensino Médio que eu queria ter feito intercâmbio” - “Consegui uma bolsa de estudos para poder viajar. E essa foi a maior realização da minha vida”. - Ele gostava muito de caminhar pela cidade e fazia seus próprios roteiros gastronômicos. - Ele teve uma grande frustração com o atendimento na rede turística de Paris. - Na visita dos seus pais, quis apresentar a França que ele mesmo foi conhecendo e dando significado aos lugares.
Isabel	<ul style="list-style-type: none"> - “Sempre tive vontade de realizar o sonho de fazer intercâmbio” - Fez muitas conexões com a cidade caminhando. - “Lá era seguro caminhar até de noite pelas ruas, e isso era incrível!” - Gostava de conhecer as coisas que não estavam divulgadas na internet, ou seja, que não eram os pontos turísticos. - Apegou-se à cidade. Sentia-se parte daquele lugar. - Sentiu a verdadeira hospitalidade: “ele me ajudou por ajudar. Sem receber pagamento em troca”.
Kennedy	<ul style="list-style-type: none"> - “Sempre tive essa vontade, mas fui adiando”. - “Me locomovo de bicicleta para todos os lados, assim consigo interagir com a cidade”. - “Assumi um pertencimento do lugar. Pensava “este local é o meu bairro, esta é a rua do meu trabalho e este é o meu lugar”.
Alba	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre quis fazer intercâmbio, a condição econômica não permitia”. - “Eu faço tudo caminhando, é bom porque todos os veículos respeitam o pedestre e a faixa”. - “Eu acho incrível como aqui é diferente do Brasil, por exemplo, os bancos não possuem porta giratória e nem guardas, ainda assim eu sinto em segurança”.
Scherer	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre quis. Desde o Ensino Médio eu estudava inglês, e isso gerou uma vontade enorme de conhecer o mundo e presenciar novas culturas”. - Contou que a qualidade de vida é surpreendente e que Monique é muito segura. - “[...] tem até idosos andando de <i>bike</i> pelas ruas” - “Uma coisa que eu gosto é andar na rua e ver as pessoas felizes, e eu quero ir em busca dessa qualidade de vida”. - “[...] nesse trem que me levaria para uma vida nova”.

Francisca	<ul style="list-style-type: none"> - Sempre teve vontade de viajar. - “Nos primeiros meses a minha interação turística foi quase inexistente. Em Portugal, os pontos turísticos estavam todos fechados e as fronteiras também”. - “Eu acho que aqui as pessoas se preocupam mais com as outras”.
Lily	<ul style="list-style-type: none"> - Sempre teve vontade de fazer Intercâmbio. - Gostava muito de ler sobre tudo o que já tinha acontecido no mundo e estudar outras culturas também. - “[...] a ideia do intercâmbio foi crescendo dentro de mim quando comecei a trabalhar em uma escola de inglês e os meus colegas de trabalho contavam sobre as suas experiências internacionais e isso me brilhava os olhos”. - Fizeram uma lista dos melhores países para morar e com menor custo de vida, baseada em pesquisa com outros intercambistas e também em websites/blogs com informações de viagem. - adora estar ao ar livre. - “eu faço tudo caminhando e estou sempre conectada com a natureza também”.
Briana	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu fazia tudo caminhando. [...] costumava pegar ruas diferentes para ir conhecendo os lugares no meu trajeto. Nestes deslocamentos eu podia conhecer vários parques e praças. - “Dublin tem um custo de vida caro”. - “O que me chamava atenção nas ofertas de lazer noturno era a segurança nos Pubs e baladas, pois isso era muito rígido e eficaz”.
Ashley	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisou intercâmbios de baixo custo. - “Participava até do grupo de vôlei da praia e gostava de estar com minhas amigas ao ar livre” - “[...] A Califórnia me possibilitou experiências muito distintas: esportes, natureza e praia”. - “Na maioria das vezes eu visitava os lugares caminhando”. - Quando pegou o carro se perdeu em uma via de alta velocidade.
Esther	<ul style="list-style-type: none"> - Após o falecimento do seu pai entrou em depressão. “[...] até que em 2019 eu me planejei para viajar e foi minha melhor escolha!” - “Eu adorava viajar sozinha e sempre escolhia os <i>Hostel</i> com quarto misto, adorava conhecer novas pessoas!” - “Em Londres eu me sentia muito segura”.
Sadie	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sempre sonhei com o intercâmbio, mas acho que isso se intensificou a partir dos meus 15 anos e passei esses 10 anos pensando quando chegaria esse momento de realizar meu sonho”. - “Quando cheguei no aeroporto de Sidney eu percebi que estava do outro lado do mundo”. - O motorista do taxi era brasileiro e acalmou Sadie que estava nervosa, após muitos imprevistos no aeroporto. - “O transporte público é ótimo e a partir da janela do ônibus eu fico admirando a minha cidade e querendo conhecer cada pedacinho dela. Mas o que eu mais gosto é das possibilidades ao ar livre, eu faço muito exercício e amo andar de bike aqui, a cidade é toda estruturada para os ciclistas, bem segura sabe?”
Megan	<ul style="list-style-type: none"> - Viajou em plena Pandemia, acompanhada de muitas incertezas. - Afirmou sentir-se “em casa” na Califórnia - “Minha experiência está sendo única. Eu sempre quis fazer intercâmbio. Não sei te dizer quando iniciou esse querer, mas ficou mais intenso perto da formatura, quando eu pensava o que queria para minha vida” - Procurou um intercâmbio de baixo custo. - Referiu gostar de experimentar a cultura local. - “Aqui eu jogo Golf e frequento os pubs, mas o programa que eu mais gosto é assistir futebol americano. Pra mim é mergulhar na questão cultural e também me recorda os momentos de futebol que eu assistia com meu pai no Brasil”. - Percebia muita movimentação de estrangeiros nos museus e parques, mas morava em um lugar que é apenas residencial. Assim, seu maior contato era com moradores locais. - “Passei 38 horas no percurso”.

Fonte: produzido pela autora (2021)

O quadro de cruzamento se torna um material 'denso' por apresentar um mergulho em cada um dos relatos coletados nas entrevistas. Retomando a interpretação do processo de desterritorialização, no entanto, essa análise acaba seguindo sua fluidez e deixando a interpretação dos dados mais clara. Assim como já foi abordado no terceiro capítulo desta dissertação, entende-se que o processo de deslocamento do sujeito viajante é complexo, envolvendo feixes e fluxos de desterritorialização e transversalização desejante.

Além disso, o turismo abordado nesta pesquisa é o 'avesso' do fenômeno, que implica a consideração da trama complexa de fios constituintes ao fenômeno e considera, amorosamente, todos os seres e elementos do ecossistema. Além disso, há a pressuposição do deslocamento dos sujeitos, em tempos e espaços, também como possibilitador de transversalizações e afastamentos simbólicos do cotidiano, o que significa marcas profundas em e por subjetividades (MOESCH, 2004; BAPTISTA, 2019).

A partir do quadro de cruzamentos das marcas turísticas, portanto, percebe-se a subjetividade nos processos de deslocamento e percepções referente ao lugar. Dessa forma, a partir da análise do quadro, buscou-se elementos de classificação das marcas turísticas no processo de desterritorialização. Já que esta vivência também apresenta dobras, esboçou-se a figura a seguir, para auxiliar na interpretação destas marcas.

Ressalta-se, aqui, que o processo de desterritorialização é estudado com base na Esquizoanálise de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Este processo complexo de acionamento do movimento desejante e de transformação dos sujeitos, envolve a tríade Desterritorialização – Simulação – Reterritorialização, a qual, foi esboçada no capítulo cinco desta dissertação. Ressalta-se ainda que a desterritorialização desejante, na vivência, possui múltiplos níveis de complexidade e é marcada pela produção de sinalizadores subjetivos.

Neste momento do texto, percebe-se a necessidade de refletir quanto aos elementos de classificação das marcas turísticas, tendo como base a abordagem do processo de desterritorialização desejante. Portanto, apresenta-se a classificação da seguinte forma:

- Território: planejamento e preparação para o embarque;
- Desterritorialização: perda do território, desejo e estranhamento;
- Simulação: aproximações e esboço de convivência;
- Reterritorialização: pertencimento, conexões ecossistêmicas e comparações.

A partir destes elementos de classificação das marcas turísticas, o texto a seguir retoma as falas do quadro 24, estabelecendo conversações com autores da trama de saberes teóricos.

Iniciando pelo **território** de origem, o sujeito 'entre mundos' tem um tempo de **planejamento** que antecede a viagem. No item 'trajetória da pesquisadora', relatei meu processo de planejamento, no qual eu organizei a viagem, no sentido de pesquisar alojamento, universidade, disciplinas e calcular as despesas. Já nas falas dos entrevistados, esse processo é marcado por uma série de pesquisas por intercâmbio de baixo custo. Há exemplos de relatos em que se recorreu a uma bolsa de estudos, como Lohan e Alba. Alguns relatos demonstram a busca por uma modalidade mais econômica de intercâmbio, como Klassina, Sophia, Sherer, Ashley e Megan ou, então, quem escolheu o destino e o visto para poder trabalhar no país de destino, como Kennedy, Lily, Briana e Sadie.

Os entrevistados que buscavam opções mais econômicas de viagem também relatavam que essa busca era em função da situação financeira da família. Cerca de cinco respostas declaravam que o sujeito sempre teve o sonho de viajar, mas a família não tinha verba disponível para custear o intercâmbio. Então, esse período de planejamento financeiro possibilitava uma alternativa de viajar de forma independente, buscando estratégias para conseguir arcar com os custos, sem envolver o orçamento familiar.

Nestes dados, há um sinalizador importante, que está conectado com a origem do Turismo de Intercâmbio: o processo vem se distanciando cada vez mais das características do *Grand Tour*. No século XVIII, apenas os filhos de nobres e comerciantes europeus viajavam almejando a troca de culturas. Na

contemporaneidade, o cenário apresenta-se um tanto diferente, justamente, por possibilitar às classes mais baixas oportunidades que tornam a viagem internacional um pouco mais econômica e, assim, viável para quem pretende o estudo de outro idioma, a troca de culturas, a aprendizagem de um novo trabalho, entre outras motivações. Ao menos, era o que se vislumbrava antes da Pandemia. No futuro, haverá transformações, mas esta pesquisa foi realizada ainda fortemente marcada pelo período pré-pandemia.

Retomando a análise da figura 24, após o planejamento, são percebidas marcas de situações que preparam para o **embarque**. A escolha do que levar na mala, por exemplo, é citada como uma tarefa difícil na fala de Knut. Entende-se que neste momento de seleção, o viajante percebe que é necessário desapegar de alguns itens, inicia-se um processo de escolhas que preparam para a desterritorialização. Ao mesmo tempo vai refletindo que não são apenas algumas coisas que ficam para trás; as pessoas e a rotina, também.

O processo de arrumar as malas já é o início da viagem imaginária, pois, para ajudar na seleção dos itens, o sujeito vai se imaginar no destino. Algumas ações aparecem, nesse sentido, como, por exemplo: pesquisar a previsão climática, pensar que tipo de itens seriam úteis, onde vai residir e etc. Portanto, arrumar a bagagem já é o início do **processo de desterritorialização**.

Tal fenômeno também pode acontecer quando o sujeito olha para imagens do destino turístico; pensa a respeito; busca informações na internet; pede informações para outro sujeito ou assiste vídeos de sujeitos que descrevem o local e a sua experiência. Enfim, esse caso também é abordado, posteriormente, na trama de marcas comunicacionais, mas vale citar, neste momento da discussão, para perceber que a desterritorialização inicia antes do embarque, pelo processo de antecipação decorrente dos vislumbres dos devires territórios. O processo da perda do território físico, no entanto, marca com intensidade a experiência, no sentido de materializar a ação: movimentação para o território desconhecido.

Esse **desejo** pela movimentação pode ser facilmente encontrado nas falas dos entrevistados, a partir da expressão “eu sempre quis fazer intercâmbio”, a qual, aparece na maioria dos relatos. Há uma incerteza generalizada, na hora de

responder “de onde surgiu a vontade de fazer intercâmbio?” E pode-se visualizar, no Quadro 24, as várias respostas que, resumidas, refletem que o entrevistado ‘sempre quis’, como se o sujeito já tivesse nascido querendo ser um viajante, talvez numa referência a uma matriz ontológica do humano, como nos ensina Maturana e D’Ávila (2015), no livro *El Arbol del Vivir*.

Analisa-se, portanto, que essa desterritorialização desejante se vincula ao fato de o ser humano ser nômade por natureza e, assim, a vontade de permanecer em deslocamento é inerente ao seu viver. Neste sentido, comenta Solnit (2016, p.127): “[...] a imagem do andarilho, solitário, ativo e de passagem pelo mundo, sem jamais se estabelecer, é uma representação forte daquilo que significa ser humano”.

Além do nomadismo, há também uma forte interpretação ligada à Esquizoanálise, em especial no que Guattari (1992) denominou fluxos incorporais a-significantes, como agenciamentos dos Equipamentos Coletivos de Produção da Subjetividade. Trata-se de uma visão, a partir da qual o sujeito vai existindo, nas suas múltiplas inscrições, no território de imanência. Assim, percebe-se que o desejo de se manter em movimentação é inerente ao sujeito ‘entre mundos’, sendo, também, uma conexão com todo o ecossistema, de se sentir nele, de pertencer.

Por mais que haja o desejo de desterritorializar, o sujeito se desloca para um território ‘desconhecido’, ou seja, não sabe o que vai encontrar por lá. E o desconhecido causa **estranhamentos** iniciais. Isso ocorre nos primeiros contatos com o território de destino e pode-se perceber nas falas de Lily, Esther e Sadie. O que elas citam é, principalmente, vinculado ao pouso no aeroporto: primeiro estranhamento. É tudo diferente: idioma, comunicação, placas, moeda, alimentação e etc. Assim aponta Sadie: “quando cheguei no aeroporto de Sidney, eu percebi que estava do outro lado do mundo”.

Além da trama turístico-comunicacional há sinalizadores culturais que expressam ao viajante a chegada em outro mundo. Como tudo é diferente, é necessário iniciar o processo de **simulação**, que nada mais é do que uma adaptação inicial, uma “adaptação numa lógica de processualidade, de ações de

vislumbres e tentativas”, como afirma Baptista⁴⁴. Tendo em vista que tudo está fora do lugar, o sujeito precisa se movimentar, na tentativa de ação, vínculo e **aproximações** com a cidade, as pessoas e a cultura.

O processo de simulação também conta com o **esboço de convivência**. Esboço, porque ainda não se trata de ‘viver com’, no sentido de convivência plena; porém, é uma iniciativa, por parte do sujeito ‘entre mundos’. E não é fácil. Tanto que a maioria dos entrevistados relata ‘frieza’, por parte dos moradores do território de destino. Só que essa falta de calor, na verdade, pode ser interpretada, também, como um ato de respeito ao território do outro. E, assim, quando o sujeito menos espera, suas iniciativas de simulação resultam na **reterritorialização**.

É difícil dizer quando ocorre esse processo, porque territorializar no desconhecido é um processo que vai ocorrendo aos poucos. Reforçando: trata-se de um processo, e não de um momento. Há, contudo, um forte sinalizador da reterritorialização, que é o sentimento de **pertencimento**. No caso dos entrevistados, encontra-se, por exemplo, na fala de Kennedy: “este local é o meu bairro, esta é a rua do meu trabalho e este é o meu lugar”. Assim, remete ao processo em que o sujeito começa a se habituar ao ambiente, o que pode ser visto como o exercício da linha dos afetos e da simulação, na proposta de Rolnik (1989), e da reterritorialização, na proposta de Deleuze e Guattari (1997).

Chama atenção, também, a forma como o sujeito ‘entre mundos’ relata suas **conexões ecossistêmicas**, ou seja, interação com toda a rede: lugar, rota turística, pessoas, cultura, idioma e etc. Por exemplo, a interação com a cidade é caracterizada pela caminhada, já que nove dos entrevistados respondem que se conectam com o lugar se deslocando a pé. Solnit (2016), que é autora do livro *A história do Caminhar*, afirma que “há um certo tipo de sede de correr o mundo que só pode ser aplacada pelos atos do próprio corpo em movimento, e não pelo movimento do carro, barco ou avião” (SOLNIT, 2016, p.59). A autora ainda complementa que caminhar é uma maneira de criar o mundo e, também, estar nele (SOLNIT, 2016). Ela também comenta sobre a conexão do mundo externo e mundo interno que a caminhada permite ao viajante. Desta forma, ao mesmo

⁴⁴ BAPTISTA, M.L.C, declaração em Encontro Caótico Amorcomtur!, junho de 2021.

tempo em que o sujeito se desterritorializa, ele se recompõe num eterno processo recursivo, marcado pelo fato de que o que vem de fora se encontra com o que vem de dentro, e assim sucessivamente:

O ritmo da caminhada produz uma espécie de raciocínio ritmado, e a travessia de uma paisagem ecoa ou estimula a travessia de uma série de pensamentos, o que produz uma estranha harmonia entre as travessias interna e externa, sugerindo que a mente também é uma espécie de paisagem e que caminhar é uma maneira de percorrê-la". (SOLNIT, 2016, p. 23).

Assim, analisa-se que o sujeito viajante se sente parte do mundo, ao desbravar o território desconhecido. Ao mesmo tempo, sua conexão com a cidade é mais forte quando seu próprio corpo (vibrátil e em movimento) está em contato direto com o lugar, e não de modo filtrado por um meio de transporte.

Há quem prefira, no entanto, os meios de transporte. Dentre eles, a bicicleta está citada em primeiro lugar, mencionada por quatro respondentes. Os relatos destacam que esse meio de transporte permite maior interação com a cidade e com a natureza, além de ser econômico. Também são referidos os seguintes meios: ônibus, trem e carro. Os meios de transporte também estão relacionados à análise mais subjetiva, por exemplo na seguinte fala: "[...] nesse trem que me levaria para uma vida nova" (Scherer). Ou seja, há sentimentos e expectativas, depositados na viagem e no embarque. Seja no voo que cruza o oceano ou no trem que leva para outra cidade, mas sempre há uma bagagem de emoções atrelada ao meio de transporte.

Ainda analisando o quadro-síntese de marcas turísticas, percebe-se que há uma repetição nas falas sobre preferir sair da rota turística, quando o sujeito escolhe lugares para visitar na cidade. Visitar pontos que não estão divulgados na internet, ver a cidade pelo ponto de vista do morador ou fazer seu próprio roteiro são algumas das motivações relatadas pelos intercambistas. Depois de disso, ainda há um desejo de compartilhar suas descobertas, como, por exemplo, Lohan, que, na visita dos seus pais, quis apresentar a França que ele mesmo foi conhecendo e dando significado próprio aos lugares.

Percebe-se, também, sinalizadores de conexão em relação ao que a cidade oferece: os parques, opções de contato com a natureza, sistema de transporte, segurança, lazer noturno, entre outros. Nestes pontos, encontra-se a ampliação da consciência a respeito de contrastes e diferenças, entre o território de origem e os territórios visitados. Como por exemplo: os transportes públicos são elogiados pelos respondentes da Dinamarca, Londres e Dublin, que citam como “funciona” bem esse serviço para toda a população, ao contrário do que podem perceber no Brasil.

Assim como a rede de transportes, outros sinalizadores da trama turística entram nas **comparações** do sujeito viajante. A segurança, a possibilidade de contato com a natureza e o fato de ‘ter tempo para si’ são exemplos que marcam a fala dos entrevistados. Assim, pode-se analisar nos seguintes recortes de falas:

- “Adoro ir para os parques e fazer passeios ao livre” (Sophia)
- Percepção de que na Dinamarca e Inglaterra, as coisas funcionam melhor que no Brasil, até o sistema de transporte. (Knut)
- “Lá era seguro caminhar até de noite pelas ruas, e isso era incrível!” (Isabel)
- “Eu acho incrível como aqui é diferente do Brasil, por exemplo, os bancos não possuem porta giratória e nem guardas, ainda assim sinto em segurança” (Alba)
- “Uma coisa que eu gosto é andar na rua e ver as pessoas felizes e eu quero ir em busca dessa qualidade de vida”. (Scherer)
- Eu acho que aqui as pessoas se preocupam mais com as outras. [...] Claro que há pobreza também, mas os moradores de rua são amparados. (Francisca)
- “Sinto que no Brasil eu era engolida pelos acontecimentos do dia a dia, não conseguia nem parar para respirar”. (Lily)
- “O que me chamava atenção nas ofertas de lazer noturno era a segurança nos Pubs e baladas” (Briana)
- A Califórnia me possibilitou experiências muito distintas: esportes, natureza e praia. (Ashley)
- “Em Londres eu me sentia muito segura”. (Esther)
- O transporte público é ótimo e a cidade também é segura para os ciclistas (Sadie).

Essas falas demonstram, então, as comparações feitas pelos entrevistados, os quais não caracterizam apenas o desenvolvimento da cidade do intercâmbio. Há também características que estão intrínsecas no interior do sujeito. É difícil perceber, mas, às vezes, o viajante consegue viver melhor, justamente por desacoplar de um cotidiano a que ele próprio se sujeitou, atrelado à lógica maquínica. Por exemplo: ver as pessoas felizes na rua, se sentir mais livre, ter experiências distintas de esporte e lazer, não estar tão preso à rotina, são alguns dos argumentos dos intercambistas, para dizer que, na cidade de destino, se sentem experimentando uma qualidade de vida melhor. É difícil dar-se conta,

porém, que essa liberdade poderia ser sentida também no local de origem, se o próprio sujeito se permitisse ou se houvesse intensidade de acionamento de afetos, semelhante à desencadeada com frequência no processo de desterritorialização. Como ensina Baptista, “a cristalização da rotina é o oposto da desterritorialização. Cria uma espécie de crosta no sujeito que, muitas vezes, embota os sentidos. No ‘entre mundos’, essa crosta se solta, se desprende e, por isso, o sujeito pode se reinventar, se autopoietizar”.⁴⁵

Essa análise reflete para o sentido do ‘entre mundos’ proposto desta dissertação, que não se trata apenas de mundos geográficos, mas também é uma abordagem do mundo externo e mundo interno do sujeito. Olhar pra dentro de si e se permitir mudar é uma marca importante dessa experiência. Assim, entende-se que a desterritorialização desejante da comunicação e no turismo tem a potência de acionar a autoipoiese, “justamente porque o sujeito se despreza do ‘si mesmo’, das amarras territorializadas dos maquinismos de subjetivação dos seus territórios existenciais” (BAPTISTA, 2014b, p. 8).

Um dos sinalizadores que permitem o acionamento da autoipoiese é o tempo. Isso não quer dizer que em uma viagem de curto prazo o viajante não possa desacoplar da rotina maquinaica também; ele pode, no entanto, o percurso do intercâmbio facilita o processo, por se tratar de mais de seis meses vivenciando um ‘outro mundo’. “É uma vivência ampliada por distâncias, no espaço e no tempo”, como afirmou Baptista, também em reunião de orientação. Assim, analisa-se que, justamente pelo tempo de reflexão e comparação, há o fortalecimento da diferenciação entre o intercambista e o **turista**, o que é um sinalizador importante desta dissertação. Percebe-se um vínculo maior do intercambista com o território de destino em relação ao do turista tradicional, em função do tempo de permanência. Isso porque, muitas vezes, o turista é imediatista e já possui um imaginário do local, idealizado pela rede midiática.

Por outro lado, percebe-se que o sujeito ‘entre mundos’ difere-se também do **morador**, que, geralmente, não fica tão encantando com sua cidade, porque seu ponto de vista já está acostumado, o que faz com ele se acostume também

⁴⁵ BAPTISTA, M.L.C.. Declaração pessoal em orientação da pesquisa, setembro de 2021.

com a paisagem. Ao contrário destes dois exemplos, o sujeito intercambista, por morar no local (por tempo determinado) acaba vivendo uma experiência enriquecida com o encantamento do turista, mas também vivenciada nos pequenos detalhes: residir na região, descobrir o endereço dos serviços básicos (farmácia, fruteira, banco e etc), aprender a usar o transporte coletivo, frequentar instituição de ensino ou de trabalho, entre outras demandas burocráticas que compõem a experiência de intercâmbio. Essas características que diferenciam o intercambista do turista e do morador também indicam questões que marcam as conexões do sujeito com o ecossistema.

Neste momento do texto, as marcas comunicacionais passam a ser introduzidas na presente reflexão. Para tanto, apresenta-se, primeiro, o quadro de cruzamento das falas:

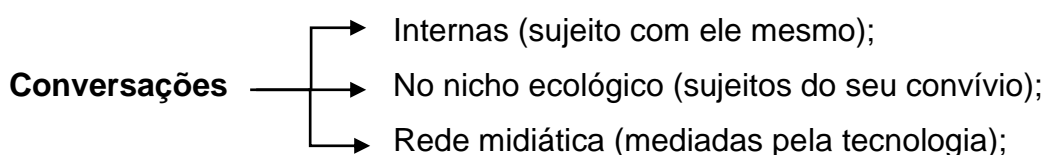
Quadro 25 - Quadro de cruzamento de marcas comunicacionais

Entrevistado	Recortes de falas
Klassina	<ul style="list-style-type: none"> - Conta que o idioma holandês foi a maior dificuldade no início. - "Criei expectativas, antes de viajar, a partir do que via na mídia" - A partir do Facebook uma moradora conseguiu localizar Klassina para devolver a sua pasta de documentos. - "As pessoas na Holanda são mais frias do que no Brasil, isso dificultava a aproximação e fazer novas amizades".
Sophia	<ul style="list-style-type: none"> - "No início tive muita dificuldade de me comunicar em Inglês [...] eu falava por mímicas". - "Eu tive certa decepção, pois não é a mesma San Francisco exibida pela mídia".
Knut	<ul style="list-style-type: none"> - "Eu morava em um complexo educacional, tinha contato com pessoas do mundo inteiro". - "Foi difícil me aproximar dos moradores". - O idioma dinamarquês foi uma das suas complicações.
Lohan	<ul style="list-style-type: none"> - Na universidade, tinha um programa inicial para apresentar a cultura francesa, e isso lhe ajudou muito. - O idioma foi um limitador para se aproximar dos moradores. - Usava o aplicativo <i>Atlas Food</i> para planejar roteiros gastronômicos próprios. - Dificuldade em fazer amigos franceses.
Isabel	<ul style="list-style-type: none"> - "A cultura é muito diferente" - Ela sentia um preconceito por ser brasileira. - "Quando os amigos de Caxias postavam foto, por exemplo, eu já pensava queria estar junto". - Ver os familiares e amigos felizes nas redes sociais gera um sentimento de que você não está fazendo falta.
Kennedy	<ul style="list-style-type: none"> - No início, sua principal dificuldade foi o idioma. - Usava muito os gestos para se entender com as pessoas
Alba	<ul style="list-style-type: none"> - Quando chegou na Espanha, falava todos os dias com sua família, através das redes sociais. - Na universidade, teve palestras para sua adaptação inicial e, depois, na Pandemia, teve assessoria para continuar as aulas virtuais.
Scherer	<ul style="list-style-type: none"> - "[...] por não saber falar alemão, eu não conseguia me comunicar com a atendente". - Dificuldade com o dialeto em Munique.

	<ul style="list-style-type: none"> - “Essa foi a pior parte, por vezes sofri xenofobia”. - “[...] precisamos parar de romantizar só porque é Europa. Aqui também tem problemas e inclusive muito preconceito”. - Aproximação com outros brasileiros que lhe ajudaram a encarar problemas
Francisca	<ul style="list-style-type: none"> - Rede de conexões: Quando conheci o pessoal da dança, foi um encontro de universos, incrível! Acho que esse era o grande motivo para minha viagem e eu nem sabia. - As redes sociais permitiram que ela estivesse em contato com o cotidiano e a as pessoas do território de origem.
Lily	<ul style="list-style-type: none"> - Não tinha muita verba disponível para a viagem, por isso pesquisou muito com intercambistas e, também, em websites/blogs com informações de viagem. - Acessava rede social e jornais da cidade de Caxias do Sul, para se informar do status da quarentena na cidade. - Foi um choque pra ela, quando avistou as sinalizações do aeroporto em Inglês e os atendentes se comunicando nesse idioma. - Indicaram os comércios mais econômicos e nos deram muitas dicas de como viver na Nova Zelândia. - Conheceu muitos estrangeiros: “Isso é incrível porque eu vou conhecendo o mundo, através das conexões que eu faço”.
Briana	<ul style="list-style-type: none"> - “tive a ajuda de brasileiros, eles me entendiam e me acolhiam sempre!” - “Eu escutava as notícias pelo rádio, mas as vezes também lia pelas páginas do Facebook. Na minha residência, a TV era paga, não tinham “canais abertos”, então eu não assistia nada. - Acompanhava as redes sociais de seus conhecidos no Brasil. - “Também começou alguns questionamentos de tamanha mudança na minha vida, porque eu via fotos do pessoal no Brasil fazendo churrasco no Domingo e eu aqui trabalhando dias e noites”.
Ashley	<ul style="list-style-type: none"> - “Sempre assistia séries e filmes americanos e comecei a criar o desejo de viajar para a Califórnia” - “Foram meses assistindo todos os vídeos do Youtube sobre pessoas que tiveram a experiência Aur Pair”. - Sentiu que não sabia se expressar, a comunicação era “um desafio, haviam gírias que eu não conhecia também”. - “O pessoal jovem tinha ciclo de amigos fechados. Então era difícil fazer amizade com os locais, mas conheci muitas pessoas de nacionalidades diferentes” - As pessoas na Califórnia são mais “frias” e reservadas do que no Brasil.
Esther	<ul style="list-style-type: none"> - Processo de estranhamento do idioma nos aeroportos de conexão e de chegada em Londres. - “Quase perdi meu voo por não entender o idioma do país. [...] Eu percebi que não somos ninguém sem saber nos comunicar”. - Em Londres nunca sofreu e nem presenciou preconceito.
Sadie	<ul style="list-style-type: none"> - Antes de viajar viu muitos vídeos na internet de dicas sobre viver na Austrália. - “Eu percebi que eles levam muito a sério todas as regras”. - Se informa através de Grupos de Whatsapp, Instagram dos jornais locais. - “A TV foi boa no início, até para treinar o ouvido com o idioma, mas agora não tenho muito tempo de assistir”. - [...] depois de um tempo foi encontrando amigos de várias nacionalidades. - Via as notícias na Rede Social e percebia que a quarentena no Brasil não era tão respeitada quanto na Austrália.
Megan	<ul style="list-style-type: none"> - “Aqui eu assisto à televisão porque a família assiste, principalmente de manhã. Mas acabo me informando mais pelas redes sociais, principalmente pelo Twitter e Apple News”. - As redes sociais eram um apoio na hora de se comunicar com a família e amigos e também para se informar. - Pesquisadora e entrevistada passaram a se seguir no Instagram pós entrevista. - “Mas a pior coisa pra mim foi sair do Brasil sem me despedir dos meus amigos. Não dei um abraço de tchau, respeitando o distanciamento social.”

Fonte: produzido pela autora (2021)

Após a apresentação das falas, neste momento do texto, a produção investigativa se direciona para o entendimento dos dados, a partir dos elementos de classificação. Nesta pesquisa, portanto, as marcas comunicacionais estão sendo pensadas a partir de sujeitos e dispositivos comunicacionais envolvidos. Assim, baseando-se nos autores que dialogam com a Comunicação-trama, citados no item 3.2, entende-se a comunicação como um evento complexo, que precisa ser analisada, cuidadosamente, em cada momento do percurso 'entre mundos'. Para entender a classificação das conversações do intercambista, apresentam-se os três elementos que se repetem no processo de desterritorialização desejante:



Os três elementos das conversações são visíveis em todo o percurso: no território, na desterritorialização, na simulação e na reterritorialização. Para entender melhor, no texto a seguir, são retomadas as falas dos entrevistados, estabelecendo o diálogo com autores da trama de saberes teóricos.

No **território**, antes ainda do planejamento da viagem, o sujeito inicia as **conversações internas**. Conforme Marcondes Filho (2019), a comunicação intrapessoal é a linguagem para um só, onde o indivíduo fala para si mesmo. É subjetiva, ocorrendo no íntimo do sujeito. Ela corresponde aos pensamentos, ideias, sentimentos que a pessoa constrói sobre tudo e todos ao redor. A própria capacidade de reflexão é um tipo de comunicação interior.

No caso do sujeito 'entre mundos', no território, trata-se dos diálogos internos que antecedem o planejamento da viagem. Isso ocorre porque há um fluxo contínuo de sentimentos no próprio sujeito-trama, que precisam ser entendidos primeiro, para que ele possa aceitar o desejo de desterritorializar, posteriormente. Assim, muitos entrevistados citam que não se deram conta quando ocorreu o surgimento do sonho de viajar. Acreditam ser inerente ao seu

viver, porque sempre esteve ali dentro, trata-se de um desejo adormecido. Ainda nesse processo de caótico do pensamento, o sujeito começa a compartilhar o esboço do desejo com as pessoas que lhe rodeiam: são as **conversações no nicho ecológico**. Por exemplo, isso ocorre quando o sujeito reflete com os amigos, questionando-se se chegou o momento de tirar o projeto do intercâmbio da gaveta. Também se verifica, ao contar para os pais sobre seu desejo de viajar, argumentando acerca do distanciamento e de como a realização desse sonho é importante para o sujeito.

As **conversações com a rede midiática** também estão presentes no território, desde as primeiras pesquisas sobre intercâmbio na internet, leitura de relatos em websites ou, até mesmo, participando de redes sociais, que permitem o bate-papo com pessoas de outros países. Neste sentido, a entrevistada Lily comentou que não tinha muita verba disponível para a viagem; por isso, pesquisou muito com intercambistas e também em websites/blogs com informações de viagem.

Essa conexão que os dispositivos eletrônicos permitem também é uma maneira de alimentar as expectativas do sujeito, conforme relatos das intercambistas Klassina e Sophia, que comentaram ter criado expectativas da cidade, antes de viajar, a partir do que viam na mídia. Além do mais, com o avanço da internet, há deslocamento virtual, que ultrapassa, de certa forma, o simples ato de visualizar ou de pensar. É o que Haesbaert (2005) chama de mobilidade virtual:

[...] dentro dessas novas articulações espaciais em rede surgem territórios-rede flexíveis onde o que importa é ter acesso, ou aos meios que possibilitem a maior mobilidade física dentro da(s) rede(s), ou aos pontos de conexão que permitam “jogar” com as múltiplas modalidades de território existentes, criando a partir daí uma nova (multi)territorialidade. (HAESBAERT, 2005, p. 14)

Pode-se pensar, por exemplo, com o uso do Google Maps. O sujeito ‘caminha virtualmente’ na rua do município onde vai residir. Pode, inclusive, visualizar os serviços que estão perto do seu futuro endereço e essa facilidade tende a auxiliar no momento da escolha da futura moradia. Ainda no território de origem, o sujeito pode ir desbravando, virtualmente, um pouco desse ‘mundo

desconhecido' e, através do aplicativo citado, ainda consegue antecipar trajetos que, futuramente, irá percorrer, de fato, fisicamente.

As **conversações internas** no processo de **desterritorialização** desejante já são diferentes: o sujeito já vive uma turbulência interna, numa mistura de excitação, ansiedade e, em certa medida, acompanhada do medo. Então existe uma marca comunicacional que permeia o momento em que a vontade inconsciente passou para o estágio da consciência (entre o território e a desterritorialização).

Essa marca, portanto, é forjada pelo somatório das conversações internas, com o nicho e com a mídia. Neste período, há níveis de consciência que se alternam com a sensação de estar totalmente perdido. É um tempo em que fica mais visível o desejo, do qual falamos anteriormente nas marcas turísticas: o sujeito entende sua vontade, ainda no território, mas isso não quer dizer que ele esteja preparado para a perda do território de si mesmo.

Vale ressaltar que, para esta pesquisa, o território é abordado segundo a Esquizoanálise, ou seja, não é apenas o território físico. Assim, quando o sujeito aciona o processo de desterritorialização em pensamento, já se imaginando no local, provando as roupas daquela estação climática (pesquisada previamente na internet), passeando pelas ruas da cidade virtualmente (através de aplicativos) ou visitando materiais no idioma do local (em websites), confundem-se e mesclam-se os próprios fluxos do processo, pois já é um esboço de simulação, proporcionado, nestes exemplos, pelas **conversações midiáticas**.

Além disso, no processo de estranhamento, após a perda do território geográfico, os meios de comunicação também alertam o sujeito para o desconhecido. Isso acontece, principalmente no aeroporto, conforme comentam as entrevistadas Lily e Esther, a respeito das placas do aeroporto em um idioma diferente. Algo que deveria orientar o sujeito, acaba passando um sentimento de que o viajante está perdido, justamente por não compreender a instrução. Perder-se dentro do aeroporto é um dos fatos que fazem o viajante perceber que está vivendo a desterritorialização, ou seja, a perda do território. Da mesma forma como perder-se na estação de metrô, mesmo tendo o mapa das conexões em

mãos, conforme eu cito na trajetória da pesquisadora, sobre minha experiência angustiante na cidade de Londres.

Ainda na desterritorialização, percebe-se a conversação com o **nicho ecológico**, como um sinalizador de marca turístico comunicacional. No período que antecede a viagem, o sujeito, normalmente, busca se ‘munir’ de informação: investiga no nicho ecológico qualquer pista que possa ser útil, perguntando sobre viagens, leituras, páginas que segue, aplicativos e etc. Esse período também pode despertar uma necessidade de expandir o seu nicho de relacionamentos, no sentido de interagir com pessoas que já viajaram ou que gostam de conversar sobre o tema. Um dos motivos pode ser pelo fato de a família ou os amigos próximos não apoiarem a viagem, não entenderem ou, simplesmente, não darem espaço para o sujeito falar sobre os seus anseios pré-embarque.

Ainda entre a desterritorialização e a **simulação**, percebe-se que as **conversações internas** são potencializadas por certo desespero. É um período em que vivencia-se um certo nível de consciência, ou seja, a percepção da perda do chão de si mesmo. É um período árduo para o intercambista. Por isso, em termos de diálogos internos aparece até mesmo a dúvida, conforme cita Kennedy: “Deitei na cama e pensei ‘cara, o que estou fazendo’. Foram quase 24 horas de viagem, ou seja, eu estou muito longe de casa”.

Já no processo de simulação, realmente, o sujeito passa a realizar pequenas aproximações com o novo nicho ecológico e o início das tentativas de convivência. Este período também é difícil e acompanhado pela insegurança. Ainda no item 1.2 intitulado ‘trajetória da pesquisadora’, contei sobre o medo que permeava minha ida para as aulas na Espanha. Até eu conseguir acionar as conversações com as pessoas mais próximas, que compunham o meu ‘nicho ecológico’, houve um período de conversações internas bem duras comigo mesma. Então, retomo essa reflexão: “Aprendi a deixar o orgulho de lado e a pedir ajuda para muitos colegas. Em certo sentido, percebo que vivi a evidência do fato de que, quando estamos no ‘entre mundos’, parece que a vida começa de novo”. Assim, constato o recomeço do meu **nicho ecológico** na simulação.

Outras experiências também demonstram essa dificuldade de constituição do novo nicho, seja com as pessoas, com o idioma ou com a própria trama cultural. Por exemplo:

- “As pessoas na Holanda são mais frias do que no Brasil. Isso dificultava a aproximação e fazer novas amizades”. (Klassina)
- “No início, tive muita dificuldade de me comunicar em Inglês [...] eu falava por mímicas”. (Sophia)
- “Foi difícil me aproximar dos moradores e o idioma dinamarquês foi uma das complicações” (Knut)
- “A cultura é muito diferente” (Isabel).
- No início, sua principal dificuldade foi o idioma e usava muito os gestos para se entender com as pessoas (Kennedy)
- “Como pode? Eu estudei inglês e não estou entendendo ela.” (Scherer)

São trazidos apenas alguns exemplos para essa reflexão, mas a dificuldade com o idioma se repete na maioria dos 15 relatos. Analisa-se, então, que este desafio é, também, o principal sinalizador de que o sujeito chegou em ‘outro mundo’, e isso potencializa as diferenças com o território de origem. A frustração em não conseguir se comunicar coloca o intercambista em uma situação de ampliação da potência de agir: é necessário dedicar-se, estudar e treinar o idioma. Isso acontece também pela percepção da importância da comunicação, conforme cita a intercambista Esther: “Quase perdi meu voo, por não entender o idioma do país. [...] Eu percebi que não somos ninguém, sem saber nos comunicar”.

Ao contrário do turista que passa apenas alguns dias ou semanas no destino, o intercambista precisa viver por um tempo no local. Trata-se de, literalmente, sobreviver. Isso quer dizer, o intercambista precisa de um nível de domínio da Língua, não apenas para situações banais do cotidiano, mas para a complexidade do ‘com-viver’ (no sentido de ‘viver com’) o ecossistema todo, em uma trama de acontecimentos variados. Não se trata, portanto, de dar conta de algumas frases, para viver uns dias na cidade. Frases ensaiadas, básicas! Ao contrário, é realmente necessário um mergulho no outro mundo, a partir do portal da linguagem.

Na simulação, também ocorrem as **conversações com a rede midiática**. Novamente, relações acompanhadas pela incerteza, medo e angústia. Justamente por estar sendo um período difícil, na aproximação constituição do com o novo nicho, o sujeito acaba potencializando o contato com a trama de relações do território de origem, virtualmente, que é a única possibilidade no momento. E esse

processo, normalmente, acaba potencializando a saudade, a solidão e a falta. Conforme pode-se É o que se pode observar nos seguintes exemplos:

- “Quando os amigos de Caxias postavam foto, por exemplo, eu já pensava queria estar junto” e “Ver os familiares e amigos felizes, nas redes sociais, gera um sentimento de que você não está fazendo falta”. (Isabel)
- Quando chegou na Espanha, falava todos os dias com sua família através das redes sociais. (Alba)
- As redes sociais permitiram que ela estivesse em contato com o cotidiano e a as pessoas do território de origem. (Francisca)
- Acompanhava as redes sociais de seus conhecidos no Brasil e “também começou alguns questionamentos de tamanha mudança na minha vida, porque eu via fotos do pessoal no Brasil, fazendo churrasco no Domingo, e eu aqui trabalhando dias e noites”. (Briana)

Este mesmo tema é ampliado na trama reflexiva ‘entre mundos’, mas é importante citar a mediação da tecnologia, também neste processo de simulação. Assim, percebe-se que as marcas turístico-comunicacionais desse período se inscrevem no intercambista de forma abrupta, por ele ainda estar vivendo as incertezas do esboço de convivência. E este é um dos problemas que a tecnologia gera: permite ao sujeito continuar imaginando e vivendo o cotidiano do local de origem e, conseqüentemente, leva-o a não desfrutar plenamente do intercâmbio. Isso ocorre, porque ele está, literalmente, vivendo ‘entre’ os mundos, em uma condição de multiterritorialidade, como ensina Haesbaert, nem no intercâmbio e nem no local de origem, e nos dois territórios ao mesmo tempo, sem se territorializar plenamente.

Com o passar do tempo, contudo, o sujeito ‘entre mundos’ vai conseguindo se adaptar e, através das marcas turísticas, entendemos que desencadeia-se um processo de **reterritorialização**, que, na verdade, acontece sem o viajante perceber. Assim, quando menos espera, sua **conversaço interna** já traz sinalizadores de superaço e autopoiese. Esses recortes de falas aparecem, depois, na trama reflexiva ‘entre mundos’. Também é importante, neste momento do texto, entender o processo de “se dar por conta” da própria evoluço. Quer dizer, os desafios da simulaço direcionam o sujeito até as conexões ecossistêmicas e ao sentimento de pertencimento, ou seja, o idioma, a diferença cultural, a saudade e outros obstáculos não impediram o viajante de continuar em movimento. Ao contrário: as adversidades acionaram a potência de agir.

Há também uma reflexão importante, no sentido de que o diálogo interno pode também ser registrado, por exemplo, em um diário de viagem. No item 1.2.1: aproximações com o 'mundo Segóvia', eu falo sobre o meu manuscrito que se intitula diário de pesquisa. Nele, relato parte da experiência e, até mesmo, algumas conclusões sobre meu próprio percurso, que já eram possíveis no processo de reterritorialização. Por exemplo, quanto à evolução e apropriação do idioma: "*Hoy he percibido que empecé mi bitácora en portugués, y cuatro meses después ya no me sale. O sea, escribo ahora en español porque lo que vivo acá es en ese idioma, así que no mola mucho escribir de otra manera*" (BERNARDO, 2018). Analisando meu próprio relato, entendo que todos os acontecimentos comunicacionais me levaram à fluência no idioma, já que foi uma imersão completa no Espanhol, tanto que eu chegava a pensar, a escrever e a sonhar neste idioma.

Em termos de conversação com o **nicho ecológico**, percebem-se conexões complexas no processo de reterritorialização. Por exemplo, as redes de conexões da intercambista Francisca: "Quando eu conheci o pessoal da dança, foi um encontro de universos, incrível! Acho que esse era o grande motivo para minha viagem e eu nem sabia". Isso significa que, nas conexões ecossistêmicas, ela acabou se identificando em um novo nicho ecológico e ainda encontrando maior sentido para sua viagem. Ressalta-se, aqui, que nem estava em seus objetivos iniciais ir para Portugal para dançar. Da mesma forma em meu relato pessoal, quando falo da experiência do trabalho voluntário, que também não era meu objetivo inicial, e assim como Francisca eu fui surpreendida, positivamente, pela fluidez dos acontecimentos no intercâmbio.

Do ponto de vista das marcas comunicacionais, também são percebidos sinalizadores de diferenças culturais, que aparecem nitidamente no nicho ecológico. Por exemplo, o perfil de comunicação de cada região e até mesmo o contato físico. Cita-se, neste caso, o relato da entrevistada Klassina, a respeito da sua reação quando uma pessoa encontrou sua pasta de documentos perdidas e lhe contactou para devolver: "eu corri para abraçá-la. E adivinha? Ela fugiu do abraço e dos meus agradecimentos. Simplesmente entregou a pasta e saiu".

A mesma análise (a respeito do contato físico) é encontrada nas falas de outros intercambistas entrevistados. E, por mais que a reflexão nos direcione a pensar a respeito da Comunicação, ressalta-se que também é uma análise voltada para o Turismo, conforme cita Moesch (2002): “O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos, em cuja composição integra-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais” (p.17). Assim, entende-se que o processo turístico-comunicacional é pautado por uma complexa trama de bases culturais diferentes e que cada nicho ecológico carrega a sua herança histórica.

Também por esse motivo recorde o relato que escrevi sobre o Marrocos, onde roupas e véus são símbolos comunicacionais da cultura daquele lugar e do seu nicho ecológico. Justamente pela base cultural ser tão distante daquela que eu costumo vivenciar, a reterritorialização foi mais difícil naquele lugar. Além disso, a viagem acionou meus afetos, me marcando de forma turístico-comunicacional a partir das vivências e dos enfrentamentos. Realmente, a troca cultural é um dos pontos principais do processo de intercâmbio, justamente recordando o diálogo teórico de Di Doné e Gastal (2012) e Sebben (2011), citados no item 3.3.2 dessa dissertação. [PENSAR REMISSÕES INTERNAS]

Além das diferenças culturais e das particularidades de cada nicho ecológico, percebe-se que a **rede midiática** também se apresenta como um dispositivo importante no processo de reterritorialização. Trata-se, por exemplo, de situar o sujeito a respeito dos acontecimentos do local em que reside. Alguns sujeitos entrevistados comentam quais meios utilizavam para se informar:

- “Eu escutava as notícias pelo rádio, mas às vezes também lia pelas páginas do Facebook. Na minha residência, a TV era paga, não tinham “canais abertos”. Então eu não assistia nada. (Briana)
- Se informa através de Grupos de Whatsapp, Instagram dos jornais locais. E comenta que a TV foi boa no início, para treinar o ouvido com o idioma. (Sadie)
- “Aqui eu assisto à televisão porque a família assiste, principalmente de manhã, mas acabo me informando mais pelas redes sociais, principalmente pelo Twitter e Apple News”. (Megan)

Além da informação, a rede midiática pode apoiar o viajante no processo de adaptação, mas essa é uma escolha e uma iniciativa do próprio sujeito, no tempo

dele. A tecnologia pode estar a serviço do viajante, basta eleger qual a finalidade: quer continuar acompanhando a rotina das pessoas do teu território de origem? É possível. Quer intensificar o sentimento de saudades, procurando todas as fotos que os familiares e amigos postaram sem você? Também conseguirá.

Em outra direção, no entanto, pode representar um portal de possibilidades no Novo Mundo, oferecendo conexões e simulações de devires. Assim, é possível utilizar a imensidão de serviços tecnológicos para facilitar a própria reterritorialização. Isso pode ser feito, através de aplicativos para os mais variados fins, que ajudam, por exemplo: na aprendizagem do idioma, na conversão da moeda, no comparativo de preços ou dicas para economizar, no deslocamento pela cidade, entre outras possibilidades. Neste sentido, pode-se citar o exemplo do entrevistado Lohan, que usava o aplicativo *Atlas Food* para planejar roteiros gastronômicos próprios e, dessa forma, usou a tecnologia como aliada no processo de descoberta da cidade.

Ainda se compreende que essa facilidade em mãos também acarreta nesta dificuldade de se 'afastar' subjetivamente do território de origem, assim como foram apresentadas falas no contexto da Simulação. Essa marca turístico-comunicacional também é o que caracteriza o processo 'entre mundos'. Assim, poderá ser analisada também no item a seguir.

7.1.1 TRAMA REFLEXIVA 'ENTRE MUNDOS'

Até o presente momento a Trama Reflexiva abordou as marcas turístico-comunicacionais. Já a proposta do presente item é ampliar o entendimento do termo 'entre mundos', buscando caracterizar a experiência de intercâmbio como processo de desterritorialização desejante. Para tanto, retomam-se os dados coletados nas entrevistas, apresentando a seguir o quadro de cruzamento com recortes de falas dos 15 entrevistados.

Quadro 26 - Quadro de cruzamento de marcas 'entre mundos'

Entrevistado	Recortes de falas
Klassina	<ul style="list-style-type: none"> - “Como seria bom se minha família pudesse estar aqui comigo”. - “O coração está em um lugar e o corpo em outro”. - “A gente precisa aprender a conviver com a falta”. - Conta que a tecnologia aproxima e distancia ao mesmo tempo. - “Parece que as chamadas de vídeo machucam mais ainda”. - Conta que em função da Pandemia do Covid-19, a preocupação, saudade e solidão aumentam. - O difícil pra ela foi ver o mundo todo nessa situação e perceber que o ‘novo normal’ é diferente para cada situação econômica. - “Agora paro para pensar que tenho coragem e força”. - Ela teve tempo para se interiorizar e conhecer a si mesma. - Viajar sozinha para um país diferente fez com que ela acelerasse ainda mais seu processo de autoconhecimento - Diz que amar a própria companhia foi uma das questões mais importantes.
Sophia	<ul style="list-style-type: none"> - “Querida que minha família e meu namorado estivessem aqui, para viver essa experiência comigo”. - “Minha Host Family é incrível, mas sinto falta de tudo que deixei no Brasil”. - Quando a família se organizou para visita-la os aeroportos ficaram fechados em virtude da Pandemia. - “Eu fiquei bastante tempo doente e psicologicamente afetada também. Então todos ficamos com medo”. - O intercâmbio foi a melhor experiência da sua vida.
Knut	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu sentia solidão mesmo”. - “A tecnologia possibilita uma comunicação muito superficial que às vezes é até dolorida” - Tinha saudade dos abraços, do calor das pessoas e da comida. - O Intercâmbio expande o nosso olhar.
Lohan	<ul style="list-style-type: none"> - “Os intercambistas se admiram com as pequenas coisas”. - As chamadas de vídeo eram dificultadas em função do fuso horário. - Retornar para o Brasil foi sinônimo de rotina. - “Eu penso em viajar de novo, quero estar sempre conhecendo coisas novas em minha vida” - “Comecei a valorizar mais os meus pais” - “Eu não sabia da minha capacidade”.
Isabel	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu era muito apegada com a família (e ainda sou)”. - Se sentia sempre conectada com o Brasil. - “Realmente achei que eu não ia aguentar nem o primeiro mês”. - Fui chorando, caminhando e não tinha como dizer “pai, vem me buscar”. - “Até se readaptar com a realidade estagnada, eu sofri muito”. - “No intercâmbio, eram sempre coisas novas, muitas descobertas”. - “A gente viveu uma vida utópica e agora tem que voltar e se adaptar, é cruel!”
Kennedy	<ul style="list-style-type: none"> - “Comecei a sentir muitas saudades. Certas coisas só na casa da gente. E eu pensava _ Como seria estar lá agora”. - A relação com os pais e irmãos melhorou muito. - “No início da Pandemia a vontade era retornar de novo, ir ver como meus pais estavam, mas os aeroportos estavam fechados”. - Na Pandemia, a preocupação maior era com os pais. - “Então acreditei em mim, nem pensei no medo de falar em Inglês e tive coragem”. - “Eu sinto que eu mudei muito, mas é uma mudança natural”. - “Coisas simples trazem felicidade e fazem você acreditar mais em si mesmo”.
Alba	<ul style="list-style-type: none"> - “Meus pais se preocupavam muito. Então foi muito difícil “cortar o cordão umbilical [...] a saudade nos fez mais fortes.” - Gostaria que os pais vivenciassem a experiência ajunto: “eles batalham tanto para eu estar aqui, sabe?”

	<ul style="list-style-type: none"> - “aprendizado, autoconhecimento e evolução”. - “Foram tantas experiências que me fortaleceram. Até mesmo o medo, inclusive com a Pandemia, é um sentimento que me fez crescer muito”.
Scherer	<ul style="list-style-type: none"> - [...] “eu não ia desistir de tudo depois que já estava tudo certo e organizado para meu embarque, mas foi e está sendo muito difícil.” - Ao mudar de Host Family se sentia sempre muito sozinha. - Sobre sua família no Brasil, conta que “a saudade é cruel”. - “A internet ajuda, por um lado, mas de uma certa forma parece que aumenta a dor, pois você vê a pessoa mas não pode tocar, abraçar e matar a saudade em si”. - Sobre a Pandemia: “Todo mundo estava em casa, mas eu morava com uma família que não era a minha”. - “Eu também tive um problema de instabilidade emocional, por estar realizando um sonho, mas acabar sofrendo muito neste período”. - “Neste dia eu me senti tão sozinha tão orgulhosa ao mesmo tempo. [...] E foi preciso muita coragem pra chegar nesse dia”. - [...] “somos nós e nossas malas, que no simbólico elas guardam aquilo que nos pertence né, aquilo que somos”. - Em oito meses de intercâmbio, sentiu que mudou muito. - “Eu tive um processo de autoconhecimento gigante: descobri que sou resiliente e que suporto muitas coisas”. - [...] “aprendi a respeitar o que eu sinto, com carinho comigo mesma. E eu tenho gostado mais da minha própria companhia”.
Francisca	<ul style="list-style-type: none"> - “a saudade é grande” - a pandemia intensificou a falta que ela sentia de casa, da família e dos amigos. - Minha família ficou desesperada pedindo para eu voltar, mas eu não queria (e nem podia porque os aeroportos estavam fechados). - “[...] Mas eu não sinto que “perdi a viagem”, pelo contrário, já aprendi muito”. - sua visão de mundo foi ampliada com a experiência do intercâmbio. - sente-se motivada a voltar para o Brasil e tentar fazer a diferença através da Educação
Lily	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu demorei muito para me acostumar com a distância, realmente eu chorava muito” - na Pandemia, preocupação com os pais e “aquele sentimento de querer estar perto da família e saber que não é possível”. Fronteiras fechadas. - “tinha uma frustração gigante por não conseguir fazer chamadas de vídeo com a minha mãe, porque ela começava chorar e eu também. Isso foi duro”. - “Na chamada de vídeo parece que fica mais nítida a distância”. - O fuso horário é enorme atrapalha na comunicação com o Brasil. - “[...] comecei a viver intensamente essa oportunidade, aproveitando muito mais o que estava acontecendo ao meu redor. Lembro que o pensamento que prevaleceu foi “eu não vou desistir do meu sonho”. - “Sinto que no Brasil eu era engolida pelos acontecimentos do dia a dia, não conseguia nem parar para respirar”. - “relembrar sempre meus objetivos e o que eu quero para minha vida”.
Briana	<ul style="list-style-type: none"> - “No início eu sofri bastante com a distância de casa e tudo era um perrengue. Se eu não tivesse gastado tanto para estar ali, juro que pegava a minha mochila e voltava para casa”. - Ela foi encontrando nos outros estrangeiros o ‘abrigo’ que precisava, já que não foi fácil se acostumar longe de casa. - Uma estratégia encontrada para ter a família mais perto de si, era manter uma foto de todos juntos na cabeceira de sua cama. - Chorava em todas as chamadas de vídeo que fazia com sua mãe. - “Na volta não teve um dia que eu não pensasse no intercâmbio”. - Percebeu que não ia aproveitar seu intercâmbio se continuasse vivendo apenas a realidade do seu território de origem.
Ashley	<ul style="list-style-type: none"> - “Eu não me sentia tão da família, você percebe que está em uma casa que não é sua” - “Quando percebi que estava na Califórnia foi incrível!” - No momento do desespero, ligou para o seu pai no Brasil, que lhe acalmou, mesmo estando longe. - “Eu tinha muita saudade. Fui me acostumando com o tempo, pois eu não queria estar tão ligada a Caxias, queria viver a Califórnia em si, mas era difícil enfrentar os perrengues longe da família”.

	<ul style="list-style-type: none"> - “O intercâmbio me ajudou muito, aprendi a ficar sozinha e saber me entender. Eu percebi que é possível fazer tudo que a gente sonha, é só se esforçar e não desistir!” - Aprendeu sobre o seu autoconhecimento: reservou momentos da sua rotina para se interiorizar e aprendeu a se escutar mais. - Em função do seu peso se sentia julgada: “eu cheguei aqui e fiquei com a auto estima muito baixa e isso não é foi nada bom para a saúde mental que já estava abalada”. - “O que me ajudou para não entrar em depressão foi ingressar na English Labs, escola de idiomas que comecei a trabalhar. Muitos professores ali já haviam sido intercambistas e então nós trocamos muitas experiências. Eles me ajudaram a ver as novas possibilidades da vida”.
Esther	<ul style="list-style-type: none"> - “Meu pai faleceu em fevereiro de 2018 e esse era um sonho que estávamos planejando juntos.” - Por conta do fuso horário nem sempre conseguiam fazer chamadas de vídeo. - “E eu morria de saudades da minha mãe, já perdi meu pai, então isso me fez criar um vínculo de dependência afetiva ainda maior com minha mãe e por isso foi tão difícil”. - Comenta que o intercâmbio lhe transformou. - “Antes tinha medo de tudo e agora eu sei que sempre vou encontrar uma solução. Eu acho que agora tenho uma mentalidade diferente” - Ao retornar ficou muito mal no início. - “Parece que aqui em Caxias eu nem me encaixo mais, lá eu podia ser quem eu quisesse sem os julgamentos”.
Sadie	<ul style="list-style-type: none"> - “Lembro que nas noites mais difícil eu ligava para minha mãe e falávamos da saudade gigante que já sentíamos desde os primeiros dias do intercâmbio. Tem dias que a saudade bate mais forte, é uma montanha russa de sentimentos, um misto de “eu quero ficar para sempre aqui e já podia voltar pra casa amanhã”. - “Com a Pandemia eu me desesperei, até porque não sabia se eu voltava para o Brasil ou se ficava aqui. Não tive muita escolha, porque os aeroportos estavam fechados” - “Ficava extremamente preocupada com minha família, porque eu via que não levavam a quarentena a sério e então eu sempre mandava eles se cuidarem”. - “Eu trabalhava com faxinas, mas resolvi fazer um curso de barista. [...] No Brasil seria tão insignificante conseguir um emprego informal, e aqui é uma conquista gigante” - “Sou outra pessoa. Eu aprendi a acreditar em mim mesma, tenho a sensação que “eu posso tudo”, óbvio, se me esforçar pra isso. Mas percebo que parei de duvidar tato da minha capacidade, sei que me supero todos os dias”.
Megan	<ul style="list-style-type: none"> - “Minha <i>host family</i> falou que eu faço a diferença aqui. E a pequeninha disse “ela é parte da minha família”. - [...] “eu sinto muita falta da minha família, falo com eles por chamada de vídeo. Eles sabem que eu estou feliz e acho que isso torna a saudade suportável. Tenho saudades da comida do Brasil também (risos)”. - “Sabe, no início eu me sentia mais dividida, mas eu queria ser mais independente. E isso é libertador, tenho um mundo de possibilidades novas e quero vivenciar por completo” - “Eu amo estar sozinha, celebrar comigo mesma essa escolha incrível. [...] Eu acho que saí de uma bolha, porque agora vivo melhor, até a relação com a minha família melhorou e eu selecionei melhor meus amigos”.

Fonte: produzido pela autora (2021)

O quadro apresentado esboça um mergulho importante para esta dissertação. As falas contemplam o sujeito ‘entre mundos’ em sua trama de atravessamentos. Além disso, a complexidade das respostas afirma a profundidade de cada entrevista, já que os respondentes abrem seu coração e falam de seu viver, muitas vezes se emocionando ou, até mesmo, trazendo para

consciência um 'gatilho' que poderia estar adormecido, que é esse viver 'entre mundos'. Assim, para guiar nosso caminho na trama reflexiva, apresentam-se os elementos de classificação que dão base ao texto:

- Consciência do 'entre mundos'
- Percepção de si
- Entrelaços de amorosidade: reflexão sobre relações mais próximas (no lugar de origem e no lugar do intercâmbio)
- Ampliação da consciência cultural, econômica e ambiental
- A mediação da tecnologia
- Sinalizadores de reinvenção/autopoiese

A proposição tem como referência estudos de Humberto Maturana e os itens foram definidos com a orientadora, na discussão entre os dados de campo e as teorias relacionadas à autopoiese e à transformação dos sujeitos nas diferentes composições de UEON (união ecológica organismo nicho).

A primeira percepção é de que o quadro traz sinalizadores da confirmação dessa **consciência 'entre mundos'**. Percebe-se que ora o sujeito está vivenciando o novo mundo e ora está conectado com o nicho ecológico do território de origem. Na verdade, esse é o grande diferencial do intercambista em relação ao turista: a possibilidade de se sentir intensa e profundamente 'entre mundos'. A densidade da experiência traz à tona percepções de si, do outro e da relação com os diferentes territórios existenciais.

Essa singularidade tem sua 'boniteza' nessa forma de viver as experiências, sempre pensando nos mundos que formam o sujeito. Também há, no entanto, um alerta, quando o sujeito não consegue viver plenamente por estar 'prezo' no território de origem. Há um momento que o sujeito percebe que acompanhar a vida de todas as pessoas do território de origem pode não lhe fazer bem, ou, no mínimo, ocupar o espaço de momentos em que ele podia estar aproveitando com sua nova rede de conexões (sejam pessoas, lugares,

deslocamentos ou qualquer experiência nova). Essa percepção, então, pode ser um despertar, conforme exemplos a seguir:

- “[...] comecei a viver intensamente essa oportunidade, aproveitando muito mais o que estava acontecendo ao meu redor. (Lily)
- “Eu tinha muita saudade. Fui me acostumando com o tempo, pois eu não queria estar tão ligada a Caxias, queria viver a Califórnia em si, mas era difícil enfrentar os perrengues longe da família”. (Ashley)
- “Sabe, no início, eu me sentia mais dividida, mas eu queria ser mais independente. E isso é libertador, tenho um mundo de possibilidades novas e quero vivenciar por completo” (Megan)
- Percebeu que não ia aproveitar seu intercâmbio, se continuasse vivendo apenas a realidade do seu território de origem (Briana)

O despertar de que falamos, nesta reflexão, é resultado, muitas vezes, deste processo de priorizar o mundo interno e aprender com o autoconhecimento. Isto é, a **percepção de si**. Este entendimento, portanto, nos possibilita pensar: afinal o que é o intercâmbio e o entre mundos? É justamente o campo entre e intra, onde os mundos são o mundo do sujeito: dentro e fora, nos seus muitos laços. Conforme Baptista (2016), não há como acionar saídas dos territórios, se não houver o reconhecimento do ‘si mesmo’ e, assim, entende-se necessária a percepção da potência agenciadora de reinvenção de si, de autopoiese.

Essa percepção não é fácil e raramente acontece nos primeiros meses, porque os primeiros sentimentos estão conectados ao estranhamento. Conforme pode ser visualizado nestes exemplos:

- “Eu sentia solidão mesmo”. (Knut)
- “Eu também tive um problema de instabilidade emocional, por estar realizando um sonho, mas acabar sofrendo muito neste período”. (Scherer)
- “Eu demorei muito para me acostumar com a distância, realmente eu chorava muito” (Lily)
- “Deitei na cama e pensei: cara, o que estou fazendo. Foram quase 24 horas de viagem, ou seja, eu estou muito longe de casa”. (Kennedy)

As falas relatam saudade, insegurança e medo. Justamente por estar longe de tudo que era conhecido, o sujeito se questiona sobre suas escolhas e realmente remete-se a um sentimento de medo. Para Rolnik (1980), o medo se relaciona com a linha de simulação, que “vai do invisível e inconsciente produção de afetos, para a visível e consciente composição de territórios” (ROLNIK, 1989, p. 31). Com isso, o sujeito busca referências na sua própria trama existencial, fazendo comparações e encontrando soluções, experiências parecidas que o fazem seguir adiante. Assim, seguindo em frente, o sujeito aprende a se superar e

cada dia acredita mais em si. Chama a atenção, neste sentido, que se encontra a palavra 'coragem' em várias citações dos entrevistados.

Essa descoberta da própria coragem faz parte desse processo autoconhecimento. Para Sebben (2011), o intercambista viaja com o intuito de estudar, conhecer outras pessoas, fazer amizades, viajar, sem saber que, sobretudo, irá ao encontro de si mesmo. Conforme a autora, "autoconhecimento, reflexão, um repensar permanente sobre suas percepções, sobre seu modo de comunicar, pensar e agir são tarefas implícitas no processo de intercâmbio" (SEBBEN, 2011, p.6).

Entende-se, ainda, que o autoconhecimento é um convite da experiência de desterritorialização, no qual corpo e mente trabalham o movimento de 'despertar' e, assim, transforma-se na trama de energias conectada com o universo. Desse modo, retoma-se o questionamento: que mundo é esse que o sujeito almeja encontrar? Para pensar a resposta, dialoga-se com Trigo (2013):

As pessoas querem algo que já possuem, mas estão afastadas de si mesmas e não podem - ou não querem - ter acesso aspectos importantes de suas vidas, talvez porque sejam obscuros. Então viajam pelo mundo, tentando encontrar além de si as respostas para perguntas que, muitas vezes, sequer são conhecidas. (TRIGO, 2013, p. 29)

Pode-se refletir que, em certo sentido, o autoconhecimento se trata de encontrar repostas para as perguntas que ainda nem nos formulamos conscientemente. Para Sebben (2011, p. 23) "as viagens proporcionam surpresas, libertações e esclarecimentos", o que, muitas vezes, são reflexões que quebram paradigmas pessoais e sociais. Desse modo, a vivência da desterritorialização desejante também ensina a conviver com a diferença. Há uma possibilidade de sensibilização com as minorias também, justamente por se sentir parte delas quando se encontra sozinho.

Dar-se conta da interdependência e da necessidade que temos uns dos outros faz com que o sujeito desenvolva e reforce **entrelaços de amorosidade**. Como citam os entrevistados em relação à aproximação com outros estrangeiros ou brasileiros que estavam morando fora do país:

- “Eu morava em um complexo educacional, tinha contato com pessoas do mundo inteiro” (Knut)
- Aproximação com outros brasileiros que lhe ajudaram a encarar problemas (Scherer)
- “Chilenos também eram estrangeiros e, portanto, os entendia em todos os sentidos. (Lily)
- “Tive a ajuda de brasileiros. Eles me entendiam e me acolhiam sempre!” (Briana)

Percebe-se, assim, uma noção de cidadania e de responsabilidade ecossistêmica. Sebben (2001, p.23) cita que “uma das grandes vantagens de desenvolver essa noção de responsabilidade é tomar-se sensível a todos os seres, independente de cor, raça, credo, religião ou nacionalidade”. Nesse sentido, os sujeitos ‘entre mundos’ relatam um sentimento de cidadania ampliada, onde os sujeitos poderão estar separados por nacionalidades, “mas unidos por um lastro comum de solidariedade e ética.” (SEBBEN, 2011, p.23)

Ainda neste sentido, os sujeitos entrevistados contam que se sentem agentes de transformação, convidados a continuar em movimento para aprender cada dia algo novo sobre o mundo (externo e interno). Assim, Baptista comenta:

Corpo vibrátil não é, portanto, somente o corpo físico, mas a trama de energias em pulsação e movimento, que constituem o sujeito, levando-o, desse modo, à produção de vida, às produções que o provocam continuamente a continuar produzindo. (BAPTISTA, 2019, p. 62).

Assim sendo, o corpo vibrátil do sujeito ‘entre mundos’ proporciona essa conexão mais forte com o ecossistema existencial e, da mesma forma, com a cidade, a cultura e a qualidade de vida que ele mesmo almeja encontrar. A provocação para ‘continuar produzindo vida’, que cita a autora, identifica-se também no processo de reterritorialização.

A partir das entrevistas, percebe-se que, na maioria das vezes, o intercambista se sente mais motivado para agir depois que retorna para o território de origem. A movimentação condiz, também com sua **ampliação da consciência cultural, econômica e ambiental**. Há a possibilidade de reconhecer que a mudança pode partir de si, por exemplo, pensando a sustentabilidade na sua vizinhança, iniciar projetos pessoais, acadêmicos ou profissionais e buscar uma melhor qualidade de vida, independentemente da cidade em que se encontra. Assim comentam nas entrevistas, principalmente, Francisca e Knut.

Essa consciência também é potencializada nas experiências de sujeitos que acabaram por vivenciar o intercâmbio em período de Pandemia do Covid-19. São interessantes, nesse sentido, as seguintes falas:

- O difícil pra ela foi ver o mundo todo nessa situação e perceber que o 'novo normal' é diferente para cada situação econômica. (Klassina)
- "Eu fiquei bastante tempo doente e psicologicamente afetada também. Então todos ficamos com medo". (Sophia)
- Na Pandemia, a preocupação maior era com os pais. (Kennedy)
- "Claro que meus pais se preocupavam vendo as notícias, mas eu tinha mais medo por eles do que por mim, pois, no Brasil, a quarentena não era levada muito a sério, conforme depoimento deles". (Alba)
- "Minha família ficou desesperada, pedindo para eu voltar, mas eu não queria e nem podia porque os aeroportos estavam fechados". (Francisca)
- A sua preocupação é muito mais por seus pais do que por ela mesma. Diz que sente segura em sua cidade, mas não sente o mesmo por sua família, que inclusive já são do grupo de risco. (Lily)
- "Ficava extremamente preocupada com minha família, porque eu via que não levavam a quarentena a sério e então eu sempre mandava eles se cuidarem". (Sadie)

Percebe-se, pelos relatos, que os sujeitos se preocupavam com quem estava no Brasil, justamente por essa consciência da diferença social e sanitária, neste caso. Esta aflição em respeito à saúde dos familiares, muitas vezes, pode ser amenizada através do contato. Por outro lado, a mediação da tecnologia, nestes contatos, pode fazer com que o sujeito reforce ainda mais a **percepção da distância**, e isso pode resultar no aumento da saudade e na potencialização da solidão. Conforme as falas a seguir:

- Conta que a tecnologia aproxima e distancia ao mesmo tempo. E ainda relata que "Parece que as chamadas de vídeo machucam mais ainda". (Klassina)
- "A tecnologia possibilita uma comunicação muito superficial que às vezes é até dolorida". (Lohan)
- "A internet ajuda, por um lado, mas de uma certa forma parece que aumenta a dor, pois você vê a pessoa mas não pode tocar, abraçar e matar a saudade em si". (Scherer)
- "Tinha uma frustração gigante por não conseguir fazer chamadas de vídeo com a minha mãe, porque ela começava chorar e eu também. Isso foi duro". (Lily)
- Chorava em todas as chamadas de vídeo que fazia com sua mãe. (Briana)

Estes relatos reforçam a ideia de que a Trama midiática tem um poder muito grande neste contexto complexo em que vivemos. Assim, Rebecca Solnit (2016) comenta: "tenho medo da falsa urgência da tecnologia, pois sua invocação da velocidade, sua insistência em afirmar que o percurso não é tão importante quanto a chegada". (p.30) O pensamento desta autora também está conectado como diálogo de Baptista (2020), em seu texto "Amar la trama más que el desenlace!".

A percepção da distância, portanto, sinaliza para a saudade. Esse sentimento que mescla falta, amor e solidão acaba se potencializando no 'entre mundos'. A saudade é dolorida e faz parte de todo o processo da experiência, mesmo que em alguns dias parece não doer tanto e em outros a vontade é retornar imediatamente. Por mais que seja desafiante, também um estágio importante na vida do viajante, pois alguns relatam aumentar a valorização a família e elementos do cotidiano do território de origem, justamente neste período em que vivenciam a falta.

Além da superação da distância da família, o sujeito 'entre mundos' vivencia o enfrentamento de outras situações inesperadas ou inusitadas, que acabam que ampliando a potência de agir, decorrente de o caráter de autonomia do sujeito. Assim, se percebem os **sinalizadores de reinvenção/autopoiese**, no sentido da transformação do sujeito. Retoma-se, assim, parte da epígrafe desta dissertação, que diz: "a jornada muda você; isso deveria mudar você. Deixa marcas em sua memória, em sua consciência, em seu coração e em seu corpo". (BORDAIN, 2018, p.62).

Entende-se assim, que as marcas turístico-comunicacionais potencializam a auto inscrição do sujeito. Isso porque a autopoiese ativa a potência de agir e transformar no sujeito, para Baptista (2014b), esse processo acabado reinventando-o como 'sujeito que pode', que tem a potência de realizar algo. Identifica-se que em diversas fases e conexões da 'trama da vida' o sujeito se reinventa. Esta pesquisa pesquisa, no entanto, trabalha o recorte da autopoiese no percurso da viagem de intercâmbio. Assim, a respeito do viajante, Avena (2008, p.74) comenta: "ao retornarem para casa trazem as experiências (boas ou não) adquiridas nas viagens, que podem ficar eternamente em suas mentes e mudar suas vidas". Essa situação pode ser analisada também nas falas dos entrevistados:

- Amar a própria companhia foi uma das questões mais importantes. (Kassina)
- "Eu percebo que cresci muito. Foi uma experiência muito intensa". (Sophia)
- "O meu crescimento pessoal é inexplicável, há uma coragem que eu desconhecia. Posso dizer que nada é igual dentro de mim. (Knut)
- "O intercâmbio me fez enxergar novamente meu valor". (Lohan)
- Eu aprendi a conviver comigo mesma e a gostar da minha própria companhia. (Isabel)
- "Os desafios mudam você". (Kennedy)

- Tudo que eu passei é uma bagagem muito grande, aprendi a dar valor para minha própria companhia e a me ouvir mais. (Lily)
- “Eu costumo dizer que fui uma pessoa antes do intercâmbio e agora sou outra, totalmente diferente. Eu não sabia que era tão persistente, porque eu passei por muita coisa difícil e superei”. (Briana)

Estas falas foram trazidas para o corpo do texto como exemplos, no entanto, a transformação após a viagem é um relato que se repete em todas as entrevistas. Assim, os sinalizadores de autopoiese nos direcionam para uma característica muito forte do ‘entre mundos’: a possibilidade de reinvenção do sujeito.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento do *check-out*, hora de voltar pra casa. No deslocamento de regresso, refletimos sobre toda a vivência e as marcas que adicionamentos em nosso viver. Da mesma forma, nas considerações finais: é importante refletir sobre a viagem investigativa, o percurso, os desdobramentos e verificar o que havia sido planejado.

Assim como tive dificuldade em 'dizer adeus' no intercâmbio, percebo o mesmo com a dissertação. Por se tratar de uma pesquisa que também reflete meus saberes e vivências pessoais, posso dizer que o momento de investigação resulta em marcas profundas em mim. Nesse sentido, não há um fim ou conclusões isoladas, mas, sim, algumas considerações, no sentido de apresentar uma retrospectiva do que se sobressai do texto.

Ao longo dos capítulos dessa dissertação, buscou-se responder o objetivo geral da pesquisa: apresentar a trama de marcas turístico-comunicacionais e discutir a desterritorialização desejante de sujeito 'entre mundos'. Assim, já no capítulo um, trajetória da pesquisadora, iniciaram as primeiras considerações acerca do sujeito intercambista. A vivência no povoado de Segóvia (ES) me fez concluir sobre uma das características do Averso do Turismo, onde os lugares têm significado singular para o sujeito. Já as aproximações em outras cidades da Europa e, principalmente, com o ecossistema do Marrocos foram vivências que me marcaram tanto de forma turística, comunicacional como subjetiva também.

Já o capítulo dois busca guiar o autor pela Estratégia Metodológica. Conclui-se que a Cartografia dos Saberes possui um caráter plural e reconhece o cuidado com o Outro na pesquisa, através do respeito e da ética da relação. Além disso, a abordagem valoriza os aspectos de aproximação, a sensibilidade ampliada e a valorização de aspectos subjetivos da pesquisa, bem como da história e marcas do sujeitos, juntamente com seus entrelaçamentos com os diversos ecossistemas do mundo da vida. Uma das marcas da Cartografia dos Saberes é o reconhecimento da trama subjetiva inerente à produção do conhecimento. Isso permite ao pesquisador trabalhar com as mutações do cenário

onde a pesquisa se encontra, o que, neste estudo, significou também incorporar elementos da transformação decorrente da ocorrência da Pandemia do Covid-19.

Ainda destaca-se que a pesquisa apresenta sinais de valorização do pesquisador e do entrevistado, sendo que esta conexão é muito importante para o desenvolvimento da Cartografia dos Saberes. De fato, uma história indica a potência de alguém produzir um relato, mas é importante a Ética da Relação no momento da entrevista, onde a conexão de 'mundos' dá sentido à narração. As histórias compartilhada ganham mais vida e assim acionam potência em quem conta e ouve. Trata-se da potência das 'com-versações', seguindo o que temos produzido no Amorcomtur!, com base nos princípios de amorosidade, autopoiese, responsabilidade ecossistêmica, respeito ao Outro, à diversidade, busca de aproximação de mundos internos e externos são contemplados. Isso vale para as pesquisas no Turismo, na Comunicação e suas transversalidades. Consideramos ecossistemas psicossociais e processos de desterritorialização, marcados pela intensidade das histórias de vida.

Na sequência, o capítulo três busca responder o primeiro objetivo específico da dissertação: Relacionar o pressuposto conceitual trama ao Turismo e à Comunicação. Esse texto, portanto, apresentou uma abordagem do turismo-trama, turismo de intercâmbio e a comunicação-trama. O diálogo com os autores é trabalhado a partir da dimensão Trama e transversalizado por conceitos da ciência contemporânea. Também foi realizado o resgate de Teorias da Comunicação que permitem compreender a dimensão trama no campo comunicacional, buscando subsídios para ajudar a trabalhar a interface com o Turismo.

O capítulo quatro, por sua vez, trata do segundo objetivo específico: Discutir a criação de marcas em relação ao Turismo e a Comunicação. Assim, inicia-se com uma busca histórica, pela origem, da palavra, ainda conectada com o capital até chegar na análise das marcas como experiências que afetam o sujeito. As marcas, portanto, são ações transversalizadas de intensidades e geradoras de energia que renovam a potência dos territórios existenciais.

O objetivo específico de número três consiste em: caracterizar o processo de intercâmbio de estudantes, como experiência de desterritorialização desejante

de sujeitos 'entre mundos'. Este objetivo é respondido no capítulo 5, através de uma abordagem minuciosa do sujeito 'entre mundos' e, também, da autopoiese no processo de reterritorialização. Ainda chama atenção a lógica processual, presente nas conversas teóricas do capítulo e inerente ao percurso de desterritorialização. O texto apresenta, portanto, as etapas da viagem do intercambista, abordando a desterritorialização como um processo do inconsciente, porque é justamente o percurso decorrente da coragem de saltar no mundo desconhecido.

Para dar conta de responder o último objetivo específico, desenvolveu-se os capítulos de número seis e sete. Assim, o trabalho de 'identificar as marcas turístico-comunicacionais, a partir de aproximações e ações investigativas, com grupos de estudantes intercambistas' foi dividido em coleta e apresentação de dados, no capítulo intitulado 'ações investigativas entre mundos' e, posteriormente, a identificação das marcas aparece na 'trama reflexiva turístico-comunicacional'.

Assim, as marcas turísticas são apresentadas a partir dos elementos de classificação e chama-se atenção, principalmente, para tríade desterritorialização, a simulação e reterritorialização. Esses conceitos constituem a 'desterritorialização desejante' e dão conta da análise integral do processo de deslocamento 'ente mundos'. A trama de marcas comunicacionais, por sua vez, trata a classificação da conversação, analisando diretos e indiretos. Assim, como resultados, apresentam-se os seguintes diálogos: conversações internas, que são do sujeito com ele mesmo, conversações com o nicho ecológico, são os sujeitos do seu convívio e, também, conversações com a rede midiática que são aquelas mediadas pela tecnologia.

No subitem da trama reflexiva 'entre mundos', encontram-se sinalizadores importantes para a presente pesquisa. A vivência deste processo gera ao sujeito: consciência do 'entre mundos', percepção de si, entrelaços de amorosidade, ampliação da consciência cultural, econômica e ambiental, mediação da tecnologia e ainda sinalizadores de reinvenção de si e de autopoiese.

A partir da pesquisa com sujeitos 'entre mundos', conclui-se que o intercambista vive entre dois mundos: cercado pelas aproximações com o novo lugar e ainda vivenciando fortes conexões com o território de origem. Na busca do novo, muitas vezes, ele encontra o valor do que já tinha, ou então encontra a si mesmo, se 're-conhece'. Outra reflexão pertinente, e que se vincula ao termo, é "que mundo é esse que se almeja encontrar"? Dessa forma, o processo da viagem ocorre para o sujeito se conhecer melhor. Os dados das 'com-versações' indicam, inclusive, que, no momento que o intercambista busca conhecer o mundo, muitas vezes descobre muito sobre seu mundo interno. Este é um desafio para desvendar os próprios segredos, medos e verdades do sujeito.

Além disso, ao longo do trabalho, há uma análise em relação à ampliação, em relação ao turismo em si. A reflexão indica que, em geral, os deslocamentos e retornos do turista são mais rápidos e a consciência do caráter fugaz da desterritorialização ameniza as situações vivenciadas. Assim, a consideração, neste sentido, é que a experiência 'entre mundos' demanda um mergulho muito intenso nas vivências no intercambista, ao contrário do turista, mas ainda se diferenciando, também, do morador local.

Por fim, é relevante mencionar que este estudo segue em construção. Para futuras pesquisas, pode-se continuar a investigação, em geral, sobre o sujeito 'entre mundos' e, também, é possível ampliar a identificação da trama de marcas para além do turismo e da comunicação. Além disso, nesta dissertação, trabalhou-se com o recorte geográfico de Brasil e Europa, representando os "dois mundos". Então, a pesquisa ainda pode ser enriquecida com novas entrevistas e trabalhando outro recorte de países para intercâmbio.

Por fim, posso comparar o processo da escrita desta dissertação com uma tarefa muito difícil após minha experiência 'entre mundos': a criação de um álbum de fotos com as vivências mais marcantes em cada cidade visitada. Parece banal, mas a atividade, em si, foi complexa porque eu considerava tudo importante (e realmente era e é). As fotos representavam momentos que eu queria relembrar, lugares que pretendo visitar e pessoas que planejo rever no futuro breve.

Quando ia finalizar o álbum para impressão, lembrava que tinha faltado algo importante, voltava a abrir o arquivo e adicionava mais algumas fotos. E assim foi o processo de escrita também: eu não queria que nada faltasse. Essa dissertação, assim como foi concebida, representa muito mais que um trabalho obrigatório para título de Mestre. A pesquisa é parte de mim. Escrever sobre cenas do meu intercâmbio, pesquisar sobre o assunto e entrevistar outros viajantes me fizeram perceber que ainda vivo no 'entre', mesmo já retornando do intercâmbio há três anos. O processo de aceitação dessa 'condição de vida' foi difícil. Descobri, através da minha pesquisa, que sempre serei sujeito 'entre mundos' e que isso também me conecta com a história da humanidade, da nossa espécie, como nos ensina Humberto Maturana, em tantos textos. Assim, espero que essa viagem investigativa também possa representar um convite de autoconhecimento e de compreensão de nossa condição histórica desterritorializante, de sujeito 'entre mundos' em potencial, também valorizando as nuances da experiência da viagem, do intercâmbio e do Turismo. Penso que tudo isso é possível, considerando a potência das marcas turístico-comunicacionais-subjetivas, para a autopoiese, a reinvenção dos sujeitos envolvidos e dos próprios universos investigativos entrelaçados: Turismo, Comunicação e Estudos de Subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVENA, Biagio Mauricio. **Por uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento:** itinerários pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, 2008.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação trama de desejos e espelhos:** os metalúrgicos, televisão e a comunicação. Canoas: ULBRA, 1996.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Psicomunicação e a Trama de Subjetividades.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Rio de Janeiro, p.22-39, 1999. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5f377526a305b8cd614e801f1c95e201.PDF>. Acesso em: 01 abr. 2021.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional.** Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2000.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação. **C-legenda**, Universidade Federal Fluminense, v. 01, n. 04, p. 01-18, 2001. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36772>. Acesso em: 7 jun. 2020.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Caosmose, desterritorialização e amorosidade na comunicação. **Questões Transversais:** Revista de epistemologias da comunicação, São Leopoldo, 2014. São Leopoldo - Rio Grande do Sul, v. 2, n. 4, p. 98-105, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/9625/PDF>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Caosmose e Afetiv(ações) Desterritorializantes Rumo à Amorosidade na Comunicação e no Turismo.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Foz do Iguaçu, 2014b. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2233-3.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale (cord.). ETC - **Ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos:** Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua

característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica (projeto de pesquisa institucionalizado na Universidade de Caxias do Sul). Caxias do Sul, 2018. (cópia)

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale (cord.). **Desterritorialização Desejante em Turismo e Comunicação: Narrativas Especulares e de Autopoiese Inscricional.** (projeto de pesquisa institucionalizado na Universidade de Caxias do Sul). Caxias do Sul, 2016. (cópia)

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Afetivações, Amorosidade e Autopoiese: Sinalizadores para narrativas sensíveis de destinos turísticos, em perspectiva ecossistêmica. *In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ Fabiana (orgs.). Narrativas Midiáticas Contemporâneas: sujeitos, corpos e lugares.* Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019. p. 59-78

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. “Amar la trama más que el desenlace!”: Reflexões sobre as proposições Trama Ecossistêmica da Ciência, Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, na pesquisa em Turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 8, n. 1, p. 41-64, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/18989>

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** 9. ed. Campinas: Papirus, 2000

BARRETTO, Margarita. As ciências sociais aplicadas ao Turismo. *In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Olhares contemporâneos sobre o turismo.* 2. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

BELTA, Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio revela pesquisa anual. **Blog Belta**, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.belta.org.br/associacao-brasileira-de-agencias-de-intercambio-belta-revela-pesquisa-anual-com-cerca-de-5-mil-estudantes-e-500-agencias/>. Acesso em: 05 set. 2020.

BELTA, Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio revela pesquisa anual. **Blog Belta**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.belta.org.br/belta-lanca-virtualmente-sua-nova-pesquisa-selo-belta-2020-e-pesquisa-impacto-do-covid-19-no-intercambio/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo.** 13. ed. São Paulo: SENAC, 2008.

BENI, Mario Carlos; MOESCH, Marutscka Moesch. “A Teoria da Complexidade e o Ecossistema do Turismo”. **Turismo - Visão e Ação**, vol. 19, no 3, outubro de 2017, p. 430-457. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/11662/6706>. Acesso em:

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

BERNARDO, Jóice dos Santos; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. *In:* HRENECHEN Vanessa Cristina de Abreu Torres (org.). **Comunicação, jornalismo e espaço público.** Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 109-120. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/07/ebook-Comunicacao-Jornalismo-e-Espaco-Publico.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BERNARDO, Jóice. Trilha de Saberes Pessoais. Relatos. Segóvia, Espanha. 2018

BERNARDO, Jóice dos Santos. **Relações Públicas, Autopoiese e Amorosidade nas Organizações:** um estudo de caso do Projeto Pescar na empresa Marelli Móveis Para Escritório Sa. Universidade de Caxias do Sul, 2017. Disponível em: http://www.frispit.com.br/site/wp-content/uploads/2018/09/JO%c3%8dCE-BERNARDO_2017_2RP.pdf. Acesso em: 31 Out. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Turismo de Estudos e Intercâmbio:** orientações básicas. 2.ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercxmbio_Versxo_Final_IMPRESSxO.pdf. Acesso em: 31 Out. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo:** Marcos Conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf. Acesso em: 31 Out. 2020.

CAPRA, Fritjof. **A teia da Vida:** Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução: Newton Roberval Eichenberg. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** 27.ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo, SP: Editora 34. 1997

DI DONÉ, Patrícia; GASTAL, Susana. Intercâmbio: um Segmento Turístico Cultural, Educacional, Profissional e Humano. **Anais do VII Seminário de pesquisa em Turismo de Mercosul,** Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/intercambio_um_segmento_turistico.pdf. Acesso em: 6 jan. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, Aug. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso Acesso em: 03 mar. 2020.

GASTAL, Susana; KROEFF, Bel Lia. **Os Novos Nomadismos e a Identidade “Jovem”**: A experiência dos intercâmbios culturais. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2004.

GASTAL, Susana de Araújo. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HUGUET, Guiomar. El Acueducto de Segovia. **National Geographic: História**. Recurso Eletrônico. 2016. Disponível em: https://historia.nationalgeographic.com.es/a/acueducto-segovia_10826.

HAESBAERT, Rogério. “Da desterritorialização à multiterritorialidade”. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/19.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 30.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KOTLER, Philip. **Marketing para o século XXI: Como Criar, Conquistar E Dominar Mercados**. Tradução: Bazám Tecnologia e Lingüística: Cristina Bazám. 6º ed. São Paulo: Futura, 1999.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

KOTLER, Philip. **Capitalismo em confronto: Soluções Reais Para os Problemas de um Sistema Econômico**. São Paulo: Best Business, 2015.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 4.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017

LIMA, Renato dos Santos. **Turismo, hospitalidade e amorosidade: os sujeitos-devotos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará**. 2017. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, 2017.

LOVELOCK, James. **As Eras de Gaia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

LOVELOCK, James. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na terra**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1987.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Teorias da comunicação, hoje**. Coleção Temas de comunicação. São Paulo: PAULUS, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Das coisas que nos fazem pensar, que nos forçam a pensar: o debate sobre a nova teoria da comunicação**. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2019. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002948591>. Acesso em: 12 jun. 2021.

MARTINS, José. **A natureza emocional da marca: como encontrar a imagem que fortalece sua marca**. São Paulo: Negócio, 1999

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto R.; GARCÍA, Francisco J. Varela. **De máquinas e seres vivos: autopoiese, a organização do vivo**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1997

Maturana, Humberto R. **Ontologia del Conversar**. Revista de Terapia Psicológica, ano VII N. 10, pp. 1523, 1988

MELO, Camila Carvalho de. **Caminhada noturna do turismo: tramas subjetivas e comunicacionais no processo de desterritorialização**. 2018. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, 2018.

MINAYO, Marília Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana de Araújo; Congresso Internacional de Turismo Rede Mercocidades 4., 2002, Porto Alegre, RS)) (Org.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

MOESCH, Marutska Martini. **Epistemologia Social do Turismo**. 2004. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

OHAYON, Joseph. **CROSSROADS: Labor Pains of a New Worldview** (2012). Recurso digital. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5n1p9P5ee3c> . Acesso em: 18 de ago. 2018.

OMT. **Cuenta satélite de turismo: Recomendaciones sobre el marco conceptual. Estudios de métodos.** Luxemburgo/ Madrid/ Nueva York/ París, 2010: OMT. Disponível em: https://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesf/SeriesF_80rev1s.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Segmentação do mercado turístico: Estudos, produtos e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2009.

PENELUC, Magno da Conceição. Pandemia de Covid-19 e destruição da natureza: uma crítica baseada no marxismo ecológico. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, 11, e39. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/issue/view/1720>. Acesso em 06 dez. 2020.

PEREIRA, Mirna Feitosa. Ecosistemas comunicacionais: uma proposição conceitual. In: Maria Ataíde Malcher; Netília Silva dos Anjos Seixas; Regina Lúcia Alves de Lima; Otacílio Amaral Filho. (Org.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Série Comunicação, Cultura e Amazônia. 1ed. Belém: Fapesp, 2011.

RABELO, Desirée Cipriano. **Comunicação e mobilização social: a Agenda 21 local de Vitória (ES)**. São Bernardo do Campo, SP, 2002. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Umesp.

RESTREPO, Luis Carlos. **O Direito à Ternura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

ROBERTS, Kevin. **Lovemarks: o futuro além das marcas**. São Paulo: M. Books, 2005.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade. São Paulo, 1989.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, ed. 44, p.

289-310, 2002. DOI 10.1590/S0102-01882002000200003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 1 nov. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 13. ed. Porto, Portugal: Afrontamento, 2002b.

SEBBEN, Andréa. **Intercâmbio Cultural – para entender e se apaixonar**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2011.

SEGÓVIA, Secretaria do Turismo de. **Turismo de Segóvia**, s/d. Disponível em: <http://www.turismodesegovia.com/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

SILVA, Juremir Machado da. Uma viagem pela alma dos viajantes. In: MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana (Orgs). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SOLNIT, Rebecca. **A história do Caminhar**. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2016.

TAVARES, Adriana, Mercado de Intercâmbio in BRAGA, Débora Cordeiro. **Agências de viagens e turismo**. São Paulo: Elsevier, 2007

TAVARES, Maria da Conceição. **Economia da Felicidade**. In: Simpósio Internacional “Democratizando a Economia: discurso e práxis”. São Paulo: Institutos Avançados da USP/ Woodrow Wilson Center, jul. 1988.

THOMAZI, Mara Regina. **Hostel: território de hospedagem marcado pela trama turístico-comunicacional**. 2019. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, 2019.

TOMIYA, Eduardo. **Gestão do valor da marca: como criar e gerenciar marcas valiosas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2010.

UNESCO, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Educação superior: reforma, mudança e internacionalização**. Anais. Brasília: UNESCO Brasil, SESU, 2003. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/in/documentViewer.xhtml>. Acesso em: 12 out. 2020.

UNWTO, World Tourism Organization. **Why Tourism?**. 2019. Disponível em: <https://www.unwto.org/index.php/why-tourism>. Acesso em: 12 out. 2020.

YOUELL, Ray. **Turismo**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2002.

ORGANIZAR:

TOMAZZONI, Edegar Luis; OLIVEIRA, Caroline Cunha de. “Turismo de intercâmbio: perfis dos intercambistas, motivações e contribuições da experiência internacional”. **Turismo - Visão e Ação**, vol. 15, no 3, dezembro de 2013, p. 388. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/5116>

SANTOS, Saulo Ribeiro dos, et al. “Turismo e Intercâmbio: contribuições para a formação Discente nos cursos de Graduação das Instituições de Ensino Superior de São Luís, Maranhão. **Revista de Cultura e Turismo CULTUR**, vol. 8. <http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/348>. Acessado 15 de julho de 2021. (2014)

SALGUEIRO, Valéria. “Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura”. **Revista Brasileira de História**, vol. 22, no 44, 2002, p. 289–310. Acesso em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/6hKN4T5Shdv7gn5w7c8RWRf/abstract/?lang=pt>. Acesso em:

PARASKEVAIDIS, Pavlos; KONSTANTINOS Andriotis. “Altruism in Tourism: Social Exchange Theory vs Altruistic Surplus Phenomenon in Host Volunteering”. **Annals of Tourism Research**, vol. 62, janeiro de 2017, p. 26–37. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2017-01749-004>

JANG, Daisung; KIM, Do-Yeong Kim. “The Influence of Host Cultures on the Role of Personality in the Acculturation of Exchange Students”. **International Journal of Intercultural Relations**, vol. 34, no 4, julho de 2010, p. 363–67. Acesso em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0147176709001308>

AVENA, Biagio Mauricio. **Por uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento**: itinerários pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si. 2008. repositorio.ufba.br, <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11806>. Tese.

Perazzolo, Olga Araujo, et al. “O acolhimento - ou hospitalidade turística - como interface possível entre o universal e o local no contexto da mundialização”. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, vol. 11, no 1, 2013, p. 45–55. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88125588004>